

VÂNIA TERESA MOURA REIS

JOVENS PAIS E JOVENS MÃES:
experiências em camadas populares

PUC/SP

São Paulo - 2004

VÂNIA TERESA MOURA REIS

JOVENS PAIS E JOVENS MÃES:
experiências em camadas populares

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Serviço Social, sob a orientação da Prof^a Dra. Maria Lúcia Martinelli.

PUC/SP

São Paulo - 2004

REIS, Vânia Teresa Moura

R375j. Jovens pais e jovens mães: experiências em camadas populares / Vânia Teresa Moura Reis. _ São Paulo: PUC, 2004.

264 p.

Tese (Doutorado) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

1 - JUVENTUDE. 2 - JOVENS PAIS. 3 - JOVENS MÃES.

I - Título.

CDD 360.7

CDU 316.7-053.6

Banca Examinadora

*Pouco importa a presença física
se nos podemos expandir e alcançar.
Importa apenas o sentir,
que prescinde de tempo e espaço
e nos faz eternamente ser e estar.*

*Aos meus pais, Arcângelo e Elzy,
que, por se tornarem luz,
brilham dentro de mim
e iluminam os meus caminhos.*

*Dedico e agradeço,
com um amor sem fim.*

AGRADECIMENTOS

Agradecer àqueles que ajudaram a desenvolver um trabalho é sempre um momento muito especial e emocionante, e é com muito carinho que o faço, revisitando um longo e proveitoso percurso e experimentando, mais uma vez, a beleza e a dificuldade de traduzir sentimentos em palavras. Os anos de curso foram intensamente vividos com a ajuda de muitas pessoas maravilhosas, às quais manifesto meus mais profundos agradecimentos, esperando que todas se sintam, de alguma maneira, aqui, neste trabalho. Gostaria, no entanto, de destacar e agradecer a algumas delas, particularmente.

Aos meus irmãos Eliane, Flávio, Ana Cláudia, Eloina e Fernando, às minhas tias-mães Eldenora e Antoniêta, ao meu tio Hélio, aos meus sobrinhos Guilherme, Hugo e Daniel e às minhas primas Maura e Ana Gisele, digo, diante das distâncias físicas e das fronteiras das palavras, que o silêncio interior permita que vocês sintam a minha gratidão por todo o muito que fizeram e o meu amor por cada um. Vocês me foram incentivo, apoio e alegria, cada qual à sua maneira, nas diferentes formas que cada um encontrou de atravessar e colorir meus caminhos.

À prof^a Dra. Maria Lúcia Martinelli, muito agradeço por todo o trabalho de orientação de tese que desenvolveu e pela liberdade que me foi dada para escolher os percursos, apoiando-me nos projetos e expectativas que construí e realizei ao longo de todo o curso.

À prof^a Dra. Verena Stolke, da Universitat Autònoma de Barcelona, Departament d'Antropologia Social i de Prehistòria, agradeço pela amabilidade com que me acolheu nesta universidade, na condição de orientadora do Doutorado Sanduíche que realizei em Barcelona, em 2002. Agradeço as contribuições preciosas para a pesquisa, fruto de sua generosidade de tempo.

Ao prof. Dr. José Machado Pais, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, é com muito carinho que agradeço a gentileza, a simpatia e o apoio com que me recebeu no ICS, quando das minhas idas a Lisboa. Sou muito grata pelas valiosas sugestões diante de certas encruzilhadas do trabalho de campo e pelos comentários atentos sobre algumas partes dos originais da tese.

Agradeço às amigas e aos amigos que, acreditando neste projeto pessoal e profissional, se constituíram força e alegria em importantes momentos. Cada qual ao seu modo e ao seu tempo, em diferentes cidades, foram todos maravilhosos. Um abraço muito emocionado a Lila Luz, Wilde Soares, Valéria Silva, Celecina Sales, Virginia Siede, Arthur Pedreira, Ana Cláudia Cardoso, Aldir Filho, Márcia Maia, Jacira Carvalho.

Na estada em São Paulo, agradeço a gentileza e solidariedade de D'Alva Ferreira, Rosilene Pereira e Liduína Silva, que tornaram mais viável e produtiva minha experiência.

A Celma Chaves e Isabel Tendero, amigas muito queridas de Barcelona, agradeço a rica convivência, o aprendizado em terras estranhas e *la amistad* inesquecíveis.

Sou muito grata a Maristela Andrade, Benedito Souza Filho, Reinaldo Pontes e Andréa Mello, pelo empenho em me fazer chegar à Espanha e pela acolhida calorosamente brasileira em Barcelona e Madrid. A Izabel Lira, agradeço um apoio muito especial.

Ao prof. Dr. René Bendit, do Instituto Alemão de Juventude (Deutsches Jugendinstitut e.V.), de Munique, serei sempre reconhecida pela gentileza, simpatia e calor humano com que conversou comigo sobre o tema da pesquisa, me situou um pouco mais no contexto europeu e se constituiu incentivo constante para a conclusão da tese.

À Dra. Kátia Marabuco, Dr. Janduy Negreiros e Elda Silva, meu reconhecimento e apreço pelo profissionalismo competente, pela afeição e amizade, que me fortaleceram em momentos de fragilidade, onde quer que eu estivesse. Com vocês, muito aprendi.

À assistente social Idna Cléa Santos, à enfermeira Conceição Tapety, do Hospital do Satélite, e às assistentes sociais Ana Maria Oliveira e Leidimar Alencar, da Maternidade Dona Evangelina Rosa, sou grata pela disponibilidade e simpatia com que me receberam e ajudaram nos momentos iniciais da pesquisa de campo.

À Universidade Federal do Piauí, particularmente ao Departamento de Serviço Social, agradeço aos colegas, que apoiaram e incentivaram o meu afastamento das atividades de ensino.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), agradeço a bolsa de doutorado e o Doutorado Sanduíche, realizado em Barcelona, reafirmando, nesta oportunidade, a importância de que se reveste o Programa de Doutorado no País com Estágio no Exterior (PDEE) para a capacitação docente.

Da Fundação Municipal de Saúde, particularmente, do Núcleo de Informação em Serviço de Saúde, agradeço a Roberto Ribeiro, Paulo Castro e Aparecida Bacelar, que me atenderam com gentileza e seriedade nestes anos de pesquisa.

Aos jovens e às jovens, aos pais e mães, avôs e avós de jovens do bairro Satélite e às professoras, minha gratidão pelo respeito e simpatia com que me receberam, apoiaram e contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa.

Aos jovens pais e às jovens mães do Satélite, que me permitiram partilhar um pouco da intimidade do lar e saber sobre suas vidas, deixo um enorme agradecimento, na forma de incentivo para que lutem sempre pelos seus sonhos.

Por fim, à vida, sempre tão enigmática e fascinante, agradeço pelas *flores* e *luzes* no meu caminho, que se fizeram veredas libertadoras, por onde segui.

RESUMO

Ser pai e ser mãe em tenra idade. Diante de precárias condições de vida, em meio a sonhos, desejos, alegrias, decepções, tristezas e dificuldades, constituindo família ou não, muitos jovens assumem e enfrentam a maternidade e a paternidade. Outros, não. O objetivo geral desta pesquisa foi compreender como emergem e como são desenvolvidas as experiências de maternidade e paternidade de jovens do Satélite, um bairro da periferia urbana de Teresina. Para isto, fez-se necessário configurar a juventude no bairro, entendida como fase da vida, socialmente construída, e as juventudes do bairro, que se referem aos modos como este ciclo de vida se expressa, em suas multiplicidades e heterogeneidades, com seus valores, idéias, sentimentos, desejos, costumes. Combinando conhecimentos e orientações da história oral e da etnografia, o processo da pesquisa se desenvolveu a partir de um diálogo contínuo e permanente entre explicações teóricas e experiências vivenciadas pelos jovens sujeitos da pesquisa, conhecidas por meio de suas narrativas e de observações sistemáticas. Foi um movimento intenso de idas e vindas entre passados e presentes, entre fontes orais e fontes documentais, entre a realidade empírica e as explicações teóricas, que possibilitaram a problematização constante, tendo por base as diferenciações de gênero. Para esses jovens, maternidade e paternidade são, de maneiras muito distintas, sentidos de vida. O filho desejado transforma-se em uma mescla de felicidade e dor, que, sob a dureza da vida, terá que ser cuidado. Trabalho é *bico escasso*, que a escola não ensina a fazer. O desemprego atravessa de maneira decisiva estas experiências de parentalidade juvenil, contribuindo para os conflitos conjugais e familiares e para as situações em que se encontram muitas jovens mães solteiras e separadas. A autonomia dos jovens homens nem sempre resulta da independência familiar; surge, por vezes, como imposição e excesso dos jovens, que podem, inclusive, expulsar o pai de sua própria casa, para viver uma experiência conjugal, desfazendo o lar de sua família de origem. O futuro é o presente possível.

Palavras-chave: Juventude, adolescência, jovens mães, jovens pais.

ABSTRACT

To be a father and a mother at an early age. Confronted to precarious life conditions, among their dreams, desires, joys, deceptions, sadness' and difficulties, whether forming a family or not, many young people assume and face motherhood and fatherhood. Others do not. The general objective of this research was to understand how emerge and develop the experiences of motherhood and fatherhood of young people living in Satélite, a neighborhood in Teresina's periphery. To this purpose, it was necessary to configure the youth in the neighborhood, understood as a life stage, socially constructed, and the youths of the neighborhood, referred to the ways this life cycle expresses itself, in its multiplicity and heterogeneity, with its values, ideas, feelings, desires, customs. Combining knowledge and orientations from oral history and ethnography, the researching process was developed in the basis of a continuous and permanent dialogue between theoretical explanations and practical experiences lived by the young subjects of the research, known by means of their narratives and of systematic observations. It was an intense movement of coming and going between pasts and presents, oral and documented sources, empirical reality and theoretic explications, that made possible the constant questioning, assuming gender differentiation as methodical basis. To these young people, motherhood and fatherhood are, in many diverse ways, meanings of life. The desired baby transforms itself in a mix of happiness and pain that, under life's hardness, must be cared of. The available jobs are rare underemployment ones ("bicos"), that school does not teach them how to do. Unemployment crosses in a decisive mode these experiences of juvenile parenthood, contributing to marital and family struggle and to the dramatic situation in which many single and separated young mothers find themselves. The autonomy of young men is not always a result of independence from original family; it comes, sometimes, as their imposition and excess, that can, also, expel the father from their own houses, just to live a marital experience, dismantling the original family's home. The future is the possible present.

Key-words: Youth, adolescence, young mothers, young fathers.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Horizontes e caminhos	10
-----------------------------	----

CAPÍTULO I

A maternidade e a paternidade silenciosamente concebidas	27
--	----

CAPÍTULO II

Os jovens e os seus modos de vida afetivo-sexual	108
--	-----

CAPÍTULO III

Quando chega a gravidez	144
-------------------------------	-----

CAPÍTULO IV

Pais e mães jovens no bairro Satélite	171
---	-----

CAPÍTULO V

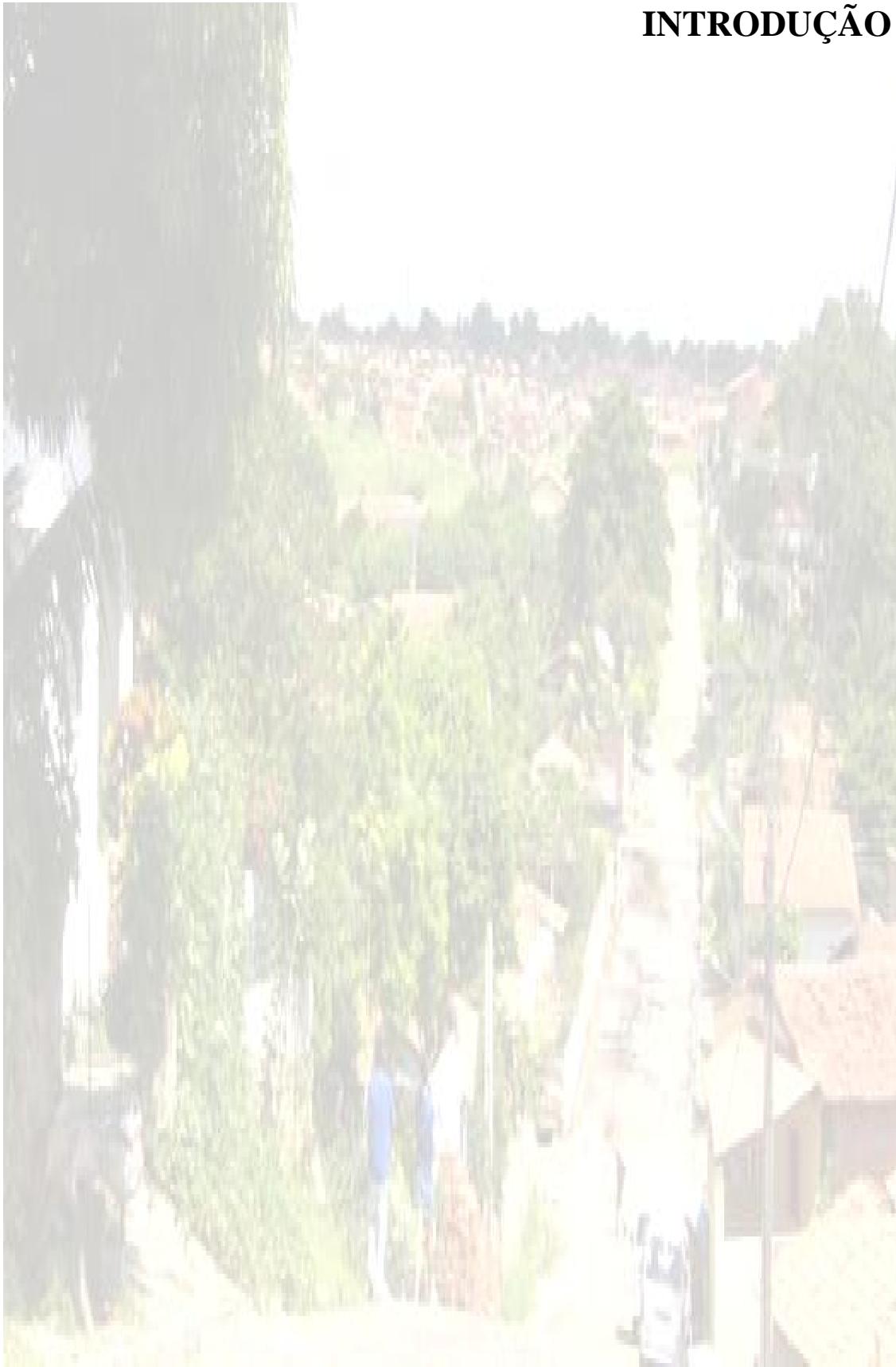
A juventude e as juventudes no Satélite	207
---	-----

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Novos horizontes	243
------------------------	-----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	253
----------------------------------	-----

INTRODUÇÃO



Horizontes e caminhos

Ser pai e mãe, constituir família, assumir as responsabilidades de um lar. Viver a sexualidade desde cedo, sob os arroubos da paixão, do amor ou da curiosidade. Buscar o amor que liberta do controle familiar. Pensar na vida como o presente, deixando o futuro ao que virá. Acreditar que o filho será assumido sob a égide do companheirismo e, como em um conto de fadas, o abandono não existirá. Buscar na companheira a compreensão adulta que ajudará a enfrentar as consequências do desemprego. Esperar do companheiro a garantia do sustento. São muitos os desejos, expectativas, esperanças, sonhos que podem conduzir jovens a viver a maternidade e a paternidade em tenra idade e sem condições materiais e financeiras de assumi-las. O que é considerado por muitos jovens “um acaso” ou “obra do destino” é fruto de complexas relações, que vão tecendo sentidos e práticas.

É freqüente ouvirem-se críticas e considerações as mais diversas acerca do que comumente é chamado de irresponsabilidade dos jovens, no que respeita ao exercício da sexualidade. As reflexões que pretendo desenvolver não partem da postura de mera crítica aos atuais comportamentos dos jovens frente à sexualidade e à parentalidade, principalmente porque o objetivo deste trabalho não é contestá-los, mas compreendê-los e explicá-los.

Ser pai e mãe tem vários sentidos na vida destes e destas jovens. Por que se deixam levar pelo que chamam de “destino”, quando muitos deles e delas possuem condições de conduzir sua própria vida? Podem tomar decisões, pensava. Mas fui percebendo que as decisões pressupõem opções, colocam-se sempre em um certo campo de possibilidades. Que opções eles e elas têm? Que possibilidades se lhes mostra a vida ou eles e elas conseguem perceber?

Fui buscar em meio às falas e aos modos de viver de jovens pais e mães algumas possíveis explicações, consciente dos limites desta busca, em meio a fenômenos tão complexos, tão dinâmicos, tão plenos de vida.

Os jovens desta pesquisa são moradores de um bairro da periferia urbana de Teresina, chamado Satélite, situado na zona Leste da cidade, que é a zona de maiores contrastes sociais, onde moram pessoas de classes sociais mais abastadas e mais empobrecidas.

A escolha do bairro Satélite se deveu a dois critérios. O bairro Satélite se encontra em uma das zonas da cidade de mais altos e crescentes índices de maternidade juvenil, que é a zona Leste. Em 1998 e 1999, os índices de maternidade na faixa de 10 a 19 anos nesta zona foram de 23%. No ano de 2000 foi definido o local da pesquisa, e o índice havia subido para 25%.¹ Os percentuais de Teresina foram de 25%, para esta faixa de idade, de 1998 a 2000.

O segundo critério foi desenvolver a pesquisa em um bairro que tivesse uma estrutura de serviços públicos de saúde relativamente organizada, pois as instituições de saúde que atendem as gestantes seriam a porta de entrada para os contatos com jovens mães e gestantes, a partir do que, seria possível estabelecer contatos subseqüentes com jovens pais, que poderiam ser seus companheiros, ex-parceiros ou um jovem conhecido. Estes foram os procedimentos iniciais de aproximação ao campo da pesquisa. Utilizei-me do Hospital do Satélite, instituição que concentra diversos serviços, como ambulatórios, maternidade, pronto-socorro, internação, exames, dentre outros, para iniciar os contatos com as jovens.

No início da pesquisa, objetivei compreender como os jovens estariam experiencing a maternidade e a paternidade, com um olhar para a vida familiar que estariam constituindo. A pesquisa enfocaria jovens com vida conjugal, excluindo os jovens pais e mães solteiros. Contudo, a realidade apresentou aspectos outros que careciam de observação e compreensão. Não há estudos sobre maternidade e paternidade juvenis em Teresina situando-as nos contextos sociais que lhes dão sentido e formas de existência. Existem algumas reflexões desenvolvidas por profissionais da área de saúde, que analisam a maternidade adolescente sob prismas bastante específicos.

Revendo meus propósitos, parti então do seguinte questionamento: como os jovens do Satélite experienciam a maternidade e a paternidade? Questão ampla e abrangente, que abre

¹ Esta análise foi feita com base nos dados fornecidos pela Fundação Municipal de Saúde (FMS), Núcleo de Informação em Serviço de Saúde (NUINSA). Os índices foram atualizados, para efeito de análise, até o ano de 2002, e foi constatado que as tendências de aumento da zona Leste se mantêm. Os dados referentes a períodos anteriores não se encontram armazenados no mesmo sistema e, por esta razão, são de mais difícil acesso, não podendo ser incluídos.

várias possibilidades de percurso, por isto mesmo se constituía um bom começo. Esta interrogação trazia consigo uma intencionalidade, que era desenvolver uma investigação que permitisse contextualizar nos modos de viver juvenis as experiências de maternidade e paternidade naquele bairro.

A partir da parentalidade juvenil, busquei compreender valores, sentimentos, desejos, práticas que levavam os jovens à condição de pai e mãe. Ou seja, construí um olhar retrospectivo: partindo das diversas maneiras das juventudes do bairro viverem a maternidade e a paternidade para os contextos em que se geravam desejos, necessidades, de ser pai e mãe.

O objetivo geral desta pesquisa, portanto, foi compreender os contextos em que emergem e se desenvolvem as experiências de maternidade e paternidade juvenis no bairro Satélite. Em outras palavras, compreender o que os leva à maternidade e paternidade e como vivenciam esta experiência.

Assim, o sentido que, pouco a pouco, os conceitos e as explicações teóricas foram adquirindo para a pesquisa foi produto de um intenso e constante diálogo, em que a realidade, em suas formas peculiares e múltiplas de se manifestar, conduzia a confirmações e questionamentos das explicações existentes, quando existentes. As teorias foram guias, foram alertas, foram balizas, mas o seu sentido no desenvolvimento do trabalho resultou do diálogo com a realidade empírica.

Parti do pressuposto de que é o diálogo permanente entre a realidade empírica e as reflexões teóricas que vai permitir a construção e consolidação de um percurso metodológico que tem como proposta central a problematização constante.

Esse movimento de reflexão contínuo e permanente entre as explicações teóricas e as experiências vivenciadas por jovens sujeitos da pesquisa permitiu a elaboração de ponderações e questionamentos sobre a maternidade e paternidade na juventude, em um movimento intenso de idas e vindas entre passados e presentes, entre fontes orais e fontes documentais, entre a realidade empírica e as explicações teóricas.

A perspectiva adotada não buscou fazer generalizações, mas compreender a experiência dos jovens à luz de suas narrativas e das teorias existentes, tendo como condutor o significado que eles mesmos atribuíram aos valores e costumes, observando como aparecem nos seus relatos e nas suas práticas, pois que, de certa forma, estas reminiscências “nós as

compomos ou construímos utilizando as linguagens e os significados conhecidos de nossa cultura”.²

A natureza do conteúdo que foi trabalhado nas entrevistas exige do pesquisador que se coloque atento para os processos de ressignificação da experiência, pois, ainda com base em Thomson, novas experiências ampliam antigas imagens e “geram novas formas de compreensão”.³ As narrativas expressam, portanto, a construção de cada sujeito sobre sua história, a partir dos seus sentimentos e emoções, do lugar em que se coloca na história. Ou ainda e de certa forma, como os sujeitos se explicam e são explicados; como se entendem e são entendidos. Por esta razão, para Thompson, o campo dos costumes talvez seja um dos mais difíceis de recuperar, “precisamente porque só pertence à prática e à tradição oral”.⁴

Com base no conceito de gênero, foi possível compreender as diferenciações e hierarquias que se estabelecem na construção da maternidade e da paternidade juvenis, situando estas experiências no contexto de suas vidas, onde se desenvolvem sentimentos, valores, expectativas, que tentam responder às formas como estes jovens se inserem e se projetam socialmente. Diante deste complexo de relações, uma simples pergunta favoreceu enormemente o desvendar das relações de gênero nos processos de maternidade e paternidade: “onde está a diferença?”,⁵ questão que se fez presente, de forma preambular, a cada momento das análises desenvolvidas. O valor metodológico desta questão se encontra na sua simplicidade mesma, que nos conduz a respostas centrais.

Assim, foi possível configurar as experiências dos jovens, tendo presente, como parte constitutiva, as relações sociais de gênero, entendido gênero como categoria ontológica e teórica capaz de explicitar relações sociais de igualdade, desigualdade e hierarquia entre os sexos.⁶

Os conceitos que se constituíram referência para a pesquisa foram trabalhados com base na concepção de Williams, para quem “os conceitos mais básicos - os conceitos, como se

² Alistair Thomson, Recompondo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias, *Projeto História*, São Paulo, Educ, n. 15, 1997, p. 56.

³ *Ibidem*, p. 56-57.

⁴ E. P. Thompson, *Costumes em comum*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998, p. 88.

⁵ Esta questão me foi sugerida pela profa. Dra. Verena Stolke, quando do estágio que realizei na Universidade Autônoma de Barcelona, Departamento de Antropologia Social e Pré-história, a quem muito agradeço.

⁶ Ver, a respeito, Joan W. Scott, Gênero: uma categoria útil de análise histórica, *Educação e Realidade*, Porto Alegre, Faculdade de Educação e Cultura/UFRGS, n. 2, 1990, p. 5-22; Teresa de Lauretis, A tecnologia de gênero, in Heloísa Buarque Hollanda (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*, Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 206-242; Heleith Saffioti, No fio da navalha: violência contra crianças e adolescentes no Brasil atual, in Felícia R. Madeira (Org.). *Quem mandou nascer mulher?: estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil*, Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1997, p. 135-211.

diz, dos quais partimos - não são conceitos, mas problemas, e não problemas analíticos, mas movimentos históricos ainda não definidos".⁷

Esta postura metodológica conduz a inevitáveis embates entre as explicações teóricas e a realidade empírica. E um dos mais fortes aconteceu com o conceito de juventude, principalmente porque os estudos sobre a juventude como fase da vida estão, em grande parte, referenciados a realidades sociais onde os jovens têm acesso, de diferentes e desiguais maneiras, à educação formal e, em algum momento de suas vidas, ao trabalho. No caso dos jovens do bairro Satélite, o trabalho não decorre de uma seqüência que procede do ensino escolar, e este, por sua vez, não é uma forte e segura referência para possíveis demarcações de etapas de vida. A maternidade e a paternidade juvenis, para os moradores do bairro, têm como uma das principais dificuldades o desemprego, e, com menos importância, a inadequação de tais funções sociais de homem e mulher a esta fase da vida.

Vou trabalhar a concepção de juventude incorporando-lhe a fase da adolescência, entendida esta como etapa inicial da juventude, que explicita o fim da infância. Optei por buscar compreender como a juventude, como fase de vida, se define no bairro. Ou seja, não parti de referências apriorísticas, nem mesmo referências etárias, como algumas utilizadas em estudos demográficos; busquei construí-las com base nos modos de viver dos jovens do bairro, e cheguei a um amplo intervalo que segue dos 12 aos 29 anos, aproximadamente.

Serão todos denominados de jovens. O conceito de juventude se reportará a uma fase da vida, um ciclo de vida, tendo bastante presente que o seu sentido como fase da vida se encontra nas formas particulares em que vai sendo constituída, nos diferentes contextos sociais. "Juventude" é etapa de vida e "juventudes" refere-se aos modos com que este ciclo se realiza, em suas multiplicidades e heterogeneidades. Com estes pressupostos, a postura investigativa adotada buscou compreender também as juventudes do Satélite nos processos da vida social do bairro. Sem me restringir a faixas etárias, procurei compreender as mudanças e processos que significavam ter saído da infância, estar vivendo a juventude e, por fim, assumir a condição de adulto.

Pensar a gravidez, a maternidade e a paternidade na juventude exige, *a priori*, a postura de compreender os contextos culturais em que se realizam, sob pena de que se procedam a análises e conclusões arbitrárias e desconectadas dos processos sociais que as

⁷ Raymond Williams, *Marxismo e literatura*, Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p.17.

definem como são. Adotar posturas que desconsiderem estes aspectos significa trabalhar com estes fenômenos como a-históricos.

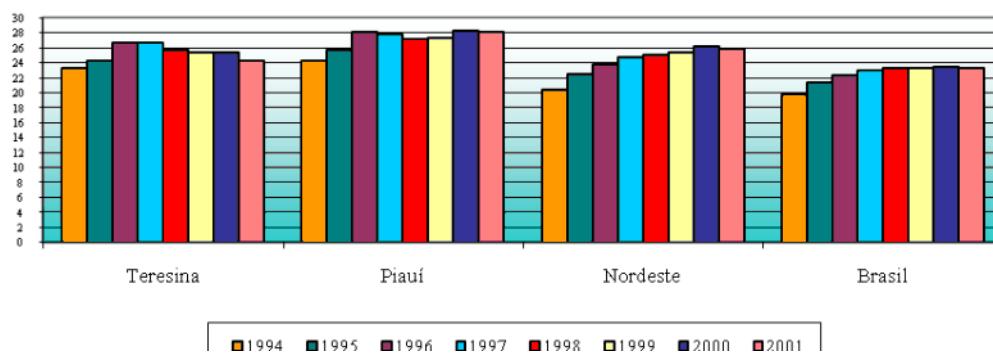
Sob estes ângulos, foi possível então desenvolver a pesquisa de maneira a ir, pouco a pouco, desvendando *como* eram vivenciadas a maternidade e a paternidade de jovens do bairro, situando-as e entendendo-as nos contextos que davam os sentidos de sua emergência e de suas múltiplas formas de realização.

Compreender a maternidade e paternidade de jovens de camadas populares, como experiência social, implica elucidar as pressões sociais que se lhes apresentam e as respostas que conseguem construir, as quais, em qualquer circunstância, atravessam a constituição de papéis sociais diferentes e hierarquizados.

A experiência social, com base em Thompson,⁸ é processo histórico, consciência incorporada, espaço de luta dos sujeitos sociais, espaço de construção dos sujeitos, com seus sentimentos, idéias, valores, significados, desejos, costumes, normas, tradições, inovações, vivências e outros.

Ainda são muito incipientes as reflexões acerca de pais e mães adolescentes em Teresina, mas, longe da intenção de incorrer em exageros e alarmes, tão freqüentes nas discussões atuais, constatei que o Estado do Piauí e a capital Teresina estão com seus percentuais acima das médias nacionais e regionais, no período de 1994 a 2001,⁹ conforme pode ser visualizado no gráfico abaixo:

Nascimentos em percentuais na faixa de 10 a 19 anos



FONTE: Ministério da Saúde/DATASUS/SINASC

⁸ E. P. Thompson, *A miséria da teoria*, Rio de Janeiro, Zahar, 1981; *A formação da classe operária inglesa*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987; *Costumes em comum*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

⁹ Os dados mais recentes, disponíveis no sistema de informação eletrônica do Ministério da Saúde/DATASUS, são de 2001. Convém salientar que referidos dados devem ser potencializados, pois trabalhei apenas com o Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (SINASC), sem incluir os nascidos mortos e as curetagens (SIM).

A gravidez de jovens já possui uma expressiva literatura, a partir da qual pode-se inferir que, quando vivenciada nas camadas populares, é considerada um “problema social”. Em geral, como Silva identificou, as razões que justificam a preocupação de estudiosos e governantes com a gravidez e maternidade adolescentes são: associação com a pobreza; baixo nível de escolaridade; casamentos prematuros; crescimento populacional, que implicaria em maior demanda por escolas, empregos e serviços de saúde; dentre outros.¹⁰

Em meio a este conjunto de possibilidades, uma das preocupações nucleares que tem acompanhado pesquisadores e governantes resulta de atribuir relações de decorrência entre a gravidez na juventude e a reprodução da pobreza, haja vista a compreensão de que a jovem, após a maternidade, abandona os estudos, não se qualifica e ingressa de maneira desfavorável no mercado de trabalho, predominantemente em espaços de subemprego.

Schor et al.¹¹ põe em discussão a antiga tese de que as jovens primeiro engravidam depois abandonam a escola, partindo de pesquisas realizadas em São Carlos (SP), na região sul da cidade de São Paulo e outras, onde constataram que mais de 50% das adolescentes grávidas haviam interrompido os estudos há mais de dois anos, em razão de trabalho, tarefas domésticas e falta de motivação. Segundo essas pesquisas, em algumas cidades brasileiras as jovens engravidam após o egresso escolar.

Paula¹² informa que pesquisa realizada por Emília Santos e colaboradores junto a adolescentes grávidas em Porto Alegre, nos anos de 1985 e 1986, aponta que 61% das adolescentes já não freqüentavam a escola por motivos diversos quando engravidaram e apenas 31% haviam abandonado a escola devido à gravidez.

Esta ponderação nos desafia a rearticular as explicações sobre os processos por elas vivenciados, pois, certamente, a situação é mais complexa e distante desta cadeia linear de causa-efeito que centraliza somente na gravidez a explicação para difíceis caminhos ou entraves na vida das jovens mães. Na realidade em que vivem, o que as leva a abandonar os estudos e como o projeto de ser mãe se entrecruza com esta decisão?

¹⁰ Rebeca de Souza e Silva, Gravidez na adolescência: aonde mora o problema?, *Anais do X Encontro Brasileiro de Estudos Popacionais*, Belo Horizonte, ABEP, 1996, p.1546.

¹¹ Néia Schor et al, Adolescencia: vida sexual e anticoncepção, *Anais do XI Encontro Brasileiro de Estudos Popacionais*, Belo Horizonte, ABEP, 1998, p. 213-239.

¹² Dirce de Maria Bengel Paula, *O olhar e a escuta psicológica desvendando possibilidades: o vínculo saudável entre mãe e filho*, São Paulo, PUC, 1999, Tese (Doutorado em Psicologia Social).

A relação da gravidez com a escolaridade deve ser pensada de maneira a contextualizar o sentido da escolarização na vida das jovens. As que possuem maior escolarização têm maior nível econômico, maiores oportunidades de emprego, mais opções de vida, maiores possibilidades de construir seu futuro, maior autonomia etc. Aquelas com baixa escolarização têm poucas oportunidades de emprego, poucas opções de vida e assim por diante. A relação não é direta, nem reside nos níveis de escolaridade em si, mas nos sentidos da própria escolarização. Na análise de Souza,

a queda da fecundidade à medida que aumenta o nível educacional das mulheres pode estar apenas expressando o efeito de outras variáveis positivamente relacionadas à educação que seriam determinantes diretos da fecundidade. A relação de causalidade entre educação e fecundidade não é clara e constitui um tema que precisa ser melhor estudado. A causalidade no sentido inverso, ou seja, a maternidade afetando a dinâmica da vida educacional das mulheres, parece ser mais direta.¹³

Quando alguns autores afirmam que devido à evasão escolar a gravidez na adolescência contribui para o ciclo da pobreza, parecem esquecer que a pobreza tem determinações e processos específicos para se reproduzir. Além disto, em situação de pobreza elas já se encontram e há fortes indicadores de que, ao contrário, é a pobreza que, ao lhes definir estreitos horizontes para a vida, as impulsiona a reproduzir a lógica vigente, segundo a qual, o destino da mulher é ser mãe e esposa. Não é possível, ou pelo menos se torna bastante difícil, diluir esta lógica do imaginário das mulheres se a sociedade não lhes oferece oportunidades de experienciar outras formas de viver.

Não é recomendável um olhar generalizador para essas práticas, pois os sentidos são construídos na complexidade das relações que são estabelecidas no seu viver cotidiano. É necessário singularizar o contexto em que essa realidade se desenvolve, buscando apreender sua lógica, seus sentidos, sua história. Para Thompson, “as práticas e as normas se reproduzem ao longo das gerações na atmosfera lentamente diversificada dos costumes. As tradições se perpetuam em grande parte mediante a transmissão oral, com seu repertório de anedotas e narrativas exemplares”.¹⁴ Ou seja, o contato com os valores e normas definidos pelos costumes exige a capacidade de compreender os significados atribuídos pelos próprios sujeitos.

O costume, ainda para o mesmo autor, tem sua fonte na práxis e pode ser considerado igualmente como lei, ainda que seja constituído por “crenças não escritas, normas

¹³ Marcelo Medeiros Coelho de Souza, A maternidade nas mulheres de 15 a 19 anos como desvantagem social, in Elizabeth Meloni Vieira et al. (Org.). *Seminário Gravidez na adolescência*. Rio de Janeiro, [Cultura Editores Associados] 1998, p. 78.

¹⁴ E. P. Thompson, *Costumes em comum*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998, p. 18.

sociológicas e usos asseverados na prática, mas jamais registrados por qualquer regulamento”.¹⁵ Significa, por conseguinte, trabalhar com o costume enquanto força viva e presente, impulsionadora de práticas muitas vezes realizadas sem crítica, mas que expressam a consciência dos sujeitos em sua permanente constituição.

Outro argumento freqüentemente usado nos debates acadêmicos ou institucionais acerca da maternidade juvenil é que as jovens mães precisam de uma rede de solidariedade para exercer a maternidade. Nos setores populares, onde há poucas alternativas para os cuidados com a criança na ausência da mãe, são as relações de solidariedade construídas por familiares, vizinhos e amigos que garantem estes cuidados, independente de a mãe ser jovem ou não. Portanto, não parece legítimo afirmar categoricamente que esta necessidade é específica das jovens. Apenas, no caso destas, se potencializa tal necessidade.

A maternidade juvenil está imbricada em um complexo de relações e valores que passa também pelos estereótipos e preconceitos sociais que recaem sobre mães solteiras ou sobre mulheres solteiras com vida sexual ativa.

Nas camadas populares, é considerada um problema social principalmente se, diante dela, não houver uma união, com a constituição de uma nova unidade familiar. Quando há, o problema é amenizado para a jovem, seus pais e a sociedade. Ainda é forte, nas formas de pensar e agir diante de uma jovem mãe, a repercussão moral do ato de engravidar solteira e assumir, sem o parceiro, o sustento e a educação do filho. Se a união ocorre, o problema não será moral e passará à esfera dos problemas do chamado mundo adulto, dentre os quais, a luta por emprego, moradia, e outros. No caso das jovens mães do Satélite, será esta uma das lógicas que rege as situações que enfrentam? Diante dos altos índices de desemprego, que dificultam e, por vezes, inviabilizam que o jovem assuma o sustento da nova família, a situação realmente fica contornada só com o casamento?

Como um outro elemento importante, tem-se que a gravidez adquiriu novos valores e funções. Para Leal e Fachel, no contexto das camadas populares, a gravidez juvenil não é percebida como “um problema”, ao tempo em que a virgindade “deixou de ser um valor (inclusive no mercado matrimonial), passando a gravidez a ocupar esse espaço como indicador concreto de compromisso afetivo”.¹⁶

¹⁵ E. P. Thompson, *Costumes em comum*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998, p. 86.

¹⁶ Ondina Leal e Jandyra Fachel, Jovens, sexualidade e estratégias matrimoniais, in Maria Luiza Heilborn (Org.). *Sexualidade: o olhar das Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999, p. 109.

No que respeita à paternidade juvenil, há uma grande ausência de dados. As possibilidades de acesso aos pais jovens foram decorrentes do acesso às mães. Esta não é uma especificidade da sociedade brasileira, reporta-nos a vários países europeus e ao norte-americano, onde, em se tratando de nascimentos e crianças, os dados coletados pelas instituições são os dados da mãe.¹⁷

A paternidade juvenil tem sido pouco problematizada. No Brasil, somente nestes últimos 10 anos alguns estudos começam a ser esboçados na academia.

Observa-se que muitas pressões sociais exercidas sobre jovens mulheres diante de uma gravidez são diferentes das que se exercem sobre jovens homens. Entretanto, o susto, a surpresa, o medo, a insegurança parecem estar igualmente presentes nas novas experiências de ambos, embora tenham direções ou origens distintas, por vezes. Se para as mulheres, há o medo de ser abandonada pela família e pelo companheiro, ser discriminada socialmente, não conseguir ser uma boa mãe e esposa; para os homens o medo se dirige à sua capacidade de sustentar a nova família ou, em certos casos, de sustentar o filho e ser um “pai de família”.

Conforme análises de Palma e Quilodrán, a experiência conjugal que cedo estes jovens homens vivenciam traz-lhes ambigüidades e incertezas, pois a juventude do casal

age complexamente como força e inexperiência. Por um lado, a força de serem jovens age simbolicamente como vitalidade que permite grande esforço e desgaste (...). Por outro lado, a inexperiência os expõe ao fracasso e à separação das companheiras, o que implicaria também o risco de fracassar também naquilo que estava na origem da formalização do casal – a paternidade...¹⁸

Vilar e Gaspar consideraram que há uma forte pressão familiar no momento da decisão dos jovens acerca de seus vínculos afetivos e sociais diante da gravidez, posto que

as pressões por parte das famílias dos jovens futuros pais podem, no entanto, não ser explícitas ou sequer verbalizadas. A interiorização dos valores transmitidos pela socialização a que terão

¹⁷ A própria legislação brasileira restringe os dados a serem obtidos sobre o pai nos documentos oficiais. Exemplo disto se encontra na Declaração de Nascidos Vivos e no Registro de Nascimento. Este último, regulamentado pela Lei nº 6015, de 31 de dezembro de 1973, na parte alusiva ao registro civil de pessoas naturais, com as alterações introduzidas pela Lei nº 6216, de 30 de junho de 1975, determina coletar a idade somente da mãe, no momento do parto, coletando do pai e da mãe apenas “os nomes e prenomes, a nacionalidade, a profissão (...), o lugar e cartório onde casaram (...) e o domicílio ou residência do casal” (art. 54, § 7º); muito embora defina ser o pai o primeiro a ter a obrigação de fazer a declaração de nascimento e, na falta ou impedimento deste, a mãe (art. 52, §1º e §2º).

¹⁸ Irma Palma; Cecília Quilodrán, Opções masculinas: jovens diante da gravidez, in Albertina de Oliveira Costa (Org.), *Direitos tardios: saúde, sexualidade e reprodução na América Latina*, São Paulo, PRODIR/FCC/Editora 34, 1997, p. 162.

sido sujeitos pode comandar as suas decisões, sem que um controlo directo por parte das famílias se faça sentir.¹⁹

Estas informações e reflexões nos instigam a problematizar e aprofundar a compreensão sobre os modos como estes jovens homens e mulheres de camadas populares experienciam a maternidade e paternidade: qual o significado desta experiência para suas vidas? Como compreendem e exercem (ou não) suas responsabilidades? Que redes de solidariedade se constroem no enfrentamento desta situação? Quais seus sentimentos, valores e expectativas se expressam diante disto? Quais as pressões sociais a que estão submetidos, incluindo as pressões que um parceiro exerce sobre o outro e como conseguem respondê-las? O que está mudando? O que permanece? Em que se diferenciam?

Diante disto, quais os horizontes que estes jovens, provenientes de classes subalternas, visualizam para si? Como a maternidade e a paternidade se inserem no seu viver?

Com base nas reflexões de Portelli,²⁰ os sujeitos vivem diferentemente a mesma experiência, a qual se situa em um campo denso de possibilidades, em permanente construção. Partindo do seu presente, fui questionando o passado vivido e buscando os sentidos que se foram construindo.

Foi constatado que, dentre várias razões, elas engravidavam para garantir-se com o companheiro. Querem casar, ter filhos, ter um marido que delas cuide e as respeite, e o que mais? Que futuro esperam, constituindo um casamento com esta base?

E eles? Como se sentem e o que fazem diante das responsabilidades com um filho? Por que se casam nestas condições? Por que não se casam sob estas condições? Que gostam de fazer? Que fazem no seu cotidiano?

Assim, fui tentando entender como a maternidade e a paternidade, desde a forma de desejo, entravam em suas vidas. Qual o seu sentido? Por que o desejo de ser pai e mãe, sem condições de criar o filho? O desejo existe, é forte e se justifica de uma maneira para eles e de outra para elas.

Ao mesmo tempo, fui enveredando pelas suas formas de amar, de viver a sexualidade, pelos seus sonhos. Fui entendendo suas relações muito peculiares com o trabalho. E como,

¹⁹ Duarte Vilar e Micaela Gaspar, *Traços redondos (a gravidez em mães adolescentes)*, in José Machado Pais (Coord.), *Traços e riscos de vida: uma abordagem qualitativa a modos de vida juvenis*, Porto, Ambar, 1999, p. 74.

²⁰ Alessandro Portelli, Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Projeto História*, São Paulo, EDUC, n. 15, 1997, p. 13-49.

diante do desemprego dos companheiros, as jovens mulheres lutam para garantir a sobrevivência de seus filhos.

“A vida individual é o veículo concreto da experiência histórica”,²¹ analisa Thompson. Foi por meio dos relatos que enfrentei a difícil tarefa de compreender teias de relações diversas (familiares, amigos, vizinhos, colegas etc), que fazem os jovens viver de determinadas maneiras.

Tendo sempre presente a postura de estabelecer os diálogos entre as fontes orais, a observação e as explicações teóricas, construí os percursos da pesquisa com base na história oral e utilizei orientações da etnografia. Com tal combinação, busquei aproximar o processo metodológico ao que o antropólogo Gilbert Ryle denominou de “descrição densa”²² (em oposição a “descrição superficial”), considerando ser esta uma estratégia adequada para compreender e analisar alguns complexos de relações estabelecidas no bairro, onde se engendram e se desenvolvem a maternidade e a paternidade juvenis.

A história oral, considerada como metodologia,²³ forneceu bases essenciais para configurar as diferentes maneiras e situações em que se efetivam as experiências de maternidade e paternidade, contextualizar as juventudes e compreender a história do Satélite, utilizando, sobremaneira, a memória dos moradores do bairro sobre fatos mais recentes ou mais distantes. Segundo Portelli, “a memória é um processo individual que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas”.²⁴ Assim aconteceu, principalmente com as entrevistas feitas com pessoas de uma mesma família e, ainda mais particularmente, com as entrevistas com casais, que foram realizadas separadamente.

As entrevistas foram bastante informais e aconteciam em residências, em trailers-bar, em praças, ruas, colégios. Foram conversas que seguiam, à distância, os roteiros que foram sendo elaborados à proporção da necessidade de conhecer alguns aspectos e aprofundar outros. O entrevistado era livre para narrar sobre o assunto que julgasse pertinente.

²¹ Paul Thompson, *A voz do passado: história oral*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998, p. 302.

²² Gilbert Ryle apud Clifford Geertz, *A interpretação das culturas*, Rio de Janeiro, Zahar, 1978, p. 14 et seq.

²³ A história oral pode ser considerada disciplina, técnica ou metodologia. Ver, a respeito, Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado, Apresentação, in Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado (Org.), *Usos e abusos da história oral*, Rio de Janeiro, FGV, 1998, p. vii-xxv.

²⁴ Alessandro Portelli, Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral, *Projeto História*, São Paulo, EDUC, n. 15, 1997, p. 16.

Foram realizadas 24 entrevistas individuais e 5 entrevistas grupais, gravadas em fitas cassete. Com alguns jovens pais e mães foram realizadas duas ou três entrevistas.

Foram entrevistados: 5 mães, 4 pais, 1 jovem casado sem filhos e 4 grávidas, totalizando 14 jovens. Também foram entrevistados: 3 mães e avós; 1 bisavó, que cuida dos netos; 2 pais e avôs; 2 moradores antigos em entrevistas individuais e 1 entrevista com um grupo de 4 moradores; 1 professora e um grupo de 4 professoras; 3 grupos de estudantes; a Coordenadora da Casa Maria Menina, que abriga jovens gestantes. E, no início do trabalho de campo, foram realizados contatos com uma assistente social e enfermeira do Hospital do Satélite e assistentes sociais da Maternidade D. Evangelina Rosa (que é um centro de referência).

Em uma breve caracterização de 14 dos jovens entrevistados, tem-se:

- um casal, que se mantêm em união consensual há quatro anos e tem duas filhas. À época da entrevista ambos tinham 20 anos de idade. Separaram-se várias vezes. Viveram por um tempo em sua própria casa, mas atualmente moram em casa da mãe da jovem e são por ela sustentados.
- um ex-casal de jovens, tendo ele 20 anos e ela 22, separados após quatro anos de união, intercalada com muitas separações. Moraram por um período em sua própria casa, mas, a maior parte do tempo foram sustentados e viveram com a família dela. Têm um filho de 4 anos. Após a separação, ela teve uma filha com um namorado, mas não mora com ele, mora com os pais.
- uma mãe solteira de 16 anos, com um filho de 7 meses. Mora com os pais, após ter vivido por um tempo com o namorado em casa dos pais deste. Foi expulsa da casa do namorado quando constatada a gravidez.
- uma mãe solteira de 19 anos, com uma filha de 5 meses. Mora com os pais e é vizinha do namorado, pai de sua filha, que assumiu a paternidade e está se organizando financeiramente para casar-se com ela. Eles mesmos se dizem confusos ao definir sua situação, pois se sentem casados, convivem diariamente e assumem juntos os cuidados com a filha, embora sejam sustentados pelos pais.

- uma mãe de 26 anos, que teve a primeira filha solteira aos 18 anos. Morou com os pais. Depois se casou e teve mais duas filhas. Separou-se e voltou com os três filhos para a casa dos pais. Casou-se novamente e teve um filho. Separou-se e voltou para a casa dos pais. Quando na casa dos pais, sua mãe cuidava dos seus filhos enquanto ela trabalhava. Vive há 5 anos

com um novo companheiro, e com ele teve seu quinto filho. Mora em sua própria casa, mas, diante do desemprego, são os seus pais que ajudam a sustentar seus filhos.

- um pai de 21 anos, com uma filha de 2 anos. Viveu um período com sua companheira e depois se separou. Mora com seus pais e é sua mãe quem cuida de sua filha, em comum acordo com a mãe da criança. Não tem emprego fixo e ajuda nas despesas com a filha quando possível. Participa do Movimento Hip Hop e desenvolve várias atividades contra a violência na periferia de Teresina.

- um pai de 21 anos, vive com sua companheira em casa da mãe e é por ela sustentado. Sua companheira tem um filho de 3 anos, de uma relação anterior, e o casal tem uma filha de 6 meses. Vivem juntos há um ano e meio. Sua companheira não tem um bom relacionamento com a sogra e o ambiente familiar é de tensão, conflitos e desrespeitos.

- um jovem de 24 anos, vive sua segunda união há dois anos e não tem filhos. Tem uma casa em uma invasão e trabalha fazendo biscoites. Já morou em casa do seu pai e do seu sogro com sua companheira, de 18 anos. Quer muito ter filhos, mesmo sem saber como irá sustentá-los. Sua mulher já sofreu dois abortos espontâneos. Viveu com a ex-companheira, de 25 anos, por três anos, e ela, por opção, não quis ter filhos, pois já é mãe de duas meninas. Engravidou da primeira filha aos 15 anos. As filhas moram com a avó.

- quatro jovens grávidas, uma que vive com seu companheiro em sua própria casa, duas que vivem com o companheiro em casa dos seus pais e uma solteira, morando com os pais. As idades eram uma com 17 anos, duas com 16 anos, e outra com 18 anos, respectivamente.

Não foi possível entrevistar pais que não reconhecem a paternidade. Muitos foram apontados e citados, por jovens mulheres, por professoras, mas por não assumirem sua condição de pai, sequer se permitiam ser abordados. Enquanto isto, as jovens mães se sentiam bastante satisfeitas pela oportunidade de conversar sobre sua história. Elas comentavam com suas colegas sobre a entrevista. Quando tentei, por meio delas, conversar com outras jovens, marquei algumas entrevistas e, pouco a pouco, todas foram sendo desmarcadas, com justificativas estranhas. Descobri então que, após o agendamento da entrevista, a jovem que proporcionou o contato, informava, exagerando e amedrontando, o conteúdo da entrevista, distorcendo as perguntas feitas sobre a intimidade. Elas se assustavam e cancelavam o compromisso. Descobri ainda, que esta fora uma estratégia usada pelas jovens para se manterem sozinhas com o *status* de entrevistadas, condição desejada por outras, e por isto

elas não queriam que suas colegas vivessem a mesma experiência. Queriam guardar só para si o que para elas se constituiu um privilégio, ser entrevistada.

Outras entrevistas com jovens foram realizadas em dois colégios da rede pública, desta feita por meio de grupos com 6, 8, 10 alunos. O interesse dos alunos em participar destas conversas era muito grande e isto dificultava a composição de grupos menores. A intenção destas conversas era conhecer um pouco mais os prazeres, os gostos, os desejos, os fazeres, os planos, os namoros, os lazeres, dentre outros assuntos pertinentes às juventudes do bairro. Afora isto, contatos informais foram realizados com jovens em colégios ou mesmo em residências.

Não entrevistei nenhuma jovem grávida ou mãe expulsa de casa pela família. Os contatos que tive não me indicaram jovens nesta situação, embora ela exista. Quando, em poucas vezes, fizeram alguma referência a esta situação, não sabiam informar o novo endereço da jovem.

Outra ausência que pode se fazer sentir na pesquisa é de entrevistas com jovens de gangues. Por problemas de segurança física, principalmente considerando que este foi um trabalho realizado apenas por mim, desisti de efetivar tais contatos. A ameaça não vinha deles, mas eles moram em ruas com freqüentes e inesperados tiroteios, diurnos e noturnos, e não me senti segura para realizar as entrevistas em um ambiente assim caracterizado. Mesmo quando estão fora do seu “território”, continuam visados e é perigoso estar com eles.

Foi possível, no entanto, entrevistar jovens que conhecem integrantes de gangues e que já se envolveram com o crime e com drogas, e, por meio destes e dos moradores, minimizar os efeitos dessa ausência.

Esta mesma violência não me permitiu freqüentar certos bares e casas noturnas, onde tiros, socos e facadas podem acontecer a qualquer momento.²⁵ Os lugares mais perigosos, acompanhei-os de longe, percorrendo-os e observando-os de carro, por diversas vezes, especialmente nos finais de semana. Ainda assim, foi uma tarefa perigosa, pois nem mesmo os motoristas de táxi gostam de circular naquela região após as 22h.

A apresentação da pesquisa, feita na forma de narrativa, intenciona aproximar o leitor das experiências sociais de maternidade e paternidade juvenis, com seus embates, dilemas,

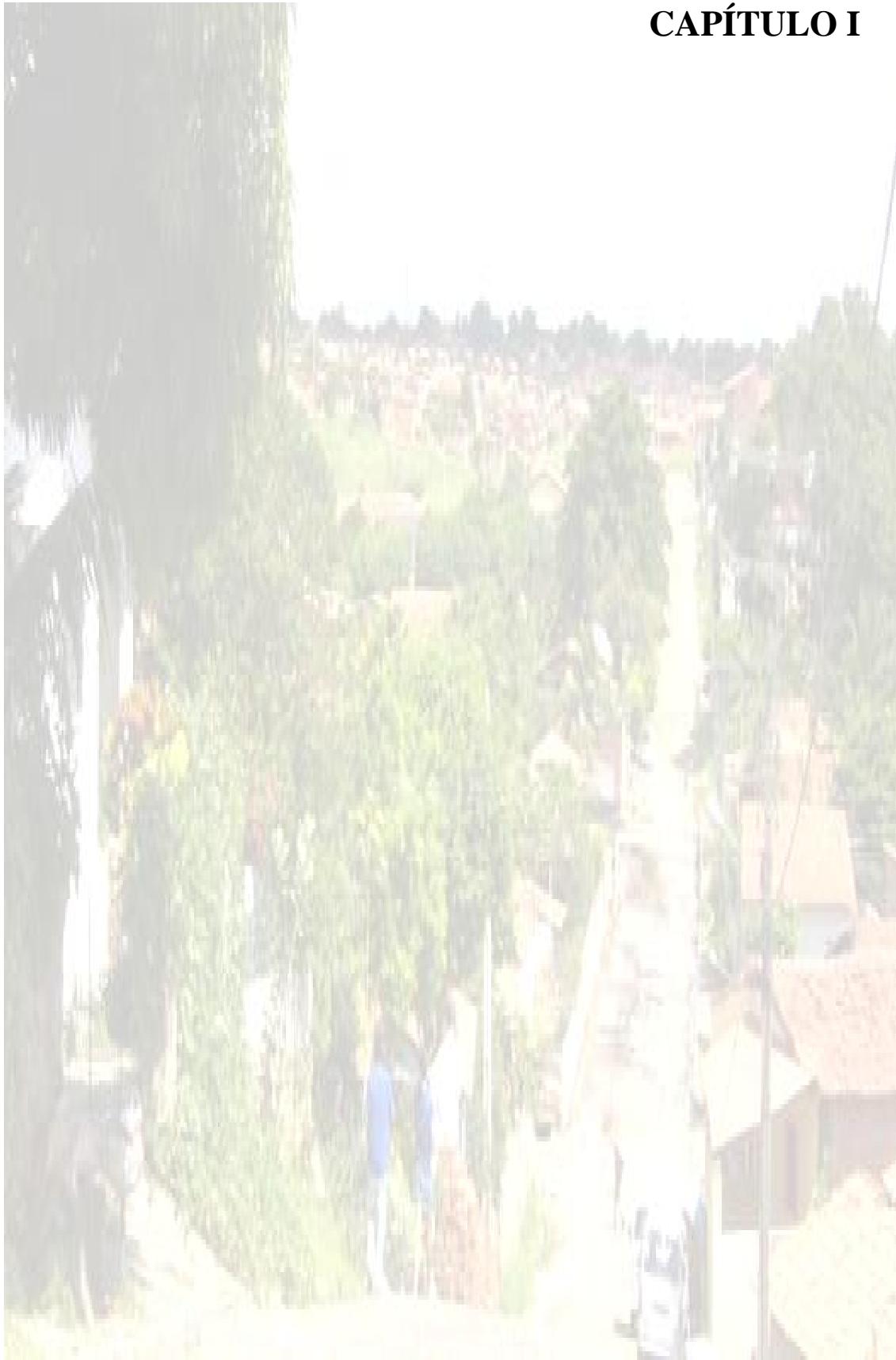
²⁵ Comporta aqui um breve parêntese: por muitas vezes, cheguei a pensar em ir sozinha a esses lugares, sem pôr em risco a integridade física de outra pessoa; entretanto, moradores adultos e jovens foram unâmines e enfáticos em aconselhar-me a desistência de tal empreitada, e eles mesmos diziam: “se fosse homem, até dava pra arriscar, mas uma mulher...”. Foi um dos momentos na pesquisa em que vivi sentindo as desigualdades de gênero.

sofrimentos, alegrias, compensações, e está estruturada de maneira a que sejam mais facilmente percebidos os processos que as engendram. Assim, com a denominação de “A maternidade e a paternidade silenciosamente concebidas”, o Capítulo I configura uma ampla e complexa teia de relações de onde emergem valores, pensamentos e práticas desenvolvidas no bairro, a partir dos quais e neles mesmos os jovens constroem seus diferentes modos de viver. É no contexto destas relações que as idéias, desejos e projetos de ser pai e ser mãe vão se gerando, em silêncio, com a força dos costumes, valores, sentimentos, trazidos do passado e (re)criados no presente.

No Capítulo II, são abordados diferentes modos de vida afetivo-sexual dos jovens, expressos pelos namoros e pelas diversas formas de *ficar*. Nele se apresentam os desejos, arroubos, sonhos, desencantos, as experiências dos jovens, enfim, em meio a estas práticas que envolvem amor, paixão e sexualidade. No Capítulo III, são delineadas e contextualizadas várias situações que os jovens e as jovens, namorados ou *ficantes*, enfrentam quando da confirmação de uma gravidez. São trabalhadas as dificuldades e os dilemas do casal, assim como os embates, geralmente inevitáveis, com suas famílias. No Capítulo IV, são configuradas diversas maneiras de os jovens experienciarem a maternidade e a paternidade, situadas dentro e fora do contexto do casamento, apresentando expectativas e desencantos, lutas e acomodações, bem como as redes de solidariedade que se constroem para garantir a sobrevivência dos filhos. No Capítulo V, são desenvolvidas reflexões e análises de ordem conceitual acerca da juventude enquanto fase da vida, no bairro Satélite, situando-a nos processos e relações que a fazem aparecer como juventude, etapa de vida que se interpõe entre a infância e a vida adulta.

Ao final do trabalho, no que denominei de “Novos horizontes”, são retomados alguns aspectos que se evidenciaram na pesquisa, mas, como o final de toda pesquisa, traz consigo novos olhares, sob novos prismas, como se a realidade mesma chamasse para um recomeço, agora em outro patamar, com reflexões mais amadurecidas e com novos horizontes e caminhos a trilhar.

CAPÍTULO I



A maternidade e a paternidade silenciosamente concebidas

O que pode levar um jovem e uma jovem a se tornarem pai e mãe sem terem como criar um filho? Um ato de profunda irresponsabilidade e inconseqüência, diriam muitos. Será?

Ao longo desta pesquisa, busquei compreender as razões que os conduziam ao que é tão facilmente denominado de ato de irresponsabilidade. Os muitos contatos que tive com jovens mães, inicialmente, foram me fazendo perceber que os processos de vida destes jovens, como de quaisquer pessoas, não são simples, nem simplificáveis. Vi em alguns rostos de jovens grávidas e jovens mães a felicidade pelo primeiro filho, e neles, a esperança de dias melhores, de uma vida com maior sentido; ao tempo em que vi, em tantos outros rostos, o desespero e a angústia por ter se deixado prender por uma teia complexa de responsabilidades, compromissos e concessões, para a qual não se sentiam preparadas e da qual queriam se livrar. Chegavam mesmo a lançar um olhar que pedia uma saída, uma idéia, diminuta que fosse, que aliviasse aquela carga. Nada eu poderia dizer. Não só pela minha posição de pesquisadora mas, principalmente, pela impotência e impossibilidade de sugerir saídas a uma maternidade (agora) inevitável e implacável.

À primeira vista parece que as primeiras jovens, as que demonstraram felicidade, tinham planos de gravidez e daí seu contentamento, e parece que as segundas, ao contrário, não os tinham. Não é assim. A maternidade para elas tem um significado forte, especial, pois que situada na sua identidade de mulher. Se aconteceu em um momento oportuno e com o companheiro desejado, são outras questões, mas, inicialmente, é importante fincar a primeira baliza para o desenvolvimento da análise, partindo dos seus próprios modos de viver, que é a maternidade como experiência constitutiva do ser mulher.

E os pais? Estariam igualmente felizes por serem pais ou angustiados, preocupados? Ou ainda, onde estariam os pais, seus parceiros? Alguns viviam a alegria de ter sua virilidade demonstrada e isto bastava; outros viviam a alegria desta virilidade e a felicidade de acompanhar, ao seu modo, o desenvolvimento de um pequenino ser que agora se encontrava sob sua responsabilidade: “Agora tenho um filho para sustentar, tenho que trabalhar”, diziam poucos. Outros ainda, sob uma aparente indiferença, mas assustados e temerosos, diziam para todos: “Como vou saber que o filho é meu? Como vou ter certeza?”. E, diante desta dúvida ou deste discurso, se tornavam ausentes na gravidez, no nascimento e no crescimento do filho. Destes, alguns ainda voltavam atrás, quando alguém lhes dizia: “Mas o menino é a tua cara”. Então, pelo menos iam lá, ver o menino que tinha sua cara, e apenas isto.

As reações deles também podem ser as mais diversas. Todavia, há algo em comum, em todas elas: a satisfação de sua virilidade comprovada. E aqui se estabelece outra baliza para a análise, que é a paternidade, reduzida a virilidade, vigor sexual, capacidade reprodutiva do homem, como constitutiva da masculinidade.

Estamos falando de jovens que se encontram em uma faixa etária que segue dos 12 aos 29 anos, aproximadamente.¹ São moradores de um bairro da periferia de Teresina, chamado Satélite.

Teresina é uma cidade nova, possui apenas 151 anos.² Tem uma população de 715.360 habitantes, dos quais 677.470 se encontram na zona urbana.³ O bairro Satélite, localizado na periferia da cidade, na zona Leste, possui cerca de 30 anos. A zona leste é a de maior contraste da cidade, pois nela se situa grande parte dos bairros de classe média e alta e, em suas imediações e entremeios, bairros populares, vilas e favelas. A proximidade espacial não se traduz em convivialidade social, pelo contrário, casas, mansões, prédios de apartamentos, condomínios de apartamentos e casas, encontram-se cada vez mais isolados por altos muros,

¹ Com essa faixa etária apresento apenas uma referência, pois a idade, nesta pesquisa, foi um parâmetro bastante flexível.

² Teresina foi criada por decreto da Assembléia Provincial em 21 de julho de 1852, que transferia a capital da Província do Piauí de Oeiras para Vila Nova do Poti, a qual passou a se chamar Teresina, em homenagem à Imperatriz Thereza Cristina Maria de Bourbon. É a primeira cidade planejada do Brasil, e sua planta primitiva, com traçado geométrico, foi projetada pelo Conselheiro José Antônio Saraiva, então Presidente da Província. Tem como marco de fundação a Igreja do Amparo, inaugurada em dezembro de 1852. Contudo, segundo Rodrigues, em *Estudos regionais do Piauí*, suas origens remontam a 1760, quando já havia um aglomerado de canoeiros e plantadores de fumo e mandioca nas margens do rio Poti, lugar que servia também de passagem de viajantes que circulavam entre as províncias do Maranhão e do Ceará, principalmente. Em 1832, o local foi instituído como Vila Nova do Poti. Hoje, é um bairro denominado Poti Velho, situado na zona norte da cidade, onde se desenvolvem predominantemente atividades de olaria e artesanato. Cf. Joselina Lima Pereira Rodrigues, *Estudos regionais do Piauí*, Teresina, Halley, 2001.

³ Segundo dados do IBGE, com base no censo de 2000, disponíveis em: <www.ibge.gov.br/cidadesat>.

cercas elétricas, por vigilantes etc. Teresina, a conhecida “cidade verde”, está perdendo sua cor, com a substituição de árvores em jardins e quintais por cercas elétricas. Na zona Leste, particularmente, suas ruas estão cada vez menos utilizadas e desfrutadas por crianças e jovens nos encontros e brincadeiras com seus amigos de colégio e de vizinhança. As ruas estão sendo mais usadas por quem precisa, necessariamente, passar por elas, não tanto para passeios, diversões, passatempos, bate-papos. Refiro-me especificamente às áreas residenciais.

Os primeiros moradores do bairro Satélite são oriundos da zona rural, principalmente do Piauí, mas também do Ceará e Maranhão e, alguns poucos, de outros Estados mais distantes. Contudo, não parto do pressuposto de que é o passado rural que explica os comportamentos e modos de viver dos setores populares. Sem ignorar experiências e tradições nele constituídas e dele advindas, parto da busca por compreender o seu viver, simplesmente o seu viver, longe da dicotomia, por vezes preconceituosa, entre o rural e o urbano.

Os antigos moradores do Satélite vivem (ou viviam) em um ambiente de velhas amizades, fortalecidas não só pelo tempo, mas principalmente, por companheirismos e solidariedades, nas diferentes e importantes colaborações entre as mulheres ao cuidar dos filhos; e entre os homens, nas lutas cotidianas do trabalho de extração de pedras da região e nas melhorias de suas casas e do bairro emergente (calçamento, construção da igreja etc). Obviamente, há antigas inimizades, mas nada que ameace a convivência pacífica dos moradores. Nestas bases, o respeito foi se construindo e sedimentando as relações entre vizinhos, compadres e amigos.

Segundo os moradores mais antigos, o bairro teve suas primeiras casas em 1972, quando chegaram 3 famílias à área.⁴ Chamava-se Serraria, mas logo passou a ser denominado de Satélite. Muito lentamente, no início, o número de moradores foi aumentando e povoando a região, constituída por mata serrada, cheia de morros de pedras e barreiros. Para conseguir os serviços da Prefeitura Municipal necessitavam de uma entidade representativa, e por esta razão, muito cedo criaram uma associação de moradores. Assim, pouco a pouco, foram urbanizando o bairro. Em geral, a prefeitura fornecia o material e parte da mão de obra e eles entravam com a outra parte da mão de obra nos acordos feitos.

Era só mato, “até mambira tinha [um bicho do mato]. A gente caçava e era bom demais”, diz um animado morador de 63 anos. Não havia sequer estradas, havia só umas

⁴ Gostaria de registrar a maneira gentil e calorosa com que antigos moradores com quem conversei me contaram histórias sobre o bairro. O surgimento do Satélite antecede muito a minha chegada a Teresina - Piauí, então enfrentei dificuldades para entender certos lugares ou momentos a que se referiam, e eles, com muita paciência, simpatia e acolhimento, ajudaram-me a me situar cultural, geográfica e historicamente nas narrativas que faziam.

“varedinhas” (estreitas vias de acesso), as quais eles foram, aos poucos, conseguindo alargar e dar forma de rua. A área era tão íngreme que, segundo ele, “nem jumento subia”. Havia também enormes morros de pedras, as quais eles extraíam e vendiam para construtoras, em um tempo muito cheio de construções em regiões próximas daquela área, para onde a cidade estava expandindo as habitações de classe média (principalmente) e alta, em bairros como Jóquei Clube, São Cristóvão e Morada do Sol. Hoje, com a extração das pedras, muitos morros estão rebaixados, reduzida a sua altura em muitos metros. Ainda assim, continua sendo uma área bastante acidentada.

Dali também eles tiravam a madeira para a construção de suas casas. São madeiras de árvores de pequeno porte, principalmente unha de gato, que servem para armar a casa. O barro eles tiravam das proximidades, mas hoje já está tudo ocupado e não é mais possível extraír barro dos barreiros, só de áreas bem mais distantes.

No inverno, eles plantavam, e o que colhiam usavam para seu próprio consumo. O restante vendiam em uma feirinha que logo se formou, funcionando uma vez por semana. Contudo, o mais comum era consumirem o que plantavam, pois a colheita era menor que a necessidade de alimentos. Plantavam arroz, feijão e mandioca, principalmente.

Afora alguns terrenos negociados em seu início, grande parte das casas do Satélite resulta de invasões feitas em loteamentos. A prefeitura, em geral, conseguia negociar com os donos dos terrenos, muitos deles em débito com os impostos municipais, e em seguida (re)loteava-os e doava-os aos novos moradores. Atualmente os moradores têm que pagar pelo terreno, mesmo sendo fruto de invasão, mas as invasões continuam.⁵ Há diferenças, entretanto, com relação a períodos anteriores: antes eles construíam as casas com o material extraído dos recursos naturais do bairro, então faziam suas casas de taipa (madeira e barro), cobertas de palha. Depois cobriam-nas de telhas. Hoje, com as áreas já ocupadas, isto não é possível. Podem conseguir algum material, mas muito distante do bairro e assim eles têm que comprá-lo nas casas comerciais.

Quando uma invasão se inicia (até hoje elas acontecem) e não há confrontos com a polícia devido a ações de reintegração de posse, logo um comerciante ou um morador próximo que tenha melhor condição financeira compra madeira e palha em quantidade e instala, nas imediações, um “depósito”. Isto é muito comum. Com o tempo, quando as casas já estão prontas e os moradores já se encontram com condições de trocar palha por telha, os

⁵ Não estive na Prefeitura para conhecer, a partir do governo municipal, quais os procedimentos adotados nessas situações. O que aqui registro tem por base, apenas, as histórias dos moradores.

depósitos compram as telhas para vender. Diminuindo o movimento, os depósitos se retiram, pois são comércios sazonais.

Atualmente, há no Satélite as seguintes vilas: Vila Bandeirante I,⁶ Vila Zoobotânico I e II, Vila Fraternidade I e II, Vila Que Deus Me Deu e Vila Firmino Filho I (conhecida como a mais perigosa). A Vila Bandeirante I foi a primeira que surgiu, em 1988. A mais nova é a Vila Fraternidade II, criada em meados de 2003.⁷ Em dezembro do mesmo ano, contudo, nos limites entre os bairros Satélite e o Samapi, surgiu uma invasão de 2.100 famílias, segundo dados da comissão que está organizando a invasão. Está sendo denominada de Vila Santa Luzia, pois a invasão aconteceu no dia 13 de dezembro, que é dedicado a esta santa. Muitos núcleos familiares aproveitaram a oportunidade para construir sua própria casa. Alguns jovens homens solteiros, por vezes com incentivo dos pais, também estão construindo casa, visando ter onde morar com a família que irão constituir. Contudo, nesta vila, ainda paira um certo receio de serem despejados.

Os três censos de vilas e favelas realizados pela prefeitura, nos anos de 1993, 1996, 1999, indicam que são as zonas leste e sul as que mais possuem vilas e favelas na cidade, cada uma com 45 e a cidade totalizava 150 favelas e vilas, no ano de 1999. Observando a zona leste, onde se situa o bairro Satélite, identifica-se uma diminuição no número de famílias e de domicílios na Vila Bandeirante. Na Vila Zoobotânico I e II houve um irrisório acréscimo.⁸

Estas vilas foram constituídas principalmente por moradores do próprio Satélite e da Piçarreira, um bairro vizinho. Quando alguém da família se casa, há um certo costume de procurar moradia próximo à casa da família de origem, principalmente da família das mulheres, pois as mães ajudam as filhas na administração do novo lar e nos cuidados com os filhos. Única exceção se encontra na Vila Fraternidade, cujos moradores são provenientes de outros bairros, principalmente Socopo e Ininga, ambos também da zona leste, segundo dados do censo citado.

⁶ As Vilas Bandeirante II e III se localizam no bairro Porto do Centro, que é vizinho. No cadastro da Prefeitura, entretanto, consta as Vilas Bandeirante I, II e III no bairro Porto do Centro, mas as placas de sinalização de rua, colocadas pela Prefeitura, confirmam o que dizem os moradores do Satélite, a Vila Bandeirante I está dentro da área do Satélite. Para os moradores da Vila Bandeirante, o Satélite é outro bairro e a Vila Bandeirante é um bairro independente, não integra nem mesmo o bairro Porto do Centro. Resolvi considerar a Vila Bandeirante I como parte do Satélite.

⁷ A Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação Geral (SEMPLAN) disponibiliza um cd-room com os mapas da cidade, sendo o último datado de 18/01/2001. Dele utilizei a Relação dos Loteamentos Oficiais da Cidade e os mapas da Superintendência de Desenvolvimento Urbano da Zona Leste e das Vilas e Favelas, os quais foram elaborados com base no *Censo de Vilas e Favelas* de 1999 e, portanto, encontram-se defasados. Acrescentei-lhes as informações dos moradores e minha observação.

⁸ Estes dados e os subsequentes foram extraídos do *Censo das Vilas e Favelas de Teresina* de 1993, 1996 e 1999, da Prefeitura Municipal de Teresina, Alínea Publicações.

O censo de 1999 informa que a grande maioria dos moradores destas vilas está em casa própria, feita de taipa e telha. Nas vilas Fraternidade e Zoobotânico, geralmente os pisos das casas são acimentados e de chão batido, tendo algumas delas piso só de chão batido.

É interessante observar que os dados apresentados pelos censos sobre as vilas indicam uma média de 3 a 4 pessoas por residência, o que dá mais consistência à percepção de que nas vilas se encontram muitos casais em início de vida conjugal e, portanto, com famílias pequenas.

Quando percebi o quanto o bairro Satélite está mudando sua disposição espacial, após conversas com moradores jovens e adultos, fiquei pensando se o Satélite se refere apenas a um espaço geográfico com contornos definidos; pensando se os modos de viver no bairro redesenhariam suas dimensões geográficas e explicitariam diferenças sociais. Compreendi que o Satélite não é mais o bairro que existia há 10 anos atrás. Com tamanhas transformações, ele não corresponde mais à imagem que a cidade tinha dele, um pacato bairro de periferia, e nem à imagem que os próprios moradores tinham, de um bairro tranquilo, habitado por trabalhadores. Mesmo assim, ainda há um sentimento de bairro entre os moradores, embora esteja sendo diluído. Há um sentimento de pertencimento, mesmo que não haja, sob minha percepção, uma idéia de comunidade. Talvez já tenha havido nos primeiros anos, quando tudo começou. Mas nos últimos anos não há. E não só por sua maior densidade populacional, mas por um reordenamento da vida do bairro, expresso, p. ex., nos ataques de gangues, por meio de assaltos e furtos, aos próprios moradores, os quais já não reconhecem mais o seu bairro⁹.

O bairro Satélite não é homogêneo, mesmo porque a pobreza não é homogênea. A grande maioria das famílias tem a propriedade de suas casas, mas há casas alugadas também. Em muitas residências há utensílios e equipamentos domésticos básicos, em algumas, até telefone. Em outras casas pouco há e nas casas das vilas, menos ainda. Com o desemprego crescente, há muitas famílias passando fome, independente do seu padrão de moradia, sendo que, nas vilas, é mais comum encontrar-se fome e miséria.

Nas ruas mais centrais e mais antigas do bairro há serviços de transportes urbanos, escolas públicas (um total de quatro), um hospital e maternidade, pequenos comércios,

⁹ A idéia tradicional de comunidade nos reporta a conjunto de pessoas em determinada área geográfica e traz a idéia de segregação para com outros coletivos, de cooperação, de organização social. As experiências vividas podem tê-los unido e criado um certo sentimento de comunidade. Hoje, até mesmo pela amplitude e heterogeneidade do bairro, este sentimento se desfez, mantendo-se apenas na forma de um sentimento de pertencimento ao bairro. Ademais, não estou me referindo a comunidades e concepções de comunidade mais modernas, as quais, dentre outros requisitos, prescindem de um espaço geográfico, mas se utilizam de um espaço virtual; afinal, para ser comunidade, há que ter um território, seja espacial ou virtual.

biblioteca pública, lavanderia, bares. Em outras áreas do bairro as ruas não são asfaltadas, são calçadas. Há muitas ligações ilegais de energia elétrica e de água, principalmente nas vilas.

Na história do bairro, a Igreja de Santa Terezinha é um marco. Os moradores primeiros eram todos católicos e a primeira missa foi celebrada em 1972, em um galpão de palha por eles construído. Com muito esforço, servindo-se de algumas poucas doações externas e, sobremaneira, com recursos deles mesmos, economizando para contribuir, doando carradas de pedra que conseguiam extrair, conseguiram construir uma igreja de tijolos e telhas. Eles contam isto com muito orgulho. Tem um significado muito grande para eles, homens e mulheres, por ser um templo de oração, por terem-na construído e por o terem feito de maneira tão aguerrida e com tanto companheirismo. É um símbolo de força, de união, que se consolidou mais ainda quando ela caiu, tendo sua reconstrução sido feita em 1991, quase um ano depois, quando lhes fora possível.

Hoje há duas igrejas católicas no bairro, e esta primeira é uma importante referência, não só por ser mais antiga e por localizar-se na região central do bairro, mas também por ter uma ampla praça à sua frente. Uma praça arborizada, palco dos festejos de Santa Terezinha que acontecem anualmente no mês de setembro, com barraquinhas, brincadeiras. É uma festa de que todos gostam, adultos, jovens e crianças. Contudo, em virtude da violência, a participação na festa caiu muito. A polícia não consegue dar garantia de segurança durante os 10 dias de festa e, por conta disto, muitos moradores ficam atualmente com medo de participar.

Entretanto, a predominância religiosa atualmente é dos evangélicos. Há cerca de oito igrejas evangélicas no bairro e todas muito freqüentadas.

Os serviços de transporte coletivo urbano eram muito precários. Utilizavam-se da parada final de uma linha, que ficava a uns 4 quilômetros do que hoje é a parte central do bairro. Conseguiram colocar a parada final desta linha mais próxima do bairro, a uns 100 metros, e assim ficou por muito tempo. Só havia ônibus três vezes por dia. Hoje se utilizam de várias linhas.



Igreja de Santa Terezinha, um marco na história do bairro.



Praça da Igreja de Santa Terezinha, um marco na história dos namoros dos jovens.



Vila Santa Luzia: invasão feita em dezembro de 2003. Os jovens solteiros que conseguiram um lote, objetivando um casamento futuro, tiveram que cedê-lo para as famílias, que eram prioridade na invasão.



A invasão mais recente, em 2004.

O calçamento das ruas começou a ser feito em 1982 e o asfalto só chegou nas ruas principais, em 2001.¹⁰

A água era um grande problema, pois só havia dois poços. Um a 100m e outro a 200m do pequeno núcleo de casas. Como o terreno era muito acidentado, era muito trabalhoso carregar água para cozinhar, dar banho nas crianças, lavar pequenas peças de roupa. Esta era a maior queixa das mulheres, pois eram as que enfrentavam as latais d'água na cabeça. Lavavam roupa bastante longe de onde vivem, a alguns quilômetros, na lagoa do Zoobotânico ou no rio Parnaíba, mais distante ainda.

Ainda que com uma infra-estrutura totalmente precária, sem água, nem energia elétrica, já havia o famoso “Pereira”, um bar e salão de festas que traz o nome de seu proprietário. Depois surgiu o “Salão do Ribamar”, do qual falam muito bem. Hoje não existem mais. Os proprietários Pereira e Ribamar mudaram-se para outro bairro, buscando um ambiente menos violento. As festas não eram regulares, mas quando havia, se tornavam um grande acontecimento. Eles lembram com muitas saudades, pois eram ambientes tranqüilos, sem confusões, “diferente dos bares de hoje”, dizem alguns, “onde esses meninos só querem beber e brigar”.

Além destes lugares, havia algumas festas de rua. Eles lembram com entusiasmo das festas de São João, que ocorrem em junho. Acontecem, desde aquela época, na praça da igreja, com barraquinhas, quadrilhas, bumba-bois. Era animado. Hoje eles não participam mais, a violência não lhes permite, e sequer conseguiram dizer como estão estas festas juninas atualmente, freqüentadas por uma maioria jovem.

Com a diminuição progressiva e rápida da extração de pedras, com o fim dos barreiros, foram-se reduzindo também as oportunidades de trabalho para os homens. Poucos, muito poucos, tinham algum emprego fixo, em geral na condição de vigilante, de zelador de alguma empresa. Começaram então a viver só de *bico*. O que era eventual, passou a ser principal fonte de renda: o *bico*. E assim estão até hoje, com a diferença de que as oportunidades de *bico* estão cada vez mais escassas, como um morador falou, envergonhado e sofrido, fazendo um trocadilho: “A gente tem trabalho um dia sim e oito não”. Ele estava

¹⁰ Em nossas conversas, por vezes, os homens tinham dificuldades de lembrar datas. Suas mulheres lembravam-nas com mais facilidade, porque tinham como referência o nascimento dos seus filhos. Mas como elas pouco usavam os serviços de transportes ou mesmo o espaço da rua, afinal eles saíam muito mais, elas se confundiam muito. Contudo, as informações delas iam ajudando-os a lembrar. Com recordações de uns e outras, a conversa foi fluindo (nesse dia conversei com um grupo de quatro homens e duas mulheres, que se formou espontaneamente, a partir da minha chegada à casa de um casal).

desesperado com esta situação, pois nunca se imaginou sem ter como sustentar sua família e era isto que estava enfrentando.¹¹

No trabalho de *bico* que fazem, eles limpam quintais, fazem rebocos de parede e acabamentos de casa, pequenos consertos domésticos, serviços de capina, trabalhos temporários de vigia, trabalhos de roça, dentre outros. O trabalho de roça, que era uma fonte de alimentação, para muitos hoje é um *bico*. Poucos têm a posse de um pedaço de terra onde plantar e quando há lotes de sua propriedade ficam muito distantes do bairro, chegam a ter mais de 40km de distância. Assim, nem sempre é possível a estes pequenos proprietários cuidar da terra sozinhos, principalmente no tempo de colheita, pois implica em muitas idas ao terreno e eles vão de bicicleta, geralmente. Os que não têm terra, no período da colheita, fazem *bicos* em alguns terrenos. Muitos dos terrenos a que vão são de médios proprietários, que lhes pagam muito pouco. Alguns já nem aceitam mais fazer isto, pois dizem que não compensa. Por exemplo, no dia dessa conversa, um deles estava aborrecido com a oferta de dez centavos por quilo de mandioca colhida. Para ganhar pelo menos 10 reais, ele precisaria colher 100 quilos.

É muito bonita a forma como eles narram as lutas que enfrentaram para garantir aos filhos o que seus pais não puderam lhes dar: educação formal. Eles são alfabetizados, mas cedo tiveram que abandonar os estudos. As mulheres conseguiam estudar um pouco mais, mas também logo casavam e deixavam os estudos ou, diante da morte ou abandono do pai, tinham que ajudar a mãe nos trabalhos da lavoura, que era o que faziam antes de chegar no Satélite.

As aulas de alfabetização dos seus filhos foram feitas “no terreiro”, área em frente a suas casas. Quem sabia um pouco mais, ajudava quem sabia menos. Depois passou a ser feita no galpão da Igreja, quando inclusive já tinham professora que ensinasse as crianças. A prefeitura construiu, muito tempo depois, uma escola, que foi se ampliando conforme o aumento de alunos e o avanço nas séries escolares.

Por isso, após tanto sacrifício, eles lamentam muito a maioria dos filhos não ter aproveitado a oportunidade para estudar. Eles têm filhos casados e têm muitos filhos solteiros

¹¹ Estes eram alguns dos momentos difíceis das conversas com eles, em grupo ou individualmente. Embora não ficassem presos às lamentações, os gestos, os sorrisos, os silêncios, o tom da voz, diziam da sua dor, da sua tristeza e indignação diante do desenrolar da vida. Estão envelhecendo, muitos têm mais de 60 anos, estão desprotegidos da segurança social e cada vez com menores possibilidades de trabalho e renda. Como estarão daqui a alguns anos?

e muito novos, com idade até de 12 anos. Dos filhos casados, muitos moram com eles e vivem de *bico*.

As mulheres, cada vez em maior número, procuram trabalho remunerado. O emprego que conseguem, em sua ampla maioria, é de empregada doméstica. Outras conseguem ser caixa de supermercado, quando nas melhores hipóteses. As mais jovens se recusam a ter este fim, embora pouco consigam fazer de diferente, e dizem indignadas: “Estudar pra quê? Pra virar doméstica ou caixa de supermercado?”¹²

As mulheres mais maduras tiveram que enfrentar o trabalho de empregada doméstica após algum tempo de casadas, diante do desemprego ou instabilidade de renda de seus companheiros. Dentre as mais jovens, já é comum vê-las sustentando a casa com seu trabalho de doméstica, pois seu companheiro, com os *bicos*, não consegue sustentar a família.

Há um sentimento de exclusão nos moradores quando falam, às vezes com naturalidade, que “vivem de *bico*”, que “todos vivem de *bico*”. Há uma revolta contra o desemprego. Porém, a realidade já os fez acomodarem-se diante do que lhes parece inevitável, de forma que seu tom de voz, sua expressão, ao dizerem isto, demonstra, ao mesmo tempo estar falando da normalidade, do inexorável. Estar parado é o normal, o “natural”. A vida parece ser um dia após o outro sem projetos exequíveis, pois eles não têm controle sobre prazos e formas de execução. Restam-lhes os sonhos.

Claro que há o desejo de melhorar a casa, de comprar uma televisão nova, de trocar o fogão, mas isto acontece quando “aparece” uma oportunidade, só então é possível dar entrada em um crediário ou comprar o material da reforma da casa. As coisas vão “acontecendo” e alguns desejos vão se realizando, mas sem muitas possibilidades de planos.

Foi em meio a essas maneiras de viver e enfrentar a vida que muitos jovens foram criados. Quando crianças, viram por vezes o pai extrair pedras da região, ir para a roça ou fazer *bicos*. Foram poupadinhos, sempre que possível, da execução destes trabalhos. Não precisaram, a maioria, abandonar os estudos, pois suas ajudas se davam em tempos de férias, em horários fora da escola, ou quando eles mesmos decidiam não mais estudar, para trabalhar, casar ou o que fosse. Em meio à diversidade de situações, há também aqueles que não

¹² Segundo o *Censo de Vilas e Favelas de Teresina/99*, nas vilas da cidade, que têm um total de 112.947 moradores, 75% da população encontram-se em idade ativa e apenas 31% estão ocupados e destes, ampla maioria se encontra no setor terciário, notadamente no setor de serviços (67%), onde se destacam os serviços domésticos (30%), majoritariamente realizados por mulheres, e os serviços gerais (30%), onde a maior parte é de biscoiteiros. Cf. Prefeitura Municipal de Teresina, *Censo de Vilas e Favelas de Teresina/99*, Teresina, Alínea Publicações, 2000, p. 22-24 e 66-70.

frequêntaram a escola após a alfabetização, por descuido dos pais, por necessidade de trabalhar ou pela malandragem.

Os empregos e os bicos

Entre os moradores, de modo geral, e notadamente entre os jovens, a noção de emprego é de que, não necessariamente, seja algo estável, duradouro, seguro. Emprego, na maneira em que o concebem e o vivem, significa algo temporário, com o qual não constroem vínculos, do qual podem desfazer-se e, depois, procurar outro. Por isto, não é incomum eles se demitirem ou abandonarem o emprego para construir sua casa, p.ex., até porque as casas, em sua grande maioria, são construídas em invasões, o que os obriga a permanecer no local por semanas ou meses, até a situação se estabilizar e poderem sair de casa sem o risco de alguém lhes tomar. Eles não têm apego ao emprego, mesmo reconhecendo as dificuldades de consegui-lo. Tanto os homens quanto as mulheres possuem, neste sentido, a mesma relação com o emprego. A diferença vai residir na necessidade de sobrevivência, acoplada à responsabilidade imediata de supri-la. São elas que enfrentam as necessidades dos filhos e são elas que têm que encontrar uma solução imediata. Portanto, elas não deixam tão facilmente seu emprego se não tiverem formas de sustentar os filhos por algum período. Eles o fazem.

Obviamente, há os que conseguem construir uma outra relação com o trabalho remunerado. A carteira de trabalho assinada é um sonho para todos, mas a maioria, na verdade, não tem muita idéia do que isto significa, pois não tem a vivência, nem tem muitas experiências ao seu redor. Na sua ótica, a carteira assinada é a estabilidade, mas que lhes cobrará um preço que muitos não estão dispostos a pagar: a “liberdade”.

Viver de *bico* é algo bom para eles (homens), pois definem quando trabalhar. Já se acostumaram com os intervalos entre um serviço e outro, e estes intervalos lhes são saudáveis, pois são os momentos de encontrar os amigos e tomar a cachacinha. É uma outra lógica, é uma outra relação com o trabalho, diferente da relação construída e ensinada na tradição capitalista, na qual estão implícitas as idéias de trabalho como obrigação diária, como oposição a lazer.

O que eles querem é suprir suas necessidades básicas. Para ter uma casinha em uma vila, podem extrair o barro de regiões relativamente próximas.¹³ As despesas são menores e há um enorme prazer em construir sua própria casa, é motivo de orgulho, e é desta maneira, com alegria e orgulho, que narram seus feitos sobre isto. As melhorias vão acontecendo com o tempo, à medida que as oportunidades forem surgindo. Depois é fazer *bicos* e ir mantendo a casa. O trabalho não tem o sentido de acumulação de renda.

O fato de viverem de *bico*, contudo, traz consigo várias e ambíguas reações e comportamentos. Comecemos pelos homens já adultos, senhores de mais de 50 anos. Para estes, viver de *bico*, no que atualmente o *bico* representa, é muito ruim. Estes, têm na cabeça uma lógica de trabalho diário, ainda que não sejam empregados. Eles precisam trabalhar diariamente, gostam de trabalhar, foi o que fizeram a vida inteira e é o que dá sentido a suas vidas – trabalhar e sustentar a família. Tirar-lhes isto é deixar-lhes sem chão e é assim que se sentem. Hoje estão sem emprego e sem trabalho. Alguns têm uma pequena roça, muito distante, aonde vão quinzenalmente ou em intervalos mais longos. Há períodos, contudo, que, por falta de dinheiro, por problemas de saúde, por problemas de clima, não conseguem plantar. Então tudo fica para o ano seguinte. Outros, que não têm roça ou outro afazer, ficam pelas ruas, conversando nas calçadas com os amigos. São rodas de homens, mulheres não participam. Eles podem ficar apenas conversando, mas muitos preferem jogar dominó, baralho. Ficam na rua, pois “fazer o que dentro de casa?”, é o que se perguntam.

Para esses homens, viver de *bico* é a incerteza, é a insegurança, é o medo de não ter o que comer amanhã. Ao mesmo tempo, não estão acostumados a ter patrão. Antes eles tiravam pedra do próprio bairro e vendiam. Dependiam de quem comprava, as construtoras, e não controlavam os preços, mas eram eles quem, de certa maneira, definiam o ritmo de trabalho, podiam parar por uns dias e viajar para o interior, podiam intensificar o trabalho e fazer umas poucas economias, enfim, tinham que trabalhar e aquele trabalho tinha suas exigências, mas eles mandavam em si mesmos, sob certos aspectos. Podiam fazer um *bico* por um tempo em casa de alguém ou em uma empresa e depois voltavam para as pedras. Alguns conseguiam um emprego fixo, não se adaptavam, e, com o passar do tempo, se demitiam. Outros conseguiam se adaptar e permaneciam. Destes, alguns poucos continuam empregados e outros, a maioria, estão desempregados, devido à idade e também, dentre outras razões, aos Programas de Demissão Voluntária (PDVs), muito comuns nas empresas nesta última década.

¹³ Atualmente está cada vez mais difícil, pois mais distante da área central do bairro, porque até os barreiros foram ocupados. Fazem o transporte de bicicleta, muitos deles, principalmente os jovens.

Foram acostumados por seus pais a procurar lugar que fosse bom para plantio e, portanto, por muitas vezes e diversos motivos, mudaram de residência. Ou seja, foram criados, viveram e vivem (como adultos, pais e maridos) com certa flexibilidade e movimento em suas vidas, com certa independência e autonomia.

Aqui comporta uma breve digressão. Essa forma de relação com o trabalho no Brasil não é recente. Estudos realizados por Kowarick, apontam que após a abolição da escravatura, em 1888, os “libertos” não conseguiram se inserir imediata e rapidamente no trabalho organizado, disciplinado, regular, que a nova ordem econômica exigia, pois significava, para eles, o retorno à condição de escravos. Retomaram suas atividades laborais desenvolvendo atividades recusadas pelos imigrantes europeus, as quais eram desenvolvidas como trabalhos temporários. Para o autor, eles são

refratários ao trabalho organizado, porque, sendo mínimas suas necessidades, não precisam se alugar para outros de forma contínua. Basta, de quando em vez, uma jornada por semana: de resto, a disponibilidade para nada fazer, além da caça, da pesca, do pequeno plantio e da criação, que permitem a sobrevivência na pobreza (...)¹⁴

Ainda que não seja prudente fazer deduções imediatas, creio ser este processo, vivenciado pelos alforriados no Brasil na reconstrução de suas vidas, um dos pilares da cultura em que o trabalho não-diário tem um sentido constitutivo de um modo (honesto) de viver, embora, por algumas vezes, seja assemelhado à vadiagem¹⁵ ou para ela se dirija.

Mas não foi apenas a reação dos “libertos” que redesenhou a pobreza existente no Brasil. Segundo Pochmann, a herança escravista é um dos fatores para a desvalorização do trabalho na sociedade brasileira, sempre mal remunerado. O autor analisa que só na década de 30 que “o Brasil urbano foi conhecer algumas formas de valorização do trabalho, através da regulamentação social e trabalhista no governo Vargas”.¹⁶ O que aqui se evidencia, portanto, não é um recorte de raça/etnia simplesmente, mas, sobremaneira, de classe social, definido pelas diferenciações econômicas nos termos em que foram sendo estabelecidas pela nova ordem vigente, a partir da qual a pobreza se intensificou e assumiu novas formas de expressão no país.

¹⁴ Lúcio Kowarick, *Trabalho e vadiagem: a origem do trabalho livre no Brasil*, São Paulo, Paz e Terra, 1994, p. 103 e *passim*.

¹⁵ Para Lúcio Kowarick, “o desamor ao trabalho organizado serviu para fundamentar a ideologia da vadiagem”. *Ibidem*, p. 105.

¹⁶ Marcio Pochmann, *A batalha pelo primeiro emprego: as perspectivas e a situação atual do jovem no mercado de trabalho brasileiro*, São Paulo, Publisher Brasil, 2000, p. 21.

No caso de Teresina, há particularidades decisivas. Desde sua origem, traz consigo complexos contextos de miséria e pobreza, resultantes de desemprego e trabalhos temporários. A cidade foi povoada lentamente, sobremaneira, por migrantes nordestinos que fugiam da seca em outros Estados e por imigrantes oriundos do interior do Estado. Teve seu adensamento populacional em período relativamente recente, a partir das décadas de 1950 e 1960. Em sua população, predominam descendentes brancos, indígenas e negros, sendo os negros em pequena quantidade, principalmente pelo fato de que o Estado do Piauí não integrou o ciclo de produção da cana-de-açúcar, que foi um grande impulsionador da compra de negros para o trabalho escravo, e também porque adotou o regime de escravidão em menor proporção que outras cidades brasileiras, provavelmente porque sua economia se fundamentava basicamente na pecuária, cuja mão-de-obra não era muito numerosa, nem demandava intensas renovações.¹⁷

Significa, por conseguinte, que o *bico*, como forma de trabalho, não é algo recente na história da cidade, remonta às suas origens, embora, nos últimos anos, tenha se agravado substantivamente a situação dos trabalhadores que dele vivem, com a diminuição acentuada da oferta de empregos e de trabalhos temporários.

A história dos moradores do Satélite não tem suas origens na vadiagem, nem na mendicância. Eles estão habituados a trabalhar e a sustentar sua família, seja por meio de empregos fixos (poucos deles); de *bicos*, que não eram escassos à época (alguns outros), ou por meio do trabalho de extração das pedras (a maioria deles).

Hoje, sem emprego ou qualquer forma de renda, e muitos sem ter pago a previdência social, estarão sem aposentadoria para sua velhice. Alguns esperam dia-a-dia o momento em que podem solicitar sua aposentadoria, que equivalerá ao salário mínimo. Alguns outros já se aposentaram e, com o salário mínimo que recebem, sustentam sua família e ainda as famílias de seus filhos/as. Muitos dos que se aposentam o fazem como trabalhadores rurais.

Foi neste ambiente, de certa independência, que criaram seus filhos. A idéia de emprego fixo, portanto, não é algo comum, embora, e aqui reside um dos pontos da ambigüidade, esteja em seu imaginário, na forma de um sonho, de uma segurança desejada.

¹⁷ Ver, a respeito, Tanya Maria Pires Brandão, *A elite colonial piauiense: família e poder*, Teresina, Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995; Maria Mafalda Baldoíno Araújo, *Cotidiano e pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina (1877-1914)*, Teresina, Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995; Francisco Alcides do Nascimento, *Cidade e memória: o processo de modernização de Teresina nos anos de 1930 e 1940*, in João Kennedy Eugênio (Org.). *Histórias de válio feitio e circunstância*, Teresina, Instituto Dom Barreto, 2001; e, Joselina Lima Pereira Rodrigues, *Estudos Regionais do Piauí*, Teresina, Halley, 2001.

Mas não é no imaginário deles que o emprego fixo se manifesta mais fortemente, é no imaginário delas, as mulheres, companheiras e mães, pois são as que mais anseiam por estabilidade financeira na vida.

Para os jovens, o ideal, em seus discursos, é estudar, concluir o ensino médio, ter um emprego fixo e sustentar sua família (mulher e filhos). Este é o discurso organizado que eles externam. Contudo, seu cotidiano indica que lhes é mais prazeroso e eles se sentem mais à vontade, em uma rotina em que trabalham por um período (dias, semanas ou poucos meses), conseguem um dinheiro para seu sustento e passam outro período, por menor que seja, nas ruas, com seus amigos. Quando são solteiros ou sem filhos assumidos, este dinheiro é apenas para se divertirem no final de semana. São capazes de passar privações em casa de sua família para assegurar o dinheiro do lazer semanal, principalmente do dia de domingo, quando o movimento é maior. As mães se queixam: “Ele viu o nosso aperreio e não deu um centavo. Mas tinha dinheiro para ir pra festa no domingo”. Isto lhes dói, não foi com esta lógica que foram criados, pensam elas.

Fiquei me perguntando o significado do trabalho para estes jovens, particularmente os homens, de quem neste momento tratamos.¹⁸ Percebi que aquilo que expressavam estava além da lógica de explicação predominante, segundo a qual a falta de emprego justifica totalmente este “nada fazer” em alguns momentos. Mas há outros valores que orientam esta postura diante da vida. Foi conversando com senhores maduros e pais de jovens, que consegui compreender o ambiente de certa mobilidade em que foram criados, os pais e os filhos, atuais jovens do bairro. A realidade rural é muito dura, mas eles, com suas pequenas roças, não eram empregados de ninguém. Os horários, os tempos, eram definidos pelas exigências do plantio e da colheita. Esta lógica, de certa maneira, ainda se faz presente dentre os senhores pais, e de algum modo, se presentificou na educação dos seus filhos, os jovens de hoje. Embora sem o trabalho da roça ou com uma pequena presença dele em suas vidas, o trabalho feito por *bicos* segue alguns destes parâmetros e mantém a lógica, em certo sentido.

Os jovens que estão na lógica tradicional do trabalho procuram e desejam um emprego fixo. Alguns destes já tiveram experiências de emprego em empresas, como carregadores, serventes de pedreiro e outros serviços que não exigem qualificação, mas dificilmente com carteira de trabalho assinada.

¹⁸ O trabalho feminino será abordado no capítulo IV, quando serão tratadas as formas de viver a maternidade e paternidade juvenis.

É estranho para muitos jovens “dar expediente”, cumprir rígidos horários, a não ser que seja por pouco tempo. Trabalho é *bico*, não é emprego. Muitos sequer sabem o que é o “trabalho-emprego”.¹⁹ Isto significa que a relação com o trabalho não está mediatizada pelo emprego e que não há distinção entre trabalho e *bico*.

Entre os jovens, não há um desejo nem um projeto muito evidentes de construir a imagem de trabalhador, no sentido clássico do termo, aquele que trabalha para ganhar seu sustento, lidador. A realidade de desemprego e a falta de perspectivas conduziu muitos jovens a colocar o emprego no plano do inatingível, por vezes, até do sonho irrealizável. A revolta contra esta situação é bastante visível entre seus pais, os adultos com mais de 35 anos, aproximadamente, que não conseguem estabilizar suas vidas com os trabalhos escassos ou com sua completa inexistência.

Até mesmo para viver de *bico* a situação está pior. Eles passam pelas ruas de outros bairros residenciais da mesma região se oferecendo para capinar quintais, cortar gramas, cuidar de jardins, mas a violência urbana está obrigando os moradores, que outrora lhes forneciam estas oportunidades de serviço, a fecharem as portas. Hoje é perigoso permitir que um estranho entre em casa para serviços como cortar grama, pois tudo tem acontecido - roubos, assaltos, seqüestros. Assim, a situação se torna ainda mais penosa para a procura de algum *bico*.

Quanto mais velhos, mais indignados, pois alheios à lógica do emprego sem estabilidade ou à vida sustentada por escassos *bicos*.

Os jovens cresceram com esta realidade se forjando e, embora não tenham assimilado a complexidade das regras e valores que norteiam atualmente o mercado formal de trabalho, os fatos não lhes parecem tão estranhos. Contudo, ao mesmo tempo, ter a carteira de trabalho assinada ainda é uma referência de trabalho, sinônimo de estabilidade e segurança. É um valor.

Bico tem o mesmo significado de *biscate*. *Bico* pode ser entendido, dentre suas diversas conotações, como “pequenos ganhos avulsos e/ou tarefa ocasional que os possibilita; biscate, gancho, galho, viração”.²⁰

¹⁹ Ao perceber isto, lembrei-me de uma cena do filme “Cidade de Deus”, produção baseada no livro de Paulo Lins, quando um personagem, um jovem da favela, pergunta a outro personagem: “Como é trabalhar?”

²⁰ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986, p. 225.

A etimologia destas palavras nos leva a uma constatação interessante. A palavra *biscate*, que, como *bico*, significa “trabalho de pouca monta”,²¹ surge em 1899, portanto, logo após a abolição da escravatura, quando a estrutura econômica e social do Brasil começava a assumir outros contornos e direcionamentos, agravando-se pelo fato de que a libertação dos escravos não significou para eles oportunidades de emprego. Viver de *bico* ou de *biscate*, na periferia das cidades, é algo comum, desde que as periferias existem enquanto tal. Todavia, não era comum a predominância desta forma de trabalho ou a escassez de oportunidades para realizá-lo; estas resultam dos crescentes e violentos processos de desemprego por que atravessa o país.

O termo *bico*, no sentido de “pequenos ganhos avulsos”, também é utilizado por trabalhadores assalariados que desenvolvem alguma atividade esporádica, além do trabalho rotineiro, como forma de suplementação da renda familiar. Isto era freqüente entre os assalariados no bairro, os quais recebiam (e ainda recebem) o salário mínimo, reconhecidamente insuficiente para o sustento de uma família. Também era relativamente comum viver apenas de *bico*. Estranho, difícil e penoso é viver apenas dele sem nenhuma constância na oferta dos serviços. Por isto eles se referem a um tempo de “serviço certo”, “trabalho certo”, referindo-se àquele ou àquela “freguesa” já antiga, àquele *bico* que executavam em um período certo, como o cuidado com determinado jardim e os reparos na manutenção de uma casa.²²

Há ainda uma outra atividade realizada por alguns, que começa a ser chamada de trabalho: os roubos e os furtos. São os próprios protagonistas que denominam estas atividades de trabalho, entendendo-as como “ganha pão”, “fontes de renda”, que permitem sustentar a si e à sua família.

²¹ Antônio Geraldo da Cunha, *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982, p. 112.

²² Nem o *bico* nem o *biscate* são especificidades brasileiras. Com as devidas particularidades e, por vezes, grandes diferenciações, eles existem em outras sociedades. Em seu livro *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*, José Machado País faz uma análise bastante original de certas formas de trabalho desenvolvidas por alguns jovens portugueses, as quais não são reconhecidas e tampouco incluídas nas metodologias tradicionais de pesquisa sobre mercado de trabalho. Dentre elas estão os biscates e, no contexto da sociedade portuguesa, alguns ganchos, onde se incluem certas formas de trabalho ilícito. Joffre Dumazedier, nos seus estudos sobre o lazer, em *Sociologia empírica do lazer*, faz uma discussão interessante sobre o *bico* (*moonlighting work*) e o *biscate* (*bricolage*) nas sociedades francesa, soviética (à época) e norte-americana, onde ambos são realizados para ocupar o tempo livre resultante da atividade laboral principal, com o intuito de complementar a renda.

Alguns moradores começam a usar o termo trabalho neste sentido também, embora o façam com ressalvas, sempre adicionando a justificativa “como eles mesmos chamam”, atribuindo aos membros das gangues ou criminosos isolados a aplicação do termo.

Embora dentro da contravenção, estas atividades são bastante rentáveis e há esquemas complexos de funcionamento, pois os que cometem os roubos ou furtos vendem as mercadorias para outros, que as revendem para os consumidores ou para outros atravessadores. Há, inclusive, roubos por encomenda, seguindo estas estratégias de organização. Assim, são numerosas pessoas que sobrevivem deste tipo de atividade.

Por fim, é importante destacar que, de maneira geral, são muitas histórias e trajetórias de vida, e nelas há muitos jovens que cresceram sem referências de pai. Criados pela mãe ou avó, sozinhos ou com seus irmãos, cedo aprenderam que pai pode ser ausência. As idéias de pai foram se constituindo no contato com seus colegas de rua, principalmente, ouvindo suas histórias, observando experiências. Esta observação não quer negar outros modelos de família que não o modelo tradicional, formado por pai, mãe e filhos. É possível viver o espaço familiar de outras maneiras. O que esta observação traz para a reflexão é que seus espaços familiares não lhes possibilitaram a construção de modelos positivos de pai. Nestes casos, freqüentemente o pai é aquele malquisto, mal-afamado, de quem apenas se fala mal, quando se fala, pois é comum este ser um assunto impróprio na família.

Sob essas circunstâncias, há jovens que construíram imagens de paternidade a partir da negação do que vivenciaram com os seus pais ou com sua ausência. Estes, sabem dizer o que não querem ser como pais, não querem ser autoritários, nem abandonar os filhos, nem ser ausentes na sua educação, é o que dizem, embora pouco saibam dizer sobre como querem ser pais, e quando têm filhos, sabem dizer menos ainda, enfatizam apenas a necessidade de sustentar sua família.

Nas suas buscas e inquietações quanto ao trabalho, também enfrentam diversas dificuldades. Muitos deles não aprenderam nenhum *fazer*, freqüentemente ensinado pelo pai (biológico ou de criação), prática que é muito comum entre eles. Os exemplos da mãe não podem seguir, pois são geralmente empregadas domésticas. É na rua, com seus colegas, que eles vão aprendendo algumas habilidades. Aprendem *fazeres* diversificados, e vão se tornando um pouco de cada profissão, eletricista, auxiliar de pedreiro, pedreiro, carregador, sempre ofícios que não requerem qualificação formal.

Se continuam na escola, vão avançando em direção a um certificado de ensino médio. Mas isto é difícil, geralmente eles param no ensino fundamental e, em grande parte das vezes, sem concluir-lo.

Mesmo com processos de educação informal distintos em alguns aspectos, no que se refere ao trabalho, submetem-se à mesma diversidade de situações que os demais jovens e adultos estão enfrentando.

Em tal contexto, a imagem de homem provedor tem sofrido abalos, embora estes abalos pouco repercutam na sua autoridade de chefe de família. Ainda que a mulher sustente a casa, o seu trabalho é tido, inclusive por ela mesma, como “complementar” à renda familiar. São as mulheres, as companheiras, que estão, gradativa e rapidamente, assumindo os encargos de sustento do lar. Há situações em que isto as reveste de certa autoridade, mas não são as situações mais comuns, mesmo diante de um agravante da vida familiar - o alcoolismo masculino.²³

O alcoolismo como marca

O alcoolismo masculino não é um problema recente e não causa surpresas. Em pesquisa realizada por Matos, analisando os discursos médico e musical entre 1890 e 1940, particularizando a cidade de São Paulo, foi evidenciada a antiga preocupação dos governos, reforçada pelos discursos médicos de então, com o alcoolismo, particularmente nas camadas populares. O enfoque se dirigia aos homens, chamando-os às suas responsabilidades conjugais e familiares, vivificando a imagem de homem pai e provedor.²⁴

²³ Parece que para os jovens há um “que fazer?”, cuja resposta não se limita aos estudos ou à conquista de um emprego. A realidade dos homens adultos, quanto ao trabalho, se estabelece entre ter e não ter trabalho, mas entre os atuais homens jovens, há indícios de outras configurações. Ao trabalho se agregam outros elementos e modos inovadores de combinar alguns fazeres da vida. Uma destas combinações se torna perceptível por meio de certas formas de “trabalho-lazer” que os jovens estão começando a instituir, como é o caso dos DJs (“disk jockeys”, discotecários) de *reggae* e dos MCs (“master of ceremonies”, cantores de *rap*) que se utilizam do próprio trabalho como um lazer (ou do lazer como um trabalho). Igual acontece com os grupos de *rap* (*rhythm and poetry*), que realizam simultaneamente o trabalho remunerado, o lazer e um trabalho de conscientização política de jovens. Esta articulação, ainda incipiente, mostra as possibilidades de ser extrapolada a lógica que rodeia a vida dos jovens, geralmente circunscrita ao estudo ou trabalho, e onde o lazer se insere apenas como forma de ocupação do tempo livre. O tempo dos jovens, mostram eles, pode ser preenchido de outras formas, que não estão restritas ao trabalho ou ao estudo, pois muitos deles não querem nem uma coisa, nem outra. Referidas experiências, inclusive, retiram o lazer da condição periférica e das formas convencionais com que é institucionalizado, podendo, até mesmo, assumir uma posição de maior centralidade nas suas sociabilidades.

²⁴ Maria Izilda Matos, *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*, São Paulo, Nacional, 2001.

É freqüente a mulher ser culpabilizada pelo alcoolismo do seu companheiro, pois significa falta de atenção, falta de cuidado, falta de zelo para com o companheiro. Mulher tem que ser compreensiva e paciente, senão o homem vai procurar outra ou sair para beber com os amigos - esta é a compreensão geral e também a orientação de mães para filhas. Há, contudo, aquelas que conseguem alertar as filhas contra os riscos do alcoolismo, apoiando-as inclusive a não permanecerem ao lado de um companheiro alcoolista, caso isto esteja inviabilizando a vida familiar. Mas, em sua maioria, mesmo porque não encontram outras saídas, elas se sujeitam. Não é, contudo, uma sujeição passiva, há aquelas que recorrem a certos artifícios, como dar para o companheiro, escondido, remédio contra o alcoolismo. Utilizam um medicamento alopata chamado “Álcool Stop” e dizem que surte um bom resultado. Pelo menos por um determinado período eles não bebem. O problema é o preço do medicamento, por vezes de difícil acesso a muitas mulheres.

O alcoolismo é um problema grave e atinge muitas famílias. Tanto jovens quanto adultos, os homens encontram-se com seus amigos para beber. Aí ameaçam seus casamentos, pois gastam o que não podem e não têm, e chegam a extremos, como bater nas suas mulheres. É considerado menos ruim quando o homem bebe e “fica manso”. Homens alcoolistas são fato tão comum que chega a ser considerado, entre os moradores, um golpe de sorte uma mulher casar-se com um homem que não bebe. Independente do que ele faça, já é tido como “um homem bom”, pois “não bebe e não bate na mulher”. Se ele “dá tudo pra ela”, no que se refere ao seu sustento, ele é, *a priori*, considerado “um excelente marido”.

O bar é um ambiente mais freqüentado por homens e mulheres de idade superior a 25 anos. Os jovens freqüentam bares, mas não são uma presença muito constante e a razão é simples: eles têm pouco ou nenhum dinheiro para bebida. A partir de quinta-feira é mais fácil encontrar alguns poucos jovens homens em bares, mas é sábado e principalmente domingo que eles estão nos bares e festas. Passam a semana conseguindo dinheiro, cada qual à sua maneira, para se divertirem sábado e/ou domingo. Nos dias restantes, é comum vê-los sentados nas esquinas, em grupos de cinco, seis, ou grupos maiores, conversando, fumando um “baseado” (cigarro de maconha).²⁵

²⁵ Custei muito a localizá-los em seus lazeres e fazeres fora das festas de sábado e domingo. Não os encontrava nos bares, via poucos deles pelas ruas principais e avenidas, e sabia que não estavam em casa. Até que resolvi sair dos possíveis lugares de diversão e percorrer a esmo várias ruas do bairro, ruas menos movimentadas, algumas muito mal iluminadas e perigosas, e os encontrei, em pequenos grupos. Estes percursos, fi-los algumas vezes acompanhada por um antigo morador, que me ajudava como “guia” e uma vez, por um jovem do bairro.

As jovens de até 23 anos, aproximadamente, também não são muito presentes nos bares, pois seus namorados encontram-se na situação acima descrita e, quando casadas, já estão com filhos para cuidar.

Seja fora do bar ou somente aos (longos) finais de semana, os homens iniciam muito cedo o hábito de beber, por volta dos 13, 14 anos. Suas namoradas se queixam de suas bebedeiras e dos amigos que os levam a beber, mas suportam, dizendo: “É assim mesmo, o que que a gente pode fazer?”. Algumas acham que depois de casadas “eu ponho ele nos eixos”, mas a maioria, pelo que vê em casa ou ao redor, é convicta de que “depois que casa é pior, porque a gente tá com filho e eles larga a gente aí”.

Muitos justificam a ida ao bar e o alcoolismo pela sua situação de desemprego, principalmente os casados, alegando que bebem para esquecer os seus problemas, e esta é uma atitude tida como tipicamente masculina e justificada porque “são homens”, como se o fato de serem homens os isentasse de culpas e responsabilidades quanto à relação com a bebida alcoólica. Embora não traga resultados agradáveis, pois eles se embreagam e, muitas vezes, se tornam violentos, o alcoolismo vai sendo, mesmo de forma ambígua e em meio às lutas das mulheres, relativamente aceito e tido como normal. Por vezes, ocorre de ele ser causa da separação de casais, quando a embriaguez potencializa a violência de certos homens e eles batem nas suas mulheres. De maneira geral, à exceção de pais ou irmãos das mulheres vítimas da violência,²⁶ os homens apóiam-se mutuamente na postura de beber, inclusive incentivando uns aos outros a seguirem com o hábito. As mulheres lutam contra o alcoolismo de seus companheiros, mas se vêem muito impotentes diante do fato.

É na rua que os homens desenvolvem suas relações de amizade e de trabalho, e o bar é um destes sítios. Apesar de ser espaço, por excelência, de incentivo ao alcoolismo, o bar tem outras funções sociais, pois serve de espaço para a vivência da solidariedade masculina, como bem sugerem Mayol²⁷ e Matos.²⁸ Não se trata do bar de grande público, trata-se aqui do pequeno bar, que por vezes é também uma pequena mercearia ou tem uma mesa de sinuca. No Satélite, este não é um lugar muito freqüentado por mulheres, não são comuns suas presenças, a não ser quando vão chamar alguém ou fazer uma compra rápida. Este pequeno

²⁶ É interessante observar que, quando as mulheres casam, perdem a proteção dos pais e dos irmãos nos assuntos ligados à sua honra e, portanto, livram-se do controle deles sobre sua sexualidade (que é onde está centrada a honra feminina); mas, se sofrem violência do marido, contam com a proteção deles, na luta por preservar sua integridade física.

²⁷ Pierre Mayol, Morar, in Michel de Certeau, Luce Giard e Pierre Mayol. *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*, Rio de Janeiro, Vozes, 2003, p.57.

²⁸ Maria Izilda Matos, *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*, São Paulo, Nacional, 2001, p. 99.

bar, também conhecido como botequim, é palco de conversas, de desabafos, de histórias, de fofocas, de brigas também. Isto significa compreendê-lo no contexto das sociabilidades dos homens do bairro, ao invés de ter para com ele a atitude apriorística de condenação. Ao se constituir espaço para conversas sobre vidas pessoais e vidas do bairro, ele favorece também as discussões e reflexões acerca de normas e comportamentos sociais, ainda que, comumente, contribua para o julgamento e condenação dos que infringiram regras de convivência social.

Nas reflexões de Mayol, na “organização sexuada do espaço público”, o bar, destinado aos homens, é um espaço ambíguo, pois propicia o alcoolismo ao tempo em que é “altamente tolerado por ser a ‘recompensa’ de um dia de trabalho”,²⁹ ou, no caso de muitos moradores do Satélite, de um dia de tentativa de trabalho.

As fofocas no bairro: entretenimento e controle

As fofocas são comuns no bairro e, embora sejam atribuídas somente às mulheres, são feitas por homens e mulheres, em seus diferentes espaços de vivência. Os homens fazem as fofocas nos bares, onde estão tomando a cachacinha e nas esquinas e calçadas, onde jogam dominó, baralho e dama. Nestes jogos permanecem horas, principalmente à noite, sem camisa, refrescando-se do calor.³⁰ Dali acompanham o movimento das ruas e a vida de todos. As mulheres fazem suas fofocas principalmente em casa, com vizinhas e parentes cuja casa freqüentam. Mas fazem-nas também nas filas de hospital e nas feiras.

As fofocas têm um significativo valor como “entretenimento”, tal como sugerem Elias e Scotson,³¹ além de ocupar e servir de socialização, pois aproximam as pessoas por meio de comentários sobre suas vidas. Referidos autores, no entanto e oportunamente, alertam que a função integradora da fofoca requer ressalvas, pois “pode facilmente sugerir que ela é a causa

²⁹ Pierre Mayol, Morar, in Michel de Certeau, Luce Giard e Pierre Mayol. *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinar, Rio de Janeiro, Vozes, 2003, p.57.*

³⁰ O hábito de jogar é bastante antigo em Teresina, como explica Araújo, ao analisar os costumes dos teresinenses. No final do século XIX, diz a autora, com a pretensão de “enquadrar o homem pobre nos limites da ordem, na sociedade para o trabalho”, o jogo chegou a ser considerado um “hábito detestável, espécie de vadiagem que degenera a sociedade” e passou a ser visto como algo praticado apenas pelas camadas populares, o que não corresponde à verdade. Maria Mafalda Baldoño de Araújo, *Cotidiano e pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina (1877-1914)*, Teresina, Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995, p. 75 e 74, respectivamente.

³¹ Norbert Elias e John L. Scotson, *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000, p. 122.

cujo efeito é a integração".³² O sentido que estou dando à fofoca, todavia, no que respeita a esta acepção, é de instrumento de integração, ou seja, ela não é a causa em si da própria integração social, mas a ela serve enormemente.

O lado negativo da fofoca, e o mais evidente, é que ela pode, e geralmente o faz, denegrir imagens, criar fatos, promover cisões, mágoas, desentendimentos. Todavia, mesmo em seu lado negativo, a fofoca aparece, concomitantemente, como um instrumento de reprodução de valores e normas, ao se constituir uma forma de avaliação e de julgamento, em geral seguida de sanções. É também por estas vias, aparentemente inofensivas, mas bastante fortes e eficazes, que há lutas e garantias de formas modelares de comportamento. Neste sentido, recorremos a Fonseca³³, que vai apontar a "função educativa da fofoca", pois serve de exemplo de erros e acertos, e um exemplo é melhor fixado pelo ouvinte que um discurso cansativo sobre as normas vigentes. As conversas de pais e mães com seus filhos jovens é uma expressão disto, onde "casos" de outros jovens são contados repetidamente como exemplos de comportamentos que devem ou não ser adotados.

Eles comentam sobre o trabalho dos seus amigos e vizinhos, as melhorias ou decadências na vida das pessoas do bairro, acontecimentos familiares, principalmente os desentendimentos que ocorrem no interior das famílias, diante dos quais, avaliam e julgam o desempenho, o comportamento, a postura de pais e mães, de filhos, dentre outros aspectos.

A fofoca das mulheres trata de assuntos mais íntimos, pois elas sempre têm mais acesso que os homens aos detalhes que abrangem a intimidade dos envolvidos, por duas razões básicas. Uma, mais óbvia, refere-se ao acesso que efetivamente têm a estas minudências (quase sempre determinantes), pois são elas que vivem mais intensamente o ambiente doméstico, onde a intimidade melhor se revela. A outra refere-se a uma reconhecida sensibilidade para perceber e transitar por estes assuntos domésticos.

Há diferenças em alguns conteúdos, mas a fofoca ocorre entre todos, adultos e jovens, homens e mulheres. Em algumas conversas, homens (adultos e jovens) demonstraram grande conhecimento da vida familiar ou particular de alguém. Uma das diferenças reside na fonte de informação e nas percepções distintas entre homens e mulheres. Os homens não são muito afetos a falarem de si mesmos, à diferença das mulheres, que gostam e preferem falar de si, de suas experiências pessoais, de seus sofrimentos, de suas angústias. Assim, pela roda das

³² Norbert Elias e John L. Scotson, *Os estabelecidos e os outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000, p. 129.

³³ Claudia Fonseca, *Família fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*, Porto Alegre, UFRGS, 2000, p. 42.

mulheres passam também depoimentos e comentários com os detalhes vindos a partir de como as pessoas envolvidas se sentiram diante de tal ou qual episódio. No comentário dos homens, a ênfase é o fato e o comportamento que cada um foi adotando, haja vista sua maior dificuldade e resistência em falar de suas próprias subjetividades.³⁴

Desta forma, é mais fácil e mais enfatizado por elas o conteúdo que atravessa as subjetividades. Por exemplo, diante de uma jovem solteira grávida, o comentário abrange o fato da gravidez e os que dele participam, mas envolve também todo o sofrimento que elas julgam saber que aquela jovem vai passar, pois sabem o que é cuidar de uma criança, já que esta é uma responsabilidade sua. Sabem explicar (e comentar) melhor que ninguém, o que é ser apontada, ser discriminada, lutar sozinha, buscar um companheiro já tendo filhos para criar.

Eles, sejam jovens, sejam adultos, diante do mesmo fato - a gravidez de uma jovem solteira - comentam o comportamento da jovem, o comportamento e educação da família da jovem, o fato de ser “mais uma abandonada porque não soube se cuidar”. Comentam os filhos que aquele homem, adulto ou jovem, tem com outras mulheres, muitas vezes admirando suas proezas. Comentam sobre as mulheres em seus dotes físicos. Quanto mais jovem o grupo de conversas, mais os comentários tendem à pilharia.

Entre os homens jovens, a ênfase reside no que entendem ser vantagens: quantas namoradas têm naquele momento, quantas já tiveram, o que fizeram com as namoradas (embora maior riqueza destes detalhes fique para as mulheres, quando conversam entre si), comentam atos de bravura e outros feitos. E aí, em meio a estes temas, envolvem pessoas, as mulheres principalmente, exaltando-as ou difamando-as. Por vezes, nada aconteceu entre o jovem e sua parceira de festa, mas como ele precisa ter o que contar, inventa, e junto com a invenção, geralmente, infama alguém.

Para as mulheres, o efeito do comentário é contrário, pois, se divulgam a intimidade do que vivenciaram com seu parceiro, o depoimento se volta contra elas, são elas que fornecem o conteúdo para sua própria difamação. Entre as mulheres jovens, os temas

³⁴ Não é intenção deste trabalho abordar as possíveis explicações para as diferenças entre habilidades de homens e de mulheres, se resultam das formas como são socializados ou se (também) resultam das peculiaridades do ser homem e do ser mulher. Contudo, é conveniente lembrar Simmel, quando afirma diferenças básicas entre o ser feminino e o ser masculino, argumentando que estas se manifestam desde a estrutura psíquica às expressões físicas. Assim, não se trata de a mulher querer fazer igual ao homem, trata-se de ela ser reconhecida e respeitada fora dos parâmetros construídos sob a hegemonia masculina. Ou seja, a objetivação do ser feminino não pode se realizar sob os parâmetros da objetivação do ser masculino. Cf. Georg Simmel, *Cultura femenina* (1911), in *Cultura femenina y otros ensaios*, Barcelona, Alba Editorial, 1999, p. 175-222.

preferidos para comentários são a vida sexual de colegas, as maneiras de namorar, os galanteios e elogios recebidos, e temas afins. Ao comentar maliciosamente as experiências afetivo-sexuais de colegas, elas participam, com minúcias, da infamação de alguém.

Uns centrados em aparentes objetividades, outras em subjetividades, importa que ambos, homens e mulheres, fofocam, e suas atitudes têm repercussões na vida pessoal dos sujeitos, seja enaltecedo uma ação cometida, seja abalando sua imagem e atingindo sua honra (de homem ou de mulher).

O casamento e os seus significados

Para os moradores do bairro, o casamento não tem apenas sentido moral; tem também sentido legal, de garantia dos direitos e das obrigações do homem e da mulher. Entre as mulheres, o casamento ainda é uma segurança, mesmo cientes de que os casamentos podem ser desfeitos a qualquer momento e de que legalidade não é sinônimo de solidez e durabilidade da relação. O casamento como legalização de obrigações afasta muitos homens, e quanto mais jovens menos se dispõem a casar-se.

A despeito da precariedade das condições de vida, o casamento entre eles é motivado pelo vínculo afetivo e por interesses morais e materiais; estes, à medida da contextura em que estão inseridos.

Não é de se estranhar o desgosto de alguns pais e mães quando a filha casa ou engravidia de um homem desempregado; nem são incomuns os incentivos para que o filho ou a filha se case com determinada pessoa, tida como de “boa família”, o que significa família moralmente respeitada e, por vezes, com melhor situação financeira; tampouco é extraordinário que algumas jovens prefiram casar-se com traficantes do que com um desempregado permanente. As mulheres dos traficantes gozam de certo conforto, apesar da vida de sobressaltos e riscos.

O interesse das mulheres em se casar com quem tenha condições de lhes dar sustento é explícito; afinal, na divisão sexual dos papéis sociais, a elas compete cuidar da casa e dos filhos. Entretanto, o agravamento da situação de desemprego, a perspectiva de maior independência das mulheres, dentre outros fatores, têm conduzido as mulheres a reduzir a importância deste critério na escolha do seu companheiro.

Outro exemplo de que o casamento entre populares, especificamente no Satélite, não resulta apenas de afinidades afetivas são os enlaces que acontecem entre homens e mulheres com mais de 65 anos, quando se vêem sozinhos, por viuvez ou por separação. Os homens, particularmente, têm muita dificuldade de enfrentar a solidão, e mais ainda na velhice; por esta razão, eles são os que mais se interessam em novas uniões nesta fase da vida, com a expressa e assumida intenção de ter quem cuide deles. As mulheres, quando viúvas ou separadas, vivem geralmente em companhia de filhos, mais freqüentemente estes morando em sua casa.

O casamento é um contrato que pressupõe um homem provedor e uma mulher dona de casa, mãe e fiel. Observa-se, contudo, principalmente entre os casais mais jovens, que o homem está fragilizando sua função de provedor e ela está fragilizando a prerrogativa de mulher fiel. Por vezes, a primeira situação implica a segunda, mas, em certos outros casos não. Ou seja, as lógicas que podem estar regendo estas mudanças não resultam de simples relações causa-efeito. Muitas mulheres já não se acomodam com um marido que lhes seja apenas provedor; querem atenção, carinho, compreensão, na mesma medida em que dão. A traição deles nem sempre é tão facilmente aceita e esquecida. Dentre os casais jovens, com a idade entre 25 e 29 anos, é mais fácil perceber estas mudanças.

Entre os moradores, casar ou viver junto é, aparentemente, a mesma coisa; usam o termo “casar” para as duas situações, mesmo porque a ampla maioria vive em união consensual ou coabitacão, isto é, não é legalmente casada. Contudo, quando conversam com estranhos ou quando há necessidade, eles estabelecem a diferença, usando os dois termos para as distintas situações a que se aplicam. Embora não seja muito evidente, há uma distinção real por eles estabelecida, pois o casamento legal ou religioso é mais respeitado que a união consensual, ou seja, a legalidade do casamento e os rituais que o envolvem fazem diferença na imagem de um casal, entre os moradores. Esta distinção se acentua entre os mais velhos, muitos dos quais casados legalmente, que dizem com muito orgulho que são “casados na igreja e no cartório”. Contam com alegria o dia de seus casamentos, mas não desmerecem os que “vivem juntos”.

A união consensual, ao contrário do casamento, pressupõe maior facilidade de separação, ainda que também implique os mesmos compromissos assumidos no casamento, como eles mesmos relatam. Os parceiros em união consensual sentem-se mais livres e isto para uns é muito bom, notadamente os homens, mas para as mulheres é ameaçador, pois

representa a continuidade da insegurança de solteira na vida conjugal, segundo suas percepções.

Afora a expressão “viver junto”, também é comum ouvir-se “estar amigado/a”, “se amigou”, com o mesmo sentido.³⁵

“Fugir” era uma prática muito conhecida entre os casais mais antigos do bairro. Há muitos relatos de casais que “fugiram” e depois se casaram. Elas fugiam muito jovens, com 15, 16 anos. Diferentemente, a idade dos homens era variada, mas superior a 20 anos de idade. Fugir e casar em seguida era um desgosto temporário para os pais, pois viam a filha se casando muito cedo ou de uma forma não convencional, mas isto não maculava a honra da família, visto que o casamento reparava o erro e restituía a honradez. Ou, nos dizeres de Stolcke, ao analisar a sedução como afirmação da virilidade em Cuba, “o jovem desonrava sua noiva precisamente para poder devolver-lhe a honra depois”.³⁶

As “fugas” ocorriam quando os pais não entravam em acordo com os filhos quanto à data do casamento, que estes reivindicavam acontecer mais cedo. Também resultavam de namoros escondidos, quando os namorados eram muito jovens e não tinham autorização dos pais para isto ou quando o namoro era proibido por outras razões. Em geral, estas proibições eram estabelecidas pela família da jovem.

Hoje, com 55 anos de idade e acima, as mulheres justificam estas fugas pelo fato de que “o homem tava apressado pra casar”, e porque elas desde cedo começariam a cuidar de suas próprias casas.

Há, dentre eles, os que se casaram na data prevista e acertada por suas famílias. Mesmo nestes casamentos, há uma grande incidência de casos em que as mulheres se casaram entre 15 e 17 anos de idade, ao que seus depoimentos apontam.

Dentre os mais velhos, não há só alegria no relato sobre seus casamentos. No seu tempo, seus pais escolhiam seus pares em grande parte das vezes, o que é mais uma demonstração de que o casamento entre pobres não é orientado apenas pelos sentimentos, mas também por interesses materiais ou morais. Acontecia também de eles começarem a namorar e o pai da jovem pressionar logo o namorado a agilizar o casamento, principalmente se ela já

³⁵ Para efeito deste trabalho, denominarei de “casados/as” todos/as que estejam vivendo juntos, em união consensual ou legal, e especificarei “legalmente casados/as” quando a situação o exigir, procurando respeitar as diferenças que eles estabelecem.

³⁶ Verena Stolcke, *Racismo y sexualidad en la Cuba colonial*, Madrid, Alianza Editorial, 1992, p. 174.

estava com 18, 19 anos.³⁷ Julgavam os pais que o casamento ideal deveria acontecer aos 20 anos. No bairro, até hoje se mantém a idéia de que até os 20 anos a mulher tem que casar. Há os que pensam diferente. Há algumas (poucas) jovens mulheres que pensam em concluir os estudos, se profissionalizar, ter um emprego. Há pais que desejam que suas filhas, pelo menos, concluam os estudos antes de casar-se. Mas no seu imaginário a referência de até 20 anos ainda é muito forte.

Hoje, há jovens que dizem que é melhor casar com 20, 22 anos, até mesmo com 25 anos, mas quando chegam aos 18 anos e ainda não têm um namoro com perspectivas de casamento, preocupam-se, desesperam-se. Para homens e mulheres jovens, a mulher depois dos 25 anos, aproximadamente, já está bastante adulta e, se estiver solteira e sem filhos, é uma “solteirona”, não entendido o termo como mulher que não casou (ainda) ou como simples feminino de “solteirão”, mas no sentido pejorativo, com o significado de ser alguém que nenhum homem quis. Os mais velhos, todavia, chamam apenas de “moça” às mulheres que se encontram nesta situação.

Aos 30 anos a mulher solteira é uma “coroa”.³⁸ Este termo é usado por muitos jovens, principalmente entre as mulheres. Após os 40 anos, chamam a mulher solteira e sem filhos de “moça velha” e aqui há um certo consenso, pois o termo passa a ser usado por todos, de todas as idades. Significa então que o valor atribuído a esta faixa de 18 a 22 anos para o casamento é uma forte pressão social para as jovens, e se mantém bastante vivo nos dias atuais. Mas não se trata só disto, pois se a mulher tiver filhos, ela não recebe nenhuma dessas formas de tratamento, chamam-na apenas de “mãe solteira”, termo que, apesar de tantos significados depreciativos, denota mulher que já foi desejada ou até mesmo amada, pelo menos uma vez. Viver na condição de “solteirona”, “coroa” e “moça velha”, todas consideradas mulheres que “nunca tiveram um homem”, é tudo o que as mulheres do bairro não querem para si. Esta é outra forte pressão para que se casem ou, pelo menos tenham filhos, mesmo solteiras.

Fonseca, em pesquisa realizada em vilas de baixa renda, em Porto Alegre, afirma que o casamento, além da segurança material, é busca de

certa satisfação afetiva [...] [e de] um status respeitável. [...] Ademais, a mulher sem marido perturba a paz da comunidade; ela desafia a virilidade dos homens e atiça o ciúme das

³⁷ Segundo Quintaneiro, no séc XIX, a beleza da mulher era considerada em período áureo entre os 13 e os 17 anos, sendo seu completo apogeu aos 18 anos, após o que se iniciava seu declínio. Tem, portanto, origens longínquas estes costumes. Cf. Tania Quintaneiro. *Retratos de mulher: cotidiano feminino no Brasil sob o olhar de viageiros do século XIX*, Petrópolis, Vozes, 1995, p. 200-201.

³⁸ No caso do homem, é chamado de “coroa” após os 40 anos, quando separado ou solteiro.

mulheres.³⁹ A presença de um marido como tutor da sexualidade feminina resolve o problema.³⁹

Ou seja, o casamento é uma pressão social e mecanismo para uma convivência pretensamente harmoniosa entre os moradores, ao se colocar como forma de controle social da sexualidade.

Hoje, as mulheres mais jovens não se dispõem, tanto quanto as mais velhas, a manter um casamento sob quaisquer circunstâncias. As mulheres estão mais criteriosas e exigentes. O casamento para os mais velhos é uma sequência natural da vida, dá sentido para a vida, e este valor segue de geração a geração. Manter-se casado, portanto, é uma obrigação e uma necessidade, com ou sem amor. Uma moradora, casada há mais de 30 anos, bem expressa a sujeição ao casamento:

O que a senhora acha que é importante em um casamento? Para que um casamento seja bom, que coisas são necessárias? [após um longo silêncio, ela falou:] O importante que eu acho num casamento é as pessoas ficar junto, casar, né? É ter aquela responsabilidade e cumprir a responsabilidade do casamento até... o final que Deus determinar. Eu acho que o importante é isso, a responsabilidade.

O importante não é o amor, não é ser feliz, ser respeitado/a⁴⁰, ser compreendido/a, é cumprir com a responsabilidade, a qualquer custo. É uma obrigação até o fim da vida. O mesmo raciocínio se aplica aos filhos, quando muitas mulheres dizem que a expectativa que têm para com os filhos é de que cresçam e um dia acabe o trabalho que eles lhes dão, movidas por uma nítida idéia de dever cumprido, fim da sua árdua missão. Isto é a vida, para a maioria delas.

Ao desejarem que os filhos estudassem e conseguissem empregos melhores que seus pais e mães, não pensaram em novas maneiras de lidar com o casamento dos filhos. Casamento e filhos acontecendo depois da profissionalização e do emprego ficou no discurso, mas suas práticas e seus ensinos transmitiam e transmitem a importância de não esperar muito para executar a função básica que a “vida” ou “Deus” destinou a todos, homens e mulheres: constituir família.

Enquanto para os homens, predominantemente educados para serem provedores, muito mudou na sua relação com o trabalho e no cumprimento de suas obrigações familiares, para as mulheres pouco mudou, pelo menos no que tange a suas obrigações, seus desejos e

³⁹ Claudia Fonseca, *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*, Porto Alegre, UFRGS, 2000, p. 32.

⁴⁰ Para não comprometer a estética do trabalho, poluindo-o visualmente, ao longo de todo o texto pouco utilizarei a variação “os/as”, que resguarda, em termos gramaticais, as diferenciações de gênero, posto que este recurso se faria necessário em muitas passagens do texto.

expectativas diante da vida. Casar e ter filhos ainda é o sentido maior de suas vidas, como fora para suas mães, avós, seguindo-se em escala ascendente.

Na vida conjugal, são as mulheres que têm que conhecer seus companheiros. Esta é uma obrigação delas. Embora elas se refiram à necessidade de serem compreendidas, principalmente as mais jovens, colocam-se sempre para compreender o outro; foram criadas para compreender e não para serem compreendidas; foram educadas para ter esta habilidade, embora esteja se despertando o desejo de que sejam correspondidas. Mas não sabem como adotar uma postura que leve a relação a maior equilíbrio neste sentido e nem têm exemplos nos quais possam espelhar-se.

As separações conjugais entre os moradores do bairro eram comuns e hoje o são ainda mais, ao que seus depoimentos apontam. Samara, pesquisando famílias no século XIX, desenvolveu uma análise que, resguardadas as diferenças, pode contribuir para a compreensão de certa lógica presente na atualidade. Segundo a autora, carinho e amor eram aspectos acentuados nos casamentos entre pobres e libertos (ex-escravos) e, provavelmente por esta razão, as uniões entre estes eram mais facilmente desfeitas, o que ocorria também por haver maior flexibilidade nos padrões de moralidade e pelo fato de que havia pouco a ser dividido, do ponto de vista material, à diferença dos casamentos entre ricos. Sendo assim, a repercussão da separação entre os pobres era menor, facilitando sua realização.⁴¹

Embora não seja possível analisar, neste trabalho, os fatores e as condições em que se realizam as muitas separações conjugais no bairro, pode-se afirmar que eles resolvem entre si, por vezes com ajuda de familiares, as separações com divergências e atritos, e quando as separações são amistosas, rapidamente a casa é desfeita.

O fato de que as separações possam ser finalizadas com brevidade não significa que não haja ou não possa haver prejuízos materiais. Quando eles se separam, costumam repartir os bens materiais conforme o nome do comprador constante nas notas fiscais. Assim, muitas vezes as mulheres ficam em desvantagem, pois, freqüentemente, são os homens que efetuam as compras. Atualmente, como as mulheres estão mais inseridas no trabalho remunerado, esta situação está começando a se inverter, principalmente nas separações entre casais de jovens.

Há muita revolta entre alguns homens, principalmente os mais velhos, quanto aos direitos adquiridos pelas mulheres diante das separações. As garantias legais que se

⁴¹ Eni Mesquita Samara, *As mulheres, o poder e a família: São Paulo, século XIX*, São Paulo, Marco Zero, 1989, p. 103.

estenderam às mulheres em regime de concubinato provocam nestes homens um certo sentimento de injustiça contra si próprios, pois, se as mulheres os traem com outros homens (esta é sua maior preocupação e maior motivo de vergonha), ainda assim, têm seus direitos assegurados, e isto para eles é humilhante.

Reafirmamos por fim, que, embora as separações sejam freqüentes, há muitos relacionamentos duradouros, principalmente entre os primeiros moradores do bairro, pois, quanto mais jovem o casal, mais facilmente se separa.

A família para os jovens

Para muitos jovens, viver com a família não é fácil, pois há uma série de imposições que os incomoda muito, como ter que estudar, ter hora para dormir, ter que dar satisfações. Mas sua grande queixa são as proibições de sair. Diz um estudante de 16 anos: “*É bom morar com a família?* É ruim, porque a gente só pode sair até tal hora, pra tais lugares. E se a gente é só, a gente podia ir para onde quisesse, com quem quisesse, na hora que quisesse.”

Vai se delineando, assim, um desejo forte de adquirir independência e sair de casa. Nas discussões com os estudantes somente duas alunas disseram ter aspectos positivos na vida familiar, mas não conseguiram citar nenhum, a única frase foi “Quando coincide de dar certo...”. Os demais só se referiram às cobranças e vigilâncias, como fatores negativos.

Em sua maior parte, eles vivem com a mãe. O pai pode ter abandonado a mãe grávida ou o casal pode ter se separado. Estas são as situações mais comuns. Dificilmente há os que moram com pai e mãe naturais juntos. Quando não vivem só com a mãe e os irmãos, vivem com a mãe, os irmãos e os avós (ambos avós ou um deles). O avô, nestas circunstâncias, é tido como pai. Outros vivem com a avó, chamada de mãe, ou com os avós, chamados de pai e mãe ou mesmo, “vô” e “vó”.

A mãe é a figura que, segundo eles, faz “a marcação cerrada” quanto aos estudos, aos passeios, aos namorados ou namoradas, embora o pai leve a fama e *status* de ter o maior poder sobre o comportamento dos filhos. Quase todos os jovens entrevistados, em grupo ou individualmente, afirmavam que tinham uma mãe muito durona. A postura do pai variava, porque eles têm diferentes vínculos e experiências com a figura paterna. Quando vivem com o pai, tem-no como aquele que mais lhes cobra o horário de chegada das suas diversões.

Observa-se que o poder não está concentrado na figura paterna, há uma certa distribuição, e as mulheres têm conseguido explicitar mais e melhor seus papéis de mãe e companheira, afastando-se da postura tradicional de submissão com que estes sempre foram conhecidos.

Ao estudar a moral dos pobres, Sarti estabelece uma distinção entre casa e família, estando a casa contida na família. A mulher é “chefe da casa” e o homem “chefe da família”, na relação desta com o mundo externo.⁴² No caso dos moradores do Satélite, embora ainda com exemplos e iniciativas muito tímidas, observa-se que as mulheres já se manifestam na resolução de problemas com o mundo da rua, sejam problemas de ordem material, sejam concernentes à honra de filhos e filhas. Em alguns casos, isto acontece quando elas assumem sozinhas, sem um companheiro, as responsabilidades da família, em outros casos, quando o companheiro se exime destas responsabilidades ou tem sua moral abalada para exercê-la integralmente, como é o caso de alguns alcoólicos. O contrário, contudo, não é verdadeiro, pois os homens continuam ausentes do mundo doméstico, da administração do lar, mesmo quando desocupados, por desemprego, o dia todo.

Nas unidades familiares formadas por mãe e filhos, a função do homem na estrutura familiar se presentifica pela falta que faz em alguns momentos. Quando os membros da família ou mesmo vizinhos e parentes afirmam “Só aconteceu isto porque não tem um homem em casa”, reiteram a necessidade de um homem para garantir a proteção moral e física da família. Portanto, também pela ausência o papel do homem na vida familiar vai se presentificando. Ainda há outra forma de presença, aquela feita por meio de um outro homem, que não o companheiro da mãe ou pai da prole. Quando vivem mãe e filhos, é comum o pai ou um irmão daquela mãe assumir a função de chefe de família, tomando decisões, aconselhando e assumindo a defesa da família em momentos necessários.

Assim, mesmo sem a convivência diária com uma presença masculina como autoridade familiar, a função de pai de família vai se esboçando no processo educativo dos filhos. O que lhes é pouco ensinado na ausência de um pai chefe de família é como exercer a autoridade, como garantir a proteção à família, como garantir o sustento. Neste aspecto, os jovens e as jovens ficam imaginando como deveria acontecer e apoianto-se nos exemplos de outros homens da família, nos vizinhos ou nos pais dos amigos.

⁴² Cynthia Andersen Sarti, *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*, Campinas, Autores Associados, 1996, p. 43 e *passim*.

Deste modo, a ausência se transforma em uma maneira muito peculiar e precária de presença, presença pela função social não exercida, mas cujo vazio lhe define contornos e formas de ser.

A família tem um sentido ampliado para os moradores, dela fazem parte o pai, a mãe, os filhos, os netos, genros e noras, os namorados/as e agregados/as. Até mesmo uma vizinha pode ser muito querida e considerada uma filha, por quem eles têm carinho, zelo, preocupação. Os laços mais fortes, entretanto, se restringem aos núcleos familiares ou àqueles que vivem ou viveram sob um mesmo teto. Junto a estes comportam alguns momentos de aproximação, como uma comemoração, uma visita para conhecer um recém-nascido. Junto a parentes mais distantes, mesmo sendo primos/as, tios/as, é menos comum, ainda que eles morem no mesmo bairro. Entre os jovens, principalmente, este não é um costume. Para eles, os parentes distantes são importantes quando, morando no interior, os hospedam e com eles se divertem.

A família, portanto, vai se formando e consolidando pelos laços de convivência, mais que pelos laços de consangüinidade.

É bastante comum viverem com a mãe e o novo companheiro da mãe, o qual nem sempre assume a função de pai, mas apenas de companheiro, com autoridade de chefe de família. A relação com ele em muitas vezes não é boa, mas quando é, eles não se ressentem da falta do pai, que freqüentemente se torna um ausente. Muitos inclusive lembram que o pai fazia sua mãe sofrer, por alcoolismo e por traição com outras mulheres. Eles acompanham, à sua maneira, em silêncio ou comentando, a história de vida de sua mãe, principalmente dela, que cuida deles e os sustenta. E sua história traz ensinamentos muito fortes, absorvidos de diferentes formas por filhos e filhas.

As histórias de abandono dos pais deixam revolta nos jovens, que vivem no anseio de que sua mãe não se entregue a outro homem que a abandone. Entretanto, aprendem que “homem é assim mesmo” e que são as mulheres que têm de se defender. Ou seja, a tristeza que sentem pela sua mãe é um incentivo para que ajam da mesma maneira com suas namoradas. Não pensam que não devem adotar este comportamento, abandonando sua namorada grávida ou sendo infiel à companheira, sendo alcoolista, não ajudando no sustento do lar. Eles têm nesta experiência exemplos de masculinidade, embora não julguem correto fazê-lo. Reforçam, em sua maneira de ser, a postura de que são as mulheres que têm que se cuidar, se proteger dos homens, porque homem “nasceu para fazer isto”. Mas seus comportamentos diante de suas mães é confuso, pois são gratos a elas e tentam protegê-las de

outras experiências infelizes. Não vêem como fazê-lo e, impotentes, traduzem sua preocupação na forma de pequenos cuidados, como ficar atento às atitudes do padrasto, ajudar a proteger as irmãs, ajudar em algumas tarefas de casa, quando a mãe solicita. Outros, tornam-se mais rebeldes e de difícil trato e, destes, muitos ganham cedo o mundo da rua. Há muitos que vêem esta experiência com certa naturalidade, entendendo-a como parte da vida. Mas todos, ao que os indícios apontam, tentam ir assumindo, aos poucos, uma certa autoridade masculina dentro da casa - ser um homem adulto neste momento, parece fundamental.

Nas jovens, as experiências afetivas de sua mãe despertam um certo temor por repetir aquela situação. Mas não compreendem muito bem o quê e o porquê das coisas que se passam ou se passaram. Então, se a mãe foi mãe muito jovem, casou devido a uma gravidez, foi abandonada pelo companheiro, a lição que elas registram é que devem ter cuidado ao escolher o companheiro, para que não sejam abandonadas também, ao invés de (inclusive) evitar uma gravidez impensada. Mas outros valores são mais fortes; além do que, não sabem como se proteger desta possibilidade e terminam por viver experiências semelhantes. Como as experiências não se repetem totalmente, a história de suas mães se diferencia não só pela época, mas por certos valores, costumes, maneiras de viver e ver a vida.

Desta forma, embora em posição de submissão ao pai, inicialmente, e aos companheiros, posteriormente, e tendo como principal função social procriar e cuidar dos filhos e companheiro, há diferenças entre as mulheres nas formas de desenvolver as experiências. Suas mães se prepararam mais que elas para serem mães e esposas. Foram criadas para tal. Elas não, tiveram oportunidades de estudos, uma vida mais confortável do que fora a vida dos seus pais, geralmente mais pobres quando crianças. Embora a expectativa esteja em ser mãe e esposa, deixam para depois este aprendizado.

Há muitas queixas das mães contra as filhas que “já não querem aprender nada”. Que significa isto? Eu buscava nos depoimentos das filhas alguns indícios que me permitissem localizar e compreender os processos de possível ruptura ou início dela, com o passado recente de suas mães.

Mudou o conteúdo a ser ensinado às filhas? Ou mudou o sentido do que lhes deve ser ensinado e os afazeres domésticos devem ser aprendidos porque são úteis e imperativos para a vida e não porque são necessários para cuidar de companheiro e filhos? Quem sabe tenha mudado a postura de aprendiz que, quando muito jovens, as mulheres possuíam e adotavam diante de suas mães, e agora elas estejam querendo se divertir um pouco mais e aprender depois? Ou as mudanças estão em outra direção?

Vejamos. Não querer aprender o trabalho doméstico poderia ser interpretado como uma postura bastante positiva, se resultasse de uma nova perspectiva do papel da mulher. Entretanto, elas reafirmam a posição que historicamente a mulher tem assumido, de mãe e esposa, com a diferença de que estão cada vez menos preparadas para exercer esta função. Investiguei, então, como desejam assumir estes papéis - de mãe e de esposa - sem aprender os ensinamentos básicos. Após muitos “não sei como é que vou fazer”, ouvi de uma das jovens uma boa síntese: “Ah, na hora a gente se vira. A mãe ajuda e a gente vai aprendendo”.

Um dos aspectos que aparece, é a postura do “aqui e agora”, onde o depois é só depois. Novamente emerge uma das expressões do comportamento que a grande maioria dos jovens tem adotado, o comportamento que se implica apenas com o imediato, aproveitando-o, construindo-o e desfrutando-o concomitantemente. Se não há planos para o futuro, não pode realmente comportar uma preparação rigorosa, monótona e desinteressante, para exercer um trabalho doméstico que só acontecerá depois e ninguém sabe quando. Faz sentido.

Obviamente não podemos fazer generalizações e nem pretendemos estabelecer tipologias, principalmente se temos presente muitos exemplos de jovens mulheres que, ao contrário, aprendem todo o trabalho doméstico, mesmo com queixas e indisposições, como algumas assumem. De maneira geral, elas se envolvem com o trabalho doméstico, até mesmo por força das precárias condições de vida. O que chama atenção é que, mesmo dentro desta realidade que os obriga a fazê-lo, elas não se dispõem, como fizeram suas mães, a aprender o trabalho doméstico com esmero, interesse, compromisso, dando-lhe o sentido que orientou suas mães. Então, vai se alterando seu grau de envolvimento com este aprendizado ou com esta obrigação.

Associe-se a isto a maior permissividade que tem caracterizado a educação de crianças e jovens nas últimas décadas. Fenômeno inter-classes, embora se manifestando de diferentes maneiras, conforme a classe social, traz consigo uma diminuição da autoridade dos pais sobre os filhos, os quais são educados aprendendo a escolher, a dar opiniões, a decidir e a se recusar a fazer o que não querem, o que sem dúvida é muito benéfico, desde que dosado na medida que possa definir limites de independência aos educandos. Mas, ao que parece, os grandes benefícios desta conduta de pais e educadores estão se diluindo na sua incapacidade de demarcar limites. É freqüente ouvir reclamações dos pais de que os filhos sequer lhes obedecem diante das ordens mais comuns, como, no caso dos pais do bairro Satélite, ajudar na capina de um quintal (eles) ou nos trabalhos domésticos (elas).

As filhas mais velhas chegaram ainda a aprender os afazeres domésticos, ensinados com esmero pelas mães. As filhas mais novas, que hoje têm até 17, 18 anos, têm outro comportamento. As mães percebem, com clareza, esta diferença, como explica esta mãe:

[Conversando sobre o período em que chegaram no Satélite, perguntei:] *O que faziam os meninos?* Jogavam bola, iam pro colégio. *E as meninas?* Elas eu ensinava varrer uma casa, fazer um de comer, lavar uma roupa, cuidar de uma casa. [diz muito orgulhosa] *E hoje, o que as mães ensinam para suas filhas?* Hoje as mãe tenta mas não consegue. Elas têm mais preguiça. Não têm mais força de interesse. Não tem mais isto: “Vou ajudar minha mãe”. “Menina, vai fazer isto”. “Ah, não sei, não vou fazer não”. E fica por isso mesmo. Tem menina que casa e não sabe fazer um de comer, não sabe nada. *E como é que elas se viram quando casam?* Quando a mãe pode ajudar, ajuda. Mas quando trabalha fora ou não pode, aí vira um problema, porque alguém tem que cuidar do menino e elas não querem nem saber. Não sabem de nada, nem se interessam.⁴³

O orgulho desta moradora resulta da satisfação em assumir o trabalho doméstico como de responsabilidade da mulher e de ela saber fazê-lo bem, saber desempenhar bem sua função de dona de casa. O outro motivo é que ela conseguiu transmitir seu saber/fazer às filhas, assim como sua mãe lhe ensinou. No seu tempo, a educação era diferente, como ela mesma diz:

Naquele tempo, quando os filhos começavam a espernear, os pais já botava pra trabalhar. Ia pros poços carregar água pra encher as vasilha de casa; lavar uma roupa... Por que que eu aprendi? Porque minha mãe me botava. E naquele tempo tinha ordem mesmo [no sentido de mando]. Não podia dizer que não fazia.

Hoje, filhos e filhas estudam em um turno e passam os outros turnos desocupados. Elas ajudam no serviço de casa, mas este não lhes ocupa um turno inteiro. Eles dificilmente ajudam, e quanto mais velhos, mais distantes dos afazeres domésticos e dos estudos.

Os lazeres juvenis

Muito freqüentemente, na literatura, nos debates, na mídia, as reflexões sobre o lazer trazem consigo a idéia de “ocupaçāo do tempo livre”, como se o lazer se reduzisse a atividades a serem desenvolvidas em momentos de um “não-fazer produtivo”. Ou seja, o lazer resulta de um “que fazer?”, quando não há nada para fazer. Menospreza-se, assim, a importância do lazer no cotidiano dos indivíduos. Mesma depreciação é feita com a expressão “tempo livre”. Livre de quê? A resposta provável, “livre de uma ocupação”, não é isenta de

⁴³ Por coincidência, no momento desta entrevista, pouco depois que tratamos desse assunto, uma vizinha chegou com seu neto de um mês no colo, pedindo capim de cheiro (uma erva) para fazer-lhe um chá. Ela havia faltado ao trabalho para ficar com o neto. Iria trabalhar no seu dia de folga para compensar a falta e reclamava da situação, dizendo que sua filha tinha que tomar conta do seu próprio filho. A filha tinha 19 anos, era solteira e havia saído para procurar emprego.

intencionalidade, pois, por ocupação entende-se uma atividade produtiva, embora não necessariamente econômica, como no caso dos estudos.

No caso do bairro Satélite, compreender as formas de lazer e de uso do tempo livre de suas juventudes implica situá-las além das referências do não-estudo e do não-trabalho e compreender os sentidos que eles assumem na vida dos jovens. Quer dizer que reconhecer a importância do estudo e do trabalho não significa ignorar as especificidades e funções do lazer em suas vidas, pois tempo livre e lazer ocupam um espaço amplo e de grande significado na vida dos jovens. Para além de um não-estudo e um não-trabalho, constituem importante espaço de socialização e, por conseguinte, espaço de construção de desejos e expectativas (as mais diversas) para com a vida, assim como a construção de outros fazeres.

Para os jovens que estão fora da escola, seus fazeres no tempo livre, principalmente, superam as influências da família no seu processo de socialização. É o que ocorre, notadamente, com aqueles que moram nas vilas do bairro.

O tempo livre e o lazer dos jovens homens são, sobremaneira, desfrutados na rua: na conversas com vizinhos e amigos pelas ruas do bairro, principalmente. Eles não têm dinheiro para permanecer em bares, então, compram a cachacinha e bebem-na nas esquinas com os amigos, conversando, paquerando, *ficando*.

Alguns mais novos, com 13, 14 anos, ficam em casa, assistindo à televisão, geralmente, ou ouvindo músicas no rádio.

As jovens são mais caseiras, mas não por opção, pois estar permanentemente na rua as deixa mal faladas, e suas mães e pais não permitem muito. Mesmo assim, gostam de ficar conversando com as vizinhas, quando se atualizam sobre os acontecimentos do bairro, sobre a vida alheia e conversam sobre “coisas de mulher”, como dizem, com um sorriso matreiro. São momentos em que as jovens que já estão namorando ou com vida sexual ativa ou com filhos explicam às outras o que estão aprendendo da vida afetiva, do comportamento masculino, da vida sexual, da vida de mãe. Além disto, elas gostam muito de assistir televisão. Acompanham principalmente as novelas, nacionais e mexicanas.

Muitas fogem do controle familiar e vão para casa de amigas, de vizinhas, ou então, passeiam pela praça, por algumas ruas, paqueram, *ficam* e só então voltam para casa, sem que os pais de nada desconfiem.

Às vezes elas fazem isto quando dizem que vão para o colégio, mas geralmente o fazem na saída do colégio. A escola, para eles e para elas, é muito boa para tirá-los de casa:

“Vir pro colégio é bom porque pelo menos a gente sai um pouco de casa”. As que estudam à noite, principalmente, gostam de se encontrar com seus namorados nos arredores da escola e desfrutar os prazeres dos muros escolares, dos bancos das praças ou de escurinhos pelas imediações. Eles, como têm a vida mais pública e menos controlada, além destes espaços, podem se utilizar das festas, das esquinas das ruas, de bares, para paquerar e *ficar* com alguma garota. As que os acompanham nestas situações são mais livres dos controles familiares, notadamente se já têm filhos.

Os jovens homens têm maior tempo livre do que as jovens mulheres. Considerando as jovens com mais de 17 anos, o trabalho doméstico está mais simplificado que o trabalho do tempo de suas mães, porque não têm que ir buscar água em poço, nem têm que lavar roupa longe de casa e por aí seguem outras diferenças. Assim, há mais tempo disponível depois do turno escolar e depois das tarefas de casa. E que fazer neste tempo livre?

No caso dos jovens, eles não precisam acompanhar seus pais na extração de pedras, nem na roça, nem nos *bicos* que estes conseguem. Alguns acompanham os pais para aprender seus fazeres, mas hoje, a maioria não o faz, mesmo contrariando ordens dadas pelos pais. Afora o tempo ocupado na escola, que fazer no restante do tempo?

Os pais e mães jovens de hoje, com 18 anos e acima, tiveram uma história um pouco diferente desses jovens mais novos, mas já desfrutavam de maior tempo livre. Com 8, 10 anos, eles e elas ficavam brincando com os vizinhos, dentro de casa, quando o pai ou a mãe não lhes permitiam sair, ou na rua. Na rua, brincavam de bola, de “esconde-esconde”, de “salva-latinha”. Elas brincavam muito de roda, de casinha, de boneca, fazendo roupas, cozinhando, cuidando das bonecas, usando-as como pacientes de médicos e enfermeiras, quando brincavam de cirurgias, de partos etc. Nas brincadeiras de parto, elas (que hoje são mães), dizem que chegavam a usar urucum, uma planta de fruto vermelho, para passar nas bonecas e fingir que era sangue. Quando suas mães viam, davam-lhes surras, afinal esses assuntos eram proibidos, mas elas voltavam a fazer.

Todavia, era também por volta dos 10 anos ou um pouco mais, que as brincadeiras começavam a perder a inocência infantil e as mães começavam a ter mais cuidado e a evitar brincadeiras envolvendo meninos e meninas juntos. Neste momento, elas passam a se preocupar em resguardar as filhas de experiências afetivo-sexuais precoces, para as quais ainda não estariam preparadas. Quando, nesta idade, eles brincam de “salva-latinha”, por exemplo, coisas muito interessantes podem acontecer. “Salva-latinha” é uma brincadeira feita em grupo, em que um componente é designado para ficar em pé ao lado de uma latinha e

protegê-la, pois ninguém pode pegá-la. Todos os demais se escondem, separadamente, e tentam pegar de surpresa a referida latinha. Quem pegar a latinha passará a protegê-la.

Eles aproveitam os intervalos da brincadeira ou os momentos em que estão escondidos para trocar alguns beijinhos; embora depois digam que “era só um beijinho *véio*”. Assim, desde cedo, eles começam a *ficar*, pois os beijinhos não significam qualquer compromisso ou outra intenção senão desfrutar aquele momento. Brincar de “salva-latinha” à noite era muito excitante e incomum (as mães pouco permitiam e isto lhes aumentava o prazer quando acontecia). As mães se sentem mais tranqüilas quando os meninos brincam de bola e as meninas de roda ou outra coisa, de preferência em casa, longe dos meninos.

No bairro, há poucas opções de lazer e os jovens se viram com o que dispõem. Há uma falta de equipamentos sociais que proporcionem modos diversificados de lazer. Basicamente, pelo que disseram, dispõem de duas quadras de esporte, onde jogam futsal. Em conversas com grupos de estudantes, disseram-me que gostam de assistir aos programas de televisão como Malhação (indicado por muitos alunos devido aos temas que trabalha, dos quais citaram aborto, sexualidade, drogas, esporte, gravidez indesejada, amor⁴⁴), as novelas, Gugu, Show do Milhão, Roleta Russa, Cine Privê. A maioria dos programas é assistida com a família, mesmo porque não há mais de um aparelho de televisão em suas casas. Mas gostam de utilizar os horários diurnos também, longe de pai e mãe, geralmente fora de casa nestes períodos.

Gostam de pagode, música romântica, rock, pop, rap, forró, balanço, música popular brasileira (MPB), brega. E indicaram Legião Urbana, Renato Russo, RPM, Red Hot Chilly Peppers, Capital Inicial, Titãs, Gabriel O Pensador, como alguns dos mais ouvidos. De maneira geral, estes cantores e bandas tratam em suas músicas de questões muito próximas do viver a juventude, são letras densas e longas, que eles decoram e cantam com entusiasmo, sentindo-se identificados.

Muitos não gostam de *reggae*, principalmente pelo vínculo que, de imediato, eles mesmos estabelecem entre os que ouvem e dançam *reggae* e o consumo de drogas, sobretudo a maconha. Isto para eles é sinônimo de brigas e confusões nos clubes em que o *reggae* é o estilo adotado. Para outros, o *reggae* é favorito, e estes gostam de lembrar que nem todos os que gostam deste estilo de música estão vinculados ao consumo de drogas. De maneira geral, as músicas que mais ouvem e dançam no bairro são forró e *reggae*.

⁴⁴ Interessante que foi um aluno que lembrou do “amor”. Todos concordaram, mas todos riram e gozaram do fato de ele ter feito esta indicação. O estranhamento e satirização do grupo foi uma manifestação efusiva de que este tema não faz parte do mundo masculino. Posteriormente trataremos deste aspecto.

Alguns gostam de se divertir em uma danceteria chamada “Hawai”, que fica no bairro vizinho, Piçarreira. É freqüentada sobretudo por jovens. Lá, segundo muitos dizem, não há brigas, nem as confusões rotineiras de outras danceterias e bares da região. É o único estabelecimento que utiliza detector de metal na portaria e possui um serviço de segurança um pouco mais atuante. Essa danceteria toca vários gêneros de música, são trinta minutos para cada gênero e segue alternando – rock nacional, pop, dancing, *reggae*, forró, MPB etc. Como toca pouco tempo de *reggae*, segundo a explicação dos próprios jovens do bairro, os envolvidos com tráfico e gangues, que têm no *reggae* sua preferência, não gostam de freqüentar o clube. Para muitos, isto é ótimo, pois aumenta a segurança e evita brigas de grupos e gangues na danceteria. Entretanto, o ingresso é um pouco mais caro que em outros lugares e para voltar para casa tem que ser de moto-táxi, pois os ônibus não circulam a noite toda.⁴⁵

Outros locais citados pelos estudantes foram: o bar do Regino e o bar do Pedrinho (o “Pedim”, como chamam), que ficam no cruzamento da rua Geovane Prado com Mercúrio, o bar da Raimundinha, que fica na rua Saturno, o Zé Branco, que fica na rua Júpiter, e o Good Night Leste, situado na avenida Zequinha Freire, na Vila Maria, vizinha ao Satélite. Embora os estudantes tenham se referido a estes bares como uma opção de lazer, não se constituem opções para sua rotina de lazer, pois estes bares são freqüentados por jovens mais maduros que eles, com mais de 23, 25 anos, e por adultos.

Os jovens, principalmente os homens, vivem em função das festas semanais. Não usam os termos *boite*, balada ou similares. Usam *festa*, “vou pra festa”, que acontece em *boites*, casas de *reggae* e bares do bairro e circunvizinhos. Estas se iniciam quinta-feira e seguem até domingo, o dia mais animado. Há lugares que funcionam apenas no sábado, como o concorrido Forró do Negão⁴⁶ e há lugares que só funcionam no domingo, dia em que os jovens fazem verdadeira peregrinação, pois iniciam a noite no Forró do Cará, que é uma churrascaria com pista de dança, lugar relativamente tranquilo, onde só toca forró, e fecha por volta de 2 horas da madrugada, quando então a maioria segue para a Piçarreira, bairro ao lado, e vai para duas ruas que formam um eixo de movimentação em “L”, onde fica o 11º Distrito

⁴⁵ Embora moto-táxi seja um transporte barato, para eles é caro, principalmente quando, com a namorada, têm que pagar dois condutores. Alguns condutores aceitam levar duas pessoas na garupa da moto, mas não é o convencional.

⁴⁶ Em meados de dezembro de 2003, o “Forró do Negão” mudou de proprietário e de nome, passando a denominar-se “Explosão do Forró”. Entretanto, vou manter o nome anterior, em respeito às falas e experiências dos entrevistados que a ele se referiram e não ao outro, cuja história agora se inicia. O Forró do Negão era famoso também por suas brigas e confusões.

Policial, que atende a vários bairros da zona leste, seguido dos bares Campestre, Tabocas Bar e Transa Som (neste só toca *reggae*).⁴⁷

Eles juntam o dinheiro durante a semana somente para ir para festas. É freqüente ouvirem-se queixas de pais e mães sobre o comportamento egoísta dos filhos (homens), que não ajudam em casa, mesmo quando estão trabalhando, conforme já afirmamos anteriormente. Ainda que vivam com sua companheira na casa dos pais, a prioridade é garantir o dinheiro da festa, principalmente no domingo. É curioso o fato de ser o domingo o dia mais movimentado, pois a segunda-feira, em tese, deveria ser destinada ao trabalho. Mas como há pouco trabalho, no domingo a diversão cabe muito bem. Alguns se divertem no domingo independente do trabalho no dia seguinte e outros se divertem no sábado, também bastante movimentado, principalmente na av. Zequinha Freire, um outro eixo de diversão. É uma avenida comercial e nela se encontram vários bares e pizzarias, além de farmácias, lojas de carne (que funcionam até 22 horas aproximadamente), um pequeno mercado, uma academia de ginástica, muitas lojas de material de construção etc. A Zequinha Freire, como é chamada, é uma avenida limite de vários bairros e no trecho mais movimentado divide de um lado, o Satélite e o Porto do Centro e do outro, o Verde Lar e o Vale Quem Tem.⁴⁸

O carnaval eles brincam na Zequinha Freire. Da mesma forma agem quando da micareta (carnaval fora de época), que na cidade ficou denominada de Micarina e que acontece em meados do ano, com grupos musicais e cantores renomados no país - nem assim eles vão se divertir no centro da cidade, ficam na Zequinha Freire.⁴⁹

O *reveillon*, muitos deles gostam de passar na danceteria Hawaí, a que nos referimos antes.

Os estudantes indicaram também as locadoras de vídeo game como opção de lazer, usadas por homens e algumas mulheres, numa faixa de idade que varia dos 10 aos 25 anos aproximadamente.

⁴⁷ Contam alguns moradores, que o forte barulho deste eixo permitiu que um preso fugisse da Delegacia cerrando as grades, sem que os policiais tivessem condições de ouvir qualquer ruído.

⁴⁸ A avenida Zequinha Freire foi construída na segunda metade dos anos 80, mas somente agora, nestes últimos anos, a partir da emergência destes bairros, ela adquiriu maior visibilidade e valor social, principalmente neste trecho.

⁴⁹ Há que se ter presente também que a Micarina, fora dos blocos organizados, como na maioria dos carnavais fora de época realizados pelas cidades brasileiras, é muito violenta – brigas, roubos etc. Não penso ser apenas este o motivo deles evitarem participar, embora seja motivo para alguns, mas há também o fato de que, sem condições financeiras de participarem dos blocos, ficam sempre na retaguarda da brincadeira, onde há maior perigo e onde, certamente, passam mais facilmente a serem identificados com os chamados “arruaceiros”. Sem dúvida, os estigmas se fazem valer neste momento. Em seu bairro, eles não enfrentam estes estigmas, e se entendem e se divertem com seus iguais.



Vista panorâmica de uma área do Satélite.



“Explosão do Forró”, antigo “Forró do Negão”, um dos lugares mais movimentados pelas juventudes.



Av. Zequinha Freire, onde se encontra a maior movimentação de comércio e lazer da região.



Avenida Zequinha Freire.

Quase não se referem a opções de lazer fora do bairro. Pouco conhecem do restante da cidade e pouco freqüentam fora do seu bairro e adjacências, mas indicaram a Praça Pedro II, que fica no centro da cidade, como uma possibilidade de diversão (pouco utilizada), quando há feiras de artesanato, e os shoppings, embora muito raramente vão a esses lugares.

Os cuidados dos pais e mães com as filhas e o medo de que logo engravidem resultam em posturas, por vezes rígidas, de mantê-las em casa e com (ainda) menos opções de lazer. Esta foi uma reclamação de muitas jovens, algumas das quais hoje, mães. Uma delas, atualmente mãe de 2 filhas, queixa-se muito:

Como que tu pensas em criar tuas filhas? Quando elas me pedir o que é namorar, eu explico, explico. Se elas não quiserem, elas não vão sofrer igual eu sofri [...] Também eu não vou prender, porque quando a criança é muito presa, ela faz o que não presta. Eu era muito presa, não saía. Minhas colegas tudo saía. Eu ficava. Chorava... porque eu queria sair também pra me divertir, mas papai não deixava. Acho que ele tinha medo de eu sofrer e aí... Ele pensava pra meu bem e eu acho que fez meu mal... *E o que tu gostarias que teus pais tivessem feito contigo?* É... sair, me divertir, porque minhas colegas se divertiam [...] não totalmente solta, mas pelo menos brincar no final de semana, alguma festinha... Papai não deixava. Não podia conversar com ninguém que ele pensava que era namorado.

Os jovens homens também pensam que elas são criadas muito presas e quando têm oportunidade de se liberarem um pouco, em uma festa, por exemplo, querem fazer tudo o que lhes for possível, e dentro deste possível pode estar um relacionamento afetivo que resulte em uma gravidez impensada. Referem-se à falta de diálogo dos pais e mães com as filhas. Mas dizem, com muito prazer e vaidade, sentindo-se valorizados e disputados, que as *gatas* são muito atiradas e querem “ganhar um a qualquer custo”. Nas conversas com as mães e avós, foi possível perceber que elas não são tão “presas” como dizem, pois saem com amigas, com primas, mas este é seu ponto de vista. O que ocorre é que nem sempre obtêm o consentimento dos responsáveis para sair todas as vezes que o pedem e elas querem sair todo final de semana, sexta-feira, sábado e domingo. Ou, como dizem algumas, “pelo menos sábado e domingo”. Além disto, ficam muito aborrecidas e irritadas com o controle sobre o horário de voltar para casa. “A gente já custa a sair e quando sai tem que voltar logo!”. São desejos, insatisfações e comportamentos de quem está descobrindo um mundo novo, como as emoções da paquera, do *ficar*, do namorar e outras. Por esta razão, sob sua percepção e sentimento, elas se dizem “presas”. Para os jovens homens, da mesma forma, pois sofrem com as dificuldades para encontrar com a namorada, visto que, por não ser muito comum elas namorarem em casa, geralmente o fazem escondido. Sob a ótica dos seus responsáveis, não são “presas”, chegam a ser, inclusive, muito “soltas”, pois compararam esta situação com seu tempo de juventude e lembram que as mulheres não saíam tanto.

O que se evidencia é que as jovens têm espaços muito reduzidos de circulação, principalmente as que se encontram sob rígido controle de sua família. Outras conseguem autorização para participar de algumas festas, mesmo indo com uma irmã, uma prima ou uma amiga conhecida da família. Muitas delas costumam andar pelas ruas em pequenos grupos de duas ou três, cedo da noite. Os pais não gostam, pois dizem que essas coleguinhas ficam “botando a menina a se perder”, mas não conseguem evitar sempre e elas vão passear.

Os jovens homens têm, desde cedo, a vida mais livre e circulam mais facilmente pelas opções de lazer que o bairro oferece.

Partindo do conceito de “pedaço” que Magnani apresenta, “espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade”,⁵⁰ pode-se afirmar que há “pedaços” comuns aos homens e mulheres jovens e há “pedaços” específicos, sexualmente divididos.⁵¹ Os “pedaços” comuns são a escola, as praças e, para alguns deles e delas, as festas. Os “pedaços” delas se formam na própria vizinhança, em conversas nas casas das amigas que moram nas proximidades. Os “pedaços” deles são bares e esquinas das ruas do bairro, geralmente não muito próximas de suas casas, e também a Zéquinha Freire.

É nestes espaços, nestes “pedaços”, que se complementa ou, em alguns casos, se processa em grande parte, a socialização dos jovens, homens e mulheres, em diferentes modos.

As relações cotidianas com seus pares, sejam eles colegas de escola ou amigos de vizinhança, são fundamentais para os homens aprenderem sobre masculinidades, sobre as formas de ser homem. Nestes espaços eles aprendem, porque são cobrados pelos pares a beber desde cedo, afinal, “não são mais *moleques*” e têm que provar que já são “homens” e “homens machos”.

Também é principalmente nesses “pedaços” que eles aprendem que têm que ter várias mulheres. É onde disputam, entre si, a quantidade de garotas com quem *ficaram* numa festa, a quantidade de garotas que já namoraram, a quantidade de relações sexuais no total ou com uma mesma garota. Para tanto, uns dão conta da vida dos outros, como forma de cobrança de

⁵⁰ José Guilherme Cantor Magnani. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*, São Paulo, HUCITEC/UNESP, 1998, p.116.

⁵¹ Nos termos em que Mayol se refere a “organização sexuada do espaço público”. Pierre Mayol, Morar, in Michel de Certeau, Luce Giard e Pierre Mayol, *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinar*, Rio de Janeiro, Vozes, 2003, p. 56 e 57.

comportamento e controle da execução. Em tons de brincadeira, de alegria, de gozação, os jovens com idade em torno de 14, 15 anos são especialmente cobrados para serem aceitos nos grupos de jovens.

Quanto às jovens, é nesses espaços que aprendem a se comportar como *gatas, brotas*, no que respeita aos modos de vestir, de falar, de olhar, de demonstrar interesse por algum *gatinho*, de *ficar*, de “dar uma de gostosa” e, portanto, não ceder facilmente às solicitações e encantos masculinos. É onde aprendem as artimanhas da paquera, do *ficar*, do transar. É o “pedaço” que lhes garante conhecimentos mínimos sobre o exercício da sexualidade, principalmente, trocando idéias com outras mais experientes. Também é onde elas começam a ser cobradas por ter um namorado e um pretendente para casar. Mas nem tudo são cobranças, há comportamentos solidários, principalmente diante do sofrimento por amor - infidelidade, abandono, mau trato, por parte do namorado.

As jovens entram neste processo antes dos jovens, posto que amadurecem mais cedo e, por volta dos 11, 12 anos, muitas já participam de grupos de jovens mulheres conversando sobre esses e outros tantos assuntos.

Nesses “pedaços”, elas aprendem a querer ser *brota, pitel, gata*, que são expressões que as qualificam como jovens, como “mulheres”. Eles explicam que a jovem começa a ser tratada assim quando está “sendo formada, está ficando bonita” (bonita no sentido de estar ficando mulher). Quando muito bonitas, são “*brotas chibatas*”. E eles, por sua vez, aprendem a querer ser *broto, gato, brotinho*, expressões que, igualmente, os qualificam como homens que estão se formando enquanto tal. Quando muito bonitos, são “*brotos chibatas*”. As expressões *broto/brota, gato/gata* também significam bonito/bonita, representando um elogio, o que os faz usarem-na com muito prazer. Quando são feias ou feios, são chamados de “mucuras”, “paiás”, dentre outros nomes.⁵²

Por fim, convém ressaltar que os jovens de que tratamos não se encontram na mira dos jogos de mercado de consumo, que se segmenta cada vez mais, porque eles não são grandes consumidores, nem mesmo consumidores, sob certos sentidos, como os jovens de classes mais abastadas. Todavia, eles não são isentos das influências do mercado de consumo, que, por meio da televisão, sobretudo, se presentifica em suas vidas.

Assim, à sua maneira e dentro do seu contexto de vida, eles acompanham as músicas, nos estilos e intérpretes em voga, bem como o uso de certas gírias, a moda. Esta,

⁵² Os termos *broto, brota, gato, gata, malandro, maluco, mina* serão analisados no capítulo V.

acompanhada particularmente por elas, tem suas novidades rapidamente adaptadas pelo seu pequeno mercado de consumo, o que se percebe em alguns detalhes, como maquiagem, modelos de calças e de blusas, bijuterias etc, que elas utilizam. Estes aspectos os tornam consumidores de estilos de vida, adaptando-os à sua condição social na medida do possível e, em menor escala, consumidores de mercadorias.

Em outros aspectos, a diferença avassaladora se impõe sem arremedos, como é o caso do acesso à informática e, por conseguinte, à internet. Alguns colégios começam a dar-lhes noções de informática, disponibilizando computadores; mas é um trabalho ainda incipiente e sem resultados visíveis.

Que fazer com o tempo ou com o tempo livre? A pergunta se mantém viva. As alternativas de lazer, pelo que foi exposto, são muito limitadas, portanto o lazer não está sendo uma boa opção para o preenchimento do tempo livre. Muitas mães se queixam de que seus filhos e, principalmente, suas filhas, “vivem olhando pra cima, na certa pensando besteira”. Que será que pensam quando param para refletir ou sonhar?

Fica apontada a necessidade de ocupação do grande tempo livre que os jovens do bairro dispõem. Esta preocupação as mães têm e por isto tentam manter seus filhos e filhas ocupados, principalmente para defendê-los do assédio de *malandros* e jovens de gangue. Todavia, as tentativas não são muito frutíferas, pois eles pouco lhes obedecem e, o pior de tudo, elas pouco têm a oferecer-lhes como atividade, afora as obrigações domésticas. Ainda assim, são elas, as mães, que são responsabilizadas pelos pais e pelos demais moradores do bairro, quanto aos maus comportamentos dos filhos, e aqui se inclui, na sua ótica, o envolvimento com drogas, a gravidez fora do casamento, a reprovação no colégio e outros.

A violência na sociabilidade dos jovens e no redimensionamento da vida no bairro

Há diversas formas de existência e manifestação da violência, pois violência é fenômeno polimorfo e conceito polissêmico. Nesta pesquisa, a violência foi trabalhada nas formas de sociabilidade dos jovens, principalmente homens, e no redimensionamento da convivência social, a partir do consumo e da organização do tráfico de drogas ilegais no bairro, tendo presente que esta organização não é exterior aos valores sociais vigentes nas

relações entre os seus moradores; é um processo que emerge (também) destes valores, reelaborando-os, negando-os ou referendando-os.

Há formas de violência constitutivas dos laços de sociabilidade dos moradores do bairro.⁵³ Mas não se trata da violência expressa em fenômenos isolados, apartados de normas e valores sociais, como que um nicho que emerge, por algumas razões, em determinados momentos, do qual um crime hediondo cometido por um psicopata pode ser exemplo. Nem se refere a fenômenos exógenos aos círculos de relações que envolvem a vida familiar, a vida com amigos, com vizinhos, na escola. Tampouco se refere ao tráfico de drogas como se fora totalmente apartado, alheio, distante das formas mais usuais e consensuais de organização social e política da realidade social, e, particularmente, dos ambientes sociais em que se insere.

Compreender a violência como constitutiva da vida social significa, inicialmente, compreendê-la como prática social; norma social; rito, em algumas circunstâncias (em calouradas universitárias, p. ex.); prazer, em muitas ocasiões (tal como sentem os apreciadores das lutas de box). Significa compreendê-la não como violência *a priori*, mas como “experiência social”, no sentido atribuído por Thompson, como consciência incorporada, espaço de construção de sujeitos, com seus costumes, normas, significados, valores, sentimentos.⁵⁴

Não é possível lidar com as formas de violência como se fossem iguais. Na verdade, têm em comum o fato de serem violência.

Comecemos pela violência resultante das brigas entre gangues⁵⁵ e dos furtos e roubos (principalmente assaltos) que, volta e meia, ocorrem no bairro. Os moradores mais jovens tentam banalizar estes fatos, mas têm medo da violência. Sorriem, em certas ocasiões, das

⁵³ A violência na sociabilidade dos indivíduos é um fenômeno muito mais amplo. Se tomarmos a história do Brasil ou mesmo a história das sociedades ocidentais será possível perceber o valor e o significado a ela atribuídos até nos dias atuais. Para efeito deste trabalho, contudo, as reflexões estarão restritas ao âmbito do bairro Satélite.

⁵⁴ Ver, a respeito, E. P. Thompson, *A formação da classe operária inglesa*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987 e *Costumes em comum*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

⁵⁵ Comportaria um estudo acerca das formas de organização do crime no bairro Satélite, a partir do qual seria possível conceituá-las com rigor. Os moradores denominam de “gangue” todos os grupos que desenvolvem atividades ilegais, sejam de consumo e/ou tráfico de drogas ilegais, sejam de roubos e furtos relacionados ou não ao tráfico de drogas ilegais. Sabe-se, no entanto, que os objetivos destes grupos e as formas de realização das atividades podem ser diferenciadas, particularizando ações de gangues (ou quadrilhas) e ações de galeras. Não sendo este um objetivo deste trabalho, usarei a denominação atribuída pelos moradores a todos os grupos, “gangue”, mesmo tendo presente que há diferenciações. Ver, a respeito destes termos, Alba Zaluar, *Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência*, in Hermano Vianna (Org.), *Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*, Rio de Janeiro, UFRJ, 2003, p. 17-57.

“aprontações” dos outros jovens, mas têm medo. Os moradores mais velhos se sentem acuados, não deixam as portas abertas a partir das 19h e não saem à rua após as 21h. As ruas ficam bastante esvaziadas e, em alguns trechos, se tornam desertas e perigosas.

Em meio a brigas entre gangues, se uma casa está com a porta aberta, jovens de gangue podem entrar, e aqueles que os perseguem entram em seguida, sem poupar móveis, aparelhos domésticos e nem mesmo os moradores da casa, submetendo-os aos riscos de possíveis embates. Eles entram pela frente das casas para sair pelos fundos ou vice-versa, transformando as casas em passagem para suas fugas.

Diante do medo da violência que se instalou no bairro, alguns pais e mães proíbem as filhas de sair de casa à noite, até mesmo para se divertir nos finais de semana, quando são mais rigorosos. Quanto aos filhos, por não conseguirem segurá-los em casa, sofrem a longa espera de sua chegada a cada dia.

Buscando melhorar a segurança de suas casas, alguns moradores aumentaram a altura dos muros, evitando que os jovens das gangues usem seus quintais.

As árvores que se encontram nas portas das casas e cuja sombra seja favorável à realização de encontros de jovens para conversar ou para fumar maconha, têm sido cortadas pelos proprietários. Chegam até mesmo a desmanchar bancos de madeira, antes tão úteis e agradáveis, arrancar troncos que serviam de bancos, para evitar que se agrupem em suas portas.

O comércio fecha mais cedo e alguns comerciantes estão aprendendo a usar certas estratégias contra os assaltos, como, p. ex., deixar sempre um dinheiro separado, em valor menor, para entregar aos assaltantes. “O que eles querem é um dinheiro qualquer para comprar a maconha deles. Então é só dar um pouco que eles não criam confusão”, informou um ex-comerciante, que atualmente exerce outra profissão. “Não pode dar bobeira com eles, deixar a loja aberta até mais tarde, por exemplo, não dá”, complementa outro comerciante. De qualquer forma, é sempre um prejuízo. Há estabelecimentos comerciais que chegam a fechar, por falência, devido aos assaltos constantes. Outros fecham antes da falência, quando ela é iminente.

Há lojas, pequenos comércios, que já perderam a conta do número de assaltos a que foram submetidos. Alguns põem grades e só atendem, dia e noite, por meio delas. Mas nem sempre é possível, depende também do tipo de comércio, e os que não podem usá-las ficam muito vulneráveis aos assaltos.

Eles são ameaçados, intimidados pelos assaltantes e não podem denunciá-los, mesmo quando sabem quem são e onde moram, pois certamente sofreriam represálias e a polícia não lhes protegeria, dizem com convicção, baseados em experiências de outros moradores.

Os pequenos roubos nas residências são muito freqüentes; trata-se de roubos de roupas no varal, de cadeiras, aparelho de som, televisão, botijão de gás, bicicleta etc. Pode ser também roubo de animais criados para fins de alimentação, como foi a experiência deste jovem, casado há um ano, vivendo em sua própria casa, com sua mulher grávida: “Teve uma noite que entrou um cara lá em casa. Eram dois e levaram umas cria [galinhas] e umas coisa do quintal. Eu quis acender a luz pra intimidar, mas a mulher não me deixou, ficou com medo. E nós ficamo vendo tudo de dentro de casa”.

Ao se referirem a homens jovens, em momentos em que conversávamos sobre casamento, filhos, trabalho dos jovens e assuntos correlatos, os moradores, adultos e jovens, usavam muito a expressão “se ficar vivo”. Pensei, então, que os índices de mortalidade de homens jovens deveriam ser muito altos e que isto justificaria o medo de que não chegassem à adulterez.

Os dados da Fundação Municipal de Saúde e da Secretaria de Segurança Pública do Estado, embora apontem para um maior número de mortes, por homicídio, entre homens jovens, na faixa de 10 a 29 anos,⁵⁶ do que entre adultos e mulheres jovens na mesma faixa, não justificam esse temor tão disseminado na população do bairro.

Para compreendermos melhor a idéia de “se ficar vivo”, começemos com outra questão: quais as formas de manifestação de violência no bairro que levam ao homicídio?

Costumeiramente, as falas sobre a violência se dirigem a um outro, a pessoa que fala está sempre ausente do fato violento ou é vítima dele. Como algo impregnado nas relações cotidianas, é difícil percebê-la enquanto violência, tanto em seus sutis modos de manifestação, quanto em expressões mais evidentes, as quais se seguem desde os pequenos e “inofensivos” atos de defesa contra insultos, que os pais costumam ensinar seus filhos (homens) a executar, ao direito que muitos homens se atribuem de bater em suas companheiras, direito, inclusive, ambigamente referendado por parte das mulheres, quando dizem, com pilhária ou seriamente: “Mas também, quem mandou ela botar chifre nele?” ou então: “Aquela ali não vale nada, não sabe cuidar de um homem, tem mais é que apanhar mesmo”. As mesmas

⁵⁶ Tão ampla faixa etária tem por base dois dos agrupamentos em que recebi os dados da Fundação Municipal de Saúde no registro dos óbitos, 10 a 19 anos e 20 a 29 anos, dentre outros agrupamentos anteriores e posteriores.

mulheres falam: “Dizem que Fulano não presta, que só sabe bater em mulher. Pra lá, vai bater noutra, em mim não”.

Não é de se estranhar, portanto, que os jovens tenham pouca percepção e clareza das inúmeras formas de violência a que estão submetidos, principalmente na vivência com seus pares, em grupos, no caso dos homens. Aqui nos referimos nomeadamente aos jovens homens, pois as mulheres são muito mais vítimas da violência masculina, do que promotoras da violência, principalmente quando casadas.⁵⁷

Os relatórios oficiais do 11º Distrito Policial, que se localiza em um bairro contíguo, a Piçarreira, e que podem ser um parâmetro para a análise da violência, não contêm dados específicos do Satélite, mas dados concernentes a toda a área de atuação deste distrito, que é grande, abrangendo cerca de oito bairros, dos quais três de classe média e cinco populares. Além disto, os dados informatizados datam do ano de 2000, não sendo possível observar as estatísticas da criminalidade nos últimos 6 anos, quando os moradores afirmam que a violência começou a aumentar.

É o “roubo (sem morte)” o crime que mais cresce naquela região. Entre 2000 e 2003 houve um aumento de 216%.⁵⁸ Se considerarmos que o número de ocorrências registradas no distrito policial é bastante inferior ao número real de ocorrências, deduz-se que o aumento dos índices é alarmante.

Em segundo lugar e com bastante diferença percentual com relação ao roubo, encontra-se o furto, que entre 2000 e 2003 teve um aumento de 21%.

Os roubos, em geral, não são feitos por pessoas de outros bairros. No Satélite e circunvizinhos eles roubam eles mesmos: “Os do Satélite rouba os do Satélite, os da Piçarreira rouba os da Piçarreira... é assim”. Roubam residências e comércios. Segundo os depoimentos, eles roubam para consumir drogas, principalmente, e para se sustentarem e por isto tudo serve - relógios, bolsas, tênis etc. Inclusive há esquemas de assaltos quando sabem a data de

⁵⁷ Os estudos de Gary Barker indicam que, no Rio de Janeiro, são as mulheres jovens casadas as que mais sofrem violência de seus companheiros. À proporção que a idade do jovem vai aumentando, vai diminuindo sua violência contra a mulher. Uma das explicações para isto é que quanto mais jovens, mais dificuldades os homens têm para enfrentar as pressões advindas de responsabilidades e compromissos assumidos na vida conjugal e familiar. Gary Barker, Morrendo para ser homem: a violência e a socialização dos homens jovens - reflexões a partir de pesquisas qualitativas e quantitativas no Rio de Janeiro, palestra proferida no 2º Seminário Internacional e 1º Seminário Norte-Nordeste - Homens, sexualidade e reprodução: tempos, práticas e vozes, Recife, junho/2003.

⁵⁸ Os dados que serão aqui apresentados foram obtidos no Departamento de Polícia Judiciária da Secretaria de Segurança Pública do Estado, “Ocorrências Policiais Registradas” na capital e no 11º Distrito Policial. O intervalo de 2000 a 2003 se deve ao período em que os dados estão informatizados.

recebimento de salário de alguns trabalhadores; é o caso, p. ex., dos jovens que trabalham em caminhões, na distribuição de frangos de determinada empresa. Eles recebem seus salários quinzenalmente e alguns são assaltados por quem conhece as datas e os seus horários de trabalho. Chegam a assaltá-los nos próprios caminhões de entrega de frangos. Assim, eles têm que driblar os assaltantes, e o conseguem, entregando o dinheiro para pessoas insuspeitas, guardando-o em lugares inusitados, dentre outros cuidados.

Afora suas áreas de comando, as gangues roubam e furtam nos bairros de classe média e em residências de classe alta que são circunvizinhos, pois estas áreas estão “liberadas” para todos, não são territorializadas.

Segundo um jovem casado, o dinheiro adquirido serve apenas para eles mesmos: “*Eles não ajudam ninguém? Uma pessoa doente, um brinquedo, uma festa?* Não. Eles invade comércio, padarias, ajuda a acabar com as coisas. São eles que mais acaba com tudo no bairro.”

As gangues existentes, com estas e outras atitudes, demonstram um comportamento bastante diferenciado daquelas que têm por princípio, mesmo dentro da criminalidade e da contravenção, proteger os moradores do lugar em que vivem, dar segurança e prover algumas de suas necessidades.⁵⁹ A luta por territórios de venda de drogas não resulta em proteção dos que neles se encontram. Entretanto, em pequenas áreas, pode-se observar que há certos esquemas de proteção aos vizinhos, não como vigilância permanente, mas com a ameaça do traficante de revidar qualquer afronta de terceiros, e roubar o vizinho de um traficante é uma afronta. Por esta razão, geralmente os vizinhos dos traficantes não têm suas casas roubadas. Mas são apenas os vizinhos mais imediatos, portanto, uma proteção de pequeno alcance geográfico. Além disto, esta proteção também se constitui em um certo acordo velado, por meio do qual o traficante busca garantir o silêncio dos seus vizinhos, que, embora não se envolvendo nas atividades do tráfico, conhecem muito dos seus negócios e modo de vida. Muitos traficantes têm várias famílias. Encontram-se em determinadas casas somente à noite, em outras, passam o dia. É um esquema de proteção. Suas mulheres, algumas, participam da venda de drogas. Os vizinhos, com medo, evitam comentários, mas percebem e compreendem o que se passa. Não conversam nem mesmo com a companheira do traficante, nem a

⁵⁹ Os estudos sobre as favelas em outras cidades brasileiras revelam muito bem esta faceta do crime organizado, embora as ações assistenciais e a segurança por eles patrocinadas estejam, a cada dia, se diluindo ou assumindo novos direcionamentos. Ver, a respeito, Marcos Alvito, *As cores de Acari: uma favela carioca*, Rio de Janeiro, FGV, 2001; Alba Zaluar e Marcos Alvito, *Um século de favela*, Rio de Janeiro, FGV, 2003; e Claudia Fonseca, *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência entre grupos populares*, Porto Alegre, UFRGS, 2000.

cumprimentam, principalmente os homens, para evitar confusões. O silêncio dos vizinhos é necessário, embora, mesmo sem a proteção em troca, eles nada falem, pois a polícia não lhes garantiria segurança, segundo afirmam.

Um jovem, casado, disse: “As vilas estão cheias de maconheiro, de *mala*, mas eles não incomodam, não mexe com ninguém. O que incomoda é o cheiro de maconha”. *Mala* é um termo bastante usado no bairro, significa indivíduo que rouba e furta, geralmente para comprar drogas. Também pode ser apenas indivíduo que se droga.

Nas brigas entre as gangues uma das regras básicas do jogo é que os membros de uma gangue de determinado território não podem freqüentar áreas ou bairros inimigos, para se divertir, trabalhar, visitar parentes, nem por qualquer necessidade. Só podem freqüentar os seus territórios e os de seus aliados.

Pelo fato de que as gangues atacam os próprios moradores de sua área e não podem circular livremente, mas só nas suas áreas ou espaços de gangues coligadas, resulta que os territórios conquistados não o são apenas para o tráfico, mas também para roubos e furtos. Ou seja, são territórios enquanto domínio das atividades do tráfico e enquanto “expropriação” dos moradores neles residentes.

Então, quando um ou mais integrantes de um grupo chega em território alheio, é posto para fora, e isto, normalmente, é motivo de tiroteio, pois eles, além de o expulsarem, vão provocar (fazer a revanche) em território inimigo. As brigas têm por finalidade marcar e remarcar seu poder dentro de determinado território, impedir que gangues indesejadas freqüentem o local e ampliar seu território de atuação.

Todavia, há ocasiões em que as lutas, os tiroteios, não acontecem por necessidade e desejo de ampliar o seu território, o comércio de drogas, o poder de mando, ou seja, ampliar seus negócios, em termos políticos e econômicos. Demarcado um espaço, a luta é para mantê-lo. No geral, não há objetivos maiores, não há ideais, há birras, teimosias, disputas entre o que eles chamam de “machos”, homens com “coragem”, homens com quem “ninguém mexe”. Basta um “olhar invocado”, uma cisma, um gesto, para a confusão se iniciar ou para se fazer respeitar.

Isso é um forte exemplo de masculinidade, que implica saber lutar, para atacar e se defender, implica ter coragem para enfrentamentos, inclusive com a polícia, e não ter medo de ser preso.

Este parâmetro de masculinidade é uma referência para eles e para elas. Eles gostam da idéia de serem temidos, valentes. Elas gostam de jovens assim, embora haja um misto de desejo e medo. Eles se tornam mais atraentes se demonstram, mesmo que por essas vias, sua capacidade de protegê-las. E elas se sentem mais protegidas quando seus companheiros lhes dão garantias de proteção física também. Não são todos os jovens que buscam se comportar assim, nem são todas as jovens que desejam homens assim, mas isto faz parte do imaginário deles e delas, ainda que não tentem exercer estes papéis, como é o caso dos mais pacatos. A maioria não está envolvida com as gangues, mas importa aqui compreender que a capacidade de luta física como símbolo de virilidade e, portanto, de masculinidade, atravessa os diferentes espaços de sociabilidade dos jovens, ainda que se acentue mais em alguns que em outros. Estes comportamentos expressam formas de exercício da masculinidade no bairro, as quais se constroem cotidianamente, desde a infância, e vão se tornando constitutivos dos modos de viver, para homens e mulheres.

Participar das gangues e de tudo o que elas significam não é apenas uma escolha pela contravenção ou pelo “dinheiro fácil”, como eles dizem, implica também adotar um estilo de vida, que pressupõe normas, valores, formas de comportamento, símbolos de interação. Andar armado, saber lutar, se “entocar” quando necessário, ter coragem para enfrentamentos, usar tatuagens, são algumas regras a serem adotadas na nova vida. É, como eles mesmos dizem, um caminho mais curto para chegar aonde querem: poder comprar uma casa ou um barraco, sustentar mulher e filhos, ser respeitado, temido e desejado pelas mulheres, pois “as *gatas* não querem saber de cara desempregado e sem grana”. Ou seja, querem construir a vida deles de alguma forma (rápida).

As gangues são conhecidas pelo nome da localidade onde se situam ou de algo que caracterize esta localidade. Assim, os moradores conhecem-nas como gangue da Caixa d’Água, gangue do Satélite (ambas no bairro do Satélite), gangues da Vila Bandeirante, gangues da Cidade Leste e outras

As gangues são compostas por jovens cuja idade varia entre 13 e 25 anos, sendo que a maioria se encontra na faixa de 13 a 19 anos. Os que estão na posição de comando são chamados de “chefão” ou “chefe”. Quando eu perguntava por membros de gangue com 29 ou 30 anos eles diziam que não tinha, porque eles morriam antes. Isto me inquietava pois implicaria em estatísticas mais elevadas de mortes entre jovens, pelo menos.

A conversa com um jovem casado é expressiva neste sentido:

... É sempre o mesmo ‘chefão’, ou muda? É sempre o mesmo, enquanto não atirarem... não pegar uma bala. E esse pessoal, é um pessoal novo? É tudo novo. 16 anos, 14. Aí vai até que idade? Até assim uns 25 anos. E depois, o que acontece? Eles saem da gangue? Aí se... Deus o livre, se não se matarem, não alguém matar ele, aí ele vai ficando nessa todo tempo. O fim deles é esse aí. O fim deles é sempre triste. [...] Então não se encontra pessoas com 30 anos nessas gangues porque elas morrem antes disso? Isso. [...] E quando isto acontece chamam a polícia ou não? Chama. [...] a polícia vai e diz assim: ‘Menos um’. Eles acham é bom, a polícia, quando morre assim um... mata uns aos outro. [...] Nem fazem nada, porque é bicho ruim que morreu. Eles só fazem alguma coisa quando não é bicho ruim.

Certos fatos ainda não acontecem reiteradamente, são projeções, são deduções, baseadas em algumas histórias vivenciadas e em muitas histórias ouvidas, inclusive pela televisão, sobre outras gangues em Teresina e em outras cidades brasileiras. As gangues existem no bairro Satélite há relativamente pouco tempo, menos de 10 anos, segundo relatos dos moradores, portanto, ainda não possuem uma história que possibilite análise de maior alcance. Alguns já morreram, muitos deles chefes, pois eram os que enfrentavam, de início, as lutas armadas. Hoje, quase todos podem ter acesso a armas. Esses chefes foram substituídos por outros mais jovens, o que levou os moradores a deduzirem que eles, os jovens de gangues, morrem cedo e não chegam à maturidade.

Por conseguinte, a questão sobre o homicídio como fim inevitável permanece, pois ele não parece inexorável, principalmente se considerarmos experiências diferentes, em que jovens de outros bairros populares de Teresina, com gangues mais antigas, conseguiram deixar a criminalidade, deixar as gangues, como relata um jovem do hip hop, enquanto contava como acalmou um jovem de uma escola que queria matar um professor:

Vocês acalmaram ele com o hip hop, como? Trocando uma idéia. A gente levou uns caras da comunidade. Eu conhecia uns caras da comunidade que conheciam ele. Porque em geral, o pessoal do hip hop é um pessoal que já foi envolvido com crime, na sua maioria. Aí é o cara que já foi traficante, conheceu o *rap* na cadeia, que tem alguma coisa a contar, que fala dum mundo que o cara entende. Porque quando ele escuta o som revolucionário, que é o *rap*, ele se vê dentro daquela história. Ele vê que ele também pode sair. Ele não tem que tá no meio dos cara porque é bom não, porque dá estratificação não. Até porque ele pode se reintegrar à sociedade através da cultura. Ele pode ser um grafiteiro...

Ou seja, é possível sair da criminalidade vivo, a morte é evitável.⁶⁰

Os dados do 11º Distrito Policial indicam um aumento de 2% nos índices de homicídio doloso entre 2000 e 2003. Em valores absolutos, os números são baixos, diante dos relatos constantes de mortes que os moradores apresentam: 2000 - 20 mortes; 2001 - 21 mortes; 2002 - 13 mortes e 2003 - 24 mortes. Passei então a buscar na memória de alguns

⁶⁰ No movimento hip hop há muitos participantes que saíram do envolvimento com drogas e com a criminalidade, segundo informações deles mesmos, e são exemplos dessa possibilidade.

poucos moradores o número de mortes por assassinato que eles tomaram conhecimento em 2003 e informaram, rapidamente, só no Satélite, até o início de dezembro, um total de 8 mortes. Note-se que é apenas no Satélite e não em todos os bairros da área de atuação do 11º Distrito Policial.

Comparando-se os dados deste distrito policial com os dados gerais de Teresina, constata-se uma notável diferença: entre 2000 e 2003 o aumento de roubos no 11º Distrito Policial é de 216% e o de toda a capital é de 105%. Portanto, os roubos registrados no 11º Distrito Policial tendem a uma progressão geométrica prodigiosa. Para deixar mais claro, um exemplo: em apenas um ano (entre 2002 e 2003), o aumento de roubos registrados no 11º Distrito Policial foi de 68% e na capital foi de 27%.

Quanto aos homicídios, particularmente, como interpretar esta divergência de informações entre os moradores e os dados oficiais?

Os dados da Fundação Municipal de Saúde acerca dos homicídios, no período de 1998 a 2002,⁶¹ indicam que é na faixa de 20 a 29 anos que é mais acentuado o número de mortes, principalmente do sexo masculino. Mas os números registrados na Fundação são inferiores aos do distrito policial. As possibilidades de enterro clandestino, embora reais, não alterariam substantivamente os dados obtidos, segundo um técnico da Fundação.⁶²

Ainda observando os relatórios de ocorrências policiais de Teresina e do 11º Distrito Policial, nota-se que outras queixas freqüentes são: “lesão corporal dolosa” e “dano”. Não há registros, neste distrito policial, de apreensão, posse, uso ou tráfico de drogas, pois estes casos são tratados em uma delegacia especial, a Delegacia de Entorpecentes, que atua sobre toda a capital. Assim, não foi possível saber do registro de casos ocorridos no bairro Satélite.

São cada vez mais novos os integrantes das gangues. Segundo alguns moradores, as gangues usam os mais novos porque não serão presos, serão encaminhados para a Delegacia Especial da Criança e do Adolescente. Se há algum tempo atrás eles ingressavam nas gangues com 15 ou 16 anos, hoje, com 13 anos já estão a ingressar. Há três tipos de participação nas

⁶¹ Período disponível no sistema informatizado desta instituição.

⁶² Um técnico da FMS informou que, em caso de morte, um médico, vinculado a uma instituição hospitalar, fornece a Declaração de Óbito, a qual deve ser levada ao Plantão Funerário da Prefeitura, que se localiza no Hospital Getúlio Vargas (hospital público de maior referência no estado), para que seja emitida a Guia de Sepultamento, sem o que o enterro não acontece. Ocorre que, algumas das vítimas são de outros municípios e para lá são levadas, por isto, seus familiares ou responsáveis não fazem a tramitação pelo Plantão Funerário. Isto prejudica, inclusive, o controle de óbitos feito pela Fundação, pois a base dos dados eram as Guias de Sepultamento. Esta é, provavelmente, a principal causa dos baixos números de óbitos por homicídios coletados pela Fundação. No ano de 2003, o Departamento de Planejamento alterou esta forma de coleta, passando a usar como fonte de dados as Declarações de Óbito emitidas nos hospitais e unidades de saúde.

gangues, em escala ascendente. No primeiro, eles começam com pequenos furtos, “batendo carteiras”. São os jovens de 13 e 14 anos de idade que o fazem. Depois, eles passam a assaltar os estabelecimentos comerciais - supermercados, farmácias, padarias - o que implica, por vezes, ação armada. São jovens de 15 a 17 anos de idade que desenvolvem estas atividades. Por fim, com aproximadamente 17, 18 anos e acima, eles organizam assaltos mais perigosos e ousados, inclusive em residências de bairros de classe média da região e já se responsabilizam por atividades do tráfico, enfrentam a polícia e andam em motos roubadas, o que lhes facilita ataques e fugas. Por vezes, saem atirando pelas ruas, nos confrontamentos de gangues, pondo em risco inocentes. Este é um dos motivos dos moradores evitarem transitar no bairro após as 22h. Até os motoristas das cooperativas de táxis evitam os bairros daquela região neste horário. Embora os riscos de tiroteio ocorram mais tarde, por volta das 22h, não é incomum os moradores presenciarem tiroteios, inclusive com a polícia, nos horários diurnos e nestes casos, segundo seus relatos, nenhuma providência é tomada para protegê-los, sequer uma orientação de que se escondam ou se abaixem. Não há estes cuidados nem por parte dos policiais, nem por parte das gangues, segundo os moradores deixam bem claro, com indignação, nas suas narrativas.

Nas ruas em que moram os traficantes, é possível acontecer tiroteios a qualquer momento. Os mesmos riscos ocorrem nas ruas para onde se dirigem os jovens de gangues quando perseguidos pela polícia, que são ruas de mais difícil acesso ou ruas onde carro não trafega. Um morador se queixa:

Olhe dona, esta rua era muito boa e tranquila, mas agora... o carro da polícia não chega aqui, aí os *mala* vêm pra cá, se esconder da polícia, e aí, quando a polícia corre de pé atrás deles, tem tiro pra todo lado. Outro dia mesmo teve um tiroteio aqui. Aí minha mulher disse pra eu não sair de casa e eu falei: Mas mulher e se eu não sair de casa como é que vai ser, eu não vou nem trabalhar? [disse sorrindo da preocupação de sua companheira, embora reconhecendo sua pertinência]

Lembro-me de minhas tentativas de visitar, no turno da noite, um dos colégios do bairro. Achei estranho moradores e alunos me recomendarem, veementemente, que não fosse, mas não me explicaram o porquê, dizendo-me apenas que era perigoso. Ainda sem saber das muitas brigas de gangues, segui a orientação recebida, porém fiquei atenta a qualquer possibilidade de explicação e descobri, tempos depois, que se tratava de tiroteios noturnos de gangues, que estavam acontecendo naquela rua, como em outras próximas.

Afora os problemas com tiroteios, com cheiro de maconha, com agrupamentos de *malas* debaixo de árvores em suas portas, os moradores não se queixam muito por terem seus cotidianos alterados pela dinâmica das gangues. Provavelmente se tenham acostumado a

silenciar este problema, mas afirmam que os traficantes “não mexem com ninguém, é só entre eles mesmos”. A garantia de livre trânsito para os demais moradores parece ser algo muito positivo para eles. Os mais velhos se incomodam com a presença “desses maus elementos”, mas os mais jovens convivem com esta realidade de maneira menos conflituosa adaptando-se mais facilmente às alterações impostas ao seu cotidiano, como, p.ex., fechar cedo a porta de casa; ter que andar sempre acompanhada à noite, no caso delas; estar mais sujeito a riscos de brigas, no caso deles; dentre outros.

Os homens jovens se referem mais aos tiroteios e às brigas do que à violência em geral. Os homens e mulheres adultos e as mulheres jovens se referem mais à violência em geral, que inclui, além destes, roubos, furtos, estupros. Pensei, inicialmente, que fosse pelo fato de que os primeiros, os homens jovens, estivessem mais vulneráveis àquelas formas de violência (tiroteios e brigas), mas percebi que são também muito furtados e roubados, quando lhes são tirados seus pequenos ganhos nos bicos que fazem, quando levam suas bicicletas (grandes alvos) etc. Ocorre que eles se sentem menos agredidos com estes episódios - roubos e furtos - do que os homens e mulheres adultos e as jovens; estas, inclusive, na condição de mulher, ainda se submetem aos riscos de violência sexual. Ademais, os roubos e furtos de casas residenciais e comércios, embora atinjam a todos, afetam muito mais os adultos e as jovens, pois os jovens não têm comércio, geralmente não têm casa, moram com os pais e passam o dia na rua.

A situação do Satélite no que concerne às lutas de gangues é delicada, pois está sitiado entre as gangues da Piçarreira e da Vila Bandeirante, que lhe são inimigas e isto aumenta as possibilidades de conflito.

Não há mulheres nas gangues, a não ser certas companheiras de traficantes. Embora sejam, algumas delas, consumidoras de drogas, elas não são membros de gangue, mesmo porque, na condição de viciadas, elas não são respeitadas pelos viciados. No geral, o que as mulheres mais utilizam é a loló, ao que algumas referem carinhosamente como “só um lolozinho”, algo “inofensivo”.

As drogas mais consumidas e comercializadas no bairro são maconha, maior parte vindas do Maranhão, e loló. Além disto, os jovens utilizam cola e solvente, em grande

quantidade, e Rohypinol, que eles chamam de “rupinol”, medicamento indutor do sono, misturado com café, cerveja ou cachaça.⁶³

Os clubes de dança abrem e logo são obrigados a fechar, ou por determinação judicial ou por medida administrativa do proprietário, devido à ocorrência de muitas brigas e confusões entre jovens, grupos de jovens e entre gangues. Diante das brigas e da chegada da polícia, o silêncio é a arma que protege. Eles não dizem o que viram, e quando o fazem, é escondido. Mesmo sabendo que quem estava brigando já fugiu, eles têm muito medo de represálias dos envolvidos, o que é uma prática comum e eficaz, pois os intimida. Resolvida a confusão, em geral a festa continua, igualmente animada. Estas situações já fazem parte de sua rotina de lazer e não os impedem de se divertir.

Os dados e reflexões até o momento apresentados fornecem algumas pistas valiosas para que se compreenda a idéia de “se ficar vivo”. A violência no bairro, conforme apontam os depoimentos e alguns registros oficiais, tem se desenvolvido muito rapidamente. Todavia, a expressão “se ficar vivo”, denota um sentimento, no sentido que Williams entende ser “estrutura de sentimento”. Com este conceito, o autor se reporta a “significados e valores tal como são vividos e sentidos ativamente”, referindo-se não a “sentimento em contraposição ao pensamento”, mas a “pensamento tal como sentido e sentimento tal como pensado”.⁶⁴ Sendo assim, considerar que o jovem chega à adulterez “se ficar vivo” é um sentimento, que se construiu pela experiência social vivida no bairro. Vem da própria violência que eles presenciam no cotidiano, particularmente entre os jovens: as rixas entre indivíduos, grupos e gangues; as brigas nas festas, em bares, nos colégios, nas ruas e no que alguns deles chamam de “trabalho”, quando estão furtando ou roubando pessoas, residências e estabelecimentos comerciais. Enquanto sentimento, pouco importa os dados numéricos ou qualquer outra forma de racionalizar a realidade por eles vivida. Importa pensamento e sentimento em unidade, unidade que está lhes revelando medo, inquietação, preocupação, impotência, e que lhes aponta horizontes de insegurança. Neste momento, não há dualidade entre objetividade e subjetividade, há um sentimento coletivo.

Por conseguinte, a preocupação com os jovens e dos próprios jovens não se resume ao perigo estatístico de morrer, não resulta apenas de uma expressão da realidade dada pelo

⁶³ Conforme previsto em lei federal, a venda deste remédio deveria ser feita somente com receita médica. Entretanto, é muito fácil aos jovens ter-lhe acesso sem este pré-requisito.

⁶⁴ Raymond Williams, *Marxismo e literatura*, Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 134.

número de mortos, mas resulta de um modo de viver em espaços socialmente marcados por violências.

Os deslocamentos dos jovens se dão, em geral, entre os bairros da cidade, principalmente entre os bairros da zona leste, onde se situa o Satélite. Pouco há no centro da cidade que os atraia ou que lhes seja possível, financeiramente, freqüentar. Deste modo, quando saem dos riscos do seu bairro, enfrentam os mesmos riscos em outros bairros da periferia da cidade, que têm, no sentido da violência crescente, a mesma realidade, resguardadas algumas diferenças e especificidades.

Assim, a vida dos homens jovens é muito arriscada, excetuando-se, em termos, os que conseguem emprego, ainda que temporário, ou que não se envolvem com drogas (consumo ou comercialização) ou com grupos violentos. Mas a estes restam os riscos advindos da exposição a ambientes em que tudo ocorre, pois “basta se invocar com a cara de um que a briga tá feita. Se for de gangue então, é difícil desmanchar”, diz um jovem, explicando que, muitas vezes, as brigas surgem do “quase nada”, ou melhor, de uma simples “invocação”.⁶⁵

Pode acontecer também que um simples gesto, um olhar, qualquer coisa, signifique uma ofensa, pois tudo pode ser motivo para que se sintam ofendidos, agredidos e, uma vez ofendidos, eles têm que revidar, afinal, a sua honra está em jogo, pensam eles. Como afirma Pitt-Rivers, “deixar uma afronta por vingar é deixar a própria honra num estado de profanação e equivale a covardia”.⁶⁶ Não é verdadeiro, contudo, no caso do Satélite, considerar que grande parte das rixas seja em defesa da própria honra, há casos que sim, mas há muitos casos em que o que move a ação violenta é a simples implicância, cisma, para a qual não há explicação, pois é algo que decorre de qualquer motivo e até mesmo, e principalmente, da falta de motivo. Não há justificativas e eles tanto reconhecem a rudeza deste comportamento que a assumem dizendo: “hoje eu tô invocado” ou “me invoquei”, expressões plenas de significado e que dispensam, na sua linguagem, qualquer explicação.

Ou seja, as brigas, as rivalidades, podem resultar de objetivos concretos, plausíveis, a serem alcançados, como a ampliação do território de atuação no tráfico ou a luta pelo poder de mando; podem resultar da necessidade de defesa da honra, suposta ou verdadeiramente maculada; podem se originar da mais profunda falta de sentido e de justificativa, do gratuito,

⁶⁵ Interessante observar que o termo “invocar” significa “implorar a proteção ou auxílio de; fazer súplicas a; chamar em seu socorro”, mas na gíria, significa exatamente o contrário, “irritar”, “implicar”. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986, p. 965.

⁶⁶ Julian Pitt-Rivers, Honra e posição social, in J. G. Peristiany, *Honra e vergonha: valores das sociedades mediterrâneas*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1988, p. 18.

do fortuito, mas talvez de uma revolta, uma raiva, uma mágoa, uma tristeza contida, um vazio, como saber? Expressam-se como intolerâncias, até mesmo a intolerância de um à simples existência de determinado outro. Não parece que os jovens do Satélite estejam com estes sentimentos tão potencializados, mas é verdadeira a constatação de que estar “invocado” em certo dia é estar tolerando muito pouco, é necessitar extravasar algo de uma forma violenta, é não pensar antes de fazer.⁶⁷

Em análise sobre o que denomina de “guerra civil cotidiana” ou “guerra civil molecular”, Enzensberger diz que basta uma pequena diferença entre indivíduos para a violência se manifestar, e então a vida está posta em risco. Contudo, “a agressão não é dirigida somente ao outro, mas também à vida desprezível que se leva”⁶⁸, o que, no caso do Satélite, pode ser, principalmente, expressão da falta de perspectivas de vida, de futuro, como foi assinalado anteriormente.

Tem-se ainda que, nos diversos e complexos contextos em que se desenvolvem esses tipos de violência, os homens jovens são as principais vítimas. São eles que estão mais expostos e é deles que os espaços sociais cobram comportamentos de firmeza e virilidade, freqüentemente confundidos com força e violência. No caso dos jovens de periferia, estão expostos às formas de violência que ocorrem entre eles, às formas de violência resultantes da discriminação social a que estão submetidos e às formas de violência no enfrentamento com o aparato policial.

Em estudo sobre a violência e socialização de homens jovens de baixa renda no Rio de Janeiro, Barker aponta que a violência entre estes é parte de um “projeto reputacional”, construído em suas relações cotidianas, que marca seu pertencimento a grupos específicos, os mais variados, a torcida de futebol, a galera etc., e está associada a modelos de masculinidade.⁶⁹

Entre os jovens do bairro Satélite é importante saber lutar, não apenas para se defender, mas para poder ser ameaça em algum momento; só assim eles são respeitados. Um exemplo de conquista de respeito pela capacidade de lutar, ainda que fora dos padrões de

⁶⁷ Há um filme, muito forte e interessante, que trata desta violência “sem sentido”, fruto de exacerbada intolerância, especialmente a intolerância étnica. Chama-se “O ódio”, um filme francês, de 1995, originalmente, “La haine” (na versão norte-americana, “The hate”), escrito e dirigido por Mathieu Kassovitz, que retrata o ódio que sustenta as relações entre jovens de um subúrbio de Paris.

⁶⁸ Hans Magnus Enzensberger, *Guerra civil*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 23.

⁶⁹ Gary Barker, Morrendo para ser homem: a violência e a socialização dos homens jovens - reflexões a partir de pesquisas qualitativas e quantitativas no Rio de Janeiro. Palestra proferida no 2º Seminário Internacional e 1º Seminário Norte-Nordeste - Homens, sexualidade e reprodução: tempos, práticas e vozes, Recife, junho/2003.

masculinidade vigentes, são os homossexuais do bairro, muito discriminados e ridicularizados, mas que se sabem lutar com o corpo e com a faca, pois “tem que ser bom mesmo, de faca, de pancada”, passam a ser respeitados.

Saber lutar, principalmente para os jovens heterossexuais, faz parte do “projeto reputacional” a que Barker se refere. Isto é importante para os jovens conquistarem um espaço entre seus pares e é relevante na construção de imagens “positivas” junto às jovens mulheres, afinal, a valentia é pressuposto de masculinidade. Enfim, certas práticas de violência são constitutivas do seu modo de viver, a partir da relação que se estabelece entre dor, força e poder. Submeter outros corpos dá prazer e poder: é um feito a ser comentado, uma vitória visível e inconteste, uma fama chegando ou se consolidando. Traz consigo a mensagem da dominação, do poder pela força, mensagem reproduzida pela linguagem oral e pela linguagem dos corpos em luta. Ainda que não se manifeste com freqüência significativa em alguns grupos de jovens do bairro, o uso da força física como forma de submeter o outro ou os outros é sempre um recurso a ser usado e, dependendo dos códigos morais, pode ser o primeiro ou o último recurso.

Para Caldeira, em sua análise sobre a violência no Brasil, os brasileiros vêem com naturalidade intervenções e manipulações no próprio corpo e no corpo de outrem, sejam ou não dolorosas e violentas, principalmente se forem corretivas.⁷⁰ Se considerarmos que o termo “corretiva” implica estratégia de imposição de normas sociais vigentes, tem-se que, sob o caráter de correção, se legitimam possibilidades de intervenção e manipulação do corpo em diversos espaços sociais.

A mesma autora afirma que, no Brasil, a violência é “um elemento constitutivo das relações de poder em interações cotidianas”, é “norma institucional”, que se aplica nos vários espaços, desde a instituição judicial ao universo doméstico, sendo a “linguagem regular da autoridade, tanto pública quanto privada, isto é, do Estado ou do chefe de família”.⁷¹

É bastante conhecida a prática de bater em crianças com o intuito de educá-las, ensinar-lhes a respeitar as autoridades familiares. Conforme conversas com moradores mais antigos do Satélite, hoje é menos usual bater em crianças e quanto mais crescem menos direitos os seus responsáveis têm de bater-lhes. Eles falam sobre isto revoltados, pois, na sua ótica, não poder bater no filho, sempre que julgarem necessário, tira a autoridade do pai,

⁷⁰ Cf. Teresa Pires do Rio Caldeira. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*, São Paulo, Ed. 34/EDUSP, 2000, p. 370.

⁷¹ *Ibidem*, p. 139.

principalmente este, como chefe de família. Neste sentido, queixam-se do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que chamam de “a lei”, dizendo que ele tirou a autoridade do pai e que o resultado é que os filhos, particularmente os homens, ficaram sem voz de comando que lhes subjugue, e os pais não podem fazer nada. Sentem-se indefesos diante dos desmandos e desvarios dos filhos. Este trecho de uma conversa com alguns pais, explicita suas posições:

“A pior coisa que aconteceu foi terem proibido a gente de ‘executar’ [bater] o filho. [...] Com ‘a lei’ a gente não pode mais fazer nada com um filho, porque eles sempre dão razão pra ele.” [Simulando uma conversa entre jovens, outro morador disse enraivecido:] “‘Eu fumo, eu vou em festa, não tem quem me pare...’ ‘Rapaz, tu é muito besta demais, vai dar parte dele. Tu vai ver o que que acontece com ele.’ [refere-se a denunciar o pai à polícia] Acontece é dele, do pai, ir preso”. [Um terceiro morador disse em seguida:] “Se a gente fizer alguma coisa com um filho ele dá queixa e a gente vai preso. Então a gente não pode fazer nada. Perdeu a autoridade dentro de casa e eles faz o que quer. Tudo por causa da ‘lei’”.

A autoridade do pai está muito relacionada à possibilidade de infligir castigos aos filhos, dentre eles, a surra, que é uma forma de violência física com fins “corretivos”. Em que pese a interpretação equivocada do ECA, que protege crianças e adolescentes da violência doméstica, mas não impede o exercício de autoridade familiar sobre os mesmos, existe no bairro um certo temor de ser denunciado por violência doméstica e assim, eles, os responsáveis, principalmente os pais (homens), sentem-se sem autoridade sobre os filhos.

As mães não se queixaram, nem foram citadas em nenhum momento como carentes de autoridade sobre os filhos pelo fato de não poder dar-lhes surras severas. Há, aqui, duas considerações a fazer: com base nas histórias ouvidas, são os homens os que mais fazem (faziam) uso da força física no exercício de sua autoridade sobre os filhos. A reclamação dos pais (homens) sobre esta situação se refere aos filhos jovens ou no início da juventude, pois são estes os que cometem os atos que ferem sua autoridade familiar, e não as crianças. As mães também batem nos filhos, mas suas surras se dirigem mais às crianças e não aos filhos jovens, que são os que ameaçam denunciar a violência e que efetivamente ameaçam o poder dos pais e das mães.

Assim sendo, é na fase da juventude que a autoridade dos pais (homens) se vê mais abalada. Ouvi casos de brigas muito violentas entre pai e filho jovem, em circunstâncias as mais diversas, mas freqüentemente causadas por um grande aborrecimento do pai diante de alguma atitude do filho, como desobediência a alguma determinação importante e uso indevido do ambiente doméstico, levando para casa amigos não aceitos pela família ou levando uma namorada para dormir, p. ex., dentre outras situações. Outro motivo de brigas se encontra no alcoolismo dos pais, que abala o respeito dos filhos e fortalece as posturas de

enfrentamento direto e violento. No primeiro caso, familiares e vizinhos costumam apoiar o pai e, no segundo, criticar o filho por não ter tido paciência e tolerância com o pai.

São muitas as formas e expressões da violência socialmente aceita, mas o que é importante destacar é, justamente, o fato de que elas são absolutamente legitimadas nos espaços sociais em que ocorrem. Quando a justificativa de um ato de violência tem reconhecimento social, deixa, muitas vezes, de ser violência para os que vivenciam a experiência. Obviamente que parte das formas de violência de que tratamos não é aceita, como a violência das gangues e entre gangues. Mas a violência executada como forma de exercício da masculinidade, seja em grupos de jovens (nos colégios ou nas ruas), seja nas relações intra e inter-gangues, seja na relação com as mulheres e crianças, é uma violência mais dissimulada e mais aceita. Sobre ela, pouca crítica há, porque está incorporada aos códigos morais que normatizam as relações de diferentes espaços. Nestes contextos ela tem caráter instrumental, pois serve para defender preceitos morais, que têm força de lei. Ainda que a violência física de que tratamos seja mais exercida por homens, contra homens e contra mulheres e crianças, existe, em menor proporção, mas com certa expressão social, a violência exercida pelas mulheres, que não pode ser ignorada e que se realiza contra outras mulheres, geralmente disputando um mesmo homem, contra crianças e contra os homens, seus parceiros, notadamente nos momentos de traição destes.

A juventude dos homens se apresenta, para os moradores do bairro, adultos e jovens, homens e mulheres, como uma fase que traz consigo muitos perigos, como se fosse um “funil”. Se ele, o jovem, escapar dos riscos de morte, em meio a brigas isoladas, a brigas entre gangues, entre grupos de jovens, em meio a tiroteios, ele chegará a ser adulto. Além da morte, há também o risco de ser preso, pelas mesmas razões.⁷² Este é o sentido da preocupação dos moradores.

Em que pese a importância de dados oficiais dos órgãos de segurança pública, sabe-se que eles não passam de parâmetros para que se compreenda o fenômeno. Os fatores sócio-econômicos, a partir dos quais sempre são atribuídos aos setores populares os mais altos índices de violência, não esgotam as possibilidades de explicação, por uma razão: a violência não resulta apenas da situação econômica dos indivíduos e, dependendo do tipo de violência a que nos referimos, o econômico participa somente como criador de um espaço onde a trama

⁷² Os relatórios oficiais da Secretaria de Segurança Pública não fornecem estes dados por faixa etária e, conforme prerrogativas legais estabelecidas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, os jovens com idade inferior a 18 anos são encaminhados para a Delegacia Especial da Criança e do Adolescente e nenhum registro é feito na delegacia da área em que o delito ocorreu.

será desenvolvida. A violência contra mulheres, sejam elas crianças, jovens ou adultas, é um exemplo bastante completo (e complexo) neste sentido, pois ela ocorre independente de classe social, principalmente nas suas expressões mais cruéis.

Parece que ao tempo em que os direitos individuais e sociais se ampliam e, com eles, as lutas e mecanismos governamentais e civis para suas garantias, ampliam-se as formas de violência e de violação destes direitos. Compreender isto significa ter percebido que o aumento da violência implica e manifesta mudanças de comportamentos, de valores, que terminam, por vezes, substituindo certas formas de violência por outras ou, simplesmente, instituindo hábitos, prazeres, que trazem consigo a violência como marca, como instrumento ou como fim em si mesma. Nada disto, contudo, é novo, na história da humanidade.

Os moradores dizem que a violência no bairro começou a aumentar desde que começaram as invasões, e com elas a criação de vilas e favelas (estas últimas em bairros vizinhos). Associam a violência ao processo de ampliação e ocupação ilegal do bairro, mas é importante lembrar que, conforme exposto anteriormente, o Satélite é fruto de sucessivas invasões e as invasões subsequentes à constituição do bairro foram feitas pelos moradores do Satélite também, quando suas famílias foram se multiplicando.

A violência que resulta do desemprego e da desocupação não é específica do Satélite, nem mesmo da periferia urbana de Teresina; reporta-nos a um quadro mais complexo por que atravessa a sociedade brasileira e outras sociedades. Mas a compreensão que os moradores têm da violência não demonstra uma percepção mais ampla da realidade, que incorpore movimentos e fenômenos mais gerais, encontra-se ainda circunscrita à imediaticidade do seu cotidiano.

Mesmo assim, observam-se em um bairro como o Satélite, formas embrionárias das tendências individualistas que norteiam as relações sociais contemporâneas. O sentimento mais coletivo que se presentificava nas relações no bairro começa a ceder lugar às posturas do individualismo, circunscritas à preocupação consigo mesmo e com sua família.

O futuro como projeto e como devir

Falar sobre jovens e juventudes remete sempre a falar em futuro; afinal, tem-se como certo que os jovens de hoje são o futuro da sociedade, são o amanhã. Não é possível contestar

a veracidade desta afirmativa, mas é possível, e parece necessário mesmo, atentar para que a vida dos jovens não se resume a planejar e a caminhar em direção ao futuro. Parece até que o presente do jovem é o seu futuro, pois tudo é feito em função do que deverá ou poderá vir a ser: estuda para ter um bom emprego, namora para encontrar a pessoa certa para casar, diverte-se porque depois não poderá mais fazê-lo, pelo menos com tanta intensidade e freqüência. Assim, o presente só se justifica como passagem para o futuro, o presente parece ter uma função instrumental. Entretanto, o presente do jovem não se reduz a isto, pois ele pode estudar para crescer pessoalmente (não apenas profissionalmente), pode namorar simplesmente para viver um amor, pode se divertir porque é bom e saudável, e isto os adultos também podem fazer. O jovem pode, no seu presente, construir formas alternativas de viver seu próprio presente – a juventude.

Por essa razão, pretendo tratar do futuro dos jovens do Satélite apenas enquanto um dos aspectos de sua vida presente, sem mesmo atribuir-lhe primazia quanto às demais dimensões de seu viver, ao tempo em que, reconhecendo sua importância.

Falar sobre futuro com os jovens do Satélite não é fácil, é um assunto que dificilmente entra na sua pauta de reflexões e conversas, pelo menos com o nome de “futuro”. Por esta razão, tentei abordar o tema de diferentes maneiras e, dentre elas, perguntando-lhes sobre os desejos que seus pais têm para com eles, com a esperança de facilitar as conversações. Uns conseguiram expressar com mais clareza os anseios do pai e da mãe, ou somente desta, em geral voltado para a conclusão dos estudos, casamento e emprego. Alguns poucos pais e mães desejam também que o filho consiga entrar em uma universidade e ter um curso superior. Mas poucos, muito poucos, manifestaram o querer chegar ao ensino superior, sabendo inclusive qual curso gostariam de fazer. Talvez não se trate da falta de querer certa profissão, mas do fato de que para eles é algo tão inatingível que nem mesmo é cogitado. Uma aluna de 15 anos disse: “Minha mãe quer que eu seja médica, uma coisa grande [*gesticulou abrindo os braços*], que chega assusta, porque eu não sei se posso conseguir.”

Há mães que simplesmente desejam que os filhos/as não se afastem da família, mesmo depois de casados/as. “Essas coisas de mãe”, diziam, ao referir-se aos temores de suas mães, os quais, posteriormente, fui compreendendo que estão vinculados também aos receios de envolvimento com o tráfico de drogas ou com uma vida de malandragem.

O tom de suas falas não é de projeto de vida, mas de sonhos. É o inalcançável, é o delírio da mãe ou do pai.

No geral, a idéia de futuro que os pais almejam foi expressa pelos jovens somente com a afirmação de que “desejam o melhor”. A mesma resposta vaga foi o máximo que obtive ao lhes perguntar que futuro gostariam que seus filhos tivessem: “o melhor”, “uma vida melhor que a minha”. Mas que vida? O que é “o melhor”? Não sabem dizer. Tentei buscar algumas reflexões (sorrateiramente) de diversos modos, colocando situações para refletirem, e fui concluindo que eles não têm idéia de futuro ou a tem de forma muito vaga, não sabem o que querem, não sabem planejar, não sabem o que fazer, nem como fazer suas vidas. Além de casar e ter filhos, os jovens homens e mulheres, não sabiam o que mais dizer sobre seu futuro.⁷³ Esta constatação me foi possível estabelecer associando as discussões dos alunos das escolas com as conversas com pais e mães jovens e com alguns pais e mães destes jovens.

O que é o futuro senão o que a vida me reserva? Este é o pensamento de muitos. Aqui está incluída a idéia de destino, a qual justifica muitas de suas ações, inclusive a maternidade e a paternidade não planejadas.

Estudar não faz muito sentido para eles. Para que estudar, se não vão conseguir um emprego que requeira qualificação profissional? “Estudar para ser caixa de supermercado, eu não quero”, dizem elas. “Pra viver de *bico* não precisa estudo”, dizem eles. É o que observam da vida atual e esta projeção eles conseguem fazer.

Por vezes, eles respondiam o que pensavam que eu gostaria de ouvir ou o que pensavam ser o “correto”, e assim falavam que estudar era importante para a vida e para seu futuro. Mas ao longo da conversa, sentindo-se mais à vontade, desdiziam e assumiam seus questionamentos e contraposições quanto à educação escolar.

Todavia, nem todos são desta opinião. Há os que vêem nos estudos algum futuro, como a possibilidade de conseguir um emprego melhor. Mas as idéias são sempre muito vagas. Não há objetivos de vida a seguir, neste sentido. Sentem-se confusos e sem parâmetros, o que leva muitos estudantes a pensar em desistir e só não o fazem em respeito e obediência à mãe, que lhes pede (e determina) que sigam estudando. Eles então se consolam com a idéia de que estudos concluídos também servem “pra ser bem visto” no bairro, dizem. São poucos os que concluem o ensino médio e estes são mais respeitados nas relações com os moradores do

⁷³ O trabalho parece algo tão distante, que em conversas com grupos de estudantes nas escolas, nos momentos em que falávamos sobre suas intenções de casar, ter filhos, constituir família, o trabalho não era sequer citado, nem como preocupação, nem como desejo, nem como obrigação, nem mesmo quando eu perguntava sobre o que eles achavam necessário para constituir e manter uma família. Também não lembravam do desemprego. Parece que o trabalho (ou o não-trabalho) era algo implícito, “natural”. A preocupação com o trabalho se torna mais evidente quando casam ou quando têm filhos. Aí a necessidade de planificações, mínimas que sejam, aparece.

bairro, embora sirvam de exemplo de que estudos não garantem futuro, porque muitos estão desempregados.

O depoimento de uma jovem, mãe de duas filhas, sustentada pela mãe, porque o companheiro está sempre desempregado ou consegue poucos *bicos*, retrata a estranheza do assunto - “futuro” -, ao tempo em que retrata a situação que ela mesma vive:

Como são os jovens do Satélite? O que tu dirias para alguém sobre os jovens daqui? É um jovem que não tem preocupação com nada, que só pensa em festa, em brincadeira, não tem responsabilidade de nada, não pensa em futuro, não pensa nos filho, como é que vai ser, não pensa no dia de amanhã. É assim. [...] Nem falam nisso... negócio de futuro...

Interessante que ela também não falava de “futuro”, sequer conseguia esboçar alguma noção.

A falta de idéia e planejamento para o futuro não é uma peculiaridade dos jovens. Seus pais e avós não conseguiam planejar também, ou melhor, não planejavam. Um planejamento de vida requer condições materiais e financeiras mínimas, com as quais e a partir das quais, seja possível organizar a vida em função ou na direção de algo pretendido. Não é de surpreender, portanto, que pessoas em situação de muita pobreza não tenham condições de planejar seu futuro. Garantir um presente com mínimos de sobrevivência parece ser o possível de ser planejado. Sem um ambiente familiar e social em que o planejamento da vida seja uma prática, como esperar que eles incorporem o planejamento à sua vida pensando em seu futuro? O planejamento plausível é o de comprar uma geladeira nova, uma televisão, um fogão, fazer uma reforma na casa, comprar um novo telhado. Planejar isto já requer muito de quem vive com muito pouco. Sobre a vida, restam os sonhos, os quais a própria vida dirá da exequibilidade. Neste sentido, vejamos o que deseja uma avó, de 38 anos, para suas duas netas:

Eu desejo pra minhas netas assim... [silêncio] desejo pras minhas netas... [pausa] eu sei que as minhas netinhas vai sempre morar mais eu [...]. Eu desejo que elas tenha... [pausa] sei lá... que ela estude, que ela tenha um futuro bom, que seja uma mocinha, cresça uma mocinha responsável, que não seja uma menina que anda na rua com um monte de menina que goste de festa. Quero que elas estude, que goste de igreja, que quando ela crescer tenha um trabalho, pra ter a vida dela independente, de não precisar de mãe, de vó, essas coisas assim, pra ajudarem elas. Eu quero que minhas netinhas seja assim.

Após muitas dificuldades para expressar, pelo menos, algum desejo, a jovem avó consegue traçar, em linhas gerais, algumas aspirações para as netas. Os desejos para filhos e netos não necessitam de detalhes, nem mesmo se faz necessário (nem recomendável) que sejam construídos projetos para eles. O que se constata contudo, na conversa com mães, pais, avós, é que nem eles planejaram suas próprias vidas, nem conseguem ter desejos ou imaginar

projetos de vida para seus filhos e netos. Certamente, de alguma maneira o futuro aparece ou apareceu como questão, como preocupação, em algum momento de suas vidas, mas vivem do presente, vivem no presente e o futuro imaginado está a pequena distância do presente. Não faz sentido pensar em futuros longínquos.

Pensar em futuro demanda, dentre outros fatores, ser capaz de perceber e se posicionar diante de certo conjunto de opções, de possibilidades de percursos, frente a certos horizontes, certos fins. Pressupõe um mínimo de estabilidade, que forneça as coordenadas sobre processos a serem vividos. Implica, portanto, uma certa previsibilidade (real). Ou, nos dizeres de Machado Pais,

(...) a antecipação do tempo - e isso significa projetá-lo - é feita a partir de uma situação do presente. Neste caso, o futuro é virtualmente um tempo do presente vivido (presente futuro). Mas, perante um presente tão instável, como projectar o futuro? Bem, pode ancorar-se o futuro ao presente instável, mas isso significaria projectar um futuro instável. (...) O desassossego em relação ao futuro implica uma compensatória valorização do presente.⁷⁴

O planejamento do futuro pressupõe a disposição de se submeter a processos que levam ao fim desejado; significa, por conseguinte, (a) haver processos a serem desencadeados para o alcance de um fim almejado; (b) ter a possibilidade de inserção nestes processos-meio para referido fim; e, (c) em decorrência dos anteriores, ter uma previsão de tempo para a consecução dos planos. Os jovens que têm acesso a estas prerrogativas, ainda assim, enfrentam muitas dificuldades nos seus planejamentos, tanto na elaboração quanto na execução.

Os jovens homens de periferia e, particularizando-se, os do Satélite, não têm acesso a processos educativos que os capacitem profissionalmente. Seu aprendizado profissionalizante ocorre com seus pais ou equivalentes, com pais de amigos ou com vizinhos. É uma aprendizagem informal, que de alguma maneira permite que desenvolvam alguma habilidade, mas sempre voltada para atividades que não exigem qualificação escolar, como é o caso de eletricistas, pedreiros, jardineiros, dentre outros. Para desenvolver este tipo de aprendizagem não há necessidade de planejamento, basta a oportunidade de estar com alguém que os ensine ou de simplesmente observar. Significa, portanto, que os aprendizados a que esses jovens se submetem possuem outro ritmo e outras condições para que se realizem. É uma realidade totalmente distinta da realidade dos jovens que podem escolher uma profissão de nível universitário a seguir, preparando-se para o ingresso na universidade e planejando o início de sua carreira profissional. Aqui comportam os planos, aqui eles são necessários, se a intenção

⁷⁴ José Machado Pais, *Ganchos, tachos e biscoates: jovens, trabalho e futuro*. Porto, Ambar, 2001, p. 423-424.

for levada a sério. No outro caso não, ainda que esses jovens de periferia almejassem a formação superior, pois as possibilidades de êxito são tão mais remotas que os planos facilmente se transformariam em sonhos, como, na realidade se transformam.

Além do mais, as céleres mudanças que se processam na realidade social os desorientam. Para os jovens de classes mais abastadas, as mudanças são rápidas e o leque de opções se altera velozmente. Para os da periferia, a velocidade das mudanças é menor e com elas diminuem as opções no mercado de trabalho em muitos setores de referência para eles. Vão lhes restando, com uma crescente diminuição da mobilidade social, os trabalhos que não exigem qualificação profissional, onde as mudanças são mais lentas, mas acontecem permanentemente, como é o caso dos serviços de carregador, que passam a ser feitos por máquinas, ou do trabalho de vigilante, substituído por segurança eletrônica, e assim diversas outras atividades do setor de serviços, principalmente, que estão cada vez mais sofisticadas e especializadas.

Com esses parâmetros, que expectativas a vida destes jovens lhes oferece? Concluir os estudos em nível médio parece ser a única possibilidade assegurada, desde que atendam às exigências da vida escolar. Como os estudos, para eles, não garantem emprego nem *bico*, ou seja, como a finalidade de estudar se esvai, então para que seguir?

Embora os problemas com os ensinos fundamental e médio sejam mais complexos do que os aspectos que os jovens apontam, direcionando a reflexão ao que eles pontuaram, tem-se que os conteúdos e práticas didático-pedagógicas adotadas nas escolas se apresentam cada vez menos interessantes e atraentes a crianças e jovens. No caso dos jovens de periferia, eles clamam pela introdução de outros conteúdos, reduzindo os conteúdos formais, atualmente em vigor. O depoimento de um jovem membro do movimento hip hop é bastante esclarecedor e instigante a este respeito. Falávamos da ilusão de muitas jovens que engravidam, quando, de repente, ele disse:

Acho que a comunidade tem que ser estruturada, e a galera tem que deixar de ser sacana mesmo, tem que desenvolver políticas públicas pra comunidade, porque se não tiver... Desenvolver a escola. Taca um sistema de cultura alternativa e de educação alternativa, porque a escola como tá estruturada ela tá uma bosta, ela não chama a malucada pra dentro dela. Os cara preferem ficar cheirando cola, preferem se envolver com briga do que estar na escola. *E como é que tu achas que poderia melhorar a escola, pra ser mais atrativa?* Vamo implementar, cara. Vamo colocar o hip hop dentro da escola, vamo colocar capoeira, vamo colocar *skate*, vamo colocar *cross*, que é os movimento que estão na rua aí [falava rápido e revoltado, como se dissesse o óbvio]. É o que está fazendo a reintegração da malucada. Vamos fazer rampa dentro da escola pros cara poder ir pra lá na hora do recreio e na hora do recreio a molecada poder olhar esses cara lá. Vamo levar uma escola de *break*, como a gente fez ali no escolão do Parque Piauí, foi premiado com a Nova Escola. Foi um dos melhores projetos

desenvolvidos em Teresina no ano de 99 e ninguém vê isso. [...] Vamo colocar grafite pra essa galera estar aprendendo. Vamo grafitar a escola, que evita até o vandalismo da pichação, porque o grafite é conhecido e respeitado mundialmente. Onde um grafiteiro desenha o pichador não coloca nada perto, até porque o grafite é uma pichação evoluída, o cara tem é vontade de aprender. Uma escola que é grafitada não tem pichação. Isso é código dentro do movimento hip hop. Ninguém vai desrespeitar um grafite, ninguém vai desrespeitar a arte do cara. Vamo estar ensinando pros cara a rima, vamo estar ensinando pros cara *rap*. Vamo estar passando a idéia real do *rap* mesmo. Trabalhando com essa galera como tem que ser trabalhada, conscientemente. Porque se o cara sabe que tem camisinha, se ela quer ser livre ou se julga livre, que ela seja livre consciente, não seja empurrada porque a novela impõe isso não. Porque as *gata* acham massa ter um marido... e ter um amante, um cara que em geral seja cabeludo e forte como ocorre. Que não seja escrava não, e se for uma escrava, que seja uma escrava consciente. [pausa. Desacelerou o ritmo da voz e, cabisbaixo, concluiu:] Eu vejo a parada rolar assim.

Foi muito freqüente, nas conversas com estudantes e jovens pais e mães, a crítica aos conteúdos escolares, embora, à exceção do jovem acima, nenhum tenha apresentado sugestões ou alternativas. A escola é considerada uma obrigação, cuja única vantagem é poder sair de casa. Há os estudantes que gostam do que aprendem na escola, mas são uma pequena parcela, e até estes reclamam da repetição, da rotina desgastante, da falta de criatividade nas práticas pedagógicas, da necessidade de atualização e adaptação de conteúdos para sua realidade.⁷⁵

Desta forma, o que poderia ser o principal veículo para um futuro com um emprego melhor que o alcançado por seus pais, deixa de sê-lo e perde o sentido.⁷⁶ O futuro, para elas, é “arranjar” um companheiro, e para eles, é garantir o sustento da família. O futuro é algo a ser vivido no dia-a-dia, não é algo muito adiante do tempo presente. Em outro momento de nossa conversa, tratando dos cuidados dos jovens e das jovens com seus filhos, o mesmo integrante do hip hop respondeu:

Mas e aí, como é que é o cuidado que eles têm com os filhos, que tipo de preocupação que eles têm? A molecada é bicho solto, né?, cresce solto na quebrada. O cara... a preocupação

⁷⁵ É necessário observar a diversidade de pensamentos e comportamentos juvenis, e no que respeita à educação formal que está sendo desenvolvida, há uma grande variedade de posições. Contudo, parece haver uma tendência majoritária em valorizar o ensino das escolas, pois mesmo entre aqueles que participam de grupos contestadores, há os que defendem esta educação formal, com muitas ou poucas críticas e contraposições. Não foi esta a tendência predominante que identifiquei entre os jovens entrevistados, pois muitos se colocaram contrários às práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas, indo à escola por obrigação ou abandonando-a. No entanto, pesquisas de maior abrangência, utilizando metodologias quantitativas e qualitativas, realizadas em Fortaleza, Rio de Janeiro e Brasília, indicam que ampla maioria dos jovens, inclusive de baixa renda, considera relevante o papel da escola, reconhecendo-a, principalmente, por sua contribuição na construção do seu futuro, e registrando apenas esparsas críticas ao ensino vigente. Ver, a respeito e respectivamente, Maria Nobre Damasceno, *Trajetórias da juventude: caminhos, encruzilhadas, sonhos e expectativas*, e Celecina Veras, *Os jovens como experimentadores e produtores do devir*, in: Maria Nobre Damasceno et al. (Org.), *Trajetórias da juventude*, Fortaleza, LCR, 2001; Maria Cecília de Souza Minayo et al., *Fala galera: juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Garamound, 1999; e Júlio Jacobo Waiselfisz, *Juventude, violência e cidadania: os jovens de Brasília*, São Paulo, Cortez, 1998.

⁷⁶ Lamentavelmente, a educação formal, longe de ser também instrumento de enriquecimento pessoal, está sendo compreendida como “um simples instrumento de mobilidade social”. José Machado Pais, *Ganchos, Tachos e biscoates: jovens, trabalho e futuro*, p. 50.

básica é botar comida dentro do barraco, pra mulher e pro filho, e tentar dar uma educação pro moleque. Tentar botar ele na escola, porque esse termo aí “dar uma educação” acho que não rola não, mas botar ele dentro de uma escola... Se o moleque não quiser também, quando ele tiver com 14, 13 anos ele já tem autonomia pra dizer que não vai. Vai se virar por sua conta. [...] O cara que mora na favela, a preocupação dele não é ter luxo, ter uma televisão não, é ter comida dentro de casa, isso aí vem depois. A preocupação básica é só ter comida. O cara não quer muita coisa não.

É isto que a vida lhes oferece e lhes cobra. As probabilidades de ampliação dos horizontes são muito limitadas e não há redes de apoio, sequer mesmo há pontos de apoio consubstanciados, que favoreçam a integração dos jovens nos processos de trabalho. Socialmente excluídos, ficam entregues à própria sorte. Por outro lado e em complementação, há uma cultura arraigada, com base na qual não se motivam a buscar muito além do necessário ao básico de suas vidas - alimentação e moradia - conforme o depoimento acima ressaltou. Não se trata de reduzir seus valores e comportamentos a uma acomodação às possibilidades da vida, mas de perceber o sentido de uma certa resignação aos seus horizontes. A experiência dos seus antepassados já lhes mostrou a dureza da vida e a escassez de possibilidades de mudanças radicais. Para muitos deles, chega a ser uma luta em vão. Portanto, mais que acomodação, há, neste sentido, uma sabedoria de vida que lhes sinaliza pelo que é possível lutar.

Em meio a dificuldades e desencantos, existem fontes de alegria, de satisfação, de prazer pela vida, seja no encontro com os amigos no bar ou no primeiro “filho homem”, no caso dos homens, seja na conversa com as vizinhas, nos presentes para a casa, no caso das mulheres, ou no forró, no *reggae*, na festa de casamento, em ver, do alto de um morro e à distância, os jogos de artifício fazendo seu espetáculo na noite de *reveillon*, dentre outros exemplos. São prazeres que independem de boa condição financeira e que contam com a cumplicidade dos seus pares. São prazeres que acontecem no imediato da vida ou no simples devir, que não exigem muito ou nenhum planejamento.

Pesquisa desenvolvida por Hoggart,⁷⁷ sobre a vida cultural da classe trabalhadora inglesa, mostrou o quanto a vida dos trabalhadores tem momentos de alegria e felicidade, com uma tendência a desfrutarem dos prazeres imediatos que a vida lhes oferece, sem muitas preocupações com o futuro e suas incertezas. Resguardadas as diferenças entre os universos pesquisados, a realidade do bairro Satélite é bastante semelhante neste aspecto. A dureza da vida lhes faz arrefecer os planos para um futuro, geralmente, nebuloso. O futuro é o sonho

⁷⁷ Cf. Richard Hoggart, *As utilizações da cultura I: aspectos da vida cultural da classe trabalhadora*, Lisboa, Presença, 1973.

irrealizável, a vida é o presente. De certa maneira, adultos e jovens assentam seus comportamentos nesta postura.

Todavia, quando se trata de futuro há mais que isto, e, ainda conforme as reflexões de Hoggart, há convites repetitivos, constantes, para que as pessoas vivam o que é considerado divertido, ao que se associa o “progressivismo”, que conduz a viver o presente refutando o passado. O importante é “ser moderno” e “ser antiquado é um defeito”. Continua o autor, “o presente só é apreciado porque, e enquanto, é o presente ou o passado mais recente, não ultrapassado; à medida que novos “presentes” vão surgindo, os anteriores são postos de lado. O “progressivismo” acena às pessoas com uma perspectiva infundível de novos prazeres (...).”⁷⁸ A tendência a desfrutar o prazer imediato é generalizável, mas esta última, o “progressivismo”, é incorporada mais notadamente por jovens e adultos jovens e constitui uma das lógicas que orienta seu comportamento.

Para Machado Pais, em pesquisa realizada com jovens portugueses sobre trabalho e futuro, “é como se os jovens tivessem perdido o sentido de ‘continuidade histórica’ e vivessem o presente só em função do presente”, potencializando o viver cotidiano enquanto espaço não apenas de rotinas, mas também de rupturas, de criatividade, de aventuras.⁷⁹ Cotidiano que se pode entender também como presente a ser explorado e esgotado, presente como aqui e agora, considerado em sua imediaticidade.

Todos esses processos atravessam sociedades e classes sociais, embora a elas se conformem, adequando-se, particularizando-se e construindo suas próprias razões. Somam-se às formas de socialização e de vida previamente existentes e, por conseguinte, a eles se associam posturas arraigadas e tradicionais. São uma multiplicidade de processos, dos quais aqueles referentes à temporalidade são apenas alguns, concebidos com tempos socialmente construídos, com ritmos próprios e sentidos próprios. A vida então se desenvolve em um embate complexo, rico e pleno de proposições, idéias, valores, sentimentos, desejos diversos e, por vezes, excludentes, repleta de ambigüidades e incongruências.⁸⁰

⁷⁸ Richard Hoggart, *As utilizações da cultura 2: aspectos da vida cultural da classe trabalhadora*, Lisboa, Presença, 1973, p. 35.

⁷⁹ José Machado Pais, *Ganchos, tachos e biscoates: jovens, trabalho e futuro*, Porto, Ambar, 2001, p. 78-80.

⁸⁰ Em estudo sobre temporalidades de jovens madrilenhos e parisienses, Amparo Lasén Díaz identifica diversas dificuldades por eles apontadas para que consigam planejar seu futuro. Trata-se de jovens graduados ou acadêmicos, com uma realidade radicalmente distinta da realidade dos jovens do Satélite, mas que também encontram dificuldades em planejar sua vida, tanto pela potencialização e supervalorização do momento presente, como pela rapidez com que se têm processado transformações na realidade social. Em sua reflexão, a autora chama atenção para o fato de que os jovens de hoje estão envolvidos no que ela denomina de “complexidade externa”, concernente ao mundo em que os jovens vivem e “complexidade interna”, referente aos seus desejos e aspirações. Lembra que não é um fenômeno novo os jovens estarem cercados por incertezas

Embora, no Satélite, não seja um costume pensar no amanhã, as atuais mães jovens e pais jovens, com cerca de 18, 20 anos, chegaram a ter mais sonhos do que os jovens mais novos, de 13, 14 anos, ainda que as idades sejam muito próximas. Os primeiros vêm de um tempo em que, no bairro, se assistia menos televisão, receberam, portanto, menos influência da mídia televisiva em seu processo de educação e socialização. Havia mais brincadeiras na rua e não havia muitos perigos nas vias públicas. Então há diferenças entre seus sonhos e os sonhos dos jovens mais novos. Os homens sonhavam em ser policiais, ter um comércio ou, simplesmente, a opção mais comum, conseguir alguns *bicos* ou emprego fixo. As mulheres sonhavam, quando crianças, em ser enfermeiras, professoras, mas a opção mais comum era ser mãe, esposa e dona de casa. Deu-me a impressão, nas conversas com eles e elas, que sonhavam com o que viam ao seu redor. Ou seja, seus sonhos não eram muito amplos, estavam circunscritos às suas próprias possibilidades de vislumbre, que eram estreitas. Em sua infância, havia o policial que morava no bairro, a enfermeira, a professora, que lhes serviram de exemplos a serem seguidos.

Conversando com jovens mais novos, percebi que eles pouco ou quase nada têm a dizer sobre seus sonhos atuais ou de infância. Muitos sequer têm sonhos. Suas expressões e tons de voz revelaram posturas que pareciam dizer: “Para que sonhar se o que importa é o hoje e não o amanhã?” ou ainda, “Para que falar ou pensar no inatingível?” Este primeiro questionamento é um indicador preciso de um tempo de aqui e agora.

Ainda que seja necessário reconhecer que esses são processos mais amplos, que não respeitam apenas às juventudes do Satélite, conforme já foi afirmado, faz-se mister considerar também que a falta de oportunidades, a condição de excluídos, é preliminarmente definidora do estado de descrença, de apatia e distanciamento diante das projeções para o futuro que os jovens poderiam estar construindo. Ou seja, a condição de classe social determina também as formas como os processos acima referidos se desenvolvem entre os jovens.

Em que pesem todas essas constatações, um sonho eles e elas têm: ter um/a companheiro/a e uma família. Elas sonham em encontrar um homem que lhes dê amor verdadeiro, seja compreensivo, carinhoso, tenha emprego fixo, as sustente, goste de conversar, que saia do trabalho e vá direto para casa, sem freqüentar bar, nem festas, nem casa

quanto ao trabalho, casamento, família e que tendem, por conseguinte, a adiar compromissos e sua saída de casa, mas que esta situação está se acentuando e agravando. No caso do Satélite, diferentemente, os jovens vêm na vida a dois a estratégia para alcançar a desejada autonomia, possivelmente porque a instabilidade no trabalho não lhes garante isto. Cf. Amparo Lasén Díaz, *A contratiempo: un estudio de las temporalidades juveniles*, Madrid, Centro de Investigaciones Sociológicas, 2000, *passim*.

de amigos e que tenha cuidado com a mulher e os filhos. Eles sonham com uma mulher compreensiva, carinhosa, que saiba cuidar deles, dos filhos e da casa, que acompanhe o marido, não queira estudar, saiba esperar o companheiro voltar do trabalho, não implique com seus amigos, não goste de festas.

São estes os perfis de homem e mulher ideal traçados por eles e elas, mas, novamente, trata-se de um sonho irrealizável, e, na falta de encontrar o/a parceiro/a ideal ou mesmo o “grande amor”, vão se adaptando às chances que a vida oferece. Desta forma, a projeção de vida que eles e elas conseguem fazer é: quando se juntar, morar “na casa da mãe, na casa da sogra, no fundo do quintal, fazer a casinha lá e morar, ou então fazer [a casinha] em cima”. A referência é sempre uma mulher, a mãe ou a sogra, e uma das condutas que costumam adotar é morar com a família, visto que não há condições financeiras para adquirirem uma casa, a não ser em invasões ou em locais muito distantes.

Essa projeção, na sua ótica, não requer planejamento, requer apenas que a união aconteça, pois, “com o tempo”, as coisas vão se organizando. Aqui o tempo volta a ser (também) futuro.

Há, contudo, um momento em suas vidas em que a questão do futuro se lhes apresenta de maneira mais objetiva: quando um filho vai nascer. Para os jovens que não vão assumir a paternidade isto não é um problema, mas para os que vão assumi-la, é um momento em que param para pensar no que fazer para sustentar a nova família.

Porém, é para as jovens grávidas e mães que as preocupações com o futuro se apresentam de forma mais acentuada, pois têm agora um filho para criar, com apoio do pai ou não. Parar para pensar no que fazer, no entanto, não significa, necessariamente, encontrar saídas viáveis, e é o que ocorre freqüentemente com elas. Com um filho para cuidar, ficam com dificuldades de retornar para a escola ou de tentar um emprego.

A jovem passa a sonhar com a idéia de que um homem poderá sentir por ela “verdadeiro amor” e tirá-la daquela situação, levando a ela e ao seu filho para outra casa, sustentando-os e constituindo uma família. Neste sentido, muitas delas têm esta perspectiva como um projeto de vida. Assim, passam a se preocupar em logo encontrar este novo amor.

Quando estão muito desiludidas, muito sofridas com suas experiências amorosas, elas ficam esperando uma oportunidade de que alguém cuide do seu filho para que possam procurar um emprego.

Pode-se dizer, por fim, que a preocupação com o futuro ganha certa concretude quando um fato altera ou alterará em breve o curso de suas vidas - um filho, uma separação conjugal, a perda do pai ou da mãe. Ademais, se o imediato, o presente, estão satisfazendo, a vida parece estar bem.



Hospital do Satélite



As ruas do bairro já foram mais movimentadas

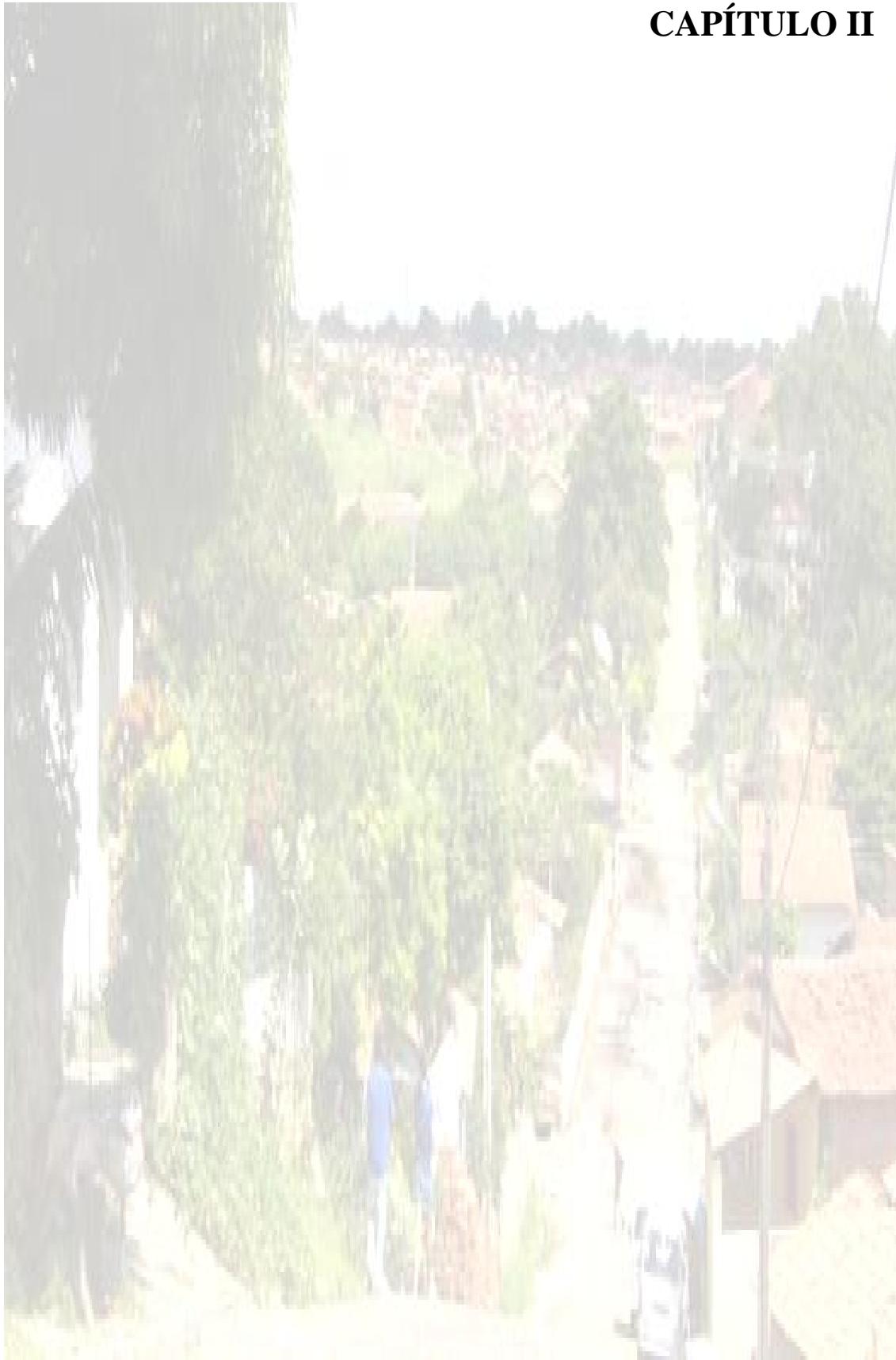


Vista panorâmica da rua Dom Bosco, que tem ladeiras muito íngremes.



Rua Mercúrio, uma das mais antigas do bairro.

CAPÍTULO II



Os jovens e os seus modos de vida afetivo-sexual

Falar sobre amor, paixão, sexualidade, entre os jovens é falar de processos muito intensos, regidos por muitas lógicas e incoerências, por ambivalências e ambigüidades, mas sobretudo, é falar de processos cheios de movimento e vida, pois que plenos de alegrias, prazeres, decepções, mágoas, sonhos, frustrações, esperanças e outros tantos sentimentos e emoções que se lhes atravessam.

Antecipam-se cada vez mais os momentos em que o jovem e a jovem iniciam a vida afetivo-sexual. No Satélite, é por volta dos 12 anos que elas começam a se interessar pelos *brotos*. Logo em seguida, o interesse por namoro implicará no interesse pela vida sexual. Para muitas, segundo depoimentos de professoras, mães e delas próprias, a vida sexual se inicia entre 13 e 17 anos de idade.

Entre os jovens homens também, o ingresso na vida afetivo-sexual se antecipa cada vez mais. Por volta dos 14, 15 anos eles são cobrados, pelos pares, das experiências com mulheres, incluindo-se aí experiências sexuais, que significam a afirmação da masculinidade. Desta forma, em geral, nesta faixa de idade eles já estão envolvidos, se não afetivamente, mas sexualmente com alguma garota. Dentre várias formas de envolvimento, a mais comum é o *ficar*, em seus diferentes matizes.

Ficar pode significar beijos, abraços, carícias, em diversos graus de intimidade, até a relação sexual, que é um *fica completo* ou uma *ficada completa*. Podem *ficar* por alguns minutos, horas, uma noite inteira, um final de semana, alguns dias, isto não importa. O fundamental a ser garantido no *ficar* é o descompromisso. Assim, é possível trocar de *gata*, *broto* ou *mina* várias vezes em uma noite ou permanecer com ela e outras por vários dias.

Com as jovens é um pouco diferente. Sendo uma prática que só pode ser desenvolvida a dois (no mínimo), e como se trata aqui de relações heterossexuais, pode parecer óbvio que

gatas e gatos tenham a mesma participação nos atos de *ficar*, mas não é exatamente assim. Claro que se faz necessário ter um jovem e uma jovem para que aconteça, mas eles *ficam* muito mais que elas. Um mesmo jovem pode *ficar* com várias jovens em apenas uma noite enquanto que elas, geralmente, *ficam* com poucos jovens, somente com um ou até mesmo sem nenhum.

Eles *ficam* com outras quando estão sem a namorada ou companheira ao seu lado; *ficam* com várias quando estão sem nenhum compromisso com alguma jovem. Quando estão entre 14 e 18 anos é a fase em que mais *ficam*, pois é um período de afirmação da sua condição masculina, quando têm que provar que são “homens”, são desejados, sabem conquistar uma mulher, sabem transar e podem fazê-lo muitas vezes e quando quiserem. Há uma disputa entre os homens que acentua o comportamento descompromissado que eles adotam mais freqüentemente do que elas. Ter várias namoradas, tanto ao mesmo tempo quanto seqüencialmente, é muito importante. Em suas conversas de grupinho, eles contabilizam os namoros e as *ficadas* de cada um e, claro, todos querem estar bem classificados.

Para as jovens, a situação é outra. Elas podem *ficar* nas mesmas circunstâncias, quando o namorado ou companheiro não está perto; quando estão sem compromissos com alguém e com vários *gatos ou brotos*; contudo, em geral, elas estão procurando um parceiro que se torne um companheiro de vida. Mesmo quando *ficam* com alguém e já têm um namorado, estão procurando um parceiro mais adequado. Ou seja, a intenção e o sentido são diferentes. Obviamente, há aquelas que *ficam* somente para se divertir, para mostrar para as colegas que sabem conquistar, seduzir.

Ou seja, todos os jovens *ficam*, no sentido de estar apenas curtindo o momento, mas nem todas as jovens *ficam* neste sentido, quando *ficam* é com alguém que elas pensam ser “sério” e estar também procurando um compromisso. Quando estão namorando, é mais freqüente eles *ficarem* com outras do que elas, ainda que, segundo seus depoimentos, elas estejam adotando este comportamento cada vez mais, principalmente quando descobrem a infidelidade dos seus namorados e resolvem agir em represália.

Embora seja uma prática comum e bastante difundida, especialmente por anteceder e propiciar o namoro, o *ficar* é vivenciado com muita ambigüidade pela maioria das jovens. Para elas, designadamente aquelas que buscam compromissos sérios, cada experiência de *ficar*, embora aparentemente tranquila e “normal”, gera um conjunto de expectativas: enfrentam uma angustiante espera de que o parceiro as assuma como namorada fixa; não

sabem a que intimidade física devem permitir-se chegar, devido à instabilidade da relação; não sabem nem mesmo a que ponto tornar público aquele momento, pois pode ser um momento efêmero que poderá se voltar contra a sua moral, afinal, *ficou* porque quis e tudo o que aconteceu foi com seu consentimento. Significa que, para muitas delas, por buscarem relacionamentos com compromisso, o *ficar* e as ambigüidades e ambivalências que carrega consigo é uma prática que, ao tempo em que lhes dá satisfação, ao atender seus desejos e necessidades afetivo-sexuais, lhes traz inseguranças, visto seu caráter de descompromisso, provisoria e até mesmo de apenas brincadeira, de passatempo.

Algumas chegam a dizer que estão *ficando* e aguardando o jovem se decidir. É um momento de experimentação; portanto, se for bom, eles continuam, se não for, tudo se encerra sem explicações. Elas costumam dizer que aguardam a decisão do parceiro sorrindo da situação, levando na brincadeira, mas por detrás do sorriso há uma expectativa que pode se frustrar e, assim, há um certo medo de se machucar e de se expor. Sob este aspecto, o *ficar* é um investimento afetivo e emocional, principalmente para elas, que têm que agradar mais que eles, têm que mostrar que são “a mulher ideal”. E é nestas demonstrações que, por vezes, arriscam-se nos relacionamentos sexuais, manifestando-se “mulher”, principalmente para não serem chamadas de “tolas” pelos parceiros, que é uma das estratégias que eles utilizam para convencer a parceira a transar, e sem preservativo.

O *ficar* é um “código de relacionamento”,¹ construído e modificado no desenvolvimento das experiências. As regras (descompromisso, rotatividade) servem para todos, mas nem todos ou todas se adequam a elas. Os que não se adequam, nada podem contestar. Algumas jovens, p. ex., não gostam de *ficar* com um *gato* em uma festa e vê-lo, em seguida, com outra, mas nada podem dizer. Há outras que preferem a liberdade de *ficar* com quantos queiram.

¹ Expressão usada por Flávia Rieth, Ficar e namorar, in Cristina Bruschini e Heloísa Buarque de Hollanda (Org.) *Horizontes plurais: novos estudos de gênero no Brasil*, São Paulo, Fundação Carlos Chagas/Editora 34, 1998, p. 111-133. Aproveito a oportunidade para esclarecer que considero o *ficar* como “código de relacionamento” de que se utilizam jovens e adultos, não sendo, assim, exclusividade dos jovens. Ocorre que entre os jovens há um código mais abrangente, complexo, explícito, construído em práticas mais intensas, rotineiras e públicas, à diferença de muitas experiências dos adultos, sejam homens ou mulheres, solteiros ou casados, que guardam consigo algumas peculiaridades. Entre os homossexuais, o *ficar* abriga práticas antigas, as quais, obviamente, guardam as particularidades do meio social em que se desenvolvem. Em quaisquer casos, as características básicas se mantêm: a falta de compromisso, um devir em aberto, a liberdade de se relacionar com outros/as. Porém, o *ficar* entre adultos, que, inclusive, já estão a usar o mesmo termo, não é objeto deste estudo, assim como também não o é o *ficar* entre os homossexuais.

Pode-se afirmar, por conseguinte, que, ainda que as regras sirvam para todos e todas, o seu aproveitamento se diferencia por gênero. Vejamos o que diz esta jovem mãe, de 22 anos, em uma das conversas que tivemos:

Caiu um cisco, o leite já não presta. É igual mulher. E mulher é mais ‘defamada’. Mulher é mais criticada de que homem. E o que que eles dizem? “Oia, aquela bicha ‘véia’ tá com fulano”. “Ah, é meu amigo, amanhã eu vou falar pra ele. Aquela bicha ‘véia’ não presta não, já curtiu comigo, já fez isso, isso...”, sem ter feito. Aí começa a ‘defamar’ a mulher. Começa a ‘defamar’ a mulher de todo jeito. “Não, aquela bicha ali não vale nada”. Aí o outro ó... é amiguinho... “Ixe, pois não quero mais não, rapá, também já comi, não quero mais não”. Nem fez nada, só é pra ‘mucura’ não ficar por baixo, ‘mais’ por cima ainda. Aí, quem que vai dizer isso de um homem? As mulher? As mulher não diz isso com homem não. Fica só na dela, calada. Agora homem ‘defama’ a mulher mesmo... [enfatiza o “mesmo”, acentuando o tom da voz] Não defende não. [pausa] Coisas da vida, não é não? [silêncio, cabisbaixa]

Um jovem que *fica* com muitas jovens em uma mesma festa é elogiado pelos pares e admirado pelas jovens por sua virilidade. Quando uma jovem se comporta assim, fica mal vista e comentada. Embora haja um discurso entre eles e elas defendendo a liberação total, há também o discurso e a postura de cobrança de um comportamento mais recatado para as mulheres, pois as que *ficam* com muitos são consideradas mais “fáceis”, e merecem menos respeito deles e delas. Mais grave ainda é a situação das que são mães, como a jovem acima, que sofre na pele a discriminação, ao não ser levada a sério pelos que lhe assediam.

Embora com fortes desigualdades de gênero, a prática do *ficar* traz consigo algo importante, que é a explicitação do desejo sexual, acompanhado ou não de sentimento. O *ficar* entre os jovens é um espaço rico e pleno de experiências diversas, concernentes à descoberta dos prazeres do próprio corpo, dos prazeres do sexo oposto, dos sentimentos e emoções, das estratégias de sedução e de muito do que envolve o amor e a sexualidade. É um exercício em que sexo e afeto podem estar apartados sem transgressões, e como não há compromissos, o sexo pode não se constituir indício de vínculos, sobretudo para os homens.

O prazer na juventude é, costumeiramente, abordado como fruto de inconseqüências, descompromissos, irresponsabilidades, mas nem sempre é assim, embora estas sejam características muito presentes. O *ficar* é um jogo e um exercício público de sentimento e sexualidade. O *ficar* é sempre um risco a ser assumido, pois pode resultar em compromisso (namoro), em uma boa lembrança, e pode resultar em decepção ou frustração de um desejo ou de um sentimento. São muitas nuances e possibilidades, tornando inviável e incorreto enclausurar a multiplicidade de sentidos em uma mesma mirada, uma mesma lógica ou uma única explicação. Muitas das jovens do Satélite, por exemplo, ao tempo em que vivenciam estas descobertas e experimentações, utilizam o *ficar* como estratégia para o estabelecimento

de compromissos, ainda que se frustrem e se compliquem. Compreender o *ficar* como exercício, no sentido de vivência, de experimentação, não significa atribuir-lhe o sentido de “sistema de ensaio/erro”,² posto que o *ficar* não se limita a jogos de sedução que almejam o parceiro/a ideal. Embora haja buscas, está muito presente no *ficar* o prazer momentâneo, cujo sentido se esgota naquele instante; foi produzido para um descobrir-se, para vivenciar e experimentar enquanto de sua duração. Um momento pode se seguir a outro, mas sem seqüências previamente estabelecidas. Todavia, quanto a este aspecto, a maior ênfase na realidade das juventudes do Satélite é, para as mulheres, o *ficar* como busca e, para os homens, o *ficar* como experiência do momento.

Observando essas realidades juvenis, poderíamos pensar que é mais risco que destino (enquanto caminho previamente traçado, à revelia do ser) o que a realidade impõe para os jovens, como bem afirma Machado Pais, ao analisar jovens portugueses em suas trajetórias de vida, pois “passou-se de um destino que nos era dado *metasocialmente* - por uma qualquer ‘exterioridade’ que se imporia sobre as nossas maneiras de ser, de pensar e de sentir [...], para um destino que é produzido quotidianamente, num campo de oportunidades, reivindicações, utopias”.³ Todavia, à diferença dos portugueses, no caso das jovens mulheres do Satélite, as oportunidades e reivindicações são bastante reduzidas, e, certamente, o risco e a noção de destino “dado metasocialmente” se entrecruzam em determinados momentos, pois quando utilizam a *ficada completa* como estratégia na construção do seu “destino”, as jovens fazem uso do risco para assegurar seu suposto “destino”: ser mãe, mulher e dona de casa. No caso dos jovens homens, parece não haver riscos específicos, circunscrevendo-se, portanto, apenas aos riscos gerais a que homens e mulheres se submetem na prática do *ficar*.

Embora muitos adultos afirmem que *ficar* é um nome novo para uma velha prática, anteriormente conhecida como “sarro”, “pino”, “amizade colorida” e outros tantos termos, há que se lembrar que nada se repete na mesma medida do que tenha sido antes e tem-se que reconhecer que, além de associado a riscos, o *ficar* nas relações juvenis estabelece inovadoras maneiras de lidar com sentimentos e sexualidade, principalmente ao ser prática publicamente assumida, mostrando ao “mundo adulto”, ainda que muitas vezes pelo avesso, que amar, desejar, fazer sexo, não são, em si e em princípio, imoralidades, devassidão ou motivo de vergonha. A censura que, de antemão e em nome da “moral”, muitos pais e professores

² Centre Jove d’Anticoncepció i Sexualitat. *Las diferencias de género en la vivencia de la sexualidad adolescente: un análisis de género de los talleres de educación afectiva-sexual*, Barcelona, 2001, mimeo.

³ José Machado Pais, *Ganchos, tachos e biscoates: jovens, trabalho e futuro*, Porto, Ambar, 2001, p. 67. (grifado no original)

utilizam para se escudar e se esquivar do diálogo com os jovens, é um grande entrave para o exercício da necessária alteridade na relação com as juventudes.

Se há um tempo atrás uma jovem ficava “mal vista” devido a um “sarro” acontecido uma única vez na vida, hoje, o *ficar* é a normalidade e ela ficará “mal falada” se *ficar* com vários em uma mesma noite ou em várias noites seguidas, ou se nunca tiver *ficado* com alguém. Ou seja, ainda que de maneira confusa, os valores estão em permanente movimento e o diálogo com os jovens pressupõe abertura para ouvi-los, respeitá-los e ajudá-los a pensar suas regras, códigos morais, formas de valoração.

A *ficada completa*, responsável por tantas gravidezes, é, por vezes, fruto de uma intimidade que exprime

a comunhão de felicidade de dois amantes, comunhão essa que consiste no fato de para ambos a felicidade residir exatamente nas mesmas ações. Tal só é possível quando se desativa o tempo, quando cada um se orienta por aquilo que cada momento lhe oferece. Qualquer tentativa de recorrer ao saber e à realização paralisa a vivência.⁴

Estas são reflexões de Stendhal, citadas por Luhmann, que nos ajudam a pensar na intensidade de certos momentos que homens e mulheres constroem e com os quais, em muitas vezes, pouco sabem lidar. Imaginem-se os jovens nesta situação, para quem estes momentos, geralmente, são de descoberta e de busca por viver o que sentem, principalmente quando o que está em jogo não é o poder de sedução, nem uma experiência qualquer, mas um sentimento, acompanhado de um impulso que vai ao encontro da convicção de que a vida é o aqui e o agora. Talvez o tempo não seja “desativado”, mas potencializado em um momento, a ser vivido com toda plenitude e inteireza.

As dificuldades de racionalizar e reprimir esses momentos de *ficar*, quando isto se faz necessário, não são específicas dos jovens. Se assim o fosse, não ocorreriam entre adultos gravidezes não planejadas, quando muitos julgam ser capazes de conter impulsos e desejos muito fortes que possam levar à inconsequiência.

Não se trata de uma apologia às práticas dos jovens nem de uma condenação; não são estas as possibilidades que resultam da realidade configurada nem é isto que a realidade exige e espera. Precisa ficar claro que o preconceito com que muitos pais, mães, professores, mídia, governantes, analisam as práticas afetivo-sexuais dos jovens, longe de frear suas iniciativas, distanciam-nos e inviabilizam o diálogo, o instrumento mais poderoso de participação nas

⁴ Stendhal, *De l'Amour*, p. 36 e 97 apud Niklas Luhmann, *O amor como paixão: para a codificação da intimidade*, Lisboa, DIFEL, 1991, p. 185.

vivências juvenis. A realidade social não retrocede e, desta forma, é necessário buscar canais de comunicação e de participação mais efetiva na vida dos jovens, com a postura de contribuir na construção destas novas sociabilidades juvenis.

As jovens do Satélite se utilizam de várias estratégias para conseguir *ficar*, namorar e se divertir um pouco. Há poucas opções de lazer no bairro e, com o aumento da violência, estas opções se tornaram mais difíceis de ser aproveitadas, principalmente para as mulheres. Elas costumam usar os cultos nas igrejas para sair de casa à noite, com tias, primas, vizinhas, muitas vezes sem os pais. A freqüência dos pais nas igrejas é menor, devido a afazeres e responsabilidades domésticas, sendo o domingo ocupado com estas atividades, principalmente no caso das mulheres; ou devido à bebida alcoólica, no caso dos homens, pois é um dia mais liberado para beber, sobretudo para aqueles que têm emprego fixo. As jovens, então, vão aos cultos nas igrejas católicas ou evangélicas e lá ficam paquerando, conhecendo outros jovens. É um importante espaço para a sociabilidade dos jovens em geral.

Em que pese não acontecerem contatos mais próximos ou íntimos, é no espaço dos cultos religiosos que muitas articulações ocorrem. Além das paqueras, lá eles podem combinar como e onde se encontrar escondido, podem trocar poucas palavras, podem ser apresentados por amigos a alguém que lhes interessa, e também de lá elas fogem e vão para festas que podem estar acontecendo nas imediações, ou simplesmente vão encontrar o namorado que as espera em algum lugar próximo. Antes que o culto religioso se encerre, elas estão de volta, como se nada tivesse acontecido. Por vezes são vistas e “delatadas” a seus pais; então apanham, ficam de castigo. Mas há momentos em que os pais acreditam no que dizem e as livram das sanções. Seus pais ou responsáveis só tomam conhecimento do fato com a informação de algum conhecido, que não é um jovem, é geralmente um outro adulto, pois os jovens acobertam estas artimanhas, embora não acobertem outras, principalmente quando abalam seus interesses pessoais. Por exemplo: ir escondido a uma festa e “roubar” o namorado de outra; a namorada traída, certamente, denunciará a *ficante* ao seu responsável.

Os cultos ou missas parecem verdadeiras festas. São espaços cheios de códigos entre eles, plenos de cumplicidades. Sempre que os jovens homens e mulheres se referem às missas e cultos sorriem e, de uma forma muito bonita, indicam a existência de um “mundo”, para eles rico, que conseguiram construir, dentro de um espaço “sagrado” e adulto. É uma dupla transgressão. A constituição deste alternativo dentro do convencional foi uma vitória, uma criação deles que ninguém pode tocar sem sua interferência. Os códigos, expressos por olhares e posturas as mais diversas, que podem ser de aceitação, de desejo, de curiosidade, de

repulsa, de disponibilidade ou não, só eles conhecem e entendem. Isto é algo seu, ninguém pode lhes tirar. É um saber e uma vivência que só eles possuem e o fazem com muito orgulho.

Estas são estratégias usadas principalmente pelas mais novas, até aproximadamente 16 anos, porque têm mais dificuldades de sair para as festas no bairro, devido à violência ou mesmo à pouca idade, como alegam os pais.⁵

Os jovens namoram nas praças, nas festas, nos colégios, nas esquinas, nos muros. Os pais são os últimos a saber que os filhos estão namorando.

As mais novas, de 14 a 17 anos, gostam de passear pelas ruas, em dupla ou trio, ainda cedo da noite. Quando é um pouco mais tarde, por volta de 21h, um jovem as acompanha,. Desta maneira, cruzando com os grupos dos jovens, paqueram, *ficam*, namoram.

A praça da Igreja de Santa Terezinha é uma referência para namorar, pois tem vários bancos sob árvores, os quais, devido às próprias árvores, ficam mal iluminados. Os namoros mais ardentes contudo ou os *ficas completos* acontecem um pouco mais tarde, após as 21h, quando, inclusive, os estudantes começam a sair dos colégios. Mas os muros e escondidinhos são os locais favoritos para os jovens amantes, e para estar neles, o horário independe. Conversei com jovens cujos filhos foram concebidos nestas circunstâncias, no início da noite, e elas e eles se referiam aos muros sempre com um sorriso, como uma jovem animadamente exclamou: “Êta, mas era bom demais, menino!”

É comum faltarem às aulas para encontrar com seu/sua namorado/a nas imediações da escola, dizendo em casa que foram assistir às aulas. Nos arredores das escolas, à noite, ou nas festas, é comum vê-los *queixando*, o que significa o jovem se comunicar por gestos com a *mina*, até ser apresentado ou dela se aproximar. “Ele entra em converseiro, e se ele conseguiu levar, ele *queixou*”, explica um jovem. Este termo é mais comum entre os *malucos*, *malandros* e *minas*, do que entre os *brotos* e *brotas*. De toda forma, rituais de paquera acontecem com todos e há uma estratégia bastante usada e conhecida entre eles e elas, as mentiras deles, como explica este jovem:

⁵ Mesmo usando os espaços religiosos para este fim, há uma certa religiosidade na formação das jovens. Todas com quem conversei sempre se referem a Deus ou à Virgem Maria nas suas falas. Embora por vezes seja apenas força de expressão, em certos momentos esta atitude revela suas crenças. Mas apenas isto. Muitos preceitos religiosos sequer são lembrados, como não fumar ou não beber, como defendem os evangélicos, ou até mesmo ter filhos somente no casamento; este parece ser o mais esquecido. Exemplo desta religiosidade encontrei em uma das jovens mães que entrevistei. Ela estava triste porque ainda não havia casado com o pai de sua filha e esta era a intenção, tão logo ele conseguisse um emprego e pudesse sustentar uma família. Devido a isto, não poderia ser crismada, pois era mãe solteira e havia engravidado em um período próximo ao evento da crisma.

E o que um homem diz para uma mulher para convencer ela a “ficar” com ele? [risos] Diz um monte de coisa. Inventa. Oferece uma cerveja, pergunta se tá acompanhada, se tem namorado, começa a mentir, diz que tem moto, que trabalha. Na maioria, inventa as coisa. Aí ela cai na cantada. E depois? Depois dispensa. [risos]

Nos rituais da paquera, elas apresentam amigos para suas amigas e eles, da mesma forma. Rapidamente, pelo que contam, estão aos beijos, o que para elas (principalmente) muitas vezes é considerado uma possibilidade de namoro e para eles, geralmente, é apenas um *fica*. Por vezes vão *ficando* e só depois assumem um namoro mais seriamente. Mas, segundo elas dizem, o mais comum é eles estarem interessados apenas “*numa ficada completa*”. E pronto. Aí depois não querem mais nada, preferem mesmo a namorada legítima”.

Elas também agem desta maneira, apenas *ficam*, e, segundo elas mesmas justificam, só fazem isto quando não gostam realmente de seus namorados. Elas *ficam* com os namorados das amigas ou conhecidas ou simplesmente *ficam* sabendo que seu parceiro tem namorada. Não há uma condução ética neste sentido, o que vale é a disputa, a luta por um companheiro. Certamente este comportamento não é assumido por todas, mas por uma parcela bastante significativa.

A traição, portanto, é comum para ambos os sexos, entre namorados e casados, embora os homens a pratiquem mais. O local onde mais acontecem os *ficas* e as traições são as festas. Por este motivo, a maioria não deixa seus parceiros/as irem a festas sozinhos. Mas os homens vão, *ficam*, e “depois tudo se resolve”, como as jovens explicam: elas saem também e *ficam*, até mesmo em lugares propícios a que seus namorados vejam ou tomem conhecimento; ou, em outra opção, fingem que esqueceram a traição e vão suportando, geralmente em silêncio, com a justificativa de que “os homens são assim mesmo... são tudo igual”.

Mas esta não é uma posição tranquila. Essa frase geralmente é dita também com tristeza, raiva ou decepção. Diferentemente dos homens, elas querem um parceiro fixo, querem lealdade e sofrem com esta situação. Os homens dizem que procuram uma mulher séria, mas não abrem mão de rápidas traições. Ambos, homens e mulheres, assumem compromissos sem um sentimento suficientemente forte para arcar com as responsabilidades deles decorrentes e logo se envolvem em novos desejos e em traições, mesmo afirmando e reafirmando a necessidade e vontade de ter um relacionamento fixo, com fidelidade e lealdade presentes.

Entre os jovens homens há certos pactos de cumplicidade que se efetivam principalmente por meio de mexericos e comentários. Se um jovem percebe que um amigo seu está se envolvendo com uma jovem que ele conhece, ele alerta: “Olha, aquela dali não vale nada. Aí o amigo ‘dá uma’... e dispensa pro outro”, explica-me um jovem solteiro. Nem sempre a informação é verdadeira, pois muitas vezes eles querem somente contar vantagens ou revidar a recusa de alguma jovem.

Ao lado de alegrias, diversões, sonhos, proporcionados pelo amor, os jovens sofrem intensamente por amor. Mas homens e mulheres sofrem distintamente, tanto na forma como sentem o sofrimento, como nas maneiras de manifestar sua dor e nas razões que os levam a sofrer. Há pressões que os fazem sofrer, pressões estas que se realizam por meio de valores, de comportamentos, de desejos. Pontuemos algumas delas.

Os jovens homens não podem ser veementes na expressão dos seus sentimentos, visto que o exercício da masculinidade pressupõe uma postura de distanciamento para com a pessoa amada, principalmente no que respeita a manifestações verbais de afetos. Esta forma de se comportar é um sentimento, tal como conceitua Williams quando trata da “estrutura de sentimento”,⁶ conforme vimos anteriormente, comportamento regido por significados e valores, interiorizados, sentidos, vividos. Aos jovens não é dado o direito de viver e expressar abertamente seus sentimentos; isto não é considerado “coisa de homem”, mas “coisa de mulher”. Ser romântico, declarar intensamente seu amor, manifestar seu afeto, são atitudes muito comprometedoras da virilidade. Nos seus códigos de masculinidade, manifestar os sentimentos é sinal de fraqueza, é dar permissão para ser dominado pela mulher. Quando são enfáticos na declaração dos seus sentimentos, até mesmo a parceira passa a questionar a virilidade do jovem. A desconfiança não passa pelo exercício de sua sexualidade, mas por sua capacidade de comando, por sua altivez, e esta é outra dubiedade, pois, ao tempo em que este comportamento é considerado sinalizador, e por isto passa a ser suspeito, as jovens se queixam da frieza e distância afetiva com que são tratadas, e clamam, nos sonhos e no verbo, por um jovem que lhes seja amoroso e lhes dê o carinho desejado.

Apesar de ventilarem algumas explicações, elas dizem não entender por que eles se comportam desta maneira, por que somente as mulheres podem verbalizar e assumir seus sentimentos e aos homens é reservado o papel frio da distância, como que protegendo-os de atos que resultam do calor dos sentimentos. É neste sentido que, quando surge uma gravidez, a atitude do homem é sempre justificada (por eles e muitas vezes por elas também) por suas

⁶ Raymond Williams. *Marxismo e literatura*, Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

necessidades e funcionamento biológicos e não por seu envolvimento afetivo. Para eles esta postura é bastante cômoda, pois são vistos como o ataque potencial do qual as mulheres têm que se defender, e isto também é ser viril.

O homem “macho” é o homem “durão”, o que não manifesta seus sentimentos, não se rende às solicitações da companheira e faz só o que lhe convém. “Macho” ou “machão” é também, na ótica dos *malandros* ou *malucos* e de muitas jovens, aquele que tem várias mulheres e tem filhos com muitas delas. Diz um jovem:

É o “quebrador”, aquele cara que briga mais. Aquele *maluco* que as *gatas* ainda acham que o cara ser viril é o cara ser valente, ficar batendo no camarada de outra “quebrada”, ser o cara mais “considerado” [...]. O machão ainda é a figura predominante dentro da “quebrada” [...]. Esse cara é que é o bom. É que as *gatas* se iludem muito com esse tipo de *maluco*.

Os jovens que mais aprontam tornam-se verdadeiros galãs, são os mais procurados. Para elas, é muito bom ter sido desejada, procurada por um homem cobiçado por muitas mulheres, chega mesmo a dar um certo orgulho ter um filho dele. Mas este fenômeno não é específico da realidade do Satélite. É muito comum nas escolas, independente da classe social a que pertençam, existirem os jovens mais cobiçados, os quais, freqüentemente, são os que têm mais namoradas, os mais infieis, os que menos se importam com sua parceira, eventualmente bonitos, dentre outros atributos que, contraditoriamente, atraem muitas jovens.⁷

No bairro Satélite, o mesmo comportamento de virilidade pode se expressar com diferentes intensidades, conforme o espaço social. Quando inseridos em certos contextos como o do tráfico de drogas, dos grupos de jovens que roubam e furtam, por exemplo, os códigos de virilidade se acentuam, e dada a maior necessidade de proteção associada ao imaginário de valentia que se forma acerca da masculinidade, as jovens realmente se iludem com jovens “valentes” (entenda-se, violentos) que possam protegê-las nos ambientes mais

⁷ Segundo Osores, os estudos sobre a masculinidade na América Latina enfocam, principalmente, o machismo. Os modelos interpretativos identificados pela autora sugerem que a masculinidade latino-americana tem por base a violência e a exclusão, marcas centrais das formas com que estas sociedades foram conquistadas e colonizadas pelos europeus. Uma das linhas deste pensamento sugere que os filhos que resultam da união de uma mulher nativa e um conquistador padecem de uma figura paterna de identificação, construindo-se então, a imagem de uma mãe poderosa e de um pai irresponsável. A autora critica as tentativas de explicar as identidades masculinas com base em “estereótipos rígidos” e em um “trauma da conquista”, mas reconhece a pertinência destas constatações. Critica também, ao que cabe neste momento referendar, a tentativa de homogeneizar distintas manifestações da masculinidade. Fica-nos, como ponto de reflexão, a idéia do quão remotas se encontram as raízes de muitas formas de expressão da masculinidade nas sociedades latino-americanas. Cf. Norma Osores, *Identidades masculinas: varones de clase media en el Perú*, Lima, PUC/Perú, 1997, p. 36.

violentos, como os bailes de *reggae*.⁸ Os *malucos* expressam menos ainda seus sentimentos que os outros jovens, os *brotos*, pois vivem em ambientes mais hostis, onde valentia, coragem e “macheza” do homem são testadas a cada instante e nas diferentes dimensões de sua vida. Ou seja, são diferentes estilos de masculinidade, que não existem na sua forma pura, como padrões passíveis de tipificações, mas como mesclas, características em movimento, conforme o contexto mais próximo e imediato em que se criam, recriam e desenvolvem determinadas práticas.

É oportuno esclarecer que, embora reconhecendo que os processos de socialização evidenciam a predominância de certas formas de masculinidade, prefiro não utilizar o conceito de “masculinidade hegemônica”,⁹ o qual pressupõe masculinidades subordinadas ou masculinidades alternativas, por duas razões. Para facilitar a percepção da masculinidade como um processo em permanente construção, sem que me deixe prender pelas armadilhas de cristalizações, entendendo que, mesmo em seus traços mais arraigados, as formas de viver a masculinidade trazem consigo uma dinâmica em que a inovação está sempre presente. E para evitar enclausurar e unidirecionar processos de vida tão múltiplos e intensos, plenos de inovações. As formas de viver a masculinidade se alteram concomitantemente às mudanças das relações de gênero. Se muito destas relações permanece, não permanece sempre igual. A dominação masculina, p.ex, não se manifesta sempre da mesma forma, com as mesmas estratégias, há sempre mudanças em ação, até porque, se não houver, seu conteúdo e sentido se esvaziam.

A despeito destas diferenças sutis, em quaisquer dos dois ambientes sociais, há muitas jovens que se interessam mais por aquele jovem muito solicitado, desejado, que é geralmente o que tem filhos e não assume, ou o que deseja apenas se divertir com as mulheres, *ficando*. Parece que se torna um verdadeiro desafio conseguir “laçar” um jovem assim, e isto é um incentivo a que o disputem ardorosamente. Há aquelas que deliram de paixão por um jovem com estas características, mesmo que nem sejam notadas por ele.

⁸ As freqüentes conexões que estabeleço entre os bailes de *reggae* e a violência, as gangues, resultam das histórias contadas e das concepções e afirmações dos próprios jovens e demais moradores do Satélite e de bairros circunvizinhos. A situação chega ao ponto de que, com freqüência, as casas de *reggae* são fechadas, provisória ou definitivamente, pela polícia ou mesmo pelo proprietário, que decide fechar seu estabelecimento comercial após muitos problemas de segurança. É importante ressaltar que esta constatação não deve conduzir o leitor à pressuposição de que as casas de *reggae* da cidade são todas violentas. Há algumas com existência duradoura em outras áreas da cidade, com movimento mais tranquilo.

⁹ Ver, a respeito, Miguel Vale de Almeida, *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*, Lisboa, Fim de Século, 2000, p. 149-155 e Pedro Guedes do Nascimento, *Ser Homem ou Nada: diversidade de experiências e estratégias de atualização do modelo hegemônico da masculinidade em Camaragibe/PE, Recife, UFPE, 1999*, Dissertação (Mestrado em Antropologia Cultural), *passim*.

O trecho de uma conversa com estudantes de 16 e 17 anos explicita mais o comportamento dos *brotos* quanto a esse aspecto:

Tem diferença entre homem e mulher quanto a amor e paixão? [Eles ficaram em silêncio; elas disseram imediatamente que sim, e explicaram:] “A maioria deles quando está gostando da gente não falam que é amor, não diz nada. Tem uns que até falam... mas tem outros...”. “Isto é mais dos homens... não expressar o que sente”. “Aqui, se um homem expressar o que ele sente, já ficam dizendo que é veado, que é mole, que é besta, que tem que partir pra outra. Ficam zombando, dizendo que ele é besta”. [Dirigindo-me aos homens, perguntei:] *E vocês, concordam com o que elas dizem?* Não. [Quase todos negaram. Os que concordaram, disseram apenas:] “Isso eu sei por experiência própria”. “Acho que os homens são machistas.” [Os que discordam, disseram:] “As mulheres é que tripudiam dos homens. A gente fica fazendo de tudo pra ficar com elas, mas elas fazem da gente ‘gato e sapato’... [risos delas. Ele continuou:] As mulheres acusam a gente de machista, mas elas deviam ser feministas... elas aproveitam muito da gente.” [Uma aluna:] “Depende. Se tiver amor, não tripudia não. Se eu tiver um namorado e eu estiver gostando dele, pra que que eu vou tripudiar com ele? Agora, um namorado que só faz é me pisar, eu também piso nele.”

Em conversa com outro grupo de estudantes, eles consideram que os homens “têm medo de gostar, de amar” e pensam que “se falar pra mulher que ele ama ela, ela vai deixar ele, vai fazer ele sofrer”, ao que alguns homens concordaram, e um deles acrescentou: “É um medo mesmo da gente chegar assim... falar e elas dizerem logo: ‘Não!’ E aí a cara, vai pra onde?” [Uma aluna disse sorrindo:] “Cai fora peão!” [e todas elas sorriram.]

Naquele momento, o comportamento desta aluna, com o apoio das demais, foi bastante expressivo da maneira por vezes desrespeitosa com que elas tratam os sentimentos dos que se interessam por elas, quando elas não lhes correspondem. Longe da idéia de que as jovens são sempre mansinhas, calmas, pacatas, indefesas, o que é possível observar é que há também comportamentos agressivos, sejam de defesa ou de provação.

Neste momento, comporta um parênteses para aproveitar a acurada observação de Fonseca, para quem as pesquisas sempre descrevem as mulheres a partir de “imagens normativas”, de “santa” e de “piranha”. No caso das jovens do Satélite, a dicotomia poderia se situar entre a “santa”, entendida como “boa moça”, prendada, recatada, obediente aos pais, e a “cunhã”, que pode ter o sentido daquela que “não se dá o respeito”, que “é atirada”, ou até mesmo tida como “vagabunda”, não necessariamente sendo uma prostituta. Muitas jovens mulheres que conheci e sobre quem ouvi histórias, não são nem uma coisa nem outra. São mulheres que lutam no seu cotidiano, com as armas de que podem dispor, para ter um companheiro, para manter seu companheiro ao seu lado ou para criar seus filhos. Criam suas estratégias ou “armadilhas”, como chamam alguns jovens homens, e vão levando a vida.

Embora eu não vá tratar do que a autora denominou de “mulher malandra”, a observação é bastante pertinente, pois as muitas jovens que não se enquadram nem em um estereótipo (santa), nem em outro (piranha), são mulheres capazes de *ficar* com outro em uma festa, só para ir à desforra com o companheiro que as traiu. Ou, ainda que não *fiquem*, gostam de causar-lhe ciúmes, como revanche ou como estratégia de conquista. São mulheres que reclamam seus direitos na justiça quando o pai de seus filhos não lhes paga a pensão, no caso dos poucos que assumem a paternidade. Enfim, são mulheres que têm suas artimanhas, usam de esperteza para enfrentar a vida, mas, mais que isto, são mulheres que estão aprendendo a lutar por seus direitos. Nem estão acomodadas e submissas, nem estão a usar a moral adversa das chamadas “piranhas”. Porém, isto não as torna tipos exóticos. São tipos comuns, principalmente entre as camadas mais jovens, mas, com um olhar atento, é possível retirá-las das duas concepções básicas que Fonseca identificou.¹⁰

Retornando à reflexão sobre os comportamentos masculinos com relação ao amor, as jovens mulheres acham que assumir o sentimento e verbalizá-lo é um ato de coragem e dizem que o fazem com muito orgulho, inclusive quando estão apenas arriscando iniciar uma relação. Elas não demonstram receio de serem rejeitadas ou de terem suas tentativas frustradas, ou pelo menos este receio não as paralisa. Obviamente que este é o comportamento de uma parcela; há outros comportamentos no jogo da conquista, inclusive a (aparente) passividade.

Percebe-se que a posição masculina diante dos sentimentos ou mesmo de um namoro é alvo de polêmica. As mulheres já não se colocam em posição muito passiva, embora este ainda seja um comportamento muito evidente. A presença do sofrimento deles diante desta pressão não é perceptível pela verbalização de suas experiências, mas pelo seu tom de voz, pelos gestos, pelo olhar, por uma maneira de sorrir e até mesmo pelo silêncio cabisbaixo. Embora o silêncio seja um escudo, não poder falar para não ser ridicularizado é também muito forte para eles. Mas há outras nuances, como bem explicam estas jovens: “Às vez eles não querem dar o braço a torcer, mesmo que eles gostem eles ficam pisando em cima da garota, que é pra elas ficar se rebaixando”. Diz outra jovem:

Porque para eles é assim: ele diz: “Eh cara, eu gosto de minha namorada e tal”. Aí os colega diz: “Ah cara, tu já tá... nem parece que tu é homem direito. Homem que é homem não tem disso não, se a mulher gosta do cara, o cara tem mais é que pisar pra mulher gostar mais ainda.”

¹⁰ A autora trata deste assunto ao se referir à *mulher malandra*, alertando e criticando o fato de que a malandragem é sempre referida ao homem e nunca à mulher. Cf. Claudia Fonseca, *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*, Porto Alegre, UFRGS, 2000, p. 144-146.

Em conversa com um jovem casado, perguntei:

Os homens gostam de demonstrar para suas companheiras que eles gostam delas? Tem uns que gostam. Mas é pouco. A maioria não quer amostrar que gosta. Quer ser durão, machão. Aí não diz nada. Aí gosta de sair só, mesmo já tando junto. Eu e a mulher só saímo junto, ela não deixa eu sair só. [risos] Mas a maioria dos homem só quer sair só. Deixa a mulher em casa e vai.

São diversas e confusas pressões. O jovem homem tem que ser mais carinhoso e amoroso nos relacionamentos ou então manter um distanciamento e fingir pouco envolvimento afetivo nas relações e ainda, em qualquer circunstância, manter a posição de independência e soberania. Confuso e acuado, o jovem costuma se apoiar e se conduzir, sobremaneira, pelas orientações, conselhos e críticas dos colegas dos grupos aos quais pertence, que são sua principal referência de valores, de comportamento, e que, por isto, conforme Elias e Scotson, contribuem definitivamente para sua auto-imagem e auto-estima, as quais resultam do que os grupos pensam dele.¹¹

Elas, vivendo nessas condições, não esperam de seus namorados e companheiros um comportamento muito aberto, conformando-se, de certa maneira, a não serem tratadas com carinho, com delicadeza e atenção. Ter um namorado ou um companheiro que não lhes declare seus sentimentos e nem os manifeste muito claramente, é o comum. Quando eles se declaram, muitas vezes, é apenas uma estratégia para conseguir umas *ficadas*. Elas chegam a acreditar, se iludem pensando que algo bom e diferente está ocorrendo em suas vidas, e aí tudo pode acontecer, inclusive uma gravidez.

No jogo da conquista, eles se procuram mutuamente, em casa, no colégio, mas, geralmente, os homens agem como se conduzissem o processo sozinhos. Neste faz-de-conta, elas têm que se colocar disponíveis e interessadas, como se já tivessem sido “fisgadas” e depois, muito sutilmente, tivessem que conquistá-los também, ou convencê-los a conquistá-las. Outras assumem declaradamente seu interesse e lutam por conquistar o jovem. Em uma situação ou outra, quando eles, propositadamente, se deixam levar pelas estratégias de conquista das mulheres, sentem-nas em suas mãos, aproveitando-se de tudo o que elas lhes permitirem, e se uma gravidez surgir, eles sorriem e dizem que não tiveram nenhuma culpa, foram elas quem os procurou. Esta é uma atitude moralmente muito negativa para as mulheres, que pode resultar na perda do direito (moral) de reivindicar até mesmo uma participação financeira do pai no sustento do filho.

¹¹ Cf. Norbert Elias e John L. Scotson, *Os estabelecidos e os outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000, p. 40.

Nas conversas com os jovens homens, casados e solteiros, quando tratávamos de amor, eles não se referiam ao amor enquanto um sentimento, falavam de amor sempre se referindo a uma mulher capaz de assumir o papel de mãe e esposa, como se amor, sexualidade e reprodução caminhassem juntos em seus sonhos, e não é assim. Os atributos da boa esposa e boa mãe não os eximem dos desejos e possibilidades de relacionamentos extra-conjugais, mesmo em seus sonhos, cabendo à mulher dos seus sonhos aceitar estes relacionamentos. Segundo afirmaram, gostam de mulheres carinhosas, fiéis, discretas, que aceitem seus amigos e não queiram mandar neles.

Para a grande maioria das jovens mulheres, o amor é a grande busca na vida, mas não é dado a todas o direito de encontrar “o verdadeiro amor”. Assim, elas têm que se contentar com as perspectivas reais que se lhes apresentam. Sentir-se amada, desejada, é extremamente necessário e importante para sua auto-estima e para o relacionamento com amigas e amigos. Mesmo em tempos em que as mulheres manifestam mais direta e abertamente seus desejos e opções, por vezes elas mesmas se dirigindo ao homem que desejam, ser cortejada ainda é o vetor mais valioso e predominante do ritual da conquista.

Elas sonham muito com um verdadeiro amor, geralmente relacionando-o àquele que possibilitará a libertação de problemas familiares e do controle familiar, especialmente este. O amor está relacionado àquele com quem se casarão, de quem terão filhos, a quem se dedicarão. À diferença dos homens, elas falaram do amor como sentimento, conseguiram falar do sentimento em si, e não apenas do relacionamento conjugal que dele poderia advir, vinculado a obrigações que homens e mulheres nele assumem.

Neste sentido, elas sonham bastante, sonham muito mais que eles, ao que seus depoimentos indicam. Acreditam que devem buscar seu “verdadeiro amor”, lutar por ele, e quando estão amando sentem-se dominadas por uma “força superior” chamada “destino”, que lhes impede de mover-se em outras direções que não os braços do seu amado. Mesmo quando o homem amado não corresponde ao que buscam, por ter compromissos com outra, por ter filhos com outras mulheres, por não ser responsável ou por qualquer outra razão, elas não lutam contra o sentimento e se entregam totalmente a ele e ao destino, responsáveis primeiros pelo futuro que advier.

Guiadas pelo sentimento, as adversidades dele decorrentes são “culpa do sentimento” e a conclusão a que chegam, freqüentemente, é que: amar é igual a sofrer. Sem perceber, elas passam a se alimentar da própria dor, como que cumprindo seu “destino”, vivendo a vida que lhes fora reservada. Sofrendo, esperam um novo amor, com a certeza de que dele resultará

uma nova dor, possivelmente uma nova etapa do seu destino produzido “metasocialmente”, sobre o qual não há controle. Não se trata de mera conformação ou resignação ao transcurso da vida. Elas não são acomodadas, lutam para melhorar, mas o sentimento de que a vida é assim, as faz movimentarem-se dentro deste patamar de compreensão e, portanto, dentro de horizontes muito limitados.

Quando engravidam e têm que assumir o filho sem o parceiro, ou quando a tentativa de vida a dois se frustra e deixa um filho como resultado mais concreto e irreversível, ficam profundamente marcadas e feridas pela experiência amorosa. Mas sofrer por amor é um sinal inconteste de estar no “mundo adulto”, de ser “mulher”. O amor, para elas, é entrega, é confiança e, quando são ludibriadas por seus parceiros ou quando a relação se esvai, sentem-se “morrer por amor”, o que significa que não se “entregaram” para um homem qualquer, que não foram levianas, nem irresponsáveis, pois se “entregaram” pelo mais nobre dos sentimentos, o amor, e isto transforma o amor em um álibi para suas atitudes, porque capaz de justificar tudo, inclusive uma gravidez.

Os relatos de jovens que viveram esta situação ou que conhecem mulheres que enfrentaram esta situação são inúmeros e bastante enfáticos. Elas chegam a dizer que a mulher quando se apaixona fica “indefesa”, quando é abandonada, fica “até doente”, e isto é sinal de que o sentimento é muito intenso e verdadeiro.

Ao analisar o mito de Tristão, Rougemont explica que

o mito age sobretudo onde a paixão é sonhada como um ideal [...]. Vive da própria vida daqueles que acreditam que o amor é um destino [...] que desaba sobre o homem, impotente e maravilhado, para o consumir num fogo puro; e que é mais forte e mais verdadeiro do que a felicidade, a sociedade e a moral,¹²

e esta explicação traduz o sentimento de muitas jovens do Satélite, principalmente das que hoje são mães, vivendo ou não com seus companheiros, mas que se sentem traídas pelo destino.

Amor também é sinônimo de filho, pois ao implicar em entrega e confiança, impõe, para as jovens, a situação em que provar que ama é fazer sexo, principalmente se forem virgens, e devem fazê-lo sem preservativo, na maioria dos casos. Esta atitude ainda é considerada uma grande prova de amor, é um ato de amor, expresso pela entrega total, sem restrições. “Amor” daquele momento, entrega naquele momento, que pode vir ou não acompanhado por planos ou expectativas de futuro, e se constitui forte pressão social. Coibir a

¹² Denis de Rougemont, *O amor e o ocidente*, Lisboa, Vega, 1999, p. 20.

relação é, pelo exato contrário, prova de falta de sentimento. O hímen, transformado em valor - virgindade -, permanece nas teias das relações sociais, embora esteja se diversificando seu papel e importância. As jovens já sabem que “perder a virgindade” ou ficar grávida não resulta em casamento, mas elas, por inúmeras vezes, arriscam.¹³

Pode-se dizer que o sexo para elas é utilizado como prova de amor em dois momentos: quando da primeira relação sexual e quando fazem sexo sem preservativo. Neste segundo momento, tanto as *ficantes*, quanto as namoradas e as companheiras enfrentam a mesma situação, pois os riscos de engravidar são prova de levar a sério aquele sentimento, de mostrar que deixou-se enfim ser dominada por aquele sentimento e aquele parceiro, a ponto de permitir-se marcar por algo irreversível. Se a jovem já tem filhos de parceiros anteriores, independente da quantidade e das dificuldades que possa estar enfrentando, um novo filho é prova inconteste de não estar namorando ou não ter-se casado somente para ter um homem que possa dela cuidar; é sinal de querer, com aquele novo parceiro, um compromisso sério, inclusive, mais uma vez, assumindo a função social primordial da mulher, ser mãe. Mas isto não é peculiar do imaginário feminino, pois se trata de um valor social.

Para os homens, fazer sexo sem preservativo denota que a mulher confia neles e, portanto, os ama de verdade. Significa para as mulheres que se não provarem o seu amor perderão o amado e também, para algumas delas, que o homem a está amando verdadeiramente, a ponto de querer enfrentar aquele risco “junto”. É como se fosse um jogo em que o desejo deles fazerem sexo sem preservativo sinaliza para elas uma certa autorização, de que não estarão desamparadas, de que há um sentimento envolvendo a relação, de que se sintam seguras com o parceiro. São sinais muito fortes, pois, para elas, fazer amor com preservativo significa que o namorado não está levando muito à sério a relação. Por outro lado, e ao mesmo tempo, quando uma gravidez é constatada, eles afirmam categoricamente que foram elas que permitiram o sexo sem preservativo, atribuindo-lhes a responsabilidade e desautorizando-as de qualquer interpretação do seu comportamento. É um jogo muito pesado, no qual elas se põem em situação bastante desvantajosa, principalmente por serem mais inexperientes do que eles, em grande parte das vezes.

¹³ Não vou entrar nos meandros da discussão do que seja a virgindade, embora reconheça sua pertinência, haja vista as várias maneiras de se estabelecer relações sexuais, as quais nem sempre implicam no rompimento do hímen, e a diversidade de relacionamentos afetivo-sexuais, entre pessoas do sexo oposto e do mesmo sexo, onde a discussão de gênero se complexifica diante de papéis sexuais e sociais não mais polarizados apenas em torno do ser homem ou ser mulher. Para efeito deste trabalho, em respeito à forma como a virgindade é compreendida na realidade pesquisada, vou abordá-la nos termos em que nela é tratada, como seja: é virgem o homem ou a mulher que não teve relação sexual com o sexo oposto, com penetração pênis-vagina.

No entanto, esta não é uma situação plena de ingenuidades. Para as mulheres, sexo é mais amor e para os homens é mais poder, poderíamos pensar assim. Mas é mais que isto, pois para as mulheres jovens o sexo começa a ser poder também, poder sobre o próprio corpo, seu único bem, o que isso faz sentirem-se independentes; e poder sobre os homens, quando despertam neles o desejo sexual. Esta é uma estratégia forte de conquista que muitas delas utilizam, por vezes muito cedo, tão logo percebam as mudanças sofridas por seu corpo e se sintam “mulheres”. Nos colégios, tanto jovens homens e mulheres, quanto (e principalmente) as professoras, assinalam que as que ficam “atiçando os meninos, se oferecendo o tempo todo”, são jovens com idade a partir de 12 anos.

Em que pesem os avanços nas experiências sexuais de homens e mulheres, ainda é verdadeira a análise de Giddens, para quem a perda da virgindade para os homens é um ganho e para as mulheres, é uma entrega.¹⁴

As juventudes do Satélite fazem uma distinção entre amor e paixão um tanto diferente da distinção mais habitualmente conhecida. Para a grande maioria dos jovens, homens e mulheres, a paixão é mais forte que o amor. O amor é algo passageiro e sem muito valor. Dizem eles que qualquer um e todo mundo pode dizer: “eu te amo”, mas poucos dizem: “eu estou apaixonado por ti”. O amor se banalizou, ou melhor, a palavra “amor” se banalizou. Para eles, a paixão é duradoura, custa a passar. Vejamos algumas de suas falas:

A paixão é mais profunda. O amor é mais comum. A paixão fica marcada. (jovem namorada)

Dizer “eu te amo” não é mais forte do que dizer “eu tô apaixonado por ti”, esse é mais forte, vale mais. (jovem casado)

A diferença que eu acho é... o amor é mais ruim, eu acho que a paixão é mais que o amor. Porque aqui, quando a menina se apaixona, Ave-Maria, fica... é melhor do que amar. Porque a maioria das meninas não acredita em amor. *Não?* Porque às vezes, quando o menino diz assim: “Fulana, eu te amo”, elas não acreditam, porque ela acha assim, essa palavra assim... porque todo mundo usa, né?... aqui. Aí elas diz assim: “Não, eu não acredito não”. Acreditam assim, em apaixonado. Quando os meninos diz assim: “Fulana, eu tô apaixonado por ti”. Ah, aí elas acreditam, chega ficam cheia de vida, agora amar elas não acreditam... de jeito nenhum. [...] Agora se diz assim: “Ah, eu tô apaixonado por ti”, Ave-Maria, aí dura 100 anos, [ela] fica com isso na cabeça pro resto da vida. [pausa] Mas aí depois que a gente termina com eles, aí eles diz assim: “Olha, aquela menina ali era apaixonada por mim.” Aí quando a gente termina esse negócio de amor, às vezes tem hora que as menina diz que nem amava, aí todo mundo começa a rir. Eles nem acredita. Agora em paixão eles acredita. (jovem mãe)

¹⁴ Anthony Giddens, *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*, São Paulo, UNESP, 1993, p. 61.

Para alguns outros, uma minoria, é o amor o sentimento mais forte, sendo a paixão temporária. Afora a troca de significados, os sentidos continuam os mesmos, em se tratando de sentimentos com características distintas.¹⁵

Muitos consideram que é possível encontrar e viver um sentimento forte e duradouro desde o início da juventude e é esta a busca que fazem.

Para elas, as formas de viver o amor e a paixão não são muito simples. Se amam muito e assumem este amor por alguém, mesmo que este alguém lhes corresponda, geralmente são tidas como “atiradas”, “oferecidas”. É uma situação que causa inveja (ver alguém amando e sendo amado) e as pessoas já ficam aguardando o desfecho, geralmente com uma traição de um deles. Se ela “se entregou” a ele, a história fica mais forte e uma separação se torna ainda mais ansiosamente esperada por todos. É como observar um “destino” a ser cumprido, rever um filme. Mas ao mesmo tempo, há os que conseguem driblar o “destino” e viver com quem se sentem felizes, e melhor ainda se esta felicidade acontecer por um tempo mais duradouro. Embora não seja a situação mais comum, há casais que conseguem viver felizes por um tempo e outros que conseguem ser felizes por um tempo superior à média.¹⁶ Geralmente dizem que é porque ela não sabe das traições dele ou porque ele não gosta de ir para festa ou ainda, porque não gosta de beber (algo raro). Seja qual for a explicação, muitos não se conformam diante de um casal feliz e ficam aguardando a tragédia que lhes sucederá na vida. Há um certo prazer nisto, um prazer que não se limita à satisfação de comentar, de falar mal, mas que expressa certo regozijo no próprio enredo da trama, preferencialmente com finais infelizes, os quais servem de exemplo, talvez até para eles mesmos, os homens e mulheres que fazem as fofocas, confirmando-lhes que a história não muda, que a sabedoria popular é inconteste, pois “pau que nasce torto morre torto”, “formiga que quer voar é só criar asas, que nem mulher pra se perder”, dentre inúmeros adágios populares que explicam o que não muda e o que não deve ser feito quanto à sexualidade.

No jogo de sedução e de poder, a eles cabe a decisão, a ser tornada pública, de “namorar sério”. Elas ficam aguardando ansiosamente a resolução deles. É um jogo muito

¹⁵ Para efeito das reflexões que envolvem amor e paixão, serão considerados o amor, sentimento mais sereno e duradouro, e a paixão, mais efervescente e efêmera, conforme a literatura costuma referir-se. Embora, em sua maioria, os jovens do bairro considerem o contrário, uma inversão de significados poderá deixar muito confusas certas passagens do texto e dificultar a compreensão do leitor.

¹⁶ A noção de felicidade é muito subjetiva e as afirmações feitas têm por base os depoimentos de jovens homens e mulheres, casados ou separados, que usavam o termo referindo-se à sua situação ou à situação de outrem. Quando se sentem felizes, geralmente é por um curto espaço de tempo, que pode durar apenas alguns meses. Ao que suas narrativas expressam, o peso das dificuldades cotidianas (sustento, desemprego), as responsabilidades com filho(s) e morar em casa de sogros são fatores que contribuem enormemente para o fracasso de suas tentativas de vida conjugal.

difícil, pois elas têm que demonstrar seu amor e eles não devem fazê-lo, mas elas têm que acreditar nas suas poucas e sutis manifestações. Elas lutam todo o tempo: lutam para serem assumidas como namorada “fixa”, lutam para serem assumidas como companheira, lutam para serem reconhecidas como mãe de seu filho, quando engravidam; mas fazem desta seqüência o itinerário normal da vida. Este é o papel da mulher, segundo sua ótica.

A tristeza só tem lugar em momentos muito peculiares, pois, no seu cotidiano de lutas, elas se conduzem com muita alegria e vivacidade, sem pensar muito nestas e noutras questões. Desde muito cedo elas vão aprendendo essas formas de comportamento feminino, em parte com a mãe, também com irmãs mais velhas e, sobremaneira, com as amigas mais velhas, enfrentando tudo com muito entusiasmo, como bem retrata este trecho de uma entrevista com uma jovem mãe:

Quando foi que tu começaste a não querer mais ir pra rua brincar de bola e brincar de boneca? Como foi isto? Ahhh! Quando eu comecei a ver minhas colegas sair... ir pra festa... Aí me deu aquela vontade de ir pra festa e o pai não deixava... Aí as bonecas não fazia mais sentido pra mim, as bonecas... Negócio de criança... Credo! Eu já tô é grande, já tô é adulta [risos]. E quando foi a primeira vez que tu menstruaste? Tinha quase 13 anos. E foi mais ou menos nesta época que tu te sentiste “grande”? Já, já sou mulher [disse sorrindo, com muita alegria e satisfação]. Eu dizia que já tava adulta já... Já quero é... [fez um nítido desvio e prosseguiu:] sair pra todo lugar. Aí o pai não deixava [...] Aí eu fiquei doida pra sair mesmo. Mas tu já tinhas namorado neste tempo? Já. Comecei a namorar com 11 anos.

Com que alegria ela viveu esse momento de sua vida! Mas o que mudou então, se ela já namorava? O sentido do namoro mudou, porque as possibilidades de experientiar o namoro aumentaram. A sexualidade agora aflorava com toda sua força. Esta sensação de completude, de plenitude, contudo, lhe abria os horizontes em direções para além de uma vida sexual ativa, pois indicava os horizontes de um lar, com marido e filhos, agora concretamente viáveis, em seu ponto de vista.

Este processo é bastante exemplar do que ocorre com muitas das jovens no bairro. Se freqüentam a escola e nela obtiveram algumas informações sobre contraceptivos, elas tendem a querer se proteger da gravidez, mas isto logo passa. Como dizem os jovens homens, “elas logo são convencidas” e aceitam transar sem preservativos ou sem qualquer contraceptivo. Mesmo porque não querem ser chamadas de “tolas” pelo seu parceiro.

Informações sobre métodos contraceptivos muitas delas encontram nas conversas com amigas de vizinhança ou colegas de escola. Algumas vezes têm informações de professores da própria escola, em aulas de Biologia e Ciências, principalmente. Entre as jovens com quem conversei, todas tinham informações básicas, inclusive as mães, antes de terem seus filhos.

Percebe-se que informações básicas, embora fundamentais e pontos de partida, não resolvem, não são o suficiente para elas enfrentarem os ardis e a força da vida sexual.

Neste processo, as mães dos jovens têm sido muito cobradas. As mães hoje têm que ensinar para as filhas coisas que aprenderam com sua própria experiência, pois pouca orientação também tiveram. Mas elas não estão tendo que explicar somente de sua experiência, há novos conteúdos em movimento, com os quais ainda não sabem lidar e, obviamente, não sabem ensinar para as filhas.

Um exemplo bastante elucidativo é o do uso de preservativos, orientação básica a ser dada aos jovens. Como ter a expectativa de que uma mãe que nunca teve relações sexuais com preservativos passe a ser capaz de, inclusive superando seus recatos, seus princípios morais e dificuldades verbais, explicar para um filho ou uma filha como usá-los? Que mães usam preservativos ou conhecem como usá-los? É mais provável que sejam aquelas que tiveram mais de um companheiro ou que têm namorados, o que é muito comum. Contudo, devido à idade mais avançada, embora muitas sejam mães muito novas, com idade entre 35 e 45 anos, aproximadamente, é comum que tenham feito laqueadura e, portanto, o uso do preservativo se direciona para a prevenção de DSTs/AIDS. É preciso considerar também que falar da importância e explicar o uso do preservativo, superando a timidez ou o que for, demonstra certo conhecimento, expondo sua própria experiência e privacidade. Não são barreiras fáceis de serem ultrapassadas. Ainda assim, há as que se arriscam a dar conselhos às jovens, como esta mãe e avó:

... eu digo pra elas [jovens da vizinhança] bem assim: “Usa a camisinha”. Elas começam a rir [...] Vocês quer fazer isso, então use, é melhor pra vocês porque enquanto vocês não tão grávida, vocês não têm um bucho. Pros outros vocês são moça. Agora, se aparecer com a barrigona, aí ó, todo mundo vai dizer: “Ah, aquela ali não é mais moça não, porque ela já teve nenê”. E mesmo que você faça, mas ninguém sabe, você ainda é moça.

E orienta o filho de 18 anos e uma filha de 16 anos:

...eu digo é muito pra minha: “Olhe, você pode namorar. Se você não agüentar, transe, mas transe com camisinha, minha filha. [...] Olha aí a tua irmã, com dois filhos. Tem muita gente que diz que ela tá mais velha do que eu. Tá acabada. Só vive doente. Não tem ninguém pra cuidar dela, se não for eu... ela morria [...] Tu quer esse futuro pra você, minha filha, quer?” *E o outro filho?* [refiro-me a um de 18 anos] Ah, eu falo também, eu digo: “Meu filho, acho sua namorada muito novinha [13 anos], você não tem condição de sustentar ela e um bebê. Então, se você fizer alguma coisa com ela, usa a camisinha. Não vai engravidar a filha alheia não, porque você não tem pra dar nem pra ela e nem pra você. Eu que já lhe dou e eu não posso criar mais neto, porque eu não tenho condição de criar mais neto, porque se eu for criar mais neto, como eu vou dar de comer? Como, se eu já não tô conseguindo dar nem pra vocês mais?” Eu falo com ele também. Só porque ele é homem não vou deixar engravidar as filha alheia tudinho. Não faço isso não, eu falo também.”

Essas conversas são muito raras entre mãe e filho/a ou entre pai e filho/a (entre estes, na verdade, não soube de nenhum caso). O depoimento acima descrito é de uma mulher que tem uma postura mais aberta para estas situações; e o fato de ter seus namorados ajuda, porque ela também tem que se submeter aos mesmos cuidados na vida sexual e afetiva que seus filhos, diferente das mulheres que vivem há anos com um mesmo marido, nos padrões por eles estabelecidos; dentre estes, discrição, recato e submissão da mulher ao marido ainda têm grande valor, principalmente para os casados há mais de 25 anos. A situação mais geral é de pais e de mães que não conversam com seus filhos, por inexperiência, por desinformação, por recato. O recato, não podemos esquecer, é uma grande virtude que as mulheres cultivam para manterem-se respeitáveis. É um valor e, enquanto tal, para muitos e muitas, tem que ser preservado. Falar sobre este assunto e correlatos, expõe-nas e pode desvalorizá-las. Os pais, que têm a vida sexual mais livre, não conversam com filhos/as. Às mães, de quem é cobrado o recato, é destinado o encargo da educação dos filhos, incluindo a educação sexual. O que esperar?

A situação se complexifica quando os jovens e as jovens não encontram na escola, instituição à qual foi delegada a responsabilidade por complementar a educação sexual dada aos filhos, o respaldo necessário para referida educação. O conteúdo da educação sexual ao ser ministrado na escola passa a ser denominado de orientação sexual,¹⁷ com conteúdos formais, estratégias de ensino etc. Ocorre que os professores também não sabem lidar com este conteúdo: por dificuldades didático-pedagógicas e de conteúdo e por limites pessoais. Afinal, eles também não foram educados assim e não têm recebido o devido apoio e orientação do sistema de ensino para exercerem esta função.

A responsabilidade por tratar da sexualidade com os alunos foi atribuída aos professores sem que tivessem a capacitação necessária.¹⁸ Para muitos, é uma verdadeira violência ter que tratar de certos assuntos, e se negam a fazê-lo, adotando uma postura que

¹⁷ Uma vez na escola, a “educação sexual” assume caráter de “orientação sexual”, pois com conteúdo e direção claramente definidos, intencionando trabalhar dúvidas, dificuldades, prestar esclarecimentos, orientações etc. Pode ser desenvolvida em diversas instituições, não apenas na área de educação, mas também em instituições de saúde, agremiações, instituições religiosas, etc. Enquanto que a educação sexual se desenvolve de maneira informal nos diferentes espaços de socialização: família, escola, vizinhos, amigos, mídia etc. Cf. Jorge Béria (Org.), *Ficar, transar...: a sexualidade do adolescente em tempos de AIDS*, Porto Alegre, Tomo, 1998, p. 200.

¹⁸ Além da pressão que recai sobre os professores para aprender a lidar com este tipo de conteúdo, a inclusão da orientação sexual nas escolas ainda é polêmica entre educadores e pais. Para os alunos, embora alguns sejam tímidos para participar de conversas, debates, palestras sobre a sexualidade, de modo geral, o tema é sempre bem aceito e vai ao encontro de suas inquietações. Werebe faz uma interessante discussão sobre este assunto, inclusive ampliando suas reflexões com experiências de países da Europa e Estados Unidos, onde o tema também é relevante e bastante controverso. Ver, a respeito, Maria José Garcia Werebe, *Sexualidade, política e educação*, Campinas, Autores Associados, 1998.

deixa bastante claro aos alunos que sexualidade não é tema daquela disciplina, nem daquele professor. Mas os professores de Ciências e de Biologia não podem se eximir e têm que enfrentar a difícil função. Muitos se limitam a explicar o funcionamento biológico do corpo masculino e do corpo feminino; outros, entretanto, assumem a tarefa, em meio a dificuldades e desafios, de tentar fornecer-lhes as orientações básicas sobre os métodos contraceptivos, os riscos da gravidez e das doenças sexualmente transmissíveis. Há momentos em que os professores destas disciplinas, quando muito acessíveis aos alunos, transformam-se em conselheiros ou mesmo em “médicos”, com quem, principalmente as jovens, tiram dúvidas sobre seu corpo, buscando entender seus ciclos menstruais, razões para atrasos na menstruação, dúvidas sobre uma suspeita de gravidez sua ou de uma amiga. Outras vezes, em sala de aula, escolhem alguém da própria turma que seja mais desinibido para fazer as perguntas que não têm coragem de fazer.

Com isto, alunos e alunas, por vezes, detêm as informações, mas as informações não se traduzem em saber e então, se diluem, freqüentemente, chegando a desaparecer nos momentos mais calorosos da vida sexual dos jovens. Este tipo de conteúdo precisa ser internalizado e se transformar em conduta de vida.

Não se trata, portanto, de simplificar a questão, reduzindo-a a formas de organizar e ministrar conteúdos. Não são conteúdos para memorização, nem para simples compreensão, mas, sobretudo, conteúdos para serem interiorizados, transformados em posturas diante da vida, em conduta de vida. Os conteúdos terão que se converter em valor. Para as mulheres jovens, significará entender, sentir, incorporar a idéia de que fazer sexo com preservativo é se valorizar, é um ato de amor por si e pelo seu parceiro. Isto é o contrário do que aprendem na sua experiência de vida, na sua socialização, de que fazer sexo sem preservativo é um ato de amor, uma prova de amor pelo parceiro. Para os jovens homens, significará compreender e sentir que não há diminuição do prazer com preservativos e que ser homem viril não é ter filhos aleatoriamente e não cuidar deles.

Estas constatações e análises nos fazem perceber quão amplas são as relações que envolvem a sexualidade e a orientação de jovens. Ainda que a escola melhorasse as estratégias para trabalhar com este conteúdo, a formação de novos comportamentos, a criação de novos valores dependem também de outros contextos de vida dos jovens. Em que pese críticas e sugestões a serem dadas ao ensino formal no trato deste conteúdo, a família, e particularmente, pais e mães, precisam rever suas posturas diante da vida sexual dos filhos. Não comportam mais os discursos contrários a uma sexualidade ativa, como dissemos, assim

como não comportam os argumentos que alegam que as informações a este respeito servem de estímulo, pois, independente de tudo isto e de outros aspectos, os jovens parecem ter ingressado em um caminho sem volta quanto aos novos comportamentos sexuais adotados. Todavia, ainda que a família e a escola dêem as bases necessárias para o exercício da sexualidade, se as perspectivas de vida desses jovens não se alterarem, as possíveis mudanças ficarão aquém do esperado.

Não obstante ter-se presente que a escola é apenas um dos espaços capazes de trabalhar esse tema, o desafio para a escola ganha abrangência e complexão, porque a tradição do ensino escolar é de ser espaço de repasse de conhecimentos e não espaço de assimilação e construção de conhecimentos, com posturas de reflexão e crítica. Se o ensino escolar não tem esta tradição, como criar, por força de um conteúdo específico, uma maneira extremamente peculiar e inovadora de ensinar? A questão assume maior alcance e gravidade quando lembramos que estamos tratando do ensino oferecido pelos governos municipal e estadual, que é o ensino a que os jovens do bairro têm acesso, e que enfrenta, neste sentido, mais dificuldades e limitações que o ministrado pela rede particular.

Em que pesem as questões, problemas e obstáculos, o que a realidade mostra é que o uso de anticoncepcionais é muito limitado entre as jovens, e não só por sua formação moral ou pela precariedade de informações. Há outros elementos: elas não têm condições financeiras para comprá-los; quando os usam, é o namorado que lhes dá, o que não é muito freqüente, não só pelo pouco compromisso deles, como também pela falta de dinheiro para adquiri-los. Há também a dificuldade de obter orientação médica adequada de maneira sigilosa, pois sua família saberia de um consulta feita num hospital. Assim, os preservativos são a principal alternativa para evitar a gravidez.

A despeito de sua importância, o uso do preservativo ainda é muito restrito por razões diversas: (a) Apesar da distribuição gratuita feita no hospital do Satélite, dificilmente uma jovem que não seja casada, separada ou mãe, se expõe para recebê-los. Mas se elas têm um acesso mais fácil aos preservativos, carregá-los consigo significa disponibilidade ao sexo e oferecimento do seu corpo aos homens; então, evitam tê-los quando não estão com um namorado fixo, para que não sejam mal interpretadas.¹⁹ Os jovens homens, por sua vez, nem sempre se dispõem a tê-los, porque não são muito favoráveis ao seu uso, e esta é a razão seguinte. (b) Os jovens reclamam que o preservativo diminui o prazer, pela redução da

¹⁹ Temos que convir que este preconceito ainda é muito presente na moral sexual da sociedade em suas diferentes classes sociais.

sensibilidade e por cortar um momento de clímax por vezes irrecuperável. Reclamam que “fica mais áspero e mais quente”. E dizem que é “careta” e que “é bobagem usar”. (c) Transar sem preservativo, para muitos homens, é prova de confiança e amor da parceira, assim como, para as mulheres, o fato de o parceiro transar sem preservativo significa compromisso assumido, pois que saíram da condição de *ficantes* para a de namorados, pressuposto de um casamento vindouro.

Esta é uma teia de relações e valores sociais extremamente complexa, que se agrava nas populações de baixa renda, visto que o acesso aos preservativos expõe bastante as jovens, e suas condições financeiras não lhes permitem comprar nem preservativos, nem contraceptivos. Querer que jovens de 13, 14 anos ou mesmo as de 16, 17 anos tornem pública sua atividade sexual, ao se exporem em filas, e querer que enfrentem os resultados desta exibição junto a amigos, vizinhos e, particularmente, à família, é esperar que tenham maturidade, independência, estrutura emocional, vontade e determinação para romper com os padrões de moralidade vigentes. É necessário ter presente, nas análises ou julgamentos cotidianos, que “a liberdade sexual acompanha o poder e é uma expressão de poder”,²⁰ como analisa Giddens, e isto, as jovens do Satélite não têm.

Chega a ser trivial observar-se na mídia, nos debates acadêmicos e na literatura, críticas à conduta das jovens de baixa renda, atribuindo-lhes, simplificadamente, falta de informações sobre os métodos contraceptivos e irresponsabilidade e descompromisso ao transarem sem preservativo, esquecendo-se, contudo, das dificuldades por que elas passam, que as impedem de adotar outras posturas, mesmo quando agindo de modo responsável. As jovens de classes médias e alta têm possibilidades de acesso discreto aos preservativos e às orientações médicas para o uso dos contraceptivos. Expor sua vida sexual é uma opção e não uma condição para se prevenir de uma gravidez não planejada. Provavelmente, se tivessem que passar pelos mesmos constrangimentos e confrontos, produziriam condutas de risco análogas.

Essas constatações dizem respeito apenas à prevenção da gravidez não planejada, pois o comportamento masculino com relação às doenças sexualmente transmissíveis e AIDS é um pouco diferente. É mais habitual eles se preocuparem com estas do que com os riscos de uma gravidez e, portanto, é mais provável eles utilizarem os preservativos por esta razão do que

²⁰ Anthony Giddens, *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*, São Paulo, UNESP, 1993, p. 49.

para evitar uma gravidez. Entre elas, no entanto, o uso do preservativo se justifica, sobremaneira, para evitar a gravidez.

De modo geral, jovens homens e mulheres encontram nos amigos mais velhos, mais experientes ou que já são pais e mães um grande apoio para compreender um pouco do exercício da sexualidade e tudo o que a envolve. Mas as conversas não são muito esclarecedoras, pois realizadas com quem ainda está aprendendo ou quem tem pouco a dizer, por inibição ou desconhecimento.

Desta forma, surge mais uma exigência para o bom desempenho da masculinidade: ter experiências e saber conduzir a relação sexual. É isto que elas esperam, e quando iniciam sua vida sexual, se permanecem por algum tempo com o mesmo namorado, é com ele que tiram suas dúvidas; ou seja, elas têm no parceiro a maior fonte de informação, atribuem a ele a responsabilidade por fazê-las conhecer a sexualidade, enquanto saber e prática. Malgrado a experiência do jovem, seus conhecimentos são precários e pouco lhes esclarecem. Quando o namorado não satisfaz uma curiosidade, procuram alguma amiga.

Aos poucos, elas vão se acomodando a um determinado conjunto de informações, até que um fato novo surge e as obriga a buscar novas explicações. Este fato pode ser uma estranheza na vida sexual, um problema ginecológico ou uma suspeita de gravidez. É comum elas recorrerem aos professores de Ciências ou Biologia, nos dois últimos casos, e se sentem mais à vontade para estas “consultas” com os professores do que com as professoras. Dizem, as jovens, que as professoras tendem a ser mais preconceituosas, embora haja algumas bastante acessíveis a estas conversas e situações. Ao final das contas, elas aprendem mais com a própria experiência; aí já estão com filhos, e outros aprendizados lhes aguardam. Mas este é o momento em que mais aprendem sobre os métodos contraceptivos. Muitas explicaram que só aprenderam depois que tiveram o primeiro filho.

Eles têm mais dificuldades que elas para expor suas dúvidas e questionamentos. As dúvidas que eles têm giram em torno de ser obrigatório ou não o uso de preservativos; se têm que usar preservativo com as jovens de vida sexual ativa; como se prevenir de DSTs/AIDS, que é uma de suas preocupações básicas; ou dúvidas do tipo “quantas vezes a mulher tem que gozar para engravidar”. As orientações que recebem dos colegas são de que o preservativo é ruim e só deve ser usado com jovens de vida sexual muito intensa e com parceiros variados, devido ao risco de contrair doenças, e que, quando a jovem é virgem, é “besteira” usar preservativo, “se for moça, não precisa não”. Ou seja, a preocupação se limita realmente à possibilidade de adoecer.

Elas se interessam mais por saber dos métodos contraceptivos, se a primeira relação dói, e, principalmente, como se comportar para agradar o parceiro, não só no que respeita ao ato sexual em si, mas também ao momento afetivo mais propício para que o ato aconteça. Elas têm mais facilidade de conversar sobre estes assuntos com as colegas, embora, depois que iniciem sua vida sexual, algumas fiquem mais encabuladas e constrangidas em falar de certos pormenores. Mas outras não, e, com riqueza de detalhes, orientam e incentivam as demais, embora dando-lhes falsos alertas, pois ao afirmarem que precisam ter cuidado e, subrepticamente, insinuarem que se faz necessário ter “certos conhecimentos”, “certas experiências”, ao tempo em que se colocam na condição vantajosa de tê-los adquirido, elas conseguem desafiar a capacidade das demais de conseguirem fazer o mesmo.

As menos experientes valorizam as dicas e informações das mais experientes. Ao mesmo tempo, admiram-nas por já estarem vivendo, o que para elas é, o ser mulher. Os esclarecimentos são oportunos e necessários, mas o contexto de vida destas jovens, com perspectivas tão estreitas, potencializa seus sonhos e desejos de terem um companheiro, de serem mães e de saírem do controle da mãe, pai e irmãos sobre sua vida e sua sexualidade. De algumas delas, ouvi dizer que achavam lindo e ficavam com inveja das colegas grávidas. Note-se que o problema não reside na convivência entre jovens com vida sexual ativa e sem vida sexual ativa, como certas posturas conservadoras apontam, principalmente na instituição escolar. A observação que apresento é que o vazio de suas vidas redireciona informações que poderiam ser melhor aproveitadas pelas jovens na sua vida afetiva e sexual.

Quando as curiosidades sobre a sexualidade começam, jovens homens e mulheres conversam também com primos e primas, irmãs e irmãos, mães, conforme o grau de liberdade e entrosamento que tenham. Os pais não costumam conversar com seus filhos sobre estes assuntos e, segundo um jovem, quando conversam, lhes é ensinando com rudeza, o exercício de formas de masculinidade: “Quando você fala em relações sexuais [...] a primeira coisa que você pega é um murro na boca, se você for mulher. Se você for homem, seu pai diz o seguinte: ‘Você tem que comer as menina mesmo. Come esses diabo, meu filho.’”

As mães, ainda que não conversem, são mais preocupadas, porque são responsáveis pela moral dos filhos, no sentido de que se algum/a filho/a comete um ato fora dos códigos morais a mãe é tida como a principal culpada. Preocupam-se sobremaneira com as filhas, quanto aos riscos que correm quando desinformadas. Como mulheres, sabem as dificuldades que são enfrentadas para criar um filho, principalmente se for sozinha. Quando se dispõem ao diálogo, fazem-no com filhos e filhas. Com os primeiros, insistindo no uso do preservativo,

principalmente para evitar que levem para casa uma companheira grávida; e com as segundas, para que, além disto, saibam escolher o homem certo e a hora certa para iniciarem sua vida sexual e para que saibam se dar valor. Contudo, é mais fácil elas insistirem que os filhos usem preservativo do que ensinarem as filhas a ter um comportamento preventivo da gravidez. As poucas mães que têm diálogo com as filhas tentam lhes ensinar que a mulher deve se resguardar da vida sexual até o casamento, discurso que pouco ecoa entre elas. Percebe-se, novamente, a importância que assume o papel das mães na educação sexual dos filhos. Mas que esperar de mulheres que também foram educadas no silêncio, quanto a falar sobre a sexualidade? As questões persistem. Alguns avanços se podem perceber, mas resultam de esforços intensos, isolados e solitários, para organizar conhecimentos e saberes adquiridos ao longo da vida e partilhar com as filhas o que julgarem necessário, ou mesmo tentar aprender para ensinar aos filhos; e esforço maior ainda em romper com a timidez, com valores sociais, com condutas femininas internalizadas, no trato destes assuntos.

O mais freqüente é o silêncio delas com filhos e filhas. Com as filhas criam-se situações bastante delicadas e complexas, a ponto de as jovens terem “medo” de falar com a mãe sobre suas dúvidas. Afora a vergonha para com essas conversas, as jovens têm medo de despertar desconfiança na mãe, a qual, diante de uma pergunta qualquer, se põe preocupada e desconfiada sobre a virgindade da filha, aumentando a vigilância, dentre outras medidas. A situação chega ao ponto de elas serem castigadas por sua curiosidade. Um caso que marcou muito as jovens de um dos colégios que visitei foi que uma aluna, de 15 anos, ao perguntar para a mãe algo sobre sexo, esta desconfiou que a filha tivesse transado e pediu que a filha confessasse. Como ela não confessou, pois era virgem, sua mãe a deixou de castigo, sentada em uma cadeira, até assumir o suposto erro. Para se livrar do castigo e da humilhação, ao final de 5 horas sentada, ela confessou o que não fez e apanhou. Na semana seguinte, para fazer jus ao castigo e ao tratamento desrespeitoso que passou a receber da mãe, ela *ficou* com um jovem e transou. Por sorte, não engravidou, pois o fez sem qualquer medida preventiva à gravidez.

Nessa teia de relações, em meio a comportamentos os mais diversificados, tem-se também os namoros dos jovens. O namoro é um compromisso e significa que há um sentimento entre aquelas pessoas, seja amor ou paixão. Traz consigo a idéia de casamento, porque faz parte de um rito que antecede a união definitiva do casal. Geralmente, elas namoram às escondidas, pois quando os pais descobrem, reforçam a vigilância e controlam mais as saídas, especialmente a mãe. Conquanto namorem em sigilo para com sua família,

elas gostam de se fazer conhecer pela família do namorado, sendo muito comum elas freqüentarem a sua casa; e esta atitude é bastante compreensível. Na casa do namorado, o controle e a vigilância são mais fluidos; afinal, do ponto de vista moral, é a mulher quem tem que se preservar e não o homem. Ainda que ocorra, não raramente, de as mulheres levarem seus namorados para sua casa, esta atitude só se torna mais viável quando elas têm vida sexual ativa. Neste caso, é interesse dos pais que elas encontrem um companheiro; então a vigilância se reduz.

Embora haja situações em que os pais não tomam conhecimento dos relacionamentos dos filhos, há outras circunstâncias em que os pais são obrigados a dar total cobertura para suas experiências afetivo-sexuais, sejam homens ou mulheres. Acontece também de eles e elas levarem seus namorados/as para dentro de casa e, inclusive, dormirem juntos, como namorados, não como casados, nem como experiência pré-conjugal (ainda). Conversando com uma mãe de 3 filhos, ela explicou que se não permitir que eles namorem e transem em casa, sob a proteção dela, vão fazê-lo na rua, correndo o risco de se envolver com os *malandros*, e será pior. Ela faz todo o possível para manter os filhos em casa, chega a comprar a “cervejinha”, no dia que pode, para que o filho se sinta à vontade para chamar seus amigos. Tem medo de os filhos irem para as festas: “A gente não sabe se eles voltam. Tudo pode acontecer. Eu não durmo enquanto eles não chegam. Fico desesperada...”, referindo-se à violência no bairro. Certa feita, chegou a ir buscar os filhos em um clube de *reggae* e, quando viu o ambiente, proibiu-os de voltar. Agora ouvem *reggae* em casa ou em outro lugar menos perigoso, como casa de amigos.

Mesmo dormindo juntos por várias vezes durante a semana, na sua casa, em um colchão de solteiro que fica na sala, seu filho de 18 anos, garante que a namorada, de 13 anos, é virgem. Ninguém da casa, e, dizem que nem da vizinhança, acredita, mas eles seguem, meio encabulados, mantendo a afirmação. A irmã, de 16 anos, com um namorado de 23 anos, que por vezes também dorme com ela em casa desta, fica em silêncio, e a mais velha, separada e com duas filhas, fica alertando-a sobre os perigos de gravidez, inclusive dizendo sobre seu namorado que “ele é bom de fazer menino”. É um jovem cobiçado, que, segundo afirmam, já tem dois filhos com jovens do bairro e nega os dois.

O falatório sobre esta situação se torna inevitável, e é agravado pelo fato de a mãe, a dona da casa, estar separada do marido e também ter seu namorado. É uma mulher cheia de vida, nos seus 36 anos de idade (teve a primeira filha aos 16). Apesar de ser uma pessoa querida pelos vizinhos, estar separada e namorar depõe contra sua moral no bairro. A

presença do pai de família também tem este significado. As mulheres separadas, que têm namorado e que moram com seus filhos vivem sob outro ritmo, definido por elas, pelos filhos e pela imagem que têm na comunidade. Passa a ser uma casa que precisa de um homem, principalmente quando o filho (homem) é criança ou muito jovem. É também uma casa em que as mulheres têm que lutar com mais afinco para ter um homem, pois têm que impor um respeito e uma dignidade que estão sob suspeição.

Conversando com esta mãe e avó, pude perceber a vida dura que leva para sustentar sozinha uma casa com os filhos e netos, além dos respectivos parceiros/as. Ela era empregada doméstica, quando casada, e há mais de seis anos trabalha no setor de serviços gerais de uma empresa, como servente. Faz tudo em nome da segurança dos filhos, que julga ainda muito indefesos para enfrentarem as abordagens do tráfico e da malandragem. Segundo ela, é melhor os comentários do que os filhos em risco.

Pode-se pensar que esta não é uma situação corriqueira no bairro e, em alguns aspectos, realmente ela não se generaliza, como no que concerne à liberdade que ela dá aos filhos de forma assumida e declarada, sem muitas brigas e confusões. Contudo, sob outros aspectos, esta situação está se tornando comum, principalmente entre os homens, que estão se acostumando a levar suas namoradas para casa dos seus pais por um final de semana ou uma noite (via de regra, são namoradas e não *ficantes*).

Geralmente, os pais acham essa situação um absurdo e são menos tolerantes do que as mães. Consideram este comportamento uma falta de respeito para com sua casa e, principalmente, para com sua mãe. Dizem, com orgulho e indignação: “Never levei mulher pra dentro da casa de minha mãe, nunca”. Para eles, o que ocorre não é um relacionamento amoroso com vivência sexual, mas uma libertinagem, conduzida somente pelos desejos sexuais. As mães, pelo medo dos filhos se envolverem com *malandros* nas ruas, preferem tolerar este “desrespeito”, chegando a suportar momentos de “abuso” das namoradas, p. ex., quando estas “ficam escolhendo o que comer no dia seguinte”, ou quando começam a passar o dia também na casa do namorado. Segundo as mães, é mais freqüente as mulheres procurarem os homens do que o contrário, e este comportamento, para elas, é degradante: “Uma mulher assim não serve pra meu filho. Nem se dá o respeito!”. Seus valores, no entanto, pouco alteram a realidade que enfrentam com os filhos, que não mudam seu comportamento diante de comentários e brigas familiares.

Os jovens começam a vida sexual cada vez mais cedo. Eles a iniciam com 14, 15 anos, como já fora dito, e elas entre 13 e 17 anos, acentuando-se a faixa de 15 e 16 anos.

As jovens mães comentam de maneira muito curiosa a fase dos 14 aos 17 anos. É comum elas dizerem que esta é a fase mais “perigosa”. Dizem que as mães estão certas por redobrarem a vigilância sobre as filhas neste período, pois é uma fase em que, segundo afirmam, a jovem fica “louca”, “capaz de tudo”, mas não sabem explicar o que causa este comportamento. Desenvolvem várias habilidades, como mentir, fugir de casa à noite (pulando janelas e muros), faltar ao colégio para encontrar o namorado nos muros dos arredores, dizer que vai dormir na casa de uma prima e de lá ir para uma festa, dentre outras artimanhas. Sobre esta fase da vida, diz uma jovem mãe, de 22 anos, com dois filhos:

É porque a gente perde a cabeça, não tá nem aí, só quer curtir, só quer brincar, só quer namorar. Aí mais na frente quem se arromba é a gente, sabia? Porque eles não estão nem aí. Eles ficam aí, soltos. Eles querem saber mais de arranjar “coisinha nova”. É saindo duma e pulando pra outra.

Elas comentam com muita tristeza a liberdade que a condição masculina proporciona, dizendo que eles trocam de namorada com facilidade, *ficam* com várias mulheres e quando têm filhos, não lhes cabe cuidar. Observam com certa revolta esta situação, mas só são capazes desta observação depois do primeiro ou segundo filho, quando aprendem com a própria experiência. Acompanhar a experiência de outras é um alerta muito útil. Ou talvez nem seja um alerta, seja uma projeção do que vêm para o seu futuro.

Esta fase entre 14 e 17 anos é de muita efervescência, é quando já possuem formas femininas mais delineadas e isto as faz se sentirem mulher; estão conhecendo o desejo e a paixão. É também quando começam a adquirir certa liberdade para sair e então, como se consideram muito “presas”, tentam compensar a vigilância dos pais. Enfim, é um período em que se sentem capazes de enfrentar o mundo, sem pensar muito nele.

Um jovem homem comenta a situação das jovens mulheres:

A nossa família, ela dá uma criação bem machista. Você vê numa família que tem o cara e a irmã, o cara sempre pode sair, pode curtir e a irmã, não. Ela é bem repreendida. É tanto que quando ela começa a se deparar com coisas novas ela se entrega. As *gatas* elas se entregam assim muito rápido assim pros *malucos*. Às vezes elas vêm um cara num dia, passa uma semana e elas já estão transando com o cara. Não saca nem o cara direito. “O cara é bacana, o cara vem lá de outra quebrada, o cara vem lá de São Pedro pra cá, vale a pena.” O cara diz que vai prometer o mundo pra *mina* e os fundos e a *gata* acaba acreditando. Depois que vêm as consequências, quando ela vê que começa a esquentar e o cara quer pular fora.

É um tempo em que facilmente elas se “perdem” (termo que utilizam para designar que “perderam a virgindade”). Quando se “perdem” e não engravidam, a situação é menos grave, do ponto de vista moral, embora todos tomem conhecimento. Elas mesmas ficam

comentando e, de certa forma, esperando a próxima que vai “se perder”. É a idéia, sempre presente, de que o “destino” vai se cumprindo.

A vida sexual dos jovens é, sob determinado prisma, bastante pública. Primeiro porque muito comentada, pois todos, adultos e jovens, estão atentos para os comportamentos e, principalmente, para os “deslizes”. Para os homens isto é bom, pois é a saída definitiva da condição de criança, e todos começam a notar o novo “garanhão” em potencial que surge no bairro, na “quebrada”.

As informações sobre a vida sexual das mulheres é sinalizadora para os homens, por indicar-lhes o que podem fazer com cada uma, quanto à intimidade física. O comportamento dos homens com uma jovem de vida sexual ativa é de mero aproveitamento. Quando eles se envolvem afetivamente com uma jovem nesta condição, passam a protegê-la dos falatórios e sua presença resulta em uma nova imagem para aquela jovem, pois ela agora tem quem a proteja e lhe assegure respeito junto aos demais. Para a mulher virgem, a informação sobre sua virgindade atiça os jovens, e ela, principalmente se for bonita, se for um *pitel*, torna-se motivo de verdadeiras disputas. O resultado dependerá muito do comportamento da própria jovem. Seja como for, é importante que seja percebido o quanto a vida sexual dos jovens, sejam homens ou mulheres, é pauta de fofocas, de intrigas, é centro de atenções, e termina por ser algo muito público, fato que não resulta em maior liberalização de costumes; pelo contrário, a sexualidade é pública exatamente para ser melhor controlada.

Quando os jovens ingressam em determinada fase, as mulheres por volta de 16 anos e os homens, de 18 anos, vai se criando um ambiente de observação sobre seu comportamento afetivo; afinal, é momento de construir os caminhos que levam ao casamento. Ao mesmo tempo, os jovens são cercados de discursos contra o casamento precoce. Parece ter sido esquecido que, nos dias atuais, os noivados quase não existem e o período de relacionamento que antecede ao casamento é curto. Portanto, quando um casal de jovens sente que se ama, a união ocorre em curto tempo, isto quando uma gravidez não antecede a tudo.

Ou ainda, é comum ouvir-se, com tom de crítica, a idéia de que é na juventude que existe um maior afã pelo casamento. Mas comentários e análises deste tipo esquecem que esta é a fase em que a sociedade cobra os traçados da vida, dentre eles, o namoro “fixo” que levará ao casamento “duradouro”. Em que pese os comportamentos característicos desta fase da vida, que potencializam esta busca, há uma pressão social que aos jovens converge. Pressão esta que, em sua eficácia, não se assume e nem é entendida enquanto tal, se fazendo existir

com a roupagem de orientação, aconselhamento, mas com a força e o efeito de uma exigência social.

Com a vida sexual, de certa forma tão pública, as decisões sobre o casamento também são comentadas e, de algum modo, controladas. No entanto, o controle exercido nem sempre produz impedimentos, notadamente no que respeita ao exercício da sexualidade e ao uso das drogas, que um membro do casal pode fazer e que poderia ser empecilho à união.

A pressão parece ser mais forte entre os próprios jovens. A situação chega ao ponto de os homens dificilmente casarem legalmente com uma jovem que não seja virgem. Quando o fazem são chamados de “bestas”. Há, porém, uns poucos que adotam esta opção. O mais usual é assumirem uma união consensual, pois assim se sentem mais à vontade para separações futuras. A mulher de vida sexual ativa não inspira muita confiança, e o seu passado, independente da forma que o tenha vivido, vai estar sempre se interpondo na relação com o companheiro atual e colocando-a sob suspeição. Quando tudo está bem, o passado é esquecido; quando está mal, é a primeira lembrança da discórdia.

Ainda assim, uniões entre mulheres com filhos e homens com filhos (os quais geralmente estão com a ex-companheira) têm sido bastante comuns. Elas preferem homens sem filhos, mas não é fácil encontrá-los, segundo afirmam, pois eles os têm, casando-se ou não, e muitos têm vários filhos, com várias mulheres. Esta é uma condição que elas, freqüentemente, têm que aceitar. Ademais, os casamentos têm durado muito pouco e cedo os jovens e as jovens estão livres para assumirem outras relações.

Existem também outras reflexões e valores que atravessam a opção pelo casamento. Os jovens pensam que é importante ter um período de experiência conjugal, pois se não for satisfatória, há menos perdas do que se tiver havido um casamento civil ou religioso. Muitos acham que não é o fato de estar legalmente casados ou enlaçados por um sacerdote ou pastor que vai garantir a durabilidade e felicidade no casamento. Descasar, pensam eles, é caro e dá muito trabalho, pois tem muita burocracia. Portanto, só recomendam o casamento quando os dois envolvidos estão certos de que é uma união duradoura, ainda que não seja para toda a vida.

Algumas jovens chegam a pensar que o casamento pode sujar o nome da mulher. Vejamos este trecho de uma conversa com um grupo, quando uma jovem fala do casamento civil: “... E às vezes você casa novo... você casou, separou, aí suja o nome... *Não entendi.*

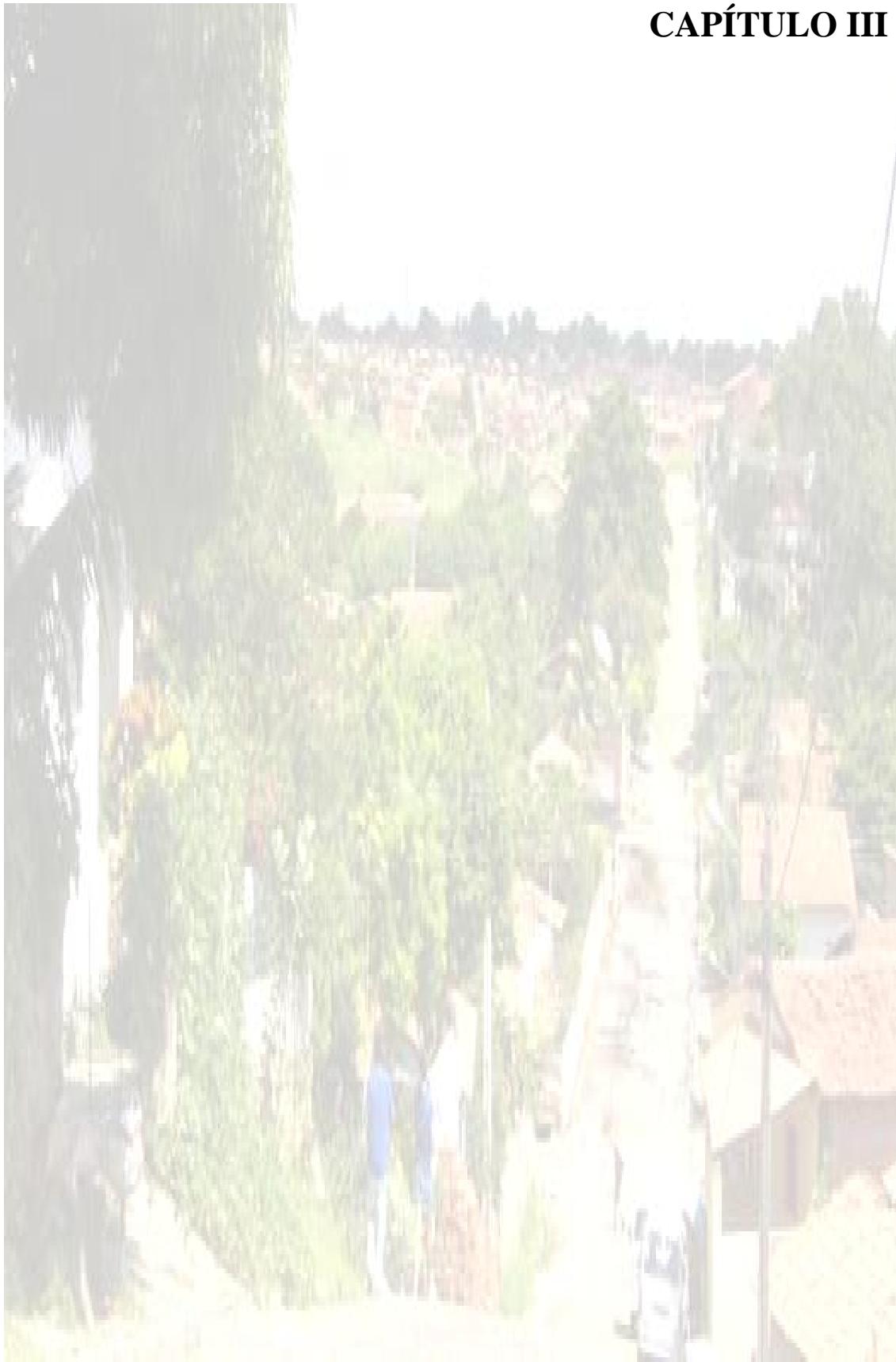
‘*Suja’ o nome?* Porque tipo assim, a moça casa nova, em vez de curtir a vida, casou, né?, e com 2 anos separa. E o pessoal fica falando: ‘Nem casou direito, já separou’”.

Embora elas concordem que o falatório ocorra tanto na união consensual quanto no casamento civil ou religioso quando desfeitos, no casamento rompido parece que o fracasso é ainda mais contundente, o comentário é maior, e faz sentido o que elas dizem. A união consensual não é comunicada publicamente. Aos poucos, os moradores tomam conhecimento e se acostumam com aquele novo casal. O casamento, seja civil ou religioso, é uma cerimônia pública, que sempre envolve rituais e providências na sua preparação, independente da condição social dos nubentes. Parentes, amigos, vizinhos, tomam conhecimento do fato com antecedência, geralmente, e de alguma forma acompanham os preparativos que ele ocasiona. Além disto, tem um significado diferenciado na hierarquia de valores sociais, pois é um compromisso, de antemão e publicamente assumido. Um compromisso de relação estável e pretensamente duradoura. Um compromisso inclusive do homem para com a família da noiva. Ao passo que a união consensual pode ser uma simples experiência, sem maiores expectativas; se der certo segue, se não der certo, finda. Um casamento rompido com pouco tempo de realização significa o fracasso de um planejamento feito, planejamento que foi partilhado com famílias, inclusive, e que resultou em “erro”, pensam, pois durou muito pouco.

O pai de uma jovem que casou aos 20 anos, no civil e no religioso, em dia de festa, e cujo enlace se desfez com um ano e meio, falou com tristeza dos sonhos da filha, da alegria de tê-la casado de branco, com véu e grinalda, e que nada disto havia assegurado sua relação, pois o marido, alcoolista, quando bebia, batia muito na sua filha e ele mesmo teve que ajudá-la a fugir da cidade, visto que o marido não aceitava a separação.

A despeito da efervescência de emoções e sentimentos em sua juventude, os jovens consideram que há um período mais indicado para o casamento. A idade ideal para as mulheres casarem é entre 18 e 20 anos e os homens, entre 20 e 22 anos, pois é a idade em que ambos têm condições de assumir as responsabilidades que incidem sobre a prole. Esta é a opinião de jovens homens e mulheres, solteiros e casados, a qual coincide com a opinião dos adultos, diferenciando-se um pouco apenas quanto à idade da mulher se casar, que estes preconizam ser de 20 anos.

CAPÍTULO III



Quando chega a gravidez

Quando a gravidez se confirma, o momento de vida dos jovens se torna muito especial. Novamente o recorte de gênero se nos impõe e as diferenças entre as situações de homens e mulheres são radicais.

Para as jovens mulheres solteiras, a gravidez é um momento de múltiplos significados e expectativas. É o tempo em que todos, nomeadamente os adultos e a família, confirmam desconfianças e previsões, ou simplesmente descobrem práticas afetivo-sexuais da jovem, que tem sua vida especulada e exposta. Também é o tempo de assumir sua vida sexual para a família, para os vizinhos, amigos, colegas de escola e tornar público o que até então poderia estar se processando apenas em sua intimidade ou junto a seus pares.

Vimos nos capítulos anteriores, que há vários contextos, circunstâncias, motivações, que podem favorecer e impulsionar a gravidez. Sem querer entrar no mérito da discussão, geralmente conduzida pela Psicologia e Psicanálise, acerca da gravidez ser desejada ou não pela jovem, pretendo pontuar alguns aspectos que nortearam as reflexões que estão sendo desenvolvidas em torno desta questão. O primeiro é que o desejo pela gravidez dificilmente é assumido pela jovem gestante ou jovem mãe, o que é bastante compreensível na situação em que, em sua grande maioria, as gravidezes ocorrem - fora do casamento. O segundo motivo é que, se é verdadeiro que a maior parte das gravidezes não é planejada, em grande parte as gravidezes são desejadas, pois, muitas vezes, são estratégias para o casamento. Este ângulo nos traz outra questão: até que ponto, então, as gravidezes são realmente não planejadas, como muitas jovens afirmam? Podem não ser planejadas enquanto fim em si mesmo. Entretanto, a gravidez enquanto estratégia, pode ser um meio para viabilizar um outro fim, qual seja, uma pretensa união e, neste sentido, como estratégia, pode-se pensar que há uma certa consciência do que está sendo feito; ou seja, não ocorre de maneira tão inocente.

Temos que ter presente, contudo, que há os muitos casos de desinformação sobre a concepção e os métodos preventivos à gravidez, e quanto a estes, a estratégia parece ser a de entregar-se “de corpo e alma” para o seu amado ou para o parceiro *ficante*, não se constituindo a gravidez em estratégia definida *a priori*. Sem o conhecimento preciso acerca da concepção humana, este comportamento é conduzido pelo desejo de doar-se ao amado. Pode ocorrer também como forma de experienciar a sexualidade, sem a clara consciência de que é muito fácil conceber um filho. Estes casos constituem outra parcela que conduziria à multiplicação do olhar e da abordagem a ser feita, mas não foram estas as situações majoritárias de que tive conhecimento no bairro Satélite. Embora sem transformar conhecimentos e informações sobre este assunto em modos de viver, as jovens do Satélite, em sua maior parte, têm conhecimentos sobre os métodos contraceptivos.¹ O que ocorre freqüentemente é que elas não têm acesso a eles ou não sabem usá-los, mas sabem dos riscos e possíveis resultados da vida sexual.

Para Rico de Alonso, a gravidez não planejada tem predominado sobre a gravidez indesejada. A autora afirma que o conceito de gravidez indesejada tem sido tratado como sinônimo de rejeição à gravidez, visto que a gravidez pode ser desejada ou não e, não sendo desejada, ela passa a ser, necessariamente, tida como uma gravidez indesejada,² o que não é verdadeiro. Esta reflexão aponta para um outro aspecto, segundo o qual a posição do ser desejada ou não é relativa. Pode ser desejada enquanto projeto de vida - ser mãe - e não ser desejada naquele momento; por isto, não desejada e indesejada não se tornam sinônimos em qualquer circunstância.

No caso das jovens do Satélite, este aspecto é bastante evidente, pois é comum elas afirmarem que gostariam de ser mães, mas que não gostariam de sê-lo naquele momento, e acrescentam que, ao ver o filho ou mesmo sentindo-o mexer em sua barriga, a satisfação

¹ É necessário esclarecer que esta não é a realidade de muitos bairros de população de baixa renda em Teresina. A desinformação é muito grande em alguns lugares, principalmente nas vilas e favelas, ao que os depoimentos e contatos com pessoas de outros bairros e com profissionais da área de saúde indicam. No caso do Satélite, onde a maior parte dos jovens, homens e mulheres, têm acesso à escola e nela obtém algumas informações, esta não é a situação mais evidente, pois eles estão um pouco mais amparados que aqueles que se encontram fora do contexto escolar. Contudo, a evasão escolar progressiva, segundo informam os professores, e o desinteresse pelo ensino formal que os jovens, principalmente os homens, vivenciam de forma crescente, apontam para uma mudança neste quadro, indicando que, em médio prazo, para muitos jovens, os contatos com os colegas serão a fonte pessoal quase única de orientação sobre a sexualidade, em um contexto social em que a iniciação sexual ocorre cada vez mais cedo. Outra fonte continuará sendo a mídia, em suas várias expressões, algumas das quais inacessíveis aos jovens de baixa renda.

² Cf. Ana Rico de Alonso, Gravidez indesejada x gravidez não planejada: diferenças conceituais e implicações emocionais sobre a experiência do aborto, in Hector Correa (Ed.), *Gravidez indesejada: uma perspectiva internacional*, São Paulo, Ícone, 1999, p. 32.

superá os problemas e as dificuldades e o desejo passa a estar sintonizado com seu momento de vida.

Há ainda uma outra faceta da gravidez para as jovens: elas querem, por vezes, a gravidez e não o filho. A gravidez como estratégia matrimonial, como prazer em fazer funcionar seu corpo de mulher, enquanto momento que chama atenção e cobra cuidados e carinhos, como novidade em suas vidas e junto a suas colegas, e enquanto ingresso na forma adulta de ser. Quando o filho nasce e que se dão conta da enorme responsabilidade que terão que assumir, elas percebem que não valeu a pena e se arrependem.

Para os jovens homens há um desejo latente de ter filhos com várias mulheres, para comprovarem sua virilidade. Este comportamento se desenvolve de diferentes maneiras entre eles, não agem igual, mas há uma predominância na postura de se comprazer diante de uma gravidez, embora pouco expressem isto, principalmente quando não têm a intenção de assumir a paternidade.

Se no caso das jovens pode-se alegar a gravidez como conhecida estratégia matrimonial, no caso dos jovens, ter filho é estratégia para ser viril. Daí o comportamento aparentemente descompromissado diante da vida sexual. “Aparentemente” porque ele também não é inocente, nem vazio de finalidades, tampouco indiferente ao resultado. O fato de não assumir a paternidade, não reconhecendo publicamente o filho ou não ajudando a sustentá-lo, não implica em total indiferença, pois aquele filho tem um significado, nem que seja apenas o de comprovar a virilidade, haja vista que a paternidade não assumida faz parte de algumas formas de masculinidade, como vimos anteriormente.

As crianças são concebidas nos mais diferentes lugares, em praças, em muros, em festas, nas esquinas das ruas, nos “escurinhos” do bairro. A gravidez pode simplesmente “acontecer”, como jovens homens e mulheres costumam dizer. Conversando com eles é que vai se esclarecendo que havia uma certa consciência desta possibilidade, tanto por parte deles quanto por parte delas. O caráter de surpresa expressa somente a ambigüidade com que se relacionam com sua vida afetivo-sexual, pois querem vivê-la intensamente, mas não querem saber de como ela deve ser; quando sabem, não têm condições de vivê-la a partir das orientações ou apenas não querem seguir as orientações, por razões as mais diversas.

Namorar escondido é uma tentação para eles e, principalmente, para elas, que se comprazem infringindo normas familiares. Eles aproveitam a situação para namorar várias jovens ao mesmo tempo e elas buscam, nestes namoros, momentos de liberdade, de (aparente)

autonomia, onde descobrem que podem usar algo somente seu: o próprio corpo. Nestas experiências, terminam engravidando.

Mas a gravidez acontece em diversas circunstâncias. Longe da perspectiva de tipificar, as conversas com jovens e adultos no bairro permitiram identificar as seguintes situações em que a gravidez acontece:

- a) por amor ou paixão

Em um contexto que gera a necessidade de cedo ter um companheiro, é muito difícil ceder às investidas feitas pelo parceiro, especialmente se as jovens se sentem apaixonadas ou amando.

Já foi dito que fazer sexo sem preservativo é prova de amor que as mulheres dão, principalmente se for sua primeira vez. Quanto mais jovens, mais difícil se torna reagir aos arroubos do que elas consideram um sentimento ardente, que potencializa as emoções e as sensações vividas pelo corpo, e lhes faz perder o controle.

Uma jovem mãe que tentou alertar uma amiga sobre a necessidade de ter certos cuidados, disse:

Menininha de 14 a 17 anos não sabe o que quer não, de jeito nenhum. Negócio de você namorar novinha é um perigo. [...] Porque qualquer coisinha... aquilo dali é uma influência de namoradinho... “Eu vou te assumir”... aí começa. [...] Ela disse que quando tava com o namorado, o namorado vivia enchendo a cabeça dela. Ela disse que pensava nas coisas que eu falava... aí depois não tava mais nem aí, porque disse que o amor fala mais alto. Aí... meu Deus do céu... [a jovem engravidou com 15 anos, e ficou solteira]

Note-se que as gravidezes ocorridas em situações desta natureza, costumeiramente vêm acompanhadas de um forte desejo da jovem de se sentir mulher que ama e que faz amor com seu amado.

É importante para elas se defenderem de implícitas ou explícitas acusações de promiscuidade. Em sua defesa, elas não costumam dizer que iniciaram sua vida sexual diante de promessas de casamento, embora afirmem que esperavam que o parceiro assumisse um compromisso com elas. Quando falam de si mesmas, alegam que estavam apaixonadas e que se renderam aos arroubos da paixão. Algumas dizem que foi “forte demais”, outras, que foi a “loucura de um momento”. Mas quando falam de suas colegas, afirmam que elas se deixaram enganar por falsas promessas de seu parceiro, alegando que foram tolas em acreditar no namorado, embora, ao mesmo tempo, não as censurem, reconhecendo a força do momento. Parece haver um misto de desejo e paixão incontroláveis, por parte delas, com juras de amor,

feitas por eles. De toda forma, estes são dois álibis valiosos: o sentimento forte e a promessa de compromisso.

Talvez seja conveniente lembrar, neste momento, que as promessas de casamento geram situações antigas e bastante conhecidas. Entretanto, se tais promessas emergiam quando do desvirginamento da jovem, nos últimos anos elas surgem diante da possibilidade da gravidez. Quando um jovem afirma que vai “assumir” sua namorada, está dizendo que assumirá um compromisso conjugal, caso ela engravidie. Assim, o pretexto para argumentar a necessidade de uma união é agora um filho.

Nada disto significa, no entanto, que o jovem vai cumprir sua palavra; trata-se apenas de compreender certas mudanças substantivas que aconteceram nos códigos morais. Se considerarmos que o papel social da mulher, em certos contextos sociais, pouco mudou e permanece reduzido a casar e ter filhos, e se aceitarmos que a virgindade perdeu seu valor na negociação para o casamento, sendo que um filho ainda tem certo valor moral de pressão, parece ser lógico que as jovens recorram à gravidez na busca por assegurar um casamento, como veremos no item a seguir.

Os jovens, por sua vez, podem estar verdadeiramente envolvidos com a namorada e, como elas, podem se deixar levar pelos entusiasmos do sentimento. Na falta de condições de planejar uma vida a dois, entregam-se ao acaso, com a expectativa de que, uma vez criada a situação de gravidez, as famílias lhes darão o devido apoio.

b) como estratégia matrimonial

Esta é a situação mais comum e são vários os mecanismos que podem ser utilizados para este fim. Embora os jovens homens reconheçam que muitas vezes chegam a ludibriar as namoradas para conseguir o que querem, ao mesmo tempo se queixam do que denominam de “armadilhas” das jovens, nas quais eles se sentem usados. E a gravidez é a principal delas.

Muitas vezes, quando a gravidez acontece, eles culpam a jovem por não ter se precavido e também culpam-na por terem sido envolvidos em uma situação que visava a gravidez e, por conseguinte, um compromisso conjugal. É claro que a responsabilidade pela gravidez é dos dois e, embora tenha se evidenciado a pouca preocupação dos homens em evitar que ela ocorra sem planejamento, não é procedente a reclamação por eles apresentada; afinal, por que eles não usaram o preservativo? Para eles, são as mulheres que devem assumir os cuidados contraceptivos e, partindo deste princípio, eximem-se de qualquer

responsabilidade. Este comportamento faz parte de algumas formas de masculinidade, e muitos ainda não conseguiram romper com esta postura.

Alguns jovens, quando se sentem usados, ficam aborrecidos, irritados, zangados com a gravidez da jovem. Outros ficam magoados, principalmente quando têm um sentimento mais forte pela namorada. Vejamos o que diz este jovem de 21 anos, que foi pai aos 17 anos e hoje está separado da companheira:

Tem muita mulher que não sabe se dar valor, vai e se entrega pro cara a primeira vez, ilude a pessoa. Principalmente... a minha ex-mulher, depois que ela tava grávida, quando eu falei que ia me separar dela, ela me falou assim: “Tem gente que engravidada de outra pessoa pra amarrar o marido... acho que eu quebrei a cara”, ela falou desse jeito assim. Aí eu fiquei logo com raiva dela. Aí eu perguntei, tu fez esse menino só pra mim me amarrar contigo? “Foi”. Pois não deu certo não, porque criança não segura um pai, o que segura o pai é... Ela ficou com raiva... “Sim, mas eu fiz isso porque eu gostava de ti”. Eu disse não, não era obrigado tu ter uma criança pra mim ficar contigo não. Aí ela ficou dizendo um bocado de coisa... Aí eu fui dizer assim que ela não gostava de mim mesmo de verdade... que eu não confiava no caráter dela. *Então por que que tu achas que ela queria ficar contigo se ela não gostava de ti?* Mas se ela me falou que só ficou... só engravidou pra me amarrar com ela, que era pra mim ficar com ela a vida toda... [silêncio] *Tu achas que é comum as mulheres fazerem isso?* Eu acho que sim. Acontece muito. *E vocês, quando sentam nas rodinhas de vocês, dizem o que desta situação? Por que elas fazem isso?* Eu acho que é medo de ficar só. Eu acho que sim. E também eu acho que é o meio de vida que elas têm mais fácil pra elas. Quando é assim maltratada em casa, quer viver com outra pessoa, viver longe de casa, longe do pai, da mãe. Quando os pais são ruim, né?, quer viver com outra pessoa. Aí engravidada de uma pessoa que ela diz que gosta, aí às vezes quebra a cara, quando dá fé, fica com aquela pessoa lá, aí engravidada, aí depois o cara maltrata ela, aí ela volta pra casa com menino na barriga, aí depois é pior, a mãe fica só brigando... não é isso? Só brigando... aí depois quebra a cara. [silêncio] *E vocês têm medo de ficar sozinhos?* Eu não tenho não [risos]. No mundo todo diz que é 10 mulher pra 1 homem, ainda sobra aí uns 5 veados, se quiser... [risos]

Ele vive muito magoado por tudo o que passou ao lado de sua companheira, principalmente por se sentir usado. Entretanto, nem mesmo diante desta experiência os jovens adotam, permanentemente, um comportamento preventivo da gravidez. Alguns passam a usar o preservativo, como é o caso dele, segundo afirmou, mas outros, revoltados, mantêm-se com a mesma postura e pouco se importam com o que poderá acontecer à jovem e ao filho.

Objetivando engravidar, muitas jovens se aproveitam do comportamento masculino, que é bastante facilitador da concepção. E quando eles usam preservativos, elas lhes dão preservativos furados. Elas perfuram a embalagem ao meio, com agulha, e o furo se torna imperceptível. Resultado: os jovens não confiam nos preservativos dados pelas parceiras e isto se constitui mais um motivo (e uma desculpa) para que não sejam usados.

Uma gravidez ocorrendo sob essa base, da estratégia e do desejo unilateral, termina por ser uma experiência traumática para os dois. Assim como alguns deles sofrem, à sua maneira, elas também sofrem, como bem retrata a fala desta jovem:

Eu queria um homem que tenha responsabilidade, porque eu queria ter uma casa, um lar, e achei de namorar um homem que não queria responsabilidade. [...] Eu não tive medo de engravidar, porque eu acho que tava tão cega... Eu gostava muito dele, eu acho que um filho ia mudar minha vida, eu achava que assim eu podia segurar mais ele. E foi ao contrário. Acho que afastou mais ele de mim. [...] Todo mundo dizia assim: “Ele vai mudar. Quando o menino nascer, ou então a menina, tu vai ver como ele vai mudar.” Na hora eu acho que fiz foi afastar mais ele de mim.

Além de todos os problemas que enfrentam nestas situações, muitas jovens, como esta acima, sentem-se culpadas pelo desgaste ou pelo fim da relação com o parceiro, tanto se a gravidez aconteceu por descuido, quanto se ocorreu premeditadamente. O alvo era o parceiro e não um filho.

Para elas tudo parece ficar muito confuso: seus desejos, sonhos, sentimentos, necessidades, ações. Por um lado, sabem que querem livrar-se da família, mas, por outro, não sabem como sair de casa e construir sua vida fora do contexto do casamento. Tendo clara consciência disto ou não, terminam por reafirmar a estratégia mais usual para alcançar o casamento mais rapidamente: a gravidez. Mesmo observando o que acontece com as amigas, que continuam solteiras, elas não conseguem encontrar outros horizontes de vida, nem outras estratégias matrimoniais.

Como agravante da situação, o exercício da masculinidade mudou em alguns aspectos. Assumir a companheira e o filho era uma prova de masculinidade. Hoje, para muitos, não é. Para a maioria dos jovens, ser homem é não ceder a pressões, caso realmente não queira se casar ou assumir a paternidade. Ser homem é assumir que não assumirá a paternidade. Elas mesmas chegam a dizer: “Ele foi *durão*³ mesmo e não aceitou o filho, nem quis ficar com ela.” Eles, por seu turno, pressionando o colega para não assumir nem mulher nem filho, dizem: “Cara, tu não é homem não?”

O joguinho para “enganar a mulher” ainda é importante para o lado “malandro” das masculinidades e, nele, conseguir escapar dos cercos é também sinal de ousadia, astúcia, valentia, que terminam por dar crédito ao jovem junto aos colegas e às outras jovens, pois o deixam mais disputado: “estes são os bons”.

³ O termo *durão* é usado por eles e elas no sentido de “bastante homem”, “muito macho”.

Percebe-se que são diversas as reações dos jovens homens, que expressam diferentes modos de situar-se na vida e de viver a masculinidade.

Não podemos ignorar que também para eles, pelo menos em grande parte, a descoberta da gravidez está cercada de alegrias, satisfação, surpresa, medo, inseguranças, desafios. A indiferença que expressam é, muitas vezes, defesa diante de uma situação que eles não sabem enfrentar, pois, como elas, eles não se sentem preparados. Ocorre que eles podem se dar o direito de se eximir de tudo e elas, com um filho para criar, têm que encontrar forças e alternativas para sua situação, sozinhas ou amparadas pela família.

Para o jovem, assumir o filho ou passar a viver com a namorada grávida é sempre uma decisão polêmica. Se adota esta posição, de ficar com o filho e a namorada, sofre as pressões contrárias exercidas por colegas e, freqüentemente, por sua família. Se apenas reconhece o filho, sofre as pressões dos colegas, da parceira e da família da parceira, que passa a lhe cobrar a vida a dois com a jovem. Se não assume nem o filho, nem a namorada, sofre as pressões da namorada, da família da namorada e, por vezes, as pressões de sua família e de alguns colegas. Enfim, qualquer situação implica em embates e em desgastes emocionais.

c) para sair da tutela dos pais

Este é um desejo muito expresso pelas jovens, mas o desemprego alarmante que assola os jovens (candidatos a companheiros) tem-nas obrigado a rever este projeto, que passa a ter uma outra configuração, qual seja, morar na casa dos pais ou dos sogros, com o companheiro, ainda que provisoriamente.

De toda forma, é uma maneira que elas encontram de se libertar da tutela dos pais, sendo assumidas por um companheiro. Ou seja, engravidam para se sentirem com independência e autonomia com relação à família. Depois que o filho nasce, elas percebem o quanto estão mais dependentes do sustento e amparo dos pais ou dos sogros, pois são as pessoas que as ajudam com seu filho, estando elas com seus companheiros ou não. Para eles, a situação é diferente, mas como também têm seus projetos de constituir família, vão assumindo a vida conjugal como se estivessem se deixando levar pela situação. Cômoda postura, compatível ao fato de que dificilmente assumem a responsabilidade total de seus atos. Então, dizem-se fazendo o que podem. Ou, simplesmente, não assumem a vida conjugal.

Todavia, para os jovens homens, o casamento pode resultar em autonomia. Embora os jovens não o utilizem para este fim, eles levam a companheira para viver em casa de seus pais. Por vezes, esta situação gera fortes conflitos familiares, como analisaremos no próximo

capítulo, e em outras, não. De toda forma, por constituírem um núcleo familiar, começam a ser considerados chefes de família, principalmente se estiverem trabalhando, e esta situação altera sua posição social e familiar.

Nessas situações, não é o amor que motiva e nem mesmo o desejo de estar casada, mas a vontade de libertar-se do controle da família. Há jovens mulheres que pensam que ter um companheiro é ter a liberdade de ir para onde quiser, quando quiser, com quem quiser, voltar na hora que desejar, longe de ter que dar satisfações ou de se submeter às normas familiares. No desejo de criar esta situação, pensam que a gravidez pode ser uma saída, percebendo tardiamente que, nos cuidados com o filho, estarão definitivamente mais presas aos afazeres domésticos e muito distantes da pretensa liberdade.

O filho, por conseguinte, pode representar também uma estratégia de luta e contraposição ao que a vida parece estar impondo à jovem: ter uma vida pacata, aprendendo a cuidar da casa, estudando e aguardando um futuro marido. Querer ser mãe não significa, necessariamente, acomodação e submissão aos principais papéis sociais que têm sido destinados à mulher, ainda que assumi-los possa ser a postura mais adotada. Os diferentes comportamentos femininos indicam que, embora muitas jovens afirmem ser este seu destino, por vezes, elas se utilizam da maternidade para se contrapor e fugir da atual vida familiar. Neste sentido, o filho como estratégia matrimonial e o casamento como estratégia para sair da tutela dos pais são percursos que se entrelaçam e que nem sempre indicam mera sujeição ao que a vida lhes reserva. Como analisa Anyon, “... nem toda ação das mulheres é uma instância de acomodação ou de resistência. (...) Uma ação, em uma instância, pode ser uma expressão de resistência e, num outro contexto ou situação, expressar acomodação”⁴. Este é um olhar necessário para que se percebam os movimentos e as forças que se presentificam nos seus modos de viver.

d) por falta de condições de fazer uso dos métodos contraceptivos

Para não perder o parceiro, para dar provas de amor, muitas jovens se submetem a relações sexuais sem preventivos à gravidez, mesmo sabendo dos riscos. Ao acreditarem no amor do parceiro, permitem-se viver o que, para elas, é o inevitável. Sem dinheiro para remédios e preservativos, sem condições de recebê-los no hospital do bairro, para preservar sua intimidade, sem o comportamento preventivo do parceiro, elas se entregam à sorte e, rapidamente, engravidam, sendo, com freqüência, abandonadas pelo parceiro. Estes,

⁴ Jean Anyon, Intersecções de gênero e classe: acomodação e resistência de mulheres e meninas às ideologias de papéis sexuais, *Cadernos de pesquisa*, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, n. 73, 1990, p. 16.

geralmente com a postura de que é a mulher que tem que se prevenir, se cuidar, pouco se envolvem com tais preocupações. Há, contudo, muitos jovens que buscam no Hospital do Satélite ou em postos de saúde, acesso à distribuição gratuita de preservativos. Entretanto, eles não costumam utilizá-los com sua namorada, mas com *ficantes*, principalmente as que têm vida sexual bastante intensa. E também há as jovens que se entregam à sorte ao iniciar a vida sexual.

e) por serem as jovens ludibriadas pelos parceiros

Esta situação é semelhante à primeira apresentada, gravidez fruto de amor ou paixão, mas tem algumas peculiaridades. Neste caso encontram-se as jovens que não cedem por amor, cedem para experienciar o sexo, sem a intenção de engravidar ou mesmo de prender o parceiro por uma gravidez. Elas confiam que a experiência não resultará em concepção, mas, por saberem muito pouco, confiam no que eles dizem e o resultado termina sendo inesperado e traumatizante.

Elas confiam quando os parceiros dizem que terão um coito interrompido ou que eles não gozarão. Sem conhecer como estes mecanismos se processam, concluem o ato sexual com a certeza de que nada acontecerá. Um jovem, tentando explicar esta situação, disse que muitas vezes elas engravidam sem saber que “o cara vazou. Quatro, cinco meses depois cresce o bucho da *gata*. ”

Quanto aos jovens que fazem uso destes engodos, pode-se pensar que expressam masculinidades que preconizam a idéia de que os homens têm que ter vários filhos, com várias mulheres.

f) por se suporem estéreis, as jovens

Elas fazem sexo sem cuidados preventivos por considerarem que não são férteis. As jovens não têm uma explicação para isto, apenas dizem que pensavam que jamais engravidariam e por este motivo não se preocupavam em ter cuidados.

Este comportamento expressa uma grande imaturidade para lidar com a vida sexual, pois nada justifica, nem mesmo para elas, segundo afirmaram, o fato de se pensarem estéreis. Ao considerarem, por simples “impressão”, não ser possível conceber filhos, no fundo, elas jogam com a sorte e incorrem no uso do velho jargão de que “comigo não vai acontecer” a gravidez.

g) para não ficarem na condição de “solteirona”, “coroa” ou “moça velha”

Como analisamos anteriormente, as jovens do bairro têm muito medo da possibilidade de ficar “solteirona”, “coroa” ou “moça velha”. Mesmo não estando casadas, a maternidade lhes tira destes estigmas, pois significa que já foram desejadas por um homem e, quiçá, amadas por alguém.

Certamente, quando elas se põem o intuito de engravidar, esperam conquistar um companheiro, mas a gravidez, por vezes, é muito bem-vinda quando não há um companheiro com quem elas possam viver uma história de amor. Significa, inclusive, explicitar aos outros que têm vida sexual e que são capazes de viver um namoro, uma relação com um homem. Isto acontece com jovens em idade igual ou superior a 20 anos. Algumas delas, inclusive, estão trabalhando e têm alguma condição financeira de educar o filho. Precisam, entretanto, de alguém que cuide da criança enquanto estão no trabalho.

h) engravidam vivendo com o companheiro e este não reconhece a paternidade

As jovens podem engravidar morando com o companheiro, em casa de seus sogros, e não ter a paternidade reconhecida, ficando na condição de mãe solteira. À primeira vista, parece uma situação incomum, mas nem tanto. Ocorre que elas saem de casa e vão viver com seu companheiro, em casa de seus sogros. Em grande parte das vezes, esta é uma situação de tensão familiar, pois os pais já sustentam a casa com dificuldades e, quando o filho leva uma companheira, a situação se torna ainda mais penosa. Quando elas engravidam, a gravidez não é aceita, nem pelos pais, pelas mesmas razões, e nem pelo companheiro, que não tem como enfrentar a situação junto a seus pais, está desempregado e não terá como sustentar um filho.

Uma saída utilizada é questionar a paternidade daquela criança. As circunstâncias vão tornando insustentável a convivência da jovem naquela família, e assim, ela volta para a casa dos seus pais e passa a viver a experiência de ser mãe solteira. Ou então, mesmo sem ter a paternidade questionada, ela simplesmente sai da casa dos sogros porque eles não querem criança em sua casa.

É importante não esquecer que geralmente elas ficam felizes quando engravidam, certas de que fortaleceram os vínculos com o companheiro. Por conseguinte, é muito grande a decepção e o sofrimento que atravessam neste momento quando não são apoiadas pela família e pelo companheiro.

Para uma mãe de quatro jovens, “os filhos transam, as filhas engravidam, porque têm muito tempo pra pensar besteira, e a mãe trabalha, não tá perto pra orientar”. Reclama desta

situação dura que enfrentam as mães que trabalham fora, mas, ao mesmo tempo, reconhece a existência de outros limites, de verdadeiras barreiras entre mães e filhas, ao lembrar que “essas meninhas [de 13, 14 anos, a que se referia] hoje sabe mais coisa do que a gente...”, manifestando suas dificuldades para prestar a devida orientação aos filhos.

Para ela, o tempo ocioso das jovens é um dos fatores que contribuem para a gravidez. Na falta do que fazer, elas ficam na porta da rua conversando sobre os beijos que os jovens dão, identificando quem sabe beijar, quem não sabe, como namoram, e por aí começam a tratar dos assuntos relativos à sexualidade. Diz que quando as encontra conversando sobre isto, recomenda: “O tempo que vocês estão aqui na rua, trabalhem, estudem, pra vocês comprarem uma roupinha pra vocês, pra andar arrumadinha, bonitinha”, ao que elas respondem com gozação: “Ah, gosto de trabalhar não”. Esta exclamação, contudo, diz respeito ao trabalho doméstico, que é a única referência que as jovens têm de trabalho, seja ele realizado em sua própria casa, seja como trabalho remunerado, em casa de terceiros.

Mulher experiente, ela considera que hoje quem assume a gravidez das filhas é a mãe, e julga que, no fundo, as jovens já entenderam isto e ficam contando com o apoio da mãe para enfrentar uma maternidade, quando vier a acontecer. Ela sofre, em sua própria família, as pressões e dificuldades para sustentar, sozinha, filhos e netos.

Tanto entre os mais velhos como entre os mais jovens parece haver uma certa compreensão de mudanças substantivas nos últimos anos quanto ao comportamento dos homens diante de uma gravidez. No tempo das mães e avós das jovens, das avós principalmente, em sua maioria, os homens casavam com elas e a situação ficava moral e economicamente contornada. Mesmo com o apoio dos pais no início, o que sempre foi muito habitual, os homens assumiam gradativamente as responsabilidades de prover o lar e, em questão de tempo, estavam em sua própria casa, constituindo uma unidade familiar independente. As experiências mais recentes têm seguido outras direções e uma delas é que os homens dificilmente se casam com suas parceiras ou assumem a responsabilidade do filho, chegando, no comum das vezes, a nem mesmo reconhecer o filho.

Se observarmos as histórias de suas mães e avós, veremos que casaram e tiveram filhos também muito jovens. A diferença é que, geralmente, tiveram filhos depois do casamento ou, quando acontecia de engravidarem antes, o que não era difícil, o parceiro assumia o filho e uma nova família se instituía. Havia mais emprego, mais possibilidades de trabalho. Mesmo vivendo de bicos, eles conseguiam ter uma renda que os sustentava e lhes dava uma gradativa independência com relação aos seus pais. Ainda que tivessem um começo

difícil, a vida ia se arrumando, com uma casa, com seus próprios pertences etc. Havia também um compromisso maior com o casamento, legal ou não, que fora realizado. As separações eram menos comuns, o que não significa que, necessariamente as relações conjugais fossem melhores. Os próprios moradores comentam que muitos viveram muito mal, em sua intimidade, ao longo de todo o compromisso do casamento. Ou seja, estavam casados com o casamento e não com o/a parceiro/a, principalmente elas, que em caso de separação, ficam em situação mais precária para cuidar dos filhos, para garantir a honra da família, e mais vulneráveis a comentários e assédios inconvenientes.

Facilmente, encontram-se no bairro experiências de mães e avós que “fugiram” da casa dos pais com seu namorado, mas que resolveram sua situação casando-se em seguida. Até há pouco tempo, ainda aconteciam alguns casos da jovem passar uma noite fora de casa com seu namorado, vivenciando o chamado “fugir”. Embora seja cada vez menos comum, encontrei casos assim, que ocorreram há três, quatro anos atrás. Em um deles, o casal chegou a fugir da cidade, retornando duas semanas depois, ambos com 15 anos de idade. A intenção dela era sair de casa e conseguiu, pois, ao voltar, passou a viver na casa dos pais do seu companheiro, situação que se manteve por pouco tempo.

O momento de descoberta da gravidez é sempre cheio de fortes emoções para as jovens e para os jovens. Há um misto de felicidade, alegria, satisfação, preocupação, medo do que poderá acontecer, medo da reação dos pais, principalmente.

É comum elas pensarem em abortar. Pode parecer uma incoerência, mas não é. Trata-se de uma realidade muito dura para elas suportarem. É como se “brincassem” com um sonho, estar grávida do homem que ama ou fazer sexo, o qual, uma vez realizado, se transforma em pesadelo. Quando o filho é totalmente inesperado, o desespero se agrava muito mais.

Uma vez diante de tão complexa situação, e, especificamente, quando o pai do seu filho não assume suas responsabilidades, o aborto é a saída primeira a ser pensada. Algumas chegam a tentar fazê-lo, com a ajuda do parceiro, que lhes compra remédios abortivos para tomarem. Destas, há aquelas que conseguem. Mas, em grande parte, por não terem os conhecimentos necessários, o aborto não se efetiva e elas têm que enfrentar a família. Há parceiros que se revoltam, chegam a duvidar da veracidade de suas afirmações quanto ao uso do remédio comprado, seja o abortivo, seja o anticoncepcional, e este é mais um motivo de desavença para o casal. É necessário ter presente que nem sempre elas tomam o remédio que o parceiro compra para o aborto, e isto acontece por terem medo das consequências deste ato

para sua saúde ou porque querem manter a gravidez. Também para conseguirem engravidar, nem sempre tomam os contraceptivos dados pelo parceiro.

Para os homens, em geral e principalmente, o aborto é a primeira solução e não se sentem culpados ou envolvidos com o problema; afinal de contas, as responsabilidades para com a prevenção são das mulheres e não dos homens, como, em sua maioria, eles pensam. Há os que reagem com aparente indiferença, mas há os que se importam e ficam felizes com a possibilidade de serem pais. Indiferentes ou felizes, para muitos deles é motivo de alegria, a ser contida ou não, pois que comprovada sua virilidade.

Elas costumam pensar que eles vão gostar da novidade do filho e sofrem com as decepções que têm que enfrentar, como relata esta jovem:

Eu achava assim, né?, que ele ia achar bom, porque antigamente, quando eu namorava com ele, o sonho dele era ter um filho homem, comigo, aí depois que eu falei com ele, aí ele rejeitou o nenê... Não sei o que deu na cabeça dele. Eu esperava assim que ele ficasse assim alegre, orgulhoso, né? Fez foi piorar...

Esta jovem, como tantas outras, esperava ver a felicidade de seu parceiro diante do fato e que ele assumisse a relação conjugal e o filho.

Dentre os jovens que gostam da novidade, há diferentes reações, pois as circunstâncias os diferenciam. Existem aqueles que começam a pensar como assumir o filho e a companheira, buscando fontes de renda para a constituição de sua família. Há os que se desesperam com a reação dos pais, particularmente da mãe. A situação de um jovem que, aos 16 anos, enfrentou a gravidez da namorada foi um dos exemplos que tive no bairro. Mas o caso dele tem a peculiaridade de ter sido com esta namorada que vivenciou sua primeira relação sexual. Como ela não era virgem, e ele sabia disto, sentiu-se usado quando ela lhe falou da gravidez, além do medo da reação da mãe. A situação se tornou pública e a mãe dele acusava a namorada de ter “tirado a inocência” do seu filho. Ele também, por sua vez, assume esta postura, como ele mesmo conta:

Eu nem sabia muito bem não, porque eu era inocente, né? [risos] A bem dizer, foi ela que me ensinou, eu não sabia de nada, só vivia dentro de casa. [...] Eu tava com ela, aí ela foi e perguntou... se eu já tinha transado com alguém. Eu disse não, é a primeira vez. Só que eu não sabia nem como era [risos] e ela ia só me dizendo como era e eu ia fazendo. E agora? Aí ela mandou eu gozar dentro. E eu... tudo bem [risos] Eu não sabia que ia sair uma criança... Aí com um mês depois ela me falou que tava grávida. Aí eu botei logo a minha mão na cabeça: Êta, minha mãe vai me matar!

Há um pouco de fantasia neste relato, pois no decorrer da conversa ficou claro que, à época, o jovem não era tão “inocente” assim, sabia que aquele ato poderia resultar em filho e

sabia dos métodos contraceptivos. O interessante é como o medo da mãe suplantou tudo. Ele foi morar com sua namorada, na casa dos pais dela, mas brigavam muito e se separaram várias vezes.

Com medo da mãe, ele tentou que ela abortasse. Não deu certo e o filho nasceu. Muitos de sua família duvidavam que a criança pudesse ser dele, afirmando ser “um golpe” de sua namorada, mas quando a criança nasceu, as dúvidas se dissiparam, pois o menino se parece muito com ele.

Novamente aparece a figura materna como responsável pela moral familiar. A mãe dele recomendava muito aos filhos que não engravidassem “as filhas alheias”. O pai dele em nada se envolveu neste episódio, nem mesmo quando o filho nasceu.

Passado o primeiro embate, onde se coloca a questão de ter ou não ter o filho, ficar junto ou não, eles, e principalmente as jovens, enfrentam em seguida a reação da família. É o momento mais difícil, que pode se desdobrar em várias situações.

Uma das possibilidades que se apresenta para a jovem grávida é ser expulsa de casa. Situação cada vez menos comum em alguns setores, principalmente porque o problema moral de ser mãe solteira tem se diluído bastante, em meio não só ao aumento da freqüência com que tem ocorrido, mas também à liberalização de costumes, que, mesmo com processos e posturas controversas, tem mudado a reação e o comportamento dos mais velhos diante do fato.

Todavia, quanto mais pobre a família maior a probabilidade de expulsão e isto por uma razão básica: a impossibilidade financeira de sustentar mais um ser. Assim sendo, a expulsão de casa é mais comum entre as famílias que se encontram nas vilas do bairro, onde é maior o número de jovens fora da escola e sem trabalho e onde as condições de vida são mais precárias. A referência à escola aqui não é feita com relação a algum trabalho de orientação sexual, que, porventura, esteja sendo desenvolvido, mas no sentido de que, enquanto estão na escola, jovens homens e mulheres mantêm seu tempo mais ocupado, independente do prazer que possam ter ou não na aprendizagem escolar ou mesmo dos benefícios que possam advir deste aprendizado. Os jovens e as jovens totalmente desocupados são mais vulneráveis às situações que levam à gravidez do que aqueles que, mesmo a contragosto, ocupam seu tempo de determinadas outras maneiras.

Em conversa com a coordenadora da Casa Maria Menina,⁵ única de Teresina que abriga jovens grávidas até o parto, ela afirmou: “O que é mais forte é a condição financeira. Às vezes os pais querem ajudar, mas não podem, aí não amparam a menina. A condição financeira pesa muito mais que a condição moral.”

Os valores morais atravessados pelas condições materiais e financeiras resultam em um leque de possibilidades, que se movimentam conforme a situação particular de cada família. Mas é importante ter presente que os padrões de moralidade estão se alterando, embora com ambigüidades e ambivalências, e a mãe solteira está ocupando, lentamente, espaços de dignidade e respeito.

Outra situação que pode resultar da gravidez da jovem são os rompimentos familiares, que acontecem geralmente com o pai, que tem mais dificuldades em aceitar a gravidez da filha e, principalmente, admitir a continuidade de sua condição de solteira. Após o nascimento do filho, é comum a relação pai e filha se restabelecer. Quando o pai não mora com a família, a situação se contorna mais facilmente, mas quando moram juntos, são meses de muita tensão familiar.

Quando a mãe mora com um companheiro que não é o pai de seus filhos, situação freqüente, visto a pouca duração dos casamentos, o companheiro costuma alegar a dificuldade financeira para assumir a responsabilidade por mais um membro na família. Nestes momentos, a mãe tende a assumir, com seu salário, a maior parte dos encargos com a filha e o neto.

Um terceiro desdobramento da gravidez é a jovem ter que se submeter às determinações da família, as quais podem ser: praticar o aborto, dar o filho aos próprios pais, dar o filho a terceiros ou ter o filho e dele cuidar. Todas estas possibilidades são comuns.

⁵ A Casa Maria Menina pertence à Congregação das Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena e é por ela sustentada. Quando de sua emergência, em 1998, tinha um convênio com a Prefeitura de Teresina, que, segundo a coordenadora, não foi frutífero e então foi rompido. Está localizada no bairro Dirceu Arcoverde, distante do Satélite, na zona Sudeste da cidade. Recebem jovens de “risco pessoal e social”, que entendem ser aquelas “com carência de amor de pai e mãe, ou que os pais não podem ajudar, ou que o marido não pode ajudar. Mas às vezes também o pai da adolescente assume”. São jovens que raramente estão na escola e não trabalham. Amparam as jovens e orientam-nas durante a gravidez, até o parto. As jovens passam o dia na instituição e voltam à noite para casa. Lá aprendem a cuidar do bebê, a cuidar da casa e algumas pequenas habilidades, como costura, pintura, crochê etc, e preparam o enxoval do seu bebê. A instituição faz um trabalho paralelo junto à família da jovem para que a aceite com seu filho, contribuindo na busca de solução das dificuldades enfrentadas pela família para isto. Os casos mais sérios são os que a família expulsa a jovem e se fecha para o diálogo, o que obriga a instituição a ir buscar uma outra família que ampare aquela jovem quando seu filho nascer. Geralmente, a instituição consegue um trabalho de empregada doméstica, podendo a jovem ficar no local de trabalho com seu filho. Muitas destas jovens se recusaram a fazer o aborto sugerido (ou imposto) pela família, por amigos, vizinhos.

Com o apoio dos pais, as jovens fazem o aborto, mesmo quando querem ficar com o filho. Mas sozinhas, sem condições de sustento, são obrigadas a aceitar a imposição e abortar.

Uma alternativa muito vivenciada é o pai e mãe da jovem registrarem a criança em seu nome, retirando-lhe os direitos de maternidade e transformando seu filho em irmão. Quando criada pelos avós, outra situação bastante comum, também pode ocorrer a mesma coisa: os avós registram a criança como filho.

Em outras circunstâncias, elas dão o filho a terceiros logo que este nasce. A doação acontece sem intermediação institucional, pois a família se encarrega de conseguir uma família que queira adotar a criança. O fato se torna público e a criança, obviamente, logo toma conhecimento de que é adotada.

É relativamente comum acontecer de as famílias adotarem os filhos de jovens de bairros vizinhos ou distantes; do mesmo bairro é menos freqüente.

As adoções acontecem em diferentes circunstâncias: quando a mãe não tem condições financeiras de assumir mais um filho; em situações em que a mãe sai do Piauí em busca de outras chances de vida e a própria vida se encarrega de não trazê-la mais de volta à sua terra; e acontecem, principalmente, com mães jovens solteiras, como imposição dos pais, que não as aceitam com filho por falta de condições financeiras para arcar com novas responsabilidades (principalmente) ou por questões morais (em pequena escala), quando esta situação é considerada muito vergonhosa para a família.

Os filhos, grande parte das vezes, sabem que são adotivos e todos os tratam assim. Embora nem sempre isto implique em muita discriminação no ambiente familiar, referem-se ao filho como adotado ou “aquele que a gente cria”, “aquele que mora aqui desde pequeno”. E, provavelmente, ao que as narrativas indicaram, quanto mais pobre economicamente for a família e o ambiente em que vive, mais acentuado o estigma e menor as possibilidades de resguardá-lo de falações. Então a situação se torna mais complexa, principalmente para os homens, pois ficam conhecidos como “filhos de chocadeira”, e têm que conviver com isto. Estas circunstâncias se reproduzem com tamanha freqüência que, aparentemente, se tornam comuns, e tudo se transforma em brincadeira entre seus vizinhos e colegas desde a infância, acentuando-se quando a criança começa a ser jovem. Para os meninos, a quem este fato parece pesar mais, percebe-se que diminui o respeito dos seus pares ou, pelo menos, a situação exige bastante deles, quando jovens, para conquistarem este respeito.

Por detrás da brincadeira, há marcas profundas deixadas pelas situações que vivem e pelo estigma. Em geral, sentem-se rejeitados, apesar do amor da sua família adotiva. Exemplo disto encontrei em uma jovem mãe que fora adotada e, posteriormente, criada pela sua avó, a mãe de sua mãe adotiva. Encontrei outros casos e soube de outros ainda, em que, “criados soltos”, lidam com a dureza desta realidade.

A quarta situação que a jovem grávida pode enfrentar junto à sua família é ter o filho e passar a cuidar dele. É a saída mais comum, que se multiplica em diversas possibilidades, as quais atravessam contar ou não com o apoio familiar nos cuidados diários com o filho, continuar sendo respeitada ou não, adquirir maior ou menor liberdade, dentre vários outros aspectos.

Por fim, uma última situação identificada, é a jovem ir viver com o companheiro em casa dos seus pais ou dos sogros. O fato de o parceiro reconhecer e assumir a paternidade, coabitando com a jovem, já é motivo de certo alívio para esta e sua família, pressupondo que ela não estará desamparada. Entretanto, tudo irá depender de uma série de fatores, como o jovem trabalhar e ajudar nas despesas familiares. Em caso contrário, as circunstâncias em que a vida conjugal irá se desenvolver estarão pautadas em muitas desavenças, cobranças, conflitos do casal e deste com suas famílias, como veremos no próximo capítulo.

Tentei compreender como os jovens se sentiam enquanto suas parceiras estavam grávidas, mas eles não conseguiam (ou não queriam) se expressar muito. Limitavam-se a dizer que ficavam curiosos “para ver a cara do menino”, principalmente para saber se parecia ou não com o pai. Os que permaneciam em casa de sua família, fisicamente separados da parceira, não partilhavam o cotidiano da gestação. Os que tiveram esta oportunidade, ao que algumas falas indicaram, não reagiram bem, ficaram retraídos, evitando a própria companheira. Provavelmente este comportamento esteja relacionado à sua imaturidade. Não sabiam o que significava, em termos de cuidados e responsabilidades, ter um filho. Sua tarefa era encontrar saídas para garantir o sustento do filho e isto se mistura à função de chefe de família, aquele que tem que prover o lar. Ou seja, ao pensar como sustentar o filho, o jovem pai tinha que pensar onde sua nova família iria morar e como ele iria garantir sua sobrevivência. Desta forma, ser pai, é ser chefe de família e marido também. Esta era a situação dos jovens que assumiam o relacionamento com a jovem grávida.

As possibilidades acima apontadas, de enfrentamento da situação, são todas muito problemáticas. A reação dos pais da jovem grávida é sempre mais difícil. Por vezes, quando são violentos, batem vigorosamente na filha, inclusive ameaçando sua gravidez, segundo

relatos de ameaça de aborto das jovens após terem apanhado de seus pais. Outras vezes rompem com a filha e só retomam o relacionamento depois do nascimento do neto, a cujos encantos terminam por se render. Quando resolvem assumir a maternidade da filha, contribuem nas despesas médicas e com enxoval, mas costumam ficar por um tempo com a relação bastante alterada com ela.

São as mães (novamente as mulheres), que contornam a situação, evitando, sempre que necessário e possível, que a filha seja expulsa de casa ou que passe privações na casa de seus sogros. São as mulheres da família da jovem ou das duas famílias envolvidas que tecem a rede de apoio de que os jovens necessitam.

Em um primeiro momento a reação da mãe da jovem é de tristeza, de aborrecimento, diante do futuro da filha, pois pensa que, provavelmente, será igual ao seu: cuidar de casa e de marido e trabalhar para sustentar os filhos. Embora elas não consigam elaborar projetos em que visualizem o futuro das filhas, fica implícito em suas falas o desejo de que consigam ter um emprego melhor que o delas, encontrem um companheiro trabalhador e empregado e consigam educar seus filhos com mais tranquilidade do que lhes fora possível. A constatação da gravidez da filha faz ruir este desejo. Todavia, muito mais rapidamente que os pais, elas logo se adaptam à nova realidade e começam a ajudá-la nas necessidades mais imediatas, esteja a filha solteira ou prestes a viver uma relação conjugal.

O fato de as mães, muitas vezes, estarem sustentando a casa diante do desemprego do companheiro, converte-se em maior poder para garantir sua vontade de ajudar a filha, inclusive mantendo-a em casa, pois, além do peso do papel de mãe, há também o peso da participação financeira nas despesas domésticas. É com o seu próprio dinheiro que muitas vezes elas conseguem ajudar a filha, principalmente quando não vivem com seu pai, mas com outro companheiro.

Quando é o primeiro filho da jovem há maior tolerância de pai e mãe. Quando é a segunda gravidez, o comportamento é outro, principalmente quando a jovem não mora com o pai de seu filho e, portanto, é totalmente sustentada por sua família. Nestes momentos, a opção do aborto, indicada pelos próprios pais, aparece com muita força e é difícil para a jovem contestar, pois tem um filho para criar e depende de sua família para tanto. Contudo, não é incomum ocorrer de eles aceitarem, mesmo a contragosto, um segundo neto.

Dependendo da idade da filha, a mãe chega a procurar o serviço médico do hospital do bairro, para saber da possibilidade de uma laqueadura (ligadura de trompas) quando da

ocasião do parto. Os médicos não a fazem por respeito à idade das jovens, mas são muito fortes as investidas da família, conforme elas mesmas contam. As jovens, nestes casos, tendem a concordar, pois assim ficam com a vida sexual mais livre de riscos de gravidez. Contudo, temem encontrar um grande amor (afinal, o sonho não morre) e não poder “dar-lhe um filho” e, pensam elas, “assim ele vai atrás de outra”. Este pensamento lhes faz repensar a disposição para a laqueadura, embora conheçam exemplos de jovens com idade de 25 anos nesta situação, que estão casadas com novo parceiro e, mesmo sem “dar-lhe filhos”, vivem bem com ele.

A reação dos pais do jovem (futuro) pai é geralmente de não envolvimento com o problema do filho. Quando se envolvem é no sentido de impedir que o casal passe a morar em sua casa. Dificilmente participam das ajudas financeiras de que o casal precisa. Também podem participar desse momento para incentivar o filho a não casar com a jovem, a assumir o filho apenas dando uma contribuição para seu sustento. Obviamente existem aqueles poucos pais que, passado o momento inicial de desgosto, tentam contribuir para a busca de soluções sensatas para a situação.

As mães dos jovens têm reações mais variadas que os pais. Em sua maioria, insistem junto ao filho para que a jovem grávida não fique totalmente desamparada e cobra que o filho trabalhe para contribuir com o sustento do bebê que vai nascer. Como o desemprego é muito alto no bairro, esta postura não se transforma em recursos materiais efetivos. Afora o fato de que nem sempre os filhos ouvem os apelos e orientações maternas.

Outras mães costumam pôr em dúvida a paternidade da criança e, neste momento, situações muito delicadas e difíceis são geradas. Inicialmente junto à jovem gestante, que se sente ofendida com tal postura e, dificilmente, consegue reconciliar-se com a avó paterna do seu filho, quando confirmada, pela aparência física, a filiação da criança. As jovens chegam a proibir a avó paterna de conhecer o neto e se relacionar com ele. É uma mágoa que surge em um momento difícil para a jovem, então certos fatos se cristalizam, e emoções e sentimentos que eles geraram são mais difíceis de remoção em curto prazo. A situação também se complica junto ao filho, quando ele aceita e tenta assumir a gravidez e sua mãe adota comportamentos que dificultam a vida do jovem, pois duvidar da paternidade é pôr em cheque a fidelidade da jovem, o que gera comentários e situações muito desagradáveis para o pai da criança. Nem sempre eles têm bom senso para encontrar saídas para a crise familiar e pessoal e, por vezes, embarcam nas dúvidas da mãe e ficam aguardando o bebê nascer. Este comportamento da mãe também repercute muito mal junto à família da jovem grávida, que,

ressentida, afasta as possibilidades de alguma convivência pacífica. Enfim, são vários os desdobramentos que a dúvida posta pela mãe traz para a situação toda.

Outras mães, contudo, defendem que o filho assuma suas responsabilidades, passando a morar com a jovem, e chegam a aceitá-los em sua casa. Não é uma situação muito comum, pois as dificuldades financeiras são muitas e torna-se difícil para a família do jovem, assim como da jovem gestante, assumir a responsabilidade por uma nova família; afinal, serão três pessoas para sustentar: o casal e seu filho. É mais comum, portanto, que elas não aceitem o casal em sua casa.

Existem aquelas que se encantam com a idéia de ser avó, principalmente quando se trata do primeiro neto e cercam a jovem de cuidados. Algumas chegam a pedir para criar a criança e aí, sentindo-se ameaçadas, certas jovens terminam se afastando da sogra, embora elas não se constituam uma ameaça efetiva. Este comportamento é adotado depois de alguns meses que o bebê nasceu, momento em que as avós mais se envolvem com o neto.

Há também mães que temem que o filho seja manipulado pela ex-namorada, em razão da criança, e ficam alertando para que tenham cuidado e não se envolvam muito com o bebê.

Algumas fazem um esforço de se entenderem com a jovem, mãe de seu neto, e outras não, fazem questão de se manterem distantes, até mesmo para não serem solicitadas nos momentos difíceis.

As mães que trabalham por vezes ajudam. As que não trabalham ajudam menos. Mas o que mais move a ação de ajudar não é a disponibilidade financeira, é o interesse em participar da educação do neto e este interesse é bastante variável. Há, entretanto, um aspecto importante em todas: a sensibilidade para perceber e sentir a necessidade de ajudar a jovem e o neto, porque são mulheres também, são mães, e conhecem as dificuldades do exercício da maternidade. Embora a sensibilidade nem sempre se converta em ajuda efetiva, este aspecto as torna mais acessíveis.

Há uma forte pressão social sobre os jovens homens para que não se casem, nem assumam o filho. A primeira grande pressão vem dos amigos, como bem expressa este jovem:

Os caras ficam “Ah, mano, tu vai assumir um filho que não é teu?”. Chamam o cara de “tapa-buraco”. Tem muito aquela pressão em cima do cara e ele acaba não assumindo, então você vê muita mãe e filho sem pai. Até quando ele vai crescendo a gente diz que ele tem mais de um pai. Hora diz que é A, diz que é B, diz que é C. Isso é muito comum. [...] E a gente escuta também muito estas queixas: “E eu vou assumir se eu sei que não é nem meu”. “Ah, mas tu teve relação com a *mina*?”. O cara: “Tive”. “Então como é que tu pode afirmar que não é teu?”. “Mas ela transou com outros cara”. É complicado...

A defesa da vida de solteiro é muito intensa, pois o solteiro pode ter muitas namoradas, ter filhos com várias mulheres e não se responsabilizar por nenhum, não tem compromissos com ninguém, dentre outras vantagens que eles alegam.

Note-se que há um outro aspecto muito interessante na fala do jovem acima apresentada. Ela revela que eles crescem em um ambiente onde ouvem repetidamente que certas pessoas têm mais de um pai. Esta situação tende a se naturalizar e repercute na construção da masculinidade do jovem, o qual, em grande parte das vezes, reforça em si a idéia de que a masculinidade passa por ter filhos com diferentes mulheres e não assumi-los. Parece que pouco importa que ele próprio tenha sofrido com esta situação, pois o efeito se torna contrário: importa ser capaz de comprovar sua masculinidade.

Em que pese a influência que o pensamento dos colegas exerce sobre as decisões que os jovens tomam, há muitos deles que, uma vez se sentindo envolvidos afetivamente com a jovem, assumem a relação, até mesmo quando ela está grávida de um filho que não é seu. Não é muito rotineira esta atitude, mas não é incomum. E o fato de viverem em união consensual, geralmente em casa da família de um dos dois, favorece bastante a desconstrução da relação.

Por vezes, a família do jovem também exerce pressão para que ele não se case legalmente com a namorada, defendendo a idéia de que ele é muito novo e que pode apenas experimentar viver com ela, sem se comprometer legalmente. Em outras ocasiões a família pode defender que ele sequer vivencie uma união consensual com a jovem, alegando sua idade e acusando a jovem grávida de ter sido irresponsável ao fazer sexo sem cuidados contraceptivos. Quando são muito contrários à união, atingem o ponto de maior vulnerabilidade da mulher, sua honra, centrada no seu comportamento sexual, e passam a acusá-la de promíscua, irresponsável, que não tem nenhum sentimento pelo jovem, que lhe aplicou “o golpe da barriga” e outras observações. São as mulheres da família do jovem, especialmente a sua mãe, que mais se empenham nestes comentários. Em casos mais extremados, a família manda o jovem para outro bairro ou outra cidade, para ficar por um período em casa de familiares ou amigos, longe da pressão para assumir um filho. A situação que vivenciou esta jovem mãe foi bem característica:

E a mãe dele? A mãe dele... no começo, não queria, né?, nem a mãe dele, nem o pai dele. Os vizinhos brigaram tudo com ela, brigaram com ela... os irmãos dela se reuniram, porque ela queria mandar ele pra outro lugar, né?, se reuniram e falaram com ela, brigaram com ela, porque ela também tem uma filha, né? Aí falaram com ela, ela não mandou mais ele. Ele não aceitou mesmo, ele disse pra ela que não ia me deixar mesmo. Uma amiga minha perguntou a ele se ele queria me deixar, alguma coisa assim, ele disse que não que nunca tinha pensado em

me deixar, muito pelo contrário agora era que ia gostar mais... Nunca falou assim de me deixar não.

Esta jovem, de 18 anos, com uma filha de 5 meses, apesar de se considerar muito nova para ser mãe, sente-se feliz. O seu companheiro, de 19 anos, continua ao seu lado e está vivendo, entusiasmado, a experiência de ser pai. Mas no começo da gravidez, eles tiveram que enfrentar as dificuldades a que ela se referiu junto aos pais dele.

Em meio às tramas que vão sendo construídas, além do apoio de sua mãe, a jovem gestante conta com o apoio e a solidariedade de suas colegas de colégio e de vizinhança. As colegas, em algumas ocasiões, chegam a fazer-lhe “chá baby”. Além disto, elas se comprazem muito com a barriga da gestante e aproveitam para aprender um pouquinho mais, fazendo-lhe inúmeras perguntas.

Porém, nem tudo é tranquilo. Há algumas colegas que são proibidas pelas mães de falar com a jovem gestante, com receio de que esta seja uma má influência para as filhas. Outras a ofendem e a humilham, com brincadeiras de mau gosto, piadas, indiretas, afrontas. Estes momentos são muito difíceis, visto que magoam bastante a jovem, que passa a se sentir ainda mais estigmatizada. Nestes episódios, a solidariedade prestada pelas outras colegas e o apoio dos professores são muito importantes, são sua defesa.

São interessantes as manifestações de solidariedade das colegas. Elas dão carinho, atenção, ajuda material, quando possível, na forma de pequenos presentes, defendem-na, quando necessário. A gravidez da colega é motivo de alegria e elas brincam com ela. Parece, entretanto, ser algo que está além da novidade, da simples amizade, da camaradagem ou do bom senso, parece também se situar em uma solidariedade diante de um “destino” inevitável, segundo a compreensão de muitas delas, pelo qual um dia todas terão que passar, se quiserem cumprir seu papel de mãe. Neste sentido, elas costumam usar justificativas como: “isto pode acontecer com qualquer uma de nós” ou “a gente tem que se ajudar, porque esses homens só querem brincar.”

As jovens grávidas se sentem muito fragilizadas por diversos sentimentos e emoções que lhes envolvem, e se comportam das mais variadas maneiras durante a gravidez. Muitas gostam de ficar em casa “curtindo a barriga”, como diz uma delas, ao me explicar que há jovens que não fazem nada no período da gestação e que há outras que, inclusive, trabalham ou estudam durante toda a gravidez.

Em meio à diversidade de formas de comportamento há um aspecto que parece ser comum a todas: a vergonha da gravidez. O prazer em estar grávida vê-se muito ameaçado pela vergonha, que se manifesta em várias facetas. Vergonha da barriga crescendo, o que faz com que muitas delas evitem sair de casa e abandonem a escola. Segundo as professoras entrevistadas, é no momento em que a barriga começa a aparecer que a maioria delas se ausenta da escola, mesmo que colegas e professores insistam para que continuem a assistir as aulas. Neste sentido, elas se envergonham tanto da condição de grávidas, principalmente quando se mantêm solteiras, que implica em comentários, por vezes, bastante indiscretos, quanto se envergonham das mudanças do próprio corpo, pois assumir um corpo de mulher grávida é muito difícil, especialmente para as mais jovens. Independente do apoio ou crítica das colegas, elas ficam envergonhadas delas também. Têm ainda que enfrentar familiares e vizinhos. Uma jovem que engravidou aos 16 anos, disse:

Mas por que tu ficavas com vergonha? Porque o povo ficada olhando pra mim, como se fosse um crime... sei lá. Aí eu ficava assim... Uma vez quando eu vi uma colega minha, que eu brincava quando era pequena, ela saiu doidinha correndo pra dizer que eu tava grávida. Aí eu passava de cabeça baixa, pra ninguém ficar olhando pra mim, nem eu ver a hora que as pessoas ficava olhando pra mim, falando de mim...

Outra jovem, que engravidou aos 17 anos, falou:

O que que as pessoas dizem? Ah, na hora que eu passava as pessoas diziam: “Olha lá, ela tá grávida, de quem será?”, “Oi, meu Deus, essa menina grávida, meu Deus”. “Ela tá grávida de fulano”. “Que fulano?”. “Fulano que mora lá em cima”. Ou então, “Fulano que mora lá em baixo”. “Tá grávida.” Aí começavam... aí pronto. Aí todo mundo fica olhando... a pessoa percebia. E eu: “Êta, ali tão torando o pau em mim, na minha vida louca”, às vez até falavam, quando eu dava as costas começavam a falar, mas quando eu ia chegando pertinho, se aproximando se calava. Eu falava: “Oi, fulano.”, “Oi, tu tá grávida, né? Quantos meses? Vai ter nenê quando?”, “Vou ter nenê em tal dia, tal mês.” Aí diziam “Ah!”, aí na hora que eu ia passando aí “chic chic chic” [som de cochicho], chega eu ouvia, um monte falando. Aí eu sempre ouvia de todo mundo, de todas as pessoas, eu ouvia “Ah, tá grávida de fulano.”, “Ih, fulano nem quer”, “Fulano deixou”. É assim que esse pessoal fala.

Engravidar no mesmo ambiente social em que foi criada aumenta a vergonha, pois a jovem terá que se relacionar com pessoas conhecidas e mais velhas, com as quais, de alguma forma, estabelecem uma relação de respeito, e isto as intimida. A gravidez se torna uma notícia no bairro. Mesmo sendo comum acontecer, é sempre algo a ser comentado, avaliado e julgado, e a jovem e sua família têm que se submeter a esta situação.

As jovens também têm vergonha de ir ao médico fazer as consultas mensais de rotina e responder às perguntas íntimas que lhes são feitas. Em alguns casos, é a mãe delas que as acompanha e que conversa com o médico; elas ficam caladas a maior parte da consulta, segundo elas mesmas assumem.

Mas os jovens homens também sentem vergonha frente aos mais velhos. Quando eles assumem a companheira grávida, se encabulam com a situação, apesar do orgulho que sentem, e quanto mais novos são, mais difícil se torna assumir tudo o que envolve a chegada de um filho. A maioria sequer anda com a companheira grávida. Este é outro motivo de mágoa para elas, que se vêem ainda mais desamparadas neste momento. Elas não entendem porque eles sentem vergonha de estar com elas, especialmente quando a barriga está bastante acentuada, mas eles não assumem o acanhamento.

Além da vergonha, existem aquelas jovens que diziam sentir uma profunda tristeza durante a gravidez, frente aos impedimentos que a nova condição de vida parecia lhes impor, como sair para se divertir e acompanhar o namorado para as festas. Talvez elas não percebessem que por detrás da tristeza estava o sentimento de vergonha e uma certa punição velada dos pais. Outras, diante do abandono do namorado, enfrentavam depressão ao longo da gravidez, chegando até depois, em alguns casos, desinteressando-se pelo filho e pela vida. Sofrem por amor, justificam as colegas, como conta uma jovem mãe sobre uma amiga:

Ela teve esse menino agora, mulher. Ela só tem 16 anos. Pegou... ele pegou e engravidou ela com 15 anos. A menina *se perdeu* com ele. Foi com ele que ela *se perdeu*, até hoje ela vive... vive assim, eu acho que ela tá ficando é perturbada, pensando demais nele e ele não tá nem aí, namorando com as outras. Ela nem sai. Eu acho que ela tá tão assim revoltada que ela nem liga pra criança. Quem olha é a irmã dela. [...] Ela não quer outro homem de jeito nenhum, só quer se for ele. [...] Negócio de filho... filho não segura pai não. Porque ela pensa... pra ela é assim, que filho segura o pai, principalmente ele que é novinho e ela... e eles têm um filho e o filho dela mais dele é homem. Ela pensa isso, só que eu disse pra ela: tá muito errada, muito enganada, porque filho nenhum segura pai. Filho nenhum do mundo segura pai, pode ser seu primeiro filho. Porque, eu disse pra ela, porque se segurasse, eu tinha segurado o pai de meu menino, porque, além de ser o primeiro neto e o primeiro filho, tanto primeiro neto da parte dele, como da parte da minha mãe legítima, é o primeiro neto. Fosse assim eu tinha segurado ele.

Ao explicar a situação da amiga, a jovem emprega um jargão muito expressivo e utilizado no bairro: “se perder”. A expressão “se perder” tem vários significados, que se articulam e complementam entre si. Tem o sentido de “cair na vida”, perdendo o respeito diante da sociedade por ter feito algo moralmente condenável; pode significar perder o seu único bem: a virgindade; e pode significar perder a vida, pois agora ficará entregue à própria sorte, sem expectativas de encontrar um pretendente “digno” que dela tome conta. Ao tempo em que esses significados funcionam como pressão social, sua força tem se diluído, muito sutil e lentamente, em meio a tantos casos de jovens solteiras com vida sexual e com filhos. Já não é incomum um homem se casar com uma mulher que tenha filhos, principalmente se estes forem do mesmo parceiro, conforme analisamos anteriormente.

O início da vida sexual termina por ser marcado por episódios traumatizantes, que lhes rompe o próprio prazer. Algumas jovens cedo se recuperam dos embates que enfrentaram na gravidez e se põem na ativa, em busca de um companheiro que as aceite com um filho. Há aquelas que, nestas buscas, ficam faladas, umas recuam diante dos falatórios, outras enfrentam e seguem. Uma jovem mãe diz, revoltada:

As mulher começa a ser falada. E os homem não. Homem pra mulher achar ruim mesmo só... Agora, mulher não. Se a mulher for namorar bem ali no escurinho, como eu tava dizendo pras meninas aí: “Ah! Já tão é transando.” “Ih! Fiquei com aquela menina bem ali, já transei com aquela menina velha ali.” Isto eu já sei, desde os meus 16 anos... Hoje em dia eu já sei.

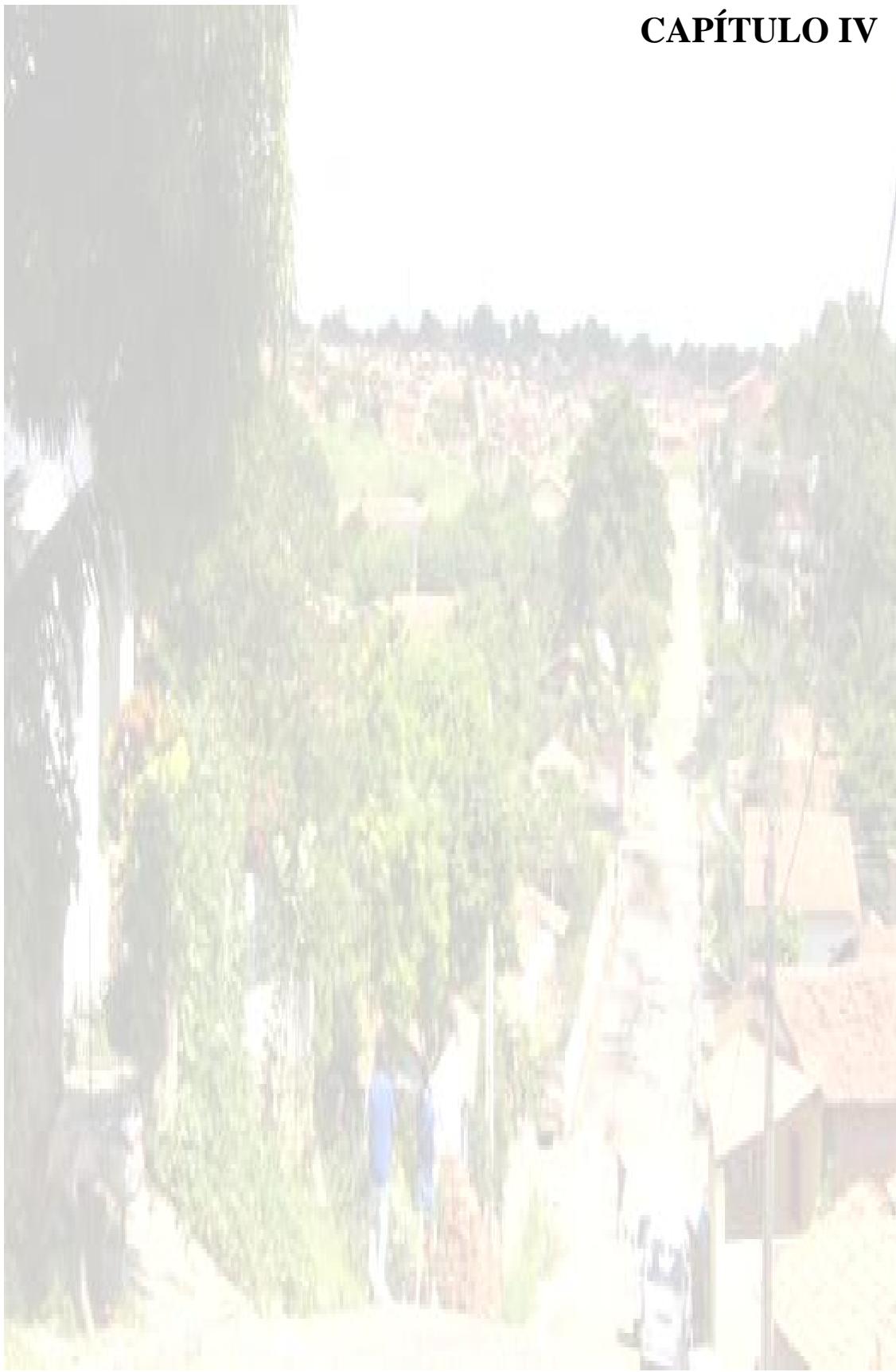
Outras jovens, ficam a sonhar com este companheiro que poderá vir, temerosas de que voltem a engravidar e sejam novamente abandonadas. Chegam mesmo a ter receios até dos namoros, segundo afirmaram.

Ao contrário delas, para os jovens, o início da vida sexual é sempre uma marca positiva. É um sinal de que não são mais crianças e o sexo lhes abre a possibilidade de enriquecer e diversificar as formas de relacionamento com as jovens, ao tempo em que, quanto maior a experiência, mais valorizados se tornam junto às mesmas.

Por fim, é importante assinalar que, em qualquer das situações acima apontadas, a gravidez da jovem é um problema grave se o pai não assume a paternidade, se não passa a viver com a jovem e se não trabalha (ou não se dispõe, de fato, a trabalhar). Em caso contrário, a gravidez deixa de ser um problema, do ponto de vista dos valores e modos de viver que se realizam no bairro, transformando-se até mesmo em motivo de alegria para as famílias. É, sobremaneira, a combinação desses três elementos, sem ignorar a importância de outros fatores para a estabilidade de um casal, que pode levar à constatação de que aquela gravidez se constitui um problema ou não.

Quando é a família da jovem que tem que assumir tudo, a gravidez é considerada um grande problema. Dada a freqüência com que isto ocorre, o discurso que se difunde no bairro é de que, em princípio, é um problema. Mas, conversando com adultos e jovens, mães e pais, foi possível perceber que as uniões ainda são muito valorizadas, embora os adultos estejam cada vez mais descrentes das relações que os jovens constroem atualmente. Um neto é geralmente bem-vindo, pois representa a continuidade da família, principalmente, se for homem. Ou seja, ao lado de desencantos e preocupações, há alegrias, prazeres e satisfações. Ao lado do discurso de contraposição há o deleite de ver a vida dos filhos seguindo seu curso, embora, de modo diverso ao que um dia fora um sonho.

CAPÍTULO IV



Pais e mães jovens no bairro Satélite

Passado o momento de maior impacto junto às suas famílias, aos amigos, vizinhos, causado por uma gravidez “inesperada”, agora o jovem e a jovem enfrentarão a vida de pai e mãe, assumindo ou não suas responsabilidades. Aqui se descortinam inúmeras possibilidades de enfrentamento da condição de pai e mãe; contudo, ainda antes de penetrarmos nos meandros da maternidade e da paternidade propriamente ditas, é necessário salientar um importante aspecto que se evidencia no momento do parto.

Em sua grande parte, as jovens enfrentam esta situação da gravidez e da maternidade longe do pai do seu filho. Contudo, na maternidade do Satélite, um percentual bastante significativo, mais de 60%, afirma que tem um companheiro¹. Por quê? É uma questão de difícil resposta, mas que pode ser pensada a partir de alguns parâmetros: (a) as jovens, notadamente as de idade mais tenra, ficam muito envergonhadas diante dos adultos quanto à sua situação de gravidez, e o momento do parto lhes é muito difícil², segundo algumas afirmaram. (b) Muitas das jovens, quando abandonadas pelos seus parceiros vivem a crença de que eles a assumirão tão logo vejam o filho, rendendo-se aos encantos da paternidade. Assumir a realidade do abandono do parceiro é muito duro. Pode-se pensar que, nestas

¹ Esta afirmação tem por base dados preliminares de um perfil das adolescentes grávidas atendidas na Maternidade do Satélite, ainda não divulgados publicamente. O perfil está sendo elaborado pela assistente social do Hospital do Satélite.

² Há um debate bastante polêmico entre médicos, psiquiatras e psicólogos acerca da gravidez e do parto das adolescentes. Para uns, a gravidez adolescente é gravidez de risco, em princípio, pois o corpo da jovem não está preparado para uma gestação. Para outros, os riscos são muito mais resultantes das condições sociais, definidoras das condições de saúde, do que da idade por si só. Ver, a respeito da primeira posição, Sexualidad y embarazo del adolescente, in Federación Internacional de Ginecología y Obstetricia; Organización Panamericana de la Salud: *Manual de reproducción humana*, New York, The Parthenon Publishing Group, s/d, p. 422-441. E sobre a segunda posição, A. Siqueira; A. Tanaka, Mortalidade na adolescência com especial referência à mortalidade materna, in *Coletânea sobre saúde reprodutiva do adolescente brasileiro*, Brasília, Organização Panamericana de saúde, 1988; Nelson Vitiello, Gestação na adolescência, in Nelson Vitiello et al., *Adolescência hoje*, São Paulo, Prol, [2001?], 149-159.

situações, elas têm um certo “sentimento” de estar casada, fruto de um profundo desejo e de uma grande necessidade de que seja verdade.

Os jovens homens ficam orgulhosos e felizes. Sem saber como pegar no seu filho, costumam apenas ficar olhando, por vezes envergonhados de já serem pais. O orgulho e a felicidade de ser pai se sobrepõe aos constrangimentos e eles começam a arquitetar muitos planos para a vida familiar, para os quais conseguir emprego é o ponto de partida. Pensam que o emprego pode não ser muito difícil e logo estarão trabalhando e construindo sua própria casa. As extremadas dificuldades que enfrentam na busca de emprego ou de bicos se constituem barreiras difíceis de transpor, às quais se somam as cobranças da parceira e dos familiares e as demais exigências da realidade para que se viabilize a vida familiar. Após um rico momento de planos para o futuro em que a vida ganha um novo sentido, o enfrentamento da realidade cruel do desemprego é um forte desalento. É assim que, em pouco tempo, eles se acomodam, sentindo-se impotentes diante de demandas grandiosas que recaem sobre si e às quais não sabem responder. Disse um jovem que foi pai aos 16 anos:

Eu acho que é muita responsabilidade a gente criar uma criança... sem ter serviço... Serviço tem, não tem é oportunidade pra gente, só o que falta é oportunidade. Pra mim se tivesse ia ser às mil maravilhas... *Tu estás gostando de ser pai?* Gosto sim, eu adoro...

Outros jovens só conseguem dizer que “é bom ser pai” e passam a relatar as dificuldades que enfrentam para garantir o sustento do filho.

Elas, a seu turno, também costumam vivenciar os momentos iniciais da maternidade sob intensas emoções e sentimentos. O papel de mãe, para o qual precisam, inclusive, usar o próprio corpo, se torna um misto de prazer e felicidade associado a medo e vergonha da nova condição. A isto se somam os sonhos de que logo seus parceiros consigam emprego e as tire daquela condição de dependência familiar; de que possam assumir suas próprias casas e sentir os prazeres tão almejados de serem mães e esposas. Diante da maternidade, esta jovem de 16 anos diz:

Ave Maria!, eu adoro meu filho. É tão bom cuidar dele. Ele não dá trabalho, ele, principalmente à noite. Por isto que eu gosto de ser mãe. Assim, porque tem a responsabilidade de cuidar do bebê, aí eu acho bom...

Assim como acontecera no momento da descoberta da gravidez, o nascimento do(a) filho(a) traz para o jovem pai e a jovem mãe uma densa realidade de alegrias, de felicidade, de orgulho, de vaidade, mas também de preocupações, de cobranças, de descoberta de limites.

A maternidade e a paternidade assumem várias formas de expressão, conduzindo homens e mulheres jovens a diversos percursos de vida.

As experiências de maternidade e paternidade vividas pelos jovens, para efeito de sistematização, podem ser divididas em duas grandes situações. Na primeira se encontram as experiências desenvolvidas no contexto do casamento e na segunda, aquelas em que jovens pais e mães assumirão ou não a maternidade e paternidade fora do contexto do casamento.³

Voltando aos modos de viver a maternidade e a paternidade, tem-se que as outras situações em que estas se realizam estão fora do contexto do casamento. Aqui, nem sempre ela é assumida por pai ou mãe.

De todas as circunstâncias prováveis em que a maternidade e a paternidade podem ocorrer, estando pai e mãe juntos ou separados, a mais freqüente é a mulher assumir o filho sem uma ajuda efetiva do parceiro, nem quanto aos cuidados, nem quanto ao sustento.

Se ela vive com a família de origem, geralmente esta lhe dá o apoio necessário, principalmente se for o primeiro filho. Não é uma situação tranqüila, geralmente vem acompanhada de decepções, contrariedades e aflições dos pais da jovem, associadas aos medos e satisfações que a jovem pode estar sentindo. Entretanto, após um período inicial de adaptação a uma nova rotina, as relações familiares parecem se restabelecer.

Muitas vezes, embora não assumindo o sustento, o pai pode reconhecer o filho. Pode acontecer de o casal manter sua relação de namoro ou de “certa união consensual”, permanecendo cada qual em sua casa. Nestes casos, nem mesmo eles sabem definir muito bem o que vivenciam, pois a palavra de um e de outro não lhes garante o compromisso. Também não se casam legalmente. Então fica tudo um pouco confuso, principalmente se o jovem não contribuir com o sustento do filho. O que especifica esta situação não é tanto o fato de morarem em casas separadas, mas o fato de, além disto, o jovem não participar da vida de seu filho e de sua companheira; se o fizesse, não haveria maiores problemas, como alguns casos exemplificam.

Se ele não contribui, dificilmente ele e a parceira e sua família conseguem estabelecer uma relação amigável que lhe permita, inclusive, visitar o filho com tranqüilidade e direito assegurado. É comum nestas situações que a mãe da criança o impeça de vê-la; é uma das maneiras mais conhecidas de revidar o abandono a que seu parceiro a submeteu.

³ Quando nos referimos ao contexto do casamento relembramos a observação feita anteriormente de que consideramos casamento, em geral, toda forma de união entre os jovens, seja legal ou consensual.

Como as companheiras, eles não conhecem os cuidados a se ter com um filho, com um bebê. Entretanto, elas são obrigadas a aprender, com suas mães, com suas avós; afinal, é no seu colo que o bebê chora desde que nasce. Eles não participam deste processo. Se não vivem juntos, por vezes, vão ver a criança meses depois de nascida e acham que isto é natural; justificam-se dizendo que de nada adianta ir ver o bebê, se nem mesmo sabem segurá-lo. Ou então, não vão ver a criança para evitar reclamações da ex-parceira, da quase-sogra ou do quase-sogro. Mas, paralelamente, eles se sentem assustados, frágeis, perdidos, desorientados, não conseguem fazer o que desejariam fazer (quando sabem o que querem): amparar o filho, acompanhar seu crescimento ou simplesmente ajudar no seu sustento, segundo alguns afirmaram.

Pode acontecer também de o pai sequer reconhecer a paternidade. Em certas circunstâncias, os jovens alegam dúvidas sobre a paternidade. Todavia, no Satélite, ao que os depoimentos apontam, na grande maioria das vezes, as jovens sabem com convicção quem é o pai de seu filho. Ocorre que, amparados por uma falsa dúvida, eles podem se eximir de suas responsabilidades, e o fazem.

Nesses momentos, a semelhança física entre pai e filho(a) pode ser a única forma de provar a paternidade; é o recurso mais freqüentemente usado, ainda que tal parecença só aflore tempos depois. Quando a semelhança é irrefutável, geralmente os pais reconhecem a paternidade, o que não significa, necessariamente, contribuir com a sustentação da criança. Há casos, no entanto, em que o pai muda de posição e passa a colaborar com as despesas.

A participação do pai, em qualquer destas situações é quase sempre muito precária, pois ele não tem noção das despesas com uma criança e se prende à idéia fixa, por vezes mera desculpa, de não dar dinheiro para ser gasto ou “desfrutado” pela mãe do seu filho. Afara o fato de que ganha efetivamente muito pouco com seu trabalho.

Quando ele tem outra parceira, principalmente se vive com ela, dificilmente dá alguma contribuição para as despesas com os filhos. As mulheres costumam ser contrárias a que seu companheiro participe dos gastos com os filhos de uniões anteriores e isto reforça a atitude que os homens geralmente adotam.

Ao que as histórias relatadas demonstram, são pouco comuns os casos em que o casamento acontece antes da gravidez. Mais incomum ainda é ser realizado a partir de planos dos próprios jovens. Mas pode ocorrer, como aconteceu com um casal, cujos pais moram no Satélite, que iniciou sua vida conjugal após um ano de namoro e depois do jovem ter tido

condições de construir uma pequena casa de taipa, em uma invasão fora do bairro. É um jovem de 19 anos, muito trabalhador, que faz *bicos* como ajudante de pedreiro, em trabalhos de capina e vários serviços domésticos. Sua mulher, da mesma idade, engravidou após o casamento. Quando seu filho nasceu, ela ficou na casa de sua mãe por algumas semanas, sendo auxiliada e orientada nos cuidados com o bebê, pois não havia ninguém de sua família que pudesse ajudá-la em sua própria casa. Esta é uma situação muito freqüente. Faz parte do cotidiano deles a constituição de laços de solidariedade que dêem amparo e sustentação à parturiente e seu bebê. Esse casal leva a vida com as dificuldades, desafios e alegrias inerentes à vida familiar e demonstra ter uma relação de respeito e companheirismo.

Entretanto, o que se observa com maior freqüência no bairro é a realização do casamento após a constatação da gravidez. Neste caso, o mais comum é que, pelo menos nos primeiros meses ou anos, o jovem casal more em casa da família de um deles. Quando isto ocorre, podem morar em um espaço separado, no fundo do quintal, em um piso superior, ou podem morar no interior da casa, dormindo em um cantinho da sala, dividindo o quarto com alguém ou mesmo em um quarto exclusivo, o que é mais difícil. Estas circunstâncias não são simples detalhes, pois implicam e expressam o grau de autonomia e privacidade que o casal pode gozar. Com diversos graus de liberdade, a experiência a dois vai se desenvolvendo dentro de outro contexto familiar, o qual, de maneira sutil ou explícita, imprime certas formas de controle e de interferência em suas maneiras de conduzir a nova vida familiar.

Pode acontecer também de o parceiro da jovem construir uma pequena casa, geralmente distante, em alguma invasão fora do Satélite, em um bairro mais afastado. Uma casa simples, geralmente de taipa e palha, com água encanada, com ou sem luz elétrica, sem fogão, sem rádio, sem televisão (para citar alguns itens que elas cobram) e sem nenhum conforto; então elas preferem permanecer na casa em que estão. Dificilmente elas se agradam das precárias condições da nova casa e se animam para nela morar. Para elas é difícil deixar o mínimo de que dispõem na casa dos seus pais ou dos sogros e se lançar nessa experiência praticamente sozinhas, pois eles não ajudam no trabalho doméstico, o qual, nestas condições, se torna mais pesado ainda. O isolamento é outra dificuldade, pois elas ficam presas em casa, sem ter com quem deixar os filhos, e eles vão para a rua. Ainda que sua casa tenha todos estes e outros problemas, eles esperam que elas reconheçam a felicidade que têm em poder oferecer-lhes, pelo menos, isto. E relatam com dor e lamento o contraste entre sua alegria por construir sua própria casa e a decepção sofrida por elas não a aceitarem. Esta postura se transforma em ponto de discórdia para o casal, podendo se constituir motivo de separação.

O fato de a casa construída pelo parceiro ser geralmente distante da casa de sua família é uma forte razão para que elas não queiram mudar de residência. É com sua mãe e irmãs que elas contam para assumir as responsabilidades e cuidados com os filhos, principalmente porque não têm experiências com os cuidados com crianças. Os parceiros não entendem esta necessidade e chegam a se revoltar, principalmente quando foram eles mesmos que construíram a casa. Sua própria casa é, para eles, motivo de muito orgulho, sentem-se homens adultos e responsáveis quando a casa construída já pode ser habitada, ainda que em condições precárias para o seu funcionamento. A conversa com este jovem pai explica este aspecto:

Quando tu soubeste que ias ser pai, tu pensaste em quê? Em morar junto. Só, só isso mesmo. Agora eu nunca pensava assim de arrumar uma casa pra mim e arrumei. Eu não pensava não. Arrumei a casa não, só o terreno mesmo. Foi eu que fiz. *Tu que suspendeste a casa?* [acenou positivamente com a cabeça] Carregava madeira mesmo nas costas... como daqui naquele outro trailer [cerca de 300 metros]. Carregava todo dia, carregava, carregava todo dia. Aí no final quando eu fui terminar, saí de noite de lá mas deixei tudo alumiado, de energia, liguei tudo. Aí quando passou uma semana eu passei um cimento, mas não ficou bom não. Aí eu fiz só arrumar as coisas, a carroça ali... levei as coisas e pronto. *Aí vocês ficaram lá quanto tempo, tu te lembras?* Dois anos mais ou menos. Passou bem um ano a casa abandonada lá. *E esses 2 anos foram bons?* Foram. Tinha alguns probleminhas, mas... porque aquela mulher é muito briguenta... [refere-se à companheira]

Os “probleminhas” a que ele faz alusão são, segundo sua companheira, a falta de equipamentos básicos, como geladeira, fogão, televisão, e de utensílios domésticos. Ela não agüentou viver muito tempo nesta situação e voltou para a casa da mãe. O período em que viveram nesta casa foi cheio de brigas e ele mesmo voltava para a casa da sua mãe, em certas ocasiões.

As jovens alegam que são incompreendidas nestes momentos, pois o companheiro fica na cômoda situação de passar o dia fora de casa, deixando-as com filhos e casa para cuidar, em condições materiais bastante precárias.

Um outro jovem chegou a ficar indignado com sua companheira porque ela não quis se mudar para uma casa que não tinha nem luz elétrica. Referindo-se à conversa com sua companheira, ele me disse:

Não tinha energia, tava no escuro... Não, mas tem as lamparina [risos]. Eu disse [para a companheira]: “Não tem nadinha. Como é que as crianças do interior sobrevive no escuro? Lá também é do mesmo jeito”. Ela disse: “Não, mas eu não moro no interior.” Aí eu disse: “Pois então fica aí, que vou pra lá sozinho...”

A jovem mãe aceitou ir quando ele ameaçou tomar o seu filho e ela, por ingenuidade e desconhecimento, acreditou, julgando que seu companheiro, *a priori*, tivesse este direito, pois ela não trabalhava. Após alguns meses voltaram para a casa da mãe dela.

A vida conjugal se agrava com os poucos *bicos* que o companheiro consegue, principalmente se ele não está muito interessado em procurá-los, como muitas vezes elas reclamam. Desta forma, elas se tornam ainda mais dependentes dos seus familiares, pois recorrem à sua mãe para ajudar no sustento da casa e dos filhos, e são ajudadas. Os pais são mais difíceis de se envolver e auxiliar nestas situações. Por vezes a justificativa reside no fato de que não moram juntos. Quando vivem junto com a filha tendem a romper sua relação com ela por um tempo. Em uma ou outra posição, eles costumam culpabilizar a mãe pelo que aconteceu. Há os que se dispõem a ajudar a filha e o fazem. Os padrastos, por não se sentirem completamente responsáveis pela jovem, nem sempre se dispõem a tal atitude. Assim, são as mães que ajudam a contornar e enfrentar as dificuldades. Esta é mais uma razão para que as jovens queiram estar próximas de sua mãe; elas se sentem mais seguras. Se o companheiro é muito esforçado na busca por emprego ou *bico*, elas se sentem mais tranquilas e podem aceitar morar distante da mãe.

Quando eles vivem junto com a família de origem de um deles e o jovem pai trabalha, o relacionamento com a família tende a ser menos atritado que o de costume. Mas se eles não trabalham, nem se interessam em trabalhar, a relação com a parceira e com sua família fica muito difícil.

Assumir a paternidade, dentro do seu modo de viver é, principalmente, reconhecer e sustentar o filho. Se eles não estão trabalhando, se não estão sustentando ou ajudando a sustentar mulher e filhos, então, a interpretação dada no bairro é de que não estão assumindo a vida conjugal, nem a paternidade. Interessante que, quando são adultos nesta situação há maior tolerância quanto a este aspecto, mesmo que a mulher trabalhe fora de casa e sustente sozinha a família, como ocorre em muitos casos. Com os jovens homens, a pressão parece ser maior. Talvez porque deles seja esperado que logo assumam a responsabilidade dos seus atos, como o de ter um filho.

O depoimento de alguns pais jovens é desesperador no momento em que relatam as dificuldades decorrentes do fato de não proverem sua própria família. Aqui enfrentam abalos estruturais no exercício de sua suposta, pretensa ou efetiva autoridade de chefe de família. O passar do tempo pode levar esta situação à humilhação de terem até mesmo sua masculinidade questionada, não no exercício de sua sexualidade, mas no que respeita à capacidade de cumprir as responsabilidades e papéis concernentes à masculinidade, segundo os quais, o homem tem que ter autoridade, autonomia, ser heterossexual, valente e provedor do lar. Sofrem com os desrespeitos da família de sua mulher, por estarem desempregados, sentem-se

humilhados e são efetivamente humilhados pela companheira e sua família. Se a situação de desemprego perdura, começam a ser chamados de “vagabundos”, “preguiçosos”, “irresponsáveis”. Submeter-se à dinâmica da casa da sogra é uma forte e difícil pressão, ainda mais sem ser respeitado.

As situações não são iguais, e sob estas circunstâncias se encontram também aqueles que realmente não se interessam por assumir seu papel de pai e companheiro, ficando, comodamente, na dependência do sustento da família, como afirmam algumas mães de jovens que sustentam um casal.

Se estiverem morando com a mãe dele, é a situação da jovem mulher que fica delicada, posto que fica sentindo e enfrentando as necessidades por que ela e seu filho passam e não pode cobrar, nem criticar muito o parceiro em casa de sua sogra. São freqüentes as desavenças com a sogra e algumas outras mulheres da família (que são as que por mais tempo dividem e vivem o espaço doméstico, com suas dificuldades e tensões). As sogras as criticam bastante, nos cuidados com o filho e nos demais afazeres domésticos, aproveitando-se de sua inexperiência. Há situações, no entanto, em que são as noras que abusam da hospitalidade dos sogros. São, na realidade, convergências de fatores que se seguem por decepções, sentimentos de injustiça, expectativas de difícil realização, e outros.

A situação é delicada, e os jovens, homens e mulheres, não têm maturidade para discernir a complexidade e enfrentá-la. Nestes momentos, a jovem recorre à sua mãe ou a alguém de sua família, mas não é tão simples, pois é comum que as famílias do casal não se entendam. A relação entre as famílias surge em meio a tantos conflitos, que os familiares terminam por se intrigar também, envolvendo-se inclusive nos desentendimentos do casal. As conflituosas relações com sogros e sogras resultam, por fim, em diversas separações, motivadas pelo desejo de cada um de morar na casa de seus próprios pais.

Nos últimos anos, tem acontecido uma outra forma de viver a maternidade e a paternidade. Os filhos levam sua companheira para a casa dos seus pais, mesmo contra a vontade destes, e lá se instalaram, sem contribuir com as despesas domésticas. Os *bicos* que fazem são para seus gastos pessoais, incluindo-se aí suas diversões com a companheira. Quando um filho nasce, cria-se uma situação em que os seus pais são obrigados a sustentar o neto também. Para os pais, principalmente os homens, é muito difícil, pois eles já enfrentam as exigências do seu sustento com muito custo. Os pais que se deparam com estas dificuldades são homens com mais de 40 anos, em média, portanto, acostumados a trabalhar e sustentar sua família, conforme analisamos no capítulo I, à diferença de muitos dos homens

chefes de família mais novos, que não estão habituados a responder sozinhos pelo sustento do lar.

Não é incomum uma jovem levar seu companheiro para morar em casa de seus pais. Neste caso, geralmente, há uma certa aceitação, ainda que seja muito pequena, dos pais. O parceiro tem seus *bicos* e consegue contribuir com as despesas domésticas. É mais freqüente que isto aconteça em famílias chefiadas por mulheres, pois os sogros não costumam ter uma boa relação com seus genros, notadamente quando a união resultou de uma gravidez.

É em meio a muitas brigas familiares que o filho se mantém com seu núcleo familiar em casa dos pais. A situação chega a níveis insuportáveis para estes, pois o filho e sua companheira consomem os suprimentos alimentícios que eles compram, inclusive cometendo extravagâncias, segundo relatam; desrespeitam o ambiente doméstico, instituindo horários diferentes e certos hábitos novos; desrespeitam a mãe, em espaços que sempre foram de sua inteira responsabilidade, como a cozinha. As mães reclamam do mal uso que as noras fazem da cozinha e da falta de limpeza da casa. O trabalho doméstico, com o comportamento do filho e da nora, aumenta bastante. Enfim, são vários os momentos em que as desarmonias se desenvolvem.

Tais situações chegam a levar pai e filho a lutas físicas, que se agravam quando um dos dois se encontra alcoolizado. Por vezes, os resultados das brigas são muito sérios, há pais que são hospitalizados depois destas brigas, as quais já causaram nariz quebrado, costela quebrada, cortes no rosto, ossos da face quebrados etc. Presenciei a cena de um pai embriagado sendo preso, após ter brigado com seu filho, que insistia em manter a companheira na casa dos pais. A polícia foi chamada apenas para evitar que o pior acontecesse, pois o pai estava muito alcoolizado e ameaçando matar o filho. No final do dia ele foi liberado da delegacia.

Ao afrontar os pais, os filhos não parecem estar disputando poder na família ou no lar, mas desmontando o poder instituído, desautorizando aquele ou aquela que pode se sobrepor e se contrapor às suas atitudes, e impondo o atendimento de suas necessidades.

Os pais ficam muito enraivecidos com os filhos nestes momentos, mas não costumam denunciá-los à polícia quando são agredidos, por uma forte razão: por respeito à sua mulher e para evitar que ela sofra ainda mais com tais problemas, segundo justificaram. Estas brigas acontecem mais freqüentemente entre pais e filhos do que entre enteados e padrastos. Parece que é com os próprios pais que os filhos se sentem mais à vontade para adotar este

comportamento, considerando-se no direito de ser sustentados enquanto estiverem em sua casa.

Para evitar que a situação se agrave ainda mais, o pai sai de casa, geralmente sozinho, sem sua mulher, que não se dispõe a acompanhá-lo. Pode acontecer de o casal de jovens ir morar em sua própria residência e então o pai de família volta para sua casa. Com muita paciência e sutileza, as mães vão ajudando os filhos casados a sair de sua casa, incentivando-os a construir uma residência em uma invasão, a conseguir empregos ou *bicos* que ajudem a alugar um imóvel, usando de diversas estratégias de convencimento, principalmente insinuando que é melhor o casal ter sua própria casa, pois assim conquista mais chances de ser feliz, explica-me uma senhora.

Foi o que aconteceu com uma família composta por um casal e sete filhos. As duas mais velhas estão casadas e têm vida independente. Viviam com os pais os demais cinco filhos, todos homens, sendo os dois mais novos com idade de 15 e 17 anos. Os outros três, com 19, 20 e 22 anos, levaram suas companheiras para a casa dos pais, em diferentes situações. Um casal passou a viver junto após o nascimento da filha e da confirmação, pela aparência física, de que a filha era realmente daquele jovem. O pai, à época, exigiu que o filho amparasse sua parceira e sua filha. O filho o fez, mas, levando-as para sua casa, sem a intenção de sair de lá em curto tempo. O outro casal teve uma filha no período em que morava em casa dos pais e o terceiro casal não teve filhos antes de sair da casa dos pais, porque a jovem teve um aborto espontâneo. Após quase um ano de brigas, o pai saiu de casa, sem força para expulsar seus filhos e sem condições de aceitar os desmandos. A intenção do pai era alugar uma outra casa e morar só com sua mulher, mas ela permaneceu com os filhos, alegando que não poderia ir embora e abandonar os dois mais novos. Na ótica do pai, estes já tinham condições de assumir sua própria vida. Aos poucos, ela foi conseguindo que cada um constituísse seu próprio lar.

Tendo saído de casa, o pai viveu quase dois anos na casa da filha mais velha, que o acolheu. Já conseguiu voltar para sua casa, pois os filhos casados já não se encontram lá. Um dos filhos solteiros, que permanece na sua casa, tentou adquirir uma casa em uma invasão no bairro vizinho. Chegou mesmo a participar da invasão e construir a casa, mas, diante da quantidade de famílias que não conseguiu um lote, a coordenação da invasão decidiu priorizar as famílias à revelia dos solteiros e ele teve que abandonar o que já havia feito. Este caso indica mais um fator de dificuldade que enfrentam os jovens solteiros na organização prévia da vida familiar: a primazia dada aos casados e com filhos, em certas circunstâncias.

Quando acontece de o pai sair de sua casa e se abrigar na de algum filho, como no caso relatado, ele ainda continua ajudando a sustentar sua mulher, da maneira que lhe for possível, não a abandonando à própria sorte. Ocorre também de entregar quase todo o seu salário para sua mulher, quando eles ainda têm filhos com idade menor que 18 anos. Nestes casos, o filho que causou o problema permanece ainda por mais tempo na casa, pois com seu sustento garantido.

Tem se tornado comum, entretanto, que o pai, ao sair de casa sozinho, alugue uma casa em outro bairro e passe a morar com outra mulher. Esta atitude é tomada quando a decisão de sair de casa é irreversível e sua mulher não o acompanha. Nestas circunstâncias, sua ex-mulher e o(s) filho(s) que permaneceram em casa têm que assumir seu próprio sustento. Às vezes, no entanto, ele dá uma ajuda financeira para a ex-mulher.

A conversa com um antigo morador, que tratou revoltado desse assunto, esclarece alguns aspectos. Quando ele falou que os pais estavam sendo expulsos de casa pelos próprios filhos, lhe perguntei:

“Expulsos” como? Expulsos. Os filhos botam pra fora de casa. Os filho casa ou se junta com uma mulher e leva pra dentro de casa. “Vou ficar aqui, porque papai tá me dando tudo e se não der eu ponho ele pra fora”. A lei ampara o filho [refere-se ao ECA] e ele não pode nem brigar com ele. Aí ele vai embora. *E a mulher dele, também vai?* Vai nada [diz com tom de crítica]. Ela fica com os filho. Prefere ficar com os filho de que acompanhar o marido. Outro dia mesmo jogaram as roupas de um cumpade meu no meio da rua. Fizeram uma trouxa e jogaram pela janela. Ele teve que ir embora. A mulher ficou, porque disse que não ia abandonar os filho daquele jeito. Aí ele foi lá pro Itararé [outro bairro]. Com o dinheiro da aposentadoria dele, alugou uma casinha e arranjou outra mulher e tá lá. “Na certa uma mulher bem novinha, né cumpade?”, perguntei pra ele uma vez. E ele disse: “Que novinha nada, e eu lá quero mulher novinha. Mulher novinha é só pra dar filho, chifre e mais confusão. Eu quero é alguém que tome conta de mim, da minha velhice. Tô lá com ela. Arrumei um cantinho e tamo lá vivendo sossegado”. *E a outra mulher, com quem ele vivia?* Tá aí, com os filho. Eles não pode expulsar os filho de casa, porque a lei ampara (...) Eu lhe digo que conheço pelo menos 150 casos aqui por perto [disse exagerando] de pais que foram expulso de casa pelos filho. E os pai não pode fazer nada, senão vai preso. Olha aqui um que teve que sair de casa por causa de filho. [disse apontando para um senhor sentado no banco, encabulado, cabisbaixo, com quem conversei posteriormente] Tô lhe dizendo. Taí um que não me deixa mentir. Filho tem direito, mulher tem direito, só o marido que não tem direito nenhum. Filho então, tem todos os direito. [falou agitadamente]

As mães permanecem com os filhos e os pais saem sozinhos, acuados diante daquela situação. Por que as mães ficam?

As mulheres optam por ficar com os filhos por diversos motivos, dentre os quais, pelo fato de que muitas vezes consideram que aquela situação é provisória e que o filho logo vai sair de sua casa, constituindo seu próprio lar. Se há outros filhos, além daquele que causou o problema, a mãe não se permite abandoná-los, mesmo que já tenham atingido a maioridade.

Elas têm um certo apego à sua casa, e este é outro forte motivo. A casa sempre foi o seu mundo, do qual elas cuidaram com muito zelo diariamente e em cujos utensílios guardam partes de sua própria história. Foi o seu espaço de vida por muitos anos, então se torna difícil se afastar, abandonar o lar onde viveu, ainda mais nestas condições. Há mulheres que viveram um casamento muito ruim, a partir do que se dedicaram mais ainda aos filhos e, por este motivo, podem preferir permanecer com eles, do que com o companheiro.

A situação se reveste de tamanha gravidade que, quando a mãe consegue que o filho saia de casa e que seu companheiro volte, eles derrubam parte da casa, para que não comporte mais ninguém, além dos que nela se encontram. Com esta atitude, derrubam também o que fora resultado de muito esforço e trabalho e o que lhes fora sonho um dia, ter uma casa maior.

São momentos cheios de tristeza, de angústia e de muita revolta de pais e filhos. As mães costumam ser mais complacentes e perdoam com mais facilidade os comportamentos do companheiro e dos filhos. Os pais, não, e tampouco os filhos. Após certo tempo, alguns retomam a relação pai e filho, mas outros não.

O fato de estarem intrigados com o pai não os impede de desfrutar do que lhes for dado acesso. Podem, p. ex., na construção de sua casa, usar algum material que o pai tenha guardado para certos reparos. Dizem que é emprestado, mas não devolvem. Aí se incluem desde ferramentas a tijolos e telhas.

Esses problemas também podem ser enfrentados por uma mãe que more só com o(s) filho(s). O filho pode levar sua companheira para a casa de sua mãe e impor esta situação.

Foi o que aconteceu com uma mãe de 37 anos, com um filho único de 21 anos, que tem que suportar em sua casa, uma nora de 17 anos, de quem não gosta e que não lhe tem sequer respeito. O problema se agudiza pelo fato de sua nora ter um filho de dois anos com outro parceiro e agora, mais uma filha, recém-nascida, sua neta. Os cuidados com o filho, sempre assumidos só por ela, agora se dividem de uma maneira desigual, pois, à nora cabem as atenções e carinhos para com ele e a ela, mãe, o sustento e o trabalho doméstico. Quando ela chega do trabalho, vai para o colégio e quando volta para casa, à noite, vai lavar as roupas de todos, inclusive as fraldas da neta. Faz isto diariamente.

A situação se torna ainda mais crítica pelo fato de que sua nora, em represália aos desentendimentos entre elas, não a deixa ver a neta, carregá-la no colo. O sofrimento desta mãe e avó se torna então mais intenso, tendo pouco contato com a neta, sempre trancada no quarto com a nora e o filho. A ingratidão do filho tem para ela valor imensurável, pois nem

mesmo ele se sensibiliza diante das circunstâncias, mantendo-se ao lado da sua mulher, defendendo-a e apoiando-a em suas decisões, ainda que estas sejam contra sua mãe. Ocasionalmente, ele pode barrar algumas iniciativas mais grosseiras de sua mulher contra sua mãe, ou até mesmo levar a filha para sua mãe ver.

É ela, a mãe, que sustenta grande parte da despesa da casa ou toda a despesa, quando o filho está desempregado, e teve que assimilar uma realidade em que o filho, agora casado, tem uma vida própria, embora esta vida “própria” seja sustentada por ela. Isto é um dilema, pois, ao mesmo tempo que está casado, é ela que o sustenta e por isto se sente no direito de ter a autoridade de quem sustenta e quer ser respeitada enquanto mãe, chefe e arrimo de família. Mas nas novas regras familiares instituídas pelo seu filho, a ela cabe apenas o sustento e os afazeres domésticos, pois é quem cuida da casa – comida, roupa, limpeza etc – mesmo trabalhando durante o dia e estudando à noite.

Por meses, esta mãe pensou em abandonar sua casa, alugar outra em outro bairro e viver sozinha. Mas não podia retirar todos os seus pertences da casa, afinal, “como que ele, mais a mulher e duas crianças iam ficar numa casa sem fogão nem geladeira?”, disse-me. O amor pelo filho e pelas duas crianças foi mais forte que as mágoas, e ela permanece com eles em sua casa, embora o ambiente de desarmonia e tensão permaneça. Em outro momento, ela exclamou: “E depois, se eu sair daqui, eles morre de fome. Como vão viver só com um salário dele [o filho]? Ainda mais que tem vez que nem trabalho ele tem... Será que eles não pensa nisso não?”

É uma situação confusa que vai se construindo dia-a-dia e com difíceis formas de contorno. Em geral, são os pais e mães que, para não perderem o contato com os filhos e usando de sua própria maturidade e vivência, suportam as situações por vezes humilhantes a que são submetidos. Eles sustentam o filho, sua mulher e seu neto e têm que se sujeitar ao modo de vida desta nova família, que impõe novos hábitos no cotidiano familiar. Elas, as noras, em geral passam o dia em casa, ouvindo rádio ou assistindo televisão. As mães suportam tudo e muitas vezes ficam em silêncio, em nome da frágil convivialidade da família. As mães são mais condescendentes que os pais, pois o lar é o seu mundo e o conhecem mais que os homens e assim conseguem construir estratégias de defesa, como p. ex., maneiras de evitar que filhos e noras comam a comida do pai.

Nesse momento de suas vidas, geralmente os homens estão aposentados ou com menos *bicos* e, portanto, mais presentes em casa, e sua pouca tolerância aumenta em meio às

dificuldades existenciais por que atravessam por não estarem mais trabalhando ou com o mesmo ritmo de trabalho.

Quando não há aposentadoria, só os *bicos*, e eles esperavam dos filhos amparo e apoio em sua velhice, tudo se torna ainda mais doloroso, pois estes se acomodam em casa dos pais, tirando-lhes o sossego, inclusive.

De toda forma, pais e mães têm que se desdobrar para conseguir sustentar a todos com o mesmo orçamento. Todavia, não se trata apenas de equacionar o aumento das despesas em um orçamento esgotado, mas de dar sustentáculo à família, mantendo-a na condição de família, com princípios de união e companheirismo. Mais que um sustentáculo financeiro, a situação exige muita resignação diante do que não conseguem evitar ou do que não conseguem se contrapor. Se eles não aceitam os filhos nesta nova condição – sustentando-os casados e com filhos – a relação com eles se rompe e alguém tem que sair de casa para que não cheguem aos extremos da violência física. É nestes momentos que muitos pais saem de casa, em um misto de revolta e resignação, ainda que para eles seja difícil a resignação, tão ensinada e vivenciada pelas mulheres.

São, por conseguinte, muito bruscas e fortes as alterações por que passa a família nestes momentos: filhos jovens e casados, crianças para sustentar, cuidar e educar, pais se aposentando, doenças na velhice, e outros.

Estes dramas, estes conflitos, são intensamente acompanhados e vivenciados por vizinhos e amigos, mas as interferências irão depender da proximidade que tenham com a família. Intrometendo-se ou não, eles discutem e comentam o que está acontecendo, emitindo seus julgamentos. Por vezes, os julgamentos machucam, principalmente aos pais envolvidos, pois são culpabilizados pela falta de autoridade em sua própria casa.

É o caso de um senhor de 54 anos, casado há 30 anos, com uma senhora de 45, que, ao sair de sua própria casa e ir para a casa de uma filha, ficou muito magoado com uma antiga vizinha porque, ao procurar seu marido para que o ajudasse a levar seus pertences para a casa da filha, esta lhe disse: “De que que adianta ele lhe ajudar a levar estas coisas se logo, logo o senhor vai tá aí de novo?”. Isto lhe soube como uma humilhação. Segundo sua interpretação, ela queria expressar sua falta de condições de assumir suas próprias decisões e o controle de sua casa. Disse-me ele, ainda:

Fiquei com raiva dela. Eu até que gostava muito dela, mas ela não tem nada a ver com isto. Eu não vou voltar, mas se eu tiver que voltar, a casa é minha, eu vou tá voltando pro que é meu. Fui eu que construí e comprei as coisas de dentro. É minha casa. É minha e de minha mulher.

Eu tô saindo porque eu quero, ninguém tá me mandando embora. Apenas eu não quero fazer besteira.

Embora os vizinhos e os amigos tendam a fazer críticas sobre a autoridade dos pais e mães, reconhecem, ao mesmo tempo, que é uma situação de difícil enfrentamento e se solidarizam, à sua maneira, com o pai e a mãe nela envolvidos. Alguns chegam a se revoltar contra os filhos jovens responsáveis pela situação, indispondo-se com eles.

Quando os filhos casados ficam em definitivo na casa dos pais, tendo o pai saído de casa, eles passam a se interessar mais pelos *bicos*, pois sabem que o seu sustento dependerá deles agora. Contudo, não expressam muitos cuidados com a casa e os seus pertences. As mães se queixam muito dos utensílios domésticos que se quebram ou se acabam pelo mal uso por parte de seus filhos e noras. Elas falam com tristeza de objetos pelos quais têm carinho, como esta senhora reclamou: “Elas tão quebrando até um conjunto de panela que eu tenho guardado, que nem eu uso. (...) São lindas minhas panela e já quebraram o cabo de uma. Sabe por quê? Preguiça de lavar as panela suja. Elas num lavam. Aí ficam caçando o que tá limpo. Só eu que lavo, que limpo tudo.”

Quando eles se separam, dificilmente o ex-companheiro contribui com as despesas dos filhos. Esta postura não é assumida somente por jovens, mas por adultos também. É uma atitude muito “masculina”, pensam eles, que significa, dentre outros aspectos, que a ex-mulher não tem sobre ele nenhum poder de influência e que ele está totalmente livre. Quando ele tem outra parceira, incorre na situação de que tratamos anteriormente, eles não contribuem.

Se a mulher for viver com outro companheiro, então o habitual é o pai dos seus filhos sequer irvê-los. Por vezes elas lutam e reivindicam na justiça a pensão dos filhos e, nestes casos, sempre ganham, embora muitas vezes eles não cumpram as determinações judiciais. Há mulheres que fazem escândalos até na porta da casa do ex-parceiro cobrando referida pensão e assim conseguem alguma contribuição. Para elas, embora digam que é humilhante este comportamento que elas têm que adotar, é uma maneira de expor o ex-companheiro, demonstrando, publicamente, sua irresponsabilidade para com seus filhos e desqualificando-o como pai.

Se a separação do casal aconteceu por traição dele, a companheira é culpabilizada por não ter suportado os problemas conjugais, pois, como mulher, deveria fazê-lo. Se aconteceu por desentendimentos, a culpa também costuma recair sobre ela, pois a mulher deve ser tolerante e suportar as adversidades da vida conjugal. Assim, seguem-se várias justificativas

que tendem a direcionar a culpa da separação à mulher. Há, entretanto, uma situação particular em que a mulher facilmente pode ser isenta de culpa, na ótica dos moradores: quando o companheiro é alcoolista em exagerado grau de dependência. Ainda que as mulheres também sejam culpabilizadas pelo alcoolismo masculino, como já tratamos, há circunstâncias em que familiares, amigos e vizinhos apóiam-nas diante dos problemas causados pelo companheiro quando alcoolizado, notadamente quando se torna violento e bate na sua mulher.

Nem todos os pais são pouco envolvidos com seu filho. Há pais que, diante da separação, pretendem assumir as responsabilidades com seu filho, levando-o para a casa de sua mãe. Neste caso, “assumir” seria delegar os cuidados com o filho à mãe e às irmãs, e delegar o sustento aos próprios pais; o jovem pai apenas contribuiria, pois, como eles mesmos justificam, o desemprego os impediria de assumir totalmente as responsabilidades. Há famílias que assumem um bebê nestas condições, embora seja menos comum.

Podemos identificar, sintetizando, vários contextos, bastante conhecidos, em que a maternidade e a paternidade podem se realizar, quando pai e mãe estão juntos. Sem a necessidade de discorrer sobre cada um em particular, o elenco abaixo pode fornecer uma configuração ampla de muitas destas circunstâncias:

- pai e mãe jovens podem viver em sua própria casa, os dois trabalhando ou disponíveis para o emprego, apenas ele trabalhando, apenas ela trabalhando, ou os dois sem emprego, com os seus pais ajudando-os, sustentando-os.

- podem viver em casa dos pais de um deles e ajudar nas despesas, com os dois trabalhando, ou com apenas um dos dois trabalhando. Ou, pode acontecer de nenhum dos dois estar trabalhando e neste caso podem estar se dispendendo ou não a trabalhar e a ajudar no orçamento doméstico.

- podem viver em casa dos pais, ter posto o pai para fora e viver com a ajuda que o pai dá para a mãe e com alguns *bicos*, buscados eventualmente; ou mesmo podem trabalhar para se sustentar (com *bicos* ou emprego). De todas as situações citadas, esta é a menos comum, embora esteja ocorrendo com freqüência cada vez maior, e por esta razão se encontra aqui relacionada.

Algumas dessas circunstâncias são de extremada gravidade. Viver sustentados pelos pais é expressão, sobretudo, do agravamento das condições sócio-econômicas dos moradores do bairro. Muitas casas são sustentadas apenas com a aposentadoria do pai ou com o trabalho

do pai e da mãe em idade avançada. De toda forma, a escassez de oferta de empregos e *bicos* repercute de maneira avassaladora nos seus modos de viver.

Se os jovens forem aguardar um momento de maior estabilidade financeira para assumir uma família, quando poderão fazê-lo? Esta questão não os exime, e nem pretende eximi-los, das responsabilidades sobre a construção de suas vidas fora do esteio familiar; tampouco justifica certas atitudes e comportamentos que estes começam a adotar para viabilizar seus anseios de vida a dois, mas nos obriga a observar com atenção e incluir na análise as diferentes situações a que, muitas vezes, as suas próprias condições de vida os conduz.

A tendência é diminuir gradativamente a quantidade de pessoas aposentadas, haja vista a redução do número de trabalhadores com emprego fixo ou daqueles que se aposentam na condição de trabalhador rural, como acontece com uma parcela significativa. Os jovens não terão acesso a estas possibilidades. Assim, em um futuro próximo, como e de que estarão vivendo os moradores do bairro se a oferta de empregos e *bicos* não aumentar?

De maneira geral, o casamento entre eles não é vivido com muita tranqüilidade; há muitas desarmonias, pois brigam com freqüência, não têm paciência, tolerância, compreensão com sentimentos, emoções, expectativas e forma de ser do outro, conduzindo com imaturidade as dificuldades inerentes à vida conjugal e familiar. Quando acontecem brigas mais sérias e eles se separam, é o parceiro que vai embora, voltando para a casa dos pais. Pouco tempo depois, que pode ser horas, dias ou semanas, retomam a relação. Quando eles moram na casa dos pais dele, é ela que sai, voltando para a casa dos seus pais, mas, neste caso, a atitude é melhor pensada, não é intempestiva como pode ocorrer com ele, pois envolve lidar com filhos, alterando a rotina da casa que a abrigar.

Por vezes, seu relacionamento não parece um casamento, mas um namoro tumultuado, e as muitas separações, embora desgastem bastante suas relações, se transformam em rotina e se incorporam ao seu cotidiano, tendendo, inclusive, a se naturalizar, a ponto de alguns jovens considerarem ser esta a dinâmica de uma vida a dois. Outros, mais atentos às próprias insatisfações, nem se sentem casados, sentem-se namorados que vivem juntos e que têm filhos. Há também aqueles que têm clareza de que estas não são maneiras saudáveis de vida conjugal e, descontentes, percebem-se em uma vida conjugal provisória, com perspectivas de rompimento e de construção de uma nova experiência com outro(a) parceiro(a).

Dentre os motivos mais comuns dos desentendimentos conjugais, ao que apontaram, encontram-se as cobranças delas para que eles consigam emprego fixo ou, pelo menos, que procurem com interesse e perseverança *bicos*, de forma que consigam ter uma renda que os sustente. A necessidade de renda é crescente e a tolerância delas diminui a cada momento em que se prorroga a situação de desemprego, especialmente porque são elas que têm que buscar meios de suprir as necessidades imediatas de sustento de seus filhos. São elas que recorrem à mãe, principalmente, a amigos, a vizinhos, para pedir ajuda, porque são elas que seguram a criança no colo chorando de fome ou com algum problema de saúde. Eles costumam passar o dia fora de casa, retornando para o almoço e à noite. Desta forma, elas repassam parte da pressão que sofrem no cotidiano para a postura de cobrar insistentemente uma atitude deles que tenha mais peso no enfrentamento da rotina da sua vida familiar.

A imaturidade deles, muitas vezes, não lhes permite compreender o alcance e a complexidade da situação que vivem, e ficam exigindo delas paciência e tolerância, defendendo-se e escudando-se na falta de empregos. Elas mesmas, por vezes, partem à procura de empregos para eles, na busca por encontrar o sonhado emprego fixo, aquele que dará segurança e estabilidade à vida familiar, segundo seus anseios. Longe da percepção das alterações radicais por que atravessa o mercado de trabalho, elas se mantêm neste sonho. Em alguns casos, elas conseguem um contato com alguém que pode arranjar algum emprego e, geralmente, ao que dizem, os parceiros não dão seqüência à investida. A timidez pode impedir-las, sentem-se encabulados para pedir emprego a um estranho, dizem eles, mas também o desinteresse, dentre outras razões, podem motivar esta reação.

Assim, muitos parceiros passam o dia pelas ruas, conversando com amigos e bebendo uma “cachacinha”. Aqui comporta um parênteses, para que se retome o aspecto importante de que o bar não é, para eles, um simples refúgio para suas responsabilidades familiares. Vimos anteriormente que o bar é um espaço social pleno de significados, como já foi abordado, espaço de conversas, de solidariedades. É, inclusive, considerado um motivo de orgulho estar em um bar próximo de sua casa, “tomando uma pinga”, porque significa tanto para homens quanto para mulheres que o lar não foi abandonado, que o chefe da família está ali perto, à disposição, que ele não fugiu, nem quer estar longe de casa. O depoimento deste jovem explica bem a percepção que os homens possuem de sua permanência no bar:

Você vê uma coisa bacana na periferia é que o cara tem mil problemas, não tem nem comida em casa pra ele e pra mulher, mas ele tá na esquina sorrindo com a *malucada*, tomando uma pinga pra esquecer um pouco. O cara tentar encarar e resolver seus problemas é ser adulto. O cara sabe, quando ele vai dormir, que tem que botar comida dentro de casa porque agora ele

tem mulher e filho, os que têm. Os que não, com o tempo, vão analisando, com idéia, alguns até querem pegar esses moleques, querem criar, os que não pode criar dá uma ajuda quando pode, pega o *bico* e dá uma parte, porque trabalho é muito difícil.

Se tenta “esquecer um pouco” quer dizer que o homem está assumindo os problemas. Não assumir então, é sequer pensar neles, sequer se preocupar com eles. Para elas também isto tem um significado positivo, pois se sentem prestigiadas, valorizadas, pelo fato de eles pensarem nelas, ainda que nada façam para ajudar no sustento básico da casa. A simples presença já é significativa, pois o contrário da simples presença é a ausência, aí sim, entendida como abandono. Mas nem todas as mulheres pensam assim e existem aquelas que exigem maior presença do companheiro no cotidiano doméstico, se não estão empregados. São pequenas e importantes nuances que vão tecendo uma complexa teia de significados os mais diversos.

Este é um comportamento adotado por homens jovens e adultos e não é visto, em princípio, como um problema, pois é compatível à condição de chefe de família desempregado. Torna-se problemático quando se transforma em rotina ou quando o companheiro vai beber longe de casa, ou ainda, se o alcoolismo interferir diretamente na vida familiar, causando brigas, violências, confusões. As mulheres têm que ser muito tolerantes com esta situação e muitas já não conseguem sê-lo. São valores sociais, mudam e não são sentidos e vividos por todos da mesma forma.

Ainda no que respeita às atitudes dos parceiros com relação ao emprego e sustento do lar, há, contudo, os que se empenham bastante na busca de um emprego ou de *bicos* e conseguem, com maior ou menor grau de dificuldade, contribuir no sustento da família até chegar a construir e assumir sua própria casa. A vida para eles também é muito dura, o trabalho que desenvolvem é muito pesado, mas pode acontecer de o casal encontrar formas mais harmoniosas de vida e se constituírem apoio e companheirismo um para o outro, independente, algumas vezes, do que estabelece a divisão de papéis sexuais.

Há homens que contribuem com sua parceira nos cuidados com os filhos, assim como há mulheres que ajudam com satisfação o seu parceiro a construir a futura casa, ainda que tenham que enfrentar tarefas pesadas, como carregar madeira e barro. O que vale destacar, destas situações, é que elas não resultam apenas das condições precárias em que o jovem casal pode se encontrar, mas expressam também formas de companheirismo e união com que a vida conjugal esteja sendo conduzida. Ou seja, há casais que, apesar da pouca idade, conseguem ter maturidade para assumir as responsabilidades da vida familiar.

Um outro motivo muito frequente de desavença entre os casais é o ciúme. Por causa do ciúme, dizem elas, eles chegam a proibi-las de continuar com os estudos e elas aceitam, pois é uma prova de amor; é assim que elas interpretam, sentido-se valorizadas e amadas. Segundo eles afirmam, têm mais medo de uma traição do que de perdê-las. Ou seja, é muito mais uma preocupação com a própria honra do que um medo de perder a parceira. Na sua forma de pensar, há muitas mulheres disponíveis e ter uma mulher não é preocupação. No entanto, este é o seu discurso o qual elas usam conforme a necessidade. Quando querem ofendê-los, ameaçam *ficar* ou efetivamente *ficam* com alguém. Quando querem conquistá-los ou reconquistá-los garantem-lhe fidelidade.

Eles gostam muito de ir para festas sem a companheira. Há mulheres que conseguem proibi-los de tal façanha, mas são uma minoria. Eles saem com os amigos para beber, vão para festas, *ficam* com outras mulheres e no dia seguinte os comentários chegam às companheiras. Algumas poucas suportam caladas a situação, considerando, segundo elas, ser este o comportamento predominante dos homens.

Todavia, à diferença de muitas mães e avós, a maioria das jovens mulheres se manifesta, não aceita as traições tão pacífica e silenciosamente, rebelando-se, cada qual à sua maneira. Outras chegam a fazer escândalos na presença de vizinhos e de parentes. Outras põem o companheiro para fora de casa e este volta para a casa dos pais, onde passa alguns dias. Algumas que estão na casa dos pais do companheiro, voltam para a casa da família de origem. Outras, ainda, pagam com a mesma moeda e saem, vão para as festas, *ficam*, ainda que não cheguem a transar, segundo disseram. A intenção, quando fazem isto, é apenas expor o companheiro e mostrar que não são mandadas por ele, que não é seu dono e que elas podem *ficar* com outros também, caso esses insistam neste comportamento.

Faz-se necessário, entretanto, observar com ponderação estas atitudes das jovens mulheres, pois suas vidas não parecem ter o grau de independência de que se arvoraram quando ao contar certas histórias ou adotar certas atitudes. Parte do que fazem gira em torno do companheiro, é para lhe chamar a atenção, é para lhe garantir a presença, é para mantê-lo ao seu lado, regidas pelo medo de serem abandonadas. Trata-se, portanto, de um complexo movimento que se estabelece em movimentos simultâneos de “acomodação e resistência”⁴ às maneiras de viver, criar e recriar os papéis femininos.

⁴ Ver, a respeito, Jean Anyon, Intersecções de gênero e classe: acomodação e resistência de mulheres e meninas às ideologias de papéis sexuais, *Cadernos de pesquisa*, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, n. 73, 1990, p. 13-25.

Enfim, a traição não é mais admitida por todas em silêncio. Mas, ao contrário do que ocorre com elas, a traição começa a ser mais aceita, ainda que de forma tímida e em casos isolados, pelos jovens homens. Eles consideram importante, no entanto, que as pessoas não fiquem sabendo ou que muito poucos saibam; isto é fundamental para um processo de perdão e reconciliação. Disse este jovem, separado de sua mulher, quando lhe perguntei se era difícil aceitar uma traição: “Não, mas se for só pra gente mesmo, acho que [o homem] aceita. O negócio é que cai na boca dos outros, aí fica caçando conversa [os outros]...” Ele mesmo viveu a suspeita de traição de sua ex-companheira, quando ainda moravam juntos, e se sentiu muito humilhado quando alguns amigos o chamaram de “boi” (homem traído). Este episódio se deveu a um escândalo feito por sua companheira em frente à casa de sua mãe, em que a companheira, à época, para lhe provocar, inconformada com a separação conjugal, “começava a xingar... chamar o pai de corno, a mãe, chamava eu... falava tudo em quanto”, explica ele.

A pressão social é muito forte sobre os homens traídos; afinal, foi sua honra que foi atingida e as pessoas ficam aguardando uma postura de “macho”. Se tudo se transformar em um escândalo, a situação tende a se tornar irreversível e, mesmo com vontade de perdoar, ele não perdoará e não retomará a relação. É difícil a reconciliação quando a situação chega a este ponto, embora haja casos em que acontece, e o casal segue sua vida.

No geral, contudo, pouco importará o motivo que levou sua companheira a tal atitude, se foi por represália, por embriaguez, por distanciamento do parceiro (“não comparecimento dele”, como dizem) ou porque simplesmente se envolveu afetiva ou sexualmente com outro; importará que foi uma desonra. Mas quando isto acontece, a jovem também fica desonrada, deixa de ser considerada uma mulher de confiança, pois capaz de trair seu companheiro. Esses valores, é importante ressalvar, também estão em processo de mudança, podendo ser potencializados em algumas situações ou irrelevantes em outras. Há casais que se entendem nestes contextos de traições mútuas, sem tragédias, nem muitas confusões.

As brigas entre os casais também podem ser violentas, quando eles batem nelas, e quando, embora em menor escala, elas também batem neles. Há homens que não são violentos e que têm um forte envolvimento emocional com sua companheira; nestes casos, pode acontecer de ela bater nele. Um jovem de 23 anos estava enfrentando este tipo de problema com sua companheira e pensando em se separar, pois, segundo afirmou, ela brigava demais, reclamava demais e batia nele com as mãos ou atirando-lhe objetos.

A violência de suas brigas nem sempre é física e pode atingir sua moral. A moral das mulheres é facilmente atingida quando eles duvidam da paternidade, como já vimos. No caso

deles, elas podem dizer que foram traídos por elas ou simplesmente desrespeitá-los e agredi-los no verbo. Este jovem, que já havia se separado várias vezes da companheira, quando lhe perguntei o que ele pretendia fazer de sua vida, disse-me:

O que eu pretendo fazer, né? [pausa] Rapaz, o que eu pretendo fazer, eu já tô esgotado de tanta briga ali naquela casa [de sua sogra]. O que eu quero fazer é ficar mesmo com a menina, com a novinha [refere-se à sua segunda filha] e deixar a mulher. Eu não tô mais agüentando as brigas não. Ela não quer me respeitar de jeito nenhum... [pausa] Não quer me respeitar não. O nome que ela fala, eu acho que se eu fosse um homem mesmo, não vivia mais com ela não. Se eu fosse um homem mesmo, um homem... O negócio é que eu agüento, agüento, agüento... porque eu ainda gosto dela mesmo. Ainda gosto dela. Mas ela é um tipo de pessoa que nem a mãe dela ela não respeita. *Como não respeita?* Ela xinga muito. Xinga muito ela... Eu tenho raiva dela porque com os outros ela é boa de conversar, comigo ela não sabe conversar não... Só me leva mesmo na... por isso que eu não gosto. E às vezes eu bebo assim mais é com raiva... Quando dá uma raiva assim, eu não quero ficar só brigando, principalmente na casa de [sua sogra], às vezes ela chega aí vê ela brigando ali, nós dois brigando... eu não gosto de jeito nenhum. Aí eu saio... pra ver se passa mais a raiva. Só isso mesmo.

São situações que causam profundos sofrimentos a homens e mulheres. Há jovens homens que sofrem porque arrependidos de terem se envolvido com aquelas mulheres e com elas terem tido filhos. Os filhos são o maior arrependimento, não gostariam tê-los com elas, mas com outras, as mulheres que idealizam.

Quando eles pouco se entendem e se ele não consegue sustentar a família, estando ou não no contexto do casamento, é a jovem mãe que tem que construir estratégias de enfrentamento das demandas cotidianas que se seguem desde as necessidades de alimentação dos filhos a medicamentos, vestuário etc. São as mulheres das famílias as responsáveis pela tessitura de uma ampla e complexa teia de relações que se constitui a partir do amor da mãe e da avó, das trocas de favores, das amizades e solidariedades femininas, que compreendem sentindo o que cada mulher enfrenta para suprir as necessidades básicas de seus filhos. São teias que dão sustentáculo para o enfrentamento das dificuldades e durezas do cotidiano em que vivem.

O apoio da mãe e da avó, ou apenas de uma delas, é muito comum e independe da condição de jovem ou adulta. É assim que as mulheres aprendem a ser mães. O apoio que elas realizam se potencializa, podendo se constituir essencial, quando acontece, além dos ensinamentos, a dependência financeira, parcial ou total.

Quando a jovem mãe assume o filho sem o apoio ou presença de seu parceiro, é comum a avó assumir a maternidade do neto e a jovem passar a se comportar ou ser considerada irmã do seu filho. Para a criança, é muito confusa a realidade em que não é sua mãe aquela que mais e melhor cuida dela, mas sua avó, e por esta razão, as crianças

costumam chamar tanto a mãe e quanto a avó de “mãe”, sem distinção de sentimentos ou de papéis. A partir do segundo filho a situação se altera bastante, pois a jovem já sabe como cuidar de um bebê e assume melhor suas responsabilidades de mãe, ao tempo em que sua mãe não se coloca tão disponível para estes cuidados como o fizera no primeiro filho.

Isso pode acontecer com qualquer jovem, embora seja mais comum entre as mais novas, com 15, 16 anos. As jovens de idade superior a 18 anos também pouco ou quase nada sabem dos cuidados da maternidade e são as mães seu maior esteio. A diferença reside no fato de que estas têm mais maturidade para enfrentar a maternidade e a assumem em melhores condições. As mais novas chegam mesmo a ter vergonha de assumir a maternidade, em suas pequenas e essenciais tarefas, como a amamentação. Elas não gostam de amamentar, têm vergonha, sentem-se com a liberdade tolhida, dentre outras razões, e, como elas mesmas declaram e suas mães e profissionais da saúde afirmam, dão muito trabalho para assumir suas responsabilidades - os cuidados com a saúde do bebê e com sua própria saúde, que requer atenção especial nos primeiros meses. Elas se envergonham até mesmo das perguntas feitas quando da consulta médica do filho, como diz esta jovem de 16 anos:

Acho que gente mais adulto tem mais responsabilidade... tem mais responsabilidade com a criança. Eu não... porque, às vezes quando eu saía com ele assim, pra hospital, tinha que ir acompanhada da mãe. Aí ele [o médico] perguntava um monte de coisa eu ficava com vergonha de responder. Aí eu ficava assim...

Ocorre muitas vezes também de a jovem enfrentar tudo isso com muito afínco e compromisso, independente da tenra idade, sendo mais comum que aconteça em um contexto familiar que a apóie desde o período da gestação, pois quando as jovens se sentem amparadas, tendem a assumir melhor seu papel de mãe. Em caso contrário, elas sofrem muito com tudo o que estão passando, a discriminação, o desrespeito, o abandono do parceiro, e chegam mesmo a renegar o próprio filho, como aconteceu com uma jovem de 16 anos, que não cuida do seu bebê, devido a uma depressão, causada pelo rompimento com seu parceiro. Ela passa os dias em função do desejo de que seu parceiro retome a relação e case com ela, e são sua mãe e irmãs que cuidam de seu filho, que tem 10 meses de idade.

Este é mais um forte indício de que o apoio da família é, muitas vezes, fundamental para o desempenho da maternidade, principalmente na juventude. Assim o era no tempo de suas mães e avós, que, a seu turno, contaram com o apoio de suas mães e avós no aprendizado da maternidade e dos afazeres domésticos. Nas camadas populares, as mães e avós sempre tiveram um papel muito importante no cuidado com as crianças. As creches amenizaram um pouco o peso de sua participação, mas, no caso do Satélite, há somente uma, com número de

vagas inferior às demandas existentes. Portanto, as mães e avós continuam no seu papel de ajudar, mas com um agravante: muitas delas, quando foram mães e receberam ajuda de suas mães, estas, em sua maior parte, não trabalhavam fora, pois seus companheiros assumiam inteiramente o orçamento doméstico e o mercado de trabalho era mais favorável. Hoje, a situação é outra, e as mães, quando ajudam suas filhas, absorvem uma grande sobrecarga de trabalho, porque, em geral, elas estão trabalhando fora, têm que cuidar de sua casa, dos demais filhos e de seu companheiro e, além de tudo isto, cuidar ou ajudar a cuidar dos netos.

Outra situação de maternidade se configura nos casos em que a avó e o avô (pais da jovem mãe) registram o neto como seu filho. Mas não é uma situação tranqüila, pois nem sempre isto acontece com a concordância da própria jovem mãe e se esta não aceita a atitude dos seus pais, geralmente nada pode fazer, pois impossibilitada de se contrapor, por falta de condições de cuidar sozinha do seu filho. Desta forma, a situação gerada pode ser fonte de profundo sofrimento pelo abandono do parceiro, pela perda do filho e pela subjugação a determinações arbitrárias de seus próprios pais. É o caso de uma jovem, mãe aos 16 anos, que vivia com seu companheiro em casa dos seus sogros e foi abandonada por ele quando ficou grávida. Seus pais a acolheram e registraram o filho como sendo deles, contra sua vontade. Segundo ela, esta foi a explicação que lhe deram:

É porque eu era de menor... É porque meu sonho era ter um filho só pra mim. Aí quando eu fui registrar ele, não era meu, era da mãe, porque eu era de menor. Aí eu queria assim, eu queria ter ele assim mais adulta porque eu queria ter ele registrado como meu filho. Eu queria assim uma... como eu sou de menor, ele é registrado como filho da mãe. [o tom de voz foi ficando mais baixo, ela mais triste e com os olhos marejados]. (...) Aí é assim, porque, por exemplo, aí o pessoal diz assim: "Cadê teu filho?". Aí a mãe: "É meu." Eu não tenho nem... porque, por exemplo, se acontecesse, assim de eu me casar, eu queria levar ele comigo, mas aí eu não posso porque está registrado como filho da mãe. (...) Não adianta conversar com ela não. Ela, mesmo se eu não fosse de menor, se eu fosse assim adulta, ela tinha tomado. Porque o sonho dela, o sonho da mãe, era ter um menino homem. Aí ele é homem, aí tomou. [silêncio]

A mãe desta jovem, aproveitando-se da sua gravidez e do fato de ter que assumir um neto, registrou-o como seu filho, por ser um menino, um desejo seu.

O mais freqüente, no entanto, é que a mãe das jovens seja-lhe o esteio na educação dos seus filhos. Este apoio pode vir da avó, pois muitas vezes elas são criadas pela avó, que é a bisavó do bebê. Ajudadas por uma ou por outra, as formas de apoio são sempre as mesmas, o que difere é o fato de que a avó, com a idade mais avançada, assume com mais dificuldades as novas tarefas de cuidar de um bebê. É um esforço muito grande que realizam para assumir esta função. Conversando com uma senhora de 75 anos, ela dizia, cabisbaixa: "Eu não

esperava estar nesta idade cuidando de menino pequeno. Não tenho mais idade pra isto. Mas agora, que que eu posso fazer? Ela quis assim..." Referia-se à neta, que ela criou, e que aos 18 anos teve um filho, casou, descasou, e agora, com 22 anos, teve uma filha, com outro parceiro.

Como agravante da situação, a precariedade do orçamento familiar obriga os avós a se desdobrarem para cuidar dos netos, fazendo render os escassos recursos da aposentadoria. As preocupações se tornam tão intensas e pesadas, que muitos dos avôs e avós, principalmente estas, passam a ser pacientes do Programa de Prevenção e Controle da Hipertensão, desenvolvido no Hospital do Satélite. Esta constatação foi feita pela enfermeira responsável pelo programa, a qual informou ainda que a situação se agrava quando, para garantir a alimentação dos bisnetos, eles deixam de comprar a medicação prescrita para a hipertensão. Eles próprios, avôs e avós, atribuem seus problemas de hipertensão às preocupações e responsabilidades com os bisnetos. E às avós cabem encargos ainda mais pesados, pois são responsáveis pelos cuidados diários dos bisnetos, principalmente se a neta, mãe das crianças, passar o dia fora trabalhando para ajudar a sustentar os filhos. Não tendo outra alternativa, resta à bisavó assumir tais funções.

Avôs e avós, pais e mães terminam por se apegar muito aos netos, após um tempo de amor, de cuidado, de dedicação, ainda que se queixando da situação, e quando a filha se casa e leva as crianças consigo, é outro motivo de sofrimento, especialmente se era com eles que os netos ficavam enquanto a mãe trabalhava. Se o casamento se desfizer, elas voltam para a casa dos pais, freqüentemente com mais um filho, fruto da última união, e tudo se reinicia, o trabalho com as crianças, o apego a elas e uma separação futura. Isto ocorre principalmente porque ela, sozinha, não tem como manter seus filhos, então volta para a sua família de origem ou deixa os filhos com a mãe, enquanto ela trabalha. Acontece também da mãe ir diariamente para a casa da filha para cuidar dos seus filhos no horário de trabalho desta.

Quando são elas mesmas, as jovens, que assumem os cuidados com os filhos, passando o dia com eles, às vezes pouco ouvem os conselhos da mãe ou avó, principalmente no primeiro filho. São ambigüidades, pois ao tempo em que necessitam e reivindicam o apoio e os ensinamentos delas, pode acontecer de pouco atenderem suas orientações. Quando a criança adoece devido aos seus descuidos, elas parecem arrefecer os ânimos e se render à sabedoria de quem as orienta. Mas é a criança que sofre e, junto com elas, a mãe ou avó, vendo-as conduzindo a criação do filho com tantos erros. Quando nasce o segundo filho, elas

estão mais experientes e já dão mais ouvidos aos conselhos das mais velhas, evitando atitudes intempestivas.

Há jovens mais responsáveis, que seguem as orientações e vivem, com empolgação, o papel de mãe. No começo, isto não é muito comum, pois elas estão ainda atravessando drásticas mudanças em sua vida, as quais se iniciaram desde a gravidez, mas que a elas ainda não terão se adaptado em poucos meses de maternidade. Sentem saudades de sair, de passear, de festas, do colégio, dos amigos. Não era este o seu sonho, ser mãe solteira e ficar presa em casa cuidando de um filho. O parceiro se foi e a situação ficou muito difícil para elas. São motivos suficientes para ficarem tristes e amarguradas. Reagem de diferentes maneiras a esta tristeza: algumas se deprimem, outras se recolhem ao ambiente doméstico, outras se revoltam, outras ainda decidem desde cedo procurar um parceiro que as ajude a constituir um lar, dentre tantas reações e comportamentos.

Quando elas estão vivendo com o seu companheiro, estes momentos iniciais são menos difíceis, mas, ao mesmo tempo, uma outra realidade começa a despontar, para a qual elas não estão preparadas. Quando o filho nasce, elas começam a perceber, conforme seus costumes, que, sem emprego ou sem *bicos*, o seu parceiro será de pouca ajuda e a vida familiar tenderá a ser conflituosa, pois que na dependência de outros. É nestes momentos que começam grandes investidas contra o companheiro, para que trabalhe e assuma as despesas do seu núcleo familiar. Em meio a esta tensão, a tendência é aumentar os desentendimentos, a desarmonia. O clima se torna então propício para que, diante de tantos desencontros e desentendimentos, o sentimento que os une comece a se abalar.

Em outros casos, se a família que os abrigou tem uma boa relação com o casal ou uma situação financeira menos difícil, que comporte novas despesas, os desgastes no relacionamento podem não acontecer, desde que o parceiro se empenhe em buscar trabalho. Caso contrário, sua autoridade de pai e chefe de família fica profundamente abalada.

No Satélite, assumir a paternidade pode ser várias coisas: casar com a mãe do seu filho e sustentar a nova família; pode ser reconhecer o filho e ajudar no seu sustento ou, ainda, apenas reconhecer o filho. Neste último caso, assumir é sinônimo de reconhecer que o filho é seu, o que, como já vimos, nem sempre acontece. De modo geral, a autoridade de pai está muito relacionada ao sustento, notadamente nas circunstâncias em que o pai não vive com a mãe.

Quando eles casam com a parceira, que é a postura mais esperada por todos, enfrentam sérias dificuldades para garantir sua posição de pai e chefe de família, pelo fato de que estão desempregados ou conseguem poucos *bicos*. Não garantir o sustento de sua família é uma situação muito humilhante e eles perdem a moral diante da companheira e de sua família.

Quando eles nem se dispõem, de fato, a buscar emprego, eles mesmos contribuem para esta situação. Mas quando não conseguem ganhar o suficiente para a sua família, embora estejam sempre trabalhando e buscando trabalho, sentem-se injustiçados, incompreendidos e ficam bastante magoados e sofridos com o tratamento que recebem. Não consideram justo ter sua autoridade abalada por esta razão. Por vezes, são as mães que lhes dão algum dinheiro a ser repassado para o sustento do filho. Os pais são mais ausentes.

São diversos comportamentos que eles assumem. Apesar do desejo de ter família, não querem se desfazer dos prazeres que a vida de jovem e solteiro lhes proporciona, os namoros, os encontros freqüentes com os amigos no bar, as festas e os bailes, sem os compromissos e as responsabilidades da condição de casado. Segundo algumas mães e avós, muitos homens não saem nunca desta fase. Uma avó, de 45 anos, com um marido de 61 anos, chegou mesmo a dizer que: “O meu marido nunca cresceu neste sentido. Só agora, que está ficando velho, é que está começando a aquietar em casa. E eu, cuidava de minhas filhas e fingia que não via nada. Fazer o quê?”

Malgrado a idéia generalizada no bairro de que os pais não se importam com os filhos, há pais que se preocupam, embora nem sempre eles manifestem de maneira muito explícita suas inquietações. Alguns se preocupam e se empenham muito em cumprir seus papéis de pai e companheiro. Se eles não moram com a ex-parceira e não ajudam nas despesas com o filho, a relação com a família dela fica muito difícil e isto prejudica ou mesmo inviabiliza o relacionamento com seu filho, ainda que ele se esforce para construir vínculos.

A contribuição financeira para o sustento do filho parece garantir o direito de vê-lo e de participar de sua educação. Elas chegam a proibir o encontro entre pai e filho. Se a contribuição for pequena ou se não houver contribuição e ele assim mesmo for ver seu filho, esta visita pode ser um grande motivo de desavença e discussão, pois é um momento em que a mãe aproveita para criticar e cobrar a responsabilidade do ex-parceiro. Se eles estão desempregados, mesmo com o esforço de buscar emprego, eles podem ser insultados, como se sequer estivessem procurando emprego e isto é uma humilhação para eles. Aos poucos, eles perdem o interesse e deixam de ir à casa da mãe de seu filho e se afastam dele.

Ocorrem, por vezes, desentendimentos com o pai ou a mãe da jovem, os quais, querendo proteger a filha, proíbem o pai de visitar seu filho, como aconteceu com este jovem:

Tu não vais na casa dela? A mãe dela não me quer lá não [riso]. Quer não. É mais eu que... Eu também não procuro não, porque a mãe dela fica dizendo que eu ando atrás dela. Aí eu disse: não, não vim atrás dela não, vim atrás da criança. “Isso aí é tua desculpa pra tu vires aqui” [diz a mãe da jovem]. Aí eu nunca mais fui lá. Aí ela é que daqui e acolá leva o menino lá [em sua casa]. *Ela leva o menino lá?* Ela e a sobrinha dela. [...] Às vezes meu irmão vai buscar... minha irmã. *Mas isto é toda semana ou como é?* É uma vez por mês. É difícil ela trazer, só vai lá mais quando eu mando pegar, é assim. Nunca mandou espontaneamente não. Ou levar hoje para ele passar a noite pra voltar no outro dia, ela nunca fez isso não. *E tu já pediste pra ela?* Já.

Este jovem ainda insiste em ver o filho, como sua ex-companheira confirmou, mas geralmente, diante das situações em que só lhes é cobrada a contribuição financeira, eles não encontram formas alternativas de ajudar o filho e garantir o direito de visitá-lo. A única maneira que imaginam e a que mais lhes é cobrada é a ajuda financeira, preferencialmente em dinheiro vivo, afinal, quem cria a criança é que conhece as necessidades e decide como administrá-las, é assim que elas se explicam.

Há situações particulares, que favorecem a construção de outras formas de relacionamento entre pai e filho. É o caso de uma jovem de 18 anos, que tem uma filha de 6 meses com seu namorado e vizinho da mesma idade. Um grave problema de saúde de sua mãe mantém o jovem pai em casa há meses e assim, ele participa com satisfação e carinho, do dia-a-dia de sua filhinha. Vez por outra ele está na casa de sua namorada brincando ou cuidando do bebê. Sua mãe, no entanto, não gosta disto, diz que é a mulher que tem que tomar conta das crianças e fica aborrecida com a intensa participação de seu filho na criação da neta. Ele não se importa com as reclamações, e chega até mesmo a preparar as mamadeiras para a filha.

Outros pais, menos envolvidos na criação dos filhos, usam parte do seu dinheiro em diversões, deixando a companheira em casa com o filho e se mantendo, na medida do possível, na vida de solteiro. Outros, ainda, ficam o dia fora e não se envolvem muito com os problemas domésticos, principalmente quando moram com a sogra e com esta não têm um bom relacionamento.

Diante de tantas dificuldades que as jovens enfrentam casadas “com um desempregado”, é como dizem, o envolvimento afetivo com jovens ligados ao tráfico de drogas desponta, para algumas delas, como uma alternativa viável. A vida da mulher de traficante é mais confortável materialmente, embora seja uma vida de riscos com um companheiro que nem sempre lhe dará respeito, pois se envolve publicamente com outras

mulheres, assumindo-as como companheiras, e controla, amiúde, o comportamento de todas as suas mulheres. Se desconfiar de um olhar sequer, bate-lhes brutalmente. Ainda assim, dá *status* ser mulher de traficante, como explica este jovem:

O traficante sempre é o cara mais bem visto, né? É o cara que dá ascensão pra qualquer *mina*. [baixa o tom de voz e diz:] Mulher de traficante tem respeito na quebrada. As *mina* muito cedo se ilude, não querem trabalhar de... (...) [Mulher de traficante] é respeitada na quebrada. (...) Ninguém mexe com essas. São as *gatas* que têm mais respeito. É a “madame da quebra”. [pausa] Fica um pouco restrita, porque ela não sai, às vezes ela apanha se olhar pra outro cara. Se o cara pensar que ela tá olhando pra outro cara, aí ela apanha também.

As mulheres de traficantes não enfrentam muitos problemas de ordem material. Os moradores comentam que elas têm casas bem equipadas e bem mobiliadas, considerando-se os padrões do bairro. Neste sentido, a criação dos filhos não parece se realizar em meio a dificuldades de ordem material. Entretanto, dado a vida que levam, algumas inclusive participando no comércio das drogas, o processo de criação dos filhos não envolve amplas redes de solidariedade como acontece com as demais mulheres, principalmente porque os moradores, de modo geral, preferem manter-se distantes dos traficantes e de suas várias famílias. Então elas enfrentam os cuidados com seus filhos de maneira mais solitária, embora contando com alguns apoios e certo conforto.

Quanto aos jovens que se envolvem com o tráfico de drogas e/ou com roubos e furtos, eles costumam pensar que, assim que alcancem uma “renda fixa”, para usar seus próprios termos, já têm condições de constituir uma família. Explica um jovem:

A ascensão social também é muito grande através das armas. Você pegou uma arma, fez um assalto, levou o dinheiro pra sua comunidade, agora você já pode ter uma casa e botar uma *mina* dentro. Nem que você tenha mais mil outras mulheres. Aí você tem sua “renda fixa”. Aí rouba um motor à noite, que é a coisa mais fácil, mete os canos em alguém e volta. Isso é bem comum.

Diante dessas condições, há jovens que se sentem encorajados, desde muito cedo, a assumir o sustento de um lar, e assim o fazem, mesmo com sua pouca idade, que é uma das características dos membros das gangues.

Com todas as dificuldades que as jovens mães têm enfrentado, quando as crianças já podem ficar longe da mãe ou esta encontra com quem deixá-las, são elas que enfrentam o mercado de trabalho, se empregam e passam a sustentar a família. É mais comum isto acontecer com jovens com idade superior a 23, 25 anos. Geralmente elas se empregam como domésticas, o que torna ainda mais difícil encontrar alguém que fique com seus filhos, pois implica passar o dia inteiro fora, desde muito cedo até o final da tarde ou início da noite.

Há um importante fator que contribui para que elas passem a trabalhar. Os seus companheiros, em grande parte, são muito ciumentos e, ao que seus depoimentos indicam, muito mais por medo de uma traição do que por medo da perda da companheira. Independente dos motivos do ciúme e do fato de que elas se sentem muito valorizadas diante de sua manifestação, eles não gostam que elas trabalhem fora de casa, mesmo quando estão desempregados. Quando a situação está muito crítica, alguns permitem o trabalho da mulher. Este ciúme, entretanto, assume tanta força quando eles são muito jovens, porque após as idades acima referidas eles passam a ser menos ciumentos. Há situações em que, para afrontar o parceiro, elas assumem um emprego e quando eles começam a trabalhar, elas abandonam o emprego para ficar com os filhos. Estas atitudes, além de tudo, são demonstrativas de uma postura diante do trabalho remunerado, na qual, por meio do trabalho, eles buscam suprir o imediato, as necessidades cotidianas e não acumular e criar patrimônio pessoal ou familiar.

Para as mulheres é menos difícil conseguir um trabalho remunerado, porque, dentre outras razões, são mais versáteis e se submetem mais facilmente às injustiças e explorações vigentes no mercado. Basta, para isto, que encontrem quem cuide dos seus filhos, o que os homens não fazem, pois não lhes compete, segundo os parâmetros deles e delas. Afinal, o cuidar é tarefa da mulher.

Eles são menos flexíveis e mais acomodados. Reclamam do pagamento oferecido, do tipo de trabalho, das exigências dos patrões e, sob queixas, vão deixando o tempo passar. Paralelamente, muitas vezes, a saída para esta situação é o encontro com amigos para tomar a “cachacinha” e/ou jogar sinuca, geralmente apostando dinheiro e contraindo dívidas. Os jovens mais novos justificam sua situação de desemprego pela sua idade e buscam sustentáculos na família de origem, quando o fazem.

Não é possível deixar de reconhecer que as ofertas de emprego, por vezes, são aviltantes, mas o que se observa é que, diante da situação de necessidade para o sustento, as mulheres se submetem mais facilmente às poucas oportunidades. Com críticas, reclamações e até mesmo tristezas, elas se sujeitam, objetivando, antes de tudo, o sustento do lar. Assim, submetem-se principalmente à ocupação de empregadas domésticas, reproduzindo fora de casa as tarefas do lar.

Assumindo trabalho remunerado ou não, são as companheiras que se viram com as necessidades da sobrevivência no cotidiano. São elas, mais que eles, que pedem favores a amigos, vizinhos e parentes; que pedem dinheiro emprestado; que compram fiado, dentre outras ações.

A vida das jovens mães é muito difícil, pois ficam muito presas em casa. Há casos em que assumem sozinhas os afazeres domésticos e os cuidados com o filho, pois os outros membros da família estão trabalhando, mãe, pai, irmãos. Se as atividades domésticas não lhes ocupam todo o tempo, elas se põem a conversar com as vizinhas, a pensar com tristeza sobre sua vida. Os horizontes se apresentam ainda mais estreitos e elas se desesperam, muitas vezes, como esta jovem, mãe de duas meninas, diz:

Quando eu levanto, vou fazer o Nescau dela [aponta para a filha]. Aí eu tenho que lavar as fraldas da outra, tenho que fazer almoço, tenho que lavar as louça, limpar a casa, essas coisa. Aí de tarde, depois de eu fazer minhas coisas, eu fico só, em casa, só pensando na vida... Minha vida é tão ruim minha vida... [esboça um sorriso triste] eu acho. Tão ruim. Ave-Maria... *De tarde já não tem tanto trabalho, tu ficas tomando conta delas?* Tem não. Quando eu faço almoço, faço logo a janta. Aí quando não sobra é que eu faço. Aí fico assistindo novela. Fico só mesmo observando as menina, conversando com as colega... é assim. *E se tu não tivesse tuas filhas, o que tu estarias fazendo?* Ah, eu tava trabalhando. Dormia nem que fosse no serviço. Tava fazendo outra coisa. Tava me divertindo, não tinha preocupação... [silêncio]

Em outro momento desta conversa, falou: “Acho que minha vida não tem mais sentido não, só é trabalhar mesmo e ver as minhas duas filhas”. [emocionada, marejando lágrimas]

Há alguns aspectos outros que diferenciam as formas de viver a maternidade entre as atuais mães jovens e suas mães. Para suas mães, a maternidade e o casamento encerravam dimensões centrais de suas vidas e a eles se dedicavam totalmente. Para as jovens, a maternidade e o casamento continuam sendo centrais em suas vidas, mas querem vivê-los se divertindo, lutando para serem amadas pelo parceiro, reivindicando maior participação deste em suas vidas. Outras jovens querem apenas o *status* de casada, sem todas as responsabilidades e obrigações da mulher casada e com filhos. Estão mais preocupadas com sua aparência, principalmente depois do parto, e isto também se explica pelo medo de perder o parceiro (quando têm), por descuidos para com o corpo. São preocupações procedentes, haja vista a instabilidade e insegurança que têm marcado os relacionamentos conjugais.

Eles esperam delas comportamento de mulher casada, nos padrões tradicionais, que significa, na sua ótica, mulher do lar, “séria”, “responsável”, que viva em função da casa e da família. Não esperam um comportamento de jovem, que “quer sair para festa”, “quer dançar”, quer ver amigos. A mulher, vale repetir, deve ser carinhosa, compreensiva, calma, saber cuidar da casa, dos filhos, saber esperar o companheiro voltar do trabalho, não se indispor nem desgostar dos amigos do companheiro e não gostar de festas. Este é o discurso, mas as suas práticas expressam que esta mulher ideal também não deve estudar, nem ter trabalho remunerado (salvo situações de extrema necessidade), nem estar muito próxima de sua família

de origem, nem ficar conversando com vizinhos, nem fazer escândalos públicos expondo os problemas conjugais.

Em contrapartida, os homens querem se manter jovens, se divertindo, saindo com amigos, indo para as festas, e se queixam quando elas brigam por causa das saídas deles. Elas, por sua vez, cobram deles comportamento de homem casado, que, a seu ver, significa homem provedor do lar, principalmente, e ainda, ter emprego fixo, sair do trabalho e ir direto para casa, não freqüentar bares nem festas, ter cuidado com a mulher e os filhos, não visitar amigos solteiros; fazer programas de homens casados, indo para as festas acompanhados pela mulher e por outros casais.

Foi possível constatar que nem eles, nem elas, em sua grande maioria, se sentem casados, pois seus parceiros ou suas parceiras não correspondem à imagem que eles têm de alguém casado. Além disto, a vida que levam, na dependência total ou parcial de terceiros, tira-lhes muito a sensação que poderiam ter de estar casados. Eles não são provedores e elas não são mulheres do lar. Um só olha e só cobra do outro, esperando que o outro assuma uma postura que atenda às suas expectativas. Até mesmo alguns casais que vivem em sua própria casa enfrentam esta situação. Parece haver um descompasso entre o que eles conhecem do casamento, a partir da experiência familiar, o que idealizam para o seu casamento e o que efetivamente eles conseguem viver. Vejamos um pequeno trecho de uma conversa com uma jovem mãe:

Tu hoje te sentes casada, com marido, com uma família? Não... De jeito nenhum. E o que que falta para tu te sentires com uma família? Ele criar vergonha na cara e caçar um serviço fixo, não é negócio de bico, e nós ir pra nossa casa. Só falta isso.

O emprego fixo integra a imagem de casamento que elas geralmente têm. Imagem idealizada, sem muitas referências na realidade mais próxima, porque emprego fixo no bairro nunca foi comum. Os *bicos* permitiam, contudo, uma certa estabilidade na renda. Hoje, sem empregos fixos e com menor oferta de *bicos*, elas necessitam mudar seus ideais, pois as maneiras de ser provedor estão mais fragilizadas, além da importância crescente do trabalho remunerado feminino para o orçamento doméstico. No entanto, elas se mantêm na idéia de que o seu companheiro é o provedor e, enquanto tal, deve assumir seu papel. Mesmo quando elas assumem totalmente as despesas domésticas, se mantêm com o mesmo discurso e as mesmas referências, sem perceber as mudanças nas relações de gênero que estão se processando e que elas estão ajudando a construir no espaço familiar. Em suas falas, se o companheiro não assume o papel de provedor, a família está, sob seu ponto de vista,

descaracterizada. Nestas condições, muitas delas não se sentem em uma família, ainda que sua família de origem seja constituída por mãe e filhos ou avó e netos, como é freqüente encontrar.⁵

As imagens que eles e elas têm de família refletem o medo e o despreparo para enfrentar a instabilidade que atravessa a vida de muitos casais. Esta jovem mãe, de 22 anos, quando perguntei como ela gostaria que fosse sua família, disse:

Que ele arrumasse um serviço fixo, que nós fosse pra nossa casa e que ele não saísse pra lugar nenhum, do serviço pra casa, negócio de ir pra festa, negócio de festa ... (...) Viver uma vida normal, como casal mesmo. Casal que tem sua casa, homem trabalha, chega em casa aí fica com a mulher, não sai pra lugar nenhum, negócio de... ficar em festa... procurando... nem sai na casa dos amigos. Não, eu queria uma vida normal.

Elas sofrem muito com a liberdade que os companheiros têm de sair. As jovens pouco saem, por causa dos filhos, geralmente muito pequenos, e ficam aflitas com as permanentes saídas dos companheiros, que se encontram com amigos para beber, vão para a festa, *ficam* com outras mulheres etc. A jovem mãe acima gosta muito de festas, de diversão, ela mesma disse destes prazeres em outras conversas, falando animadamente. Ocorre que, uma vez casada e impossibilitada de sair de casa devido aos filhos, as festas significam diversão apenas para o companheiro, seguida de traição. Daí o desejo de que todos fiquem sempre em casa.

Diante da separação conjugal, as reações das jovens são diversas. Algumas se animam para procurar um novo companheiro, o qual, segundo elas, tem que estar empregado, gostar do(s) seu(s) filho(s) e efetivamente assumir o sustento da família, como esta jovem mãe, desencantada com seu atual parceiro, revelou:

Eu tinha vontade era de conhecer outra pessoa, que gostasse de mim, que quisesse me assumir mesmo, ter responsabilidade, eu queria. [...] Eu queria conhecer outra pessoa, gostar de outra pessoa, que gostasse das minhas filha, que trabalhasse, que me sustentasse... *Se tu conhecesses essa pessoa, que te sustentasse e tudo, aí tu trabalharias fora também?* Eu trabalhava. Botava minhas filha numa creche. Tenho vontade de botar na creche, o negócio é que eu não consegui, pra poder ajudar também. Não gosto de ficar muito tempo parada não. *E tu achas que é legal mulher trabalhar fora?* Acho bom... pra ajudar o marido. Porque tem marido que não ganha muito bem, aí não tem condição de dar o que a filha quer, aí a menina fica só na vontade, aí a mulher trabalhando já ajuda também. Já ajuda...

⁵ Tem sido recorrente me referir ao fato de que muitas famílias são constituídas por mãe e filhos, por avó e netos, e, ao mesmo tempo, apontar a posição dos pais biológicos ou padrastos diante das situações que enfrentam com seus filhos jovens. É importante esclarecer que o núcleo mãe e filhos é o mais estável, pois ela pode viver muitos anos com o pai dos seus filhos, assim como pode ter alguns parceiros, em uniões pouco duradouras. Desta forma, ela pode estar com um parceiro há pouco tempo quando diante da gravidez de uma filha jovem e é ela que terá assumir o comando da situação. Por esta razão, refiro-me à “casa dos pais”, “relação com os pais”, dentre outras expressões, em respeito a uma convivência que está em processo.

Esses pensamentos, no entanto, parecem verdadeiros sonhos, pois, ao mesmo tempo, elas têm medo de novos relacionamentos. Para elas, significa “começar tudo de novo, conhecer outro homem, engravidar de novo, ficar nesse mesmo sofrimento”, como explica uma jovem. E acrescenta: “Gostar é fácil, difícil é esquecer”.

Um novo relacionamento é sinônimo de filho, que, por sua vez, pode ser sinônimo de muito sofrimento para elas, que já conhecem o trabalho da maternidade. Esta jovem explica com simplicidade e clareza como tudo se processa:

Tu nunca mais namoraste ninguém? Não. E agora nem queres? Deus me livre só se for pra começar tudo de novo. Gostar, aí namora, aí faz o filho, aí esquece, o marido esquece a mulher, aí pronto. Não dá mais certo não. Mas tu achas que tem que fazer um filho quando se está gostando? Tu achas que não dá pra evitar o filho? De dá, dá. O diabo é que... parece que é uma cegueira tão grande que não ’tão nem aí, é os homens que não ’tão nem aí. Eles não ajudam não, usando camisinha, por exemplo? Quando tem... quando não, tem quer fazer mesmo sem camisinha.

Transar com o companheiro sem preservativo, mesmo com o risco de nova gravidez, é um ato de amor, demonstração de amor, como vimos, ao mesmo tempo em que é uma resposta um tanto desesperada a uma forte pressão: estar sempre disponível para o companheiro, sob pena de perdê-lo para outra que ele possa ir procurar, em virtude da sua ausência. Por vezes elas se violentam, pelo que suas falas indicaram, para se colocar nesta prontidão, principalmente quando têm que fazer sexo em momentos de muitas dificuldades financeiras, com o companheiro desempregado, que são momentos de muita tensão e raiva do companheiro. Nestes casos, com ou sem preservativo, não é fácil para elas. Uma jovem mãe de 20 anos, refere-se ao desejo sexual do companheiro como algo animalesco, irracional, pois que ele só quer “passar a noite todinha virando bicho. Credo!”.

Pressão semelhante é exercida sobre os homens, que costumam dizer que “tem que comparecer” para não correr o risco de a mulher ir procurar outro que lhes satisfaça sexualmente. Uma das diferenças entre a situação deles e delas é que fazer sexo sem contraceptivos leva à possibilidade de fecundação, cujo resultado é a mulher que assume, seja enfrentando uma nova gravidez e um novo filho para cuidar, seja abortando, estando ou não com o companheiro ao lado.

Após a separação, a idéia de recomeçar sua vida, para elas, geralmente implica pensar na presença de um companheiro. Nem mesmo para o imediato de suas vidas pós-casamento elas tiraram a necessidade de um companheiro. É um dilema, pois, paralelamente, não acreditam em uma nova relação em que consigam viver a sexualidade e se prevenir da gravidez. Por conseguinte, amar é igual a ter filhos, concluem as jovens.

É após a maternidade que as jovens aprendem efetivamente a usar os métodos contraceptivos. Antes, elas tinham as informações, mas não sabiam como ter acesso discreto a preservativos e medicamentos. Quando elas mesmas afirmaram que só compreenderam bem como usar o anticoncepcional depois do primeiro filho, percebi que esta afirmação trazia consigo dois indícios. Um é que só depois do primeiro filho elas passaram a ter um interesse mais real sobre os métodos contraceptivos. O outro indício, articulado em suas próprias falas, é que, uma vez assumida publicamente sua condição de mulher com vida sexual ativa, tornou-se mais fácil perguntar, tirar dúvidas, receber maior atenção de sua mãe para tratar deste assunto e receber orientação médica segura, que dificilmente recebem quando estão apenas namorando, pois não vão ao médico com este pretexto; afinal, não é fácil assumir a vida sexual, principalmente para uma jovem principiante, sem recursos financeiros, com poucas informações e sem ter internalizado um comportamento preventivo. Contudo, algumas jovens têm outras atitudes, como esta que, explicando o uso do anticoncepcional, disse: “Tinha noite que eu tomava, tinha noite que eu não tomava. (...) Você só pega filho quando Deus quer mesmo...”

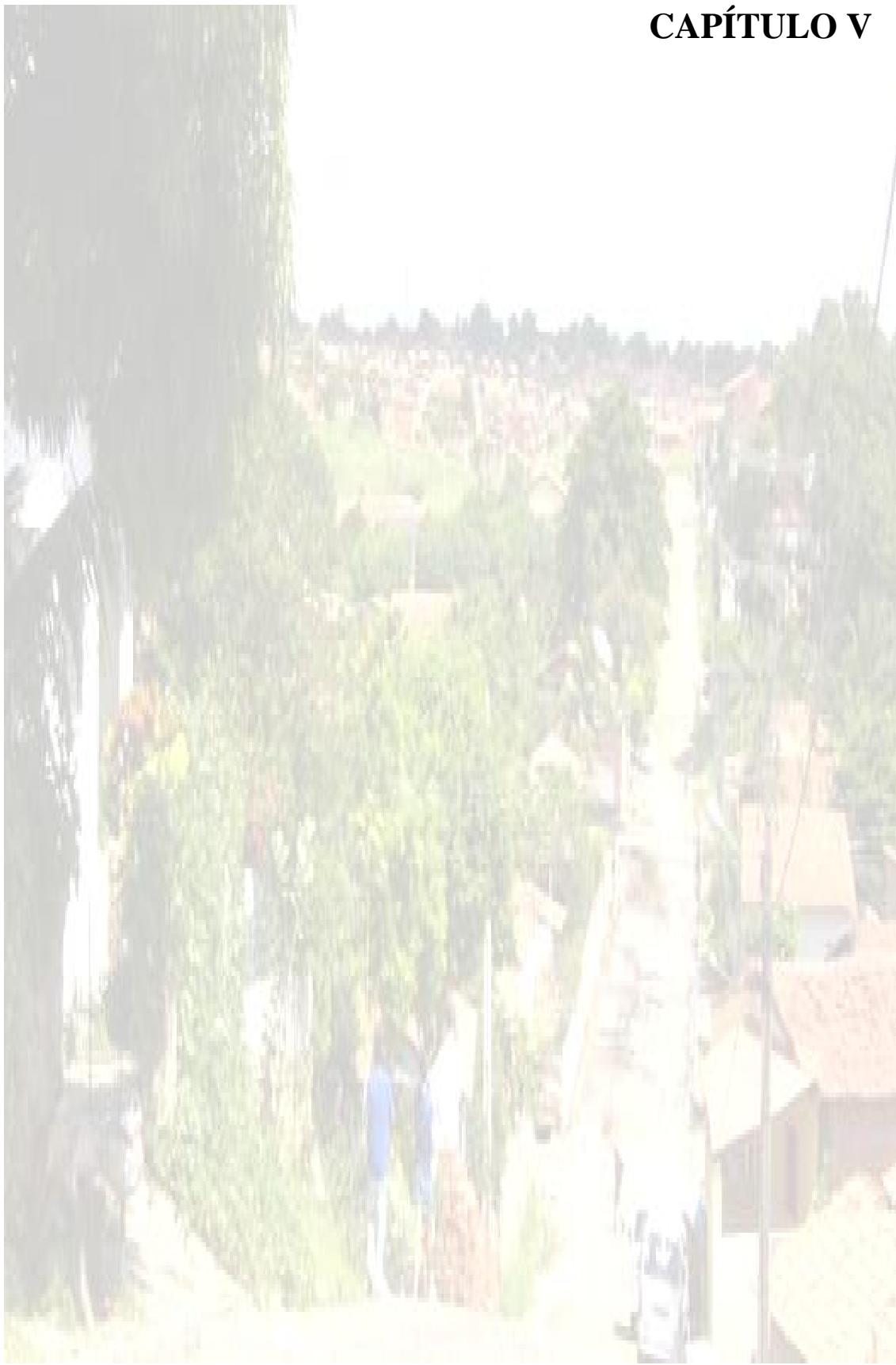
Um outro importante aspecto da vida afetivo-sexual de jovens mães solteiras ou separadas são os comentários que as cercam quando começam a se envolver com alguém. Rapidamente a informação de sua maternidade se espalha e sua imagem diante dos demais jovens se altera. Elas têm que se esforçar muito para manter uma imagem de respeito e seriedade, caso contrário, são tidas como mulheres fáceis ou mulheres que estão buscando pai para seu filho. Perguntei a uma jovem mãe o que ela considerava negativo na maternidade e ela respondeu:

O que não é legal é assim, quando a gente vai arranjar um namorado, aí outra pessoa diz assim: “Fulano, se eu fosse tu eu não queria ela não, porque ela tem um filho”. Aí eu me sinto mal. (...) [Eles dizem:] “Não presta mais não, já tem filho de outro”. “Ah, presta mais não, menino. A gente caça uma que não tem”. Aí caça outra pior.

Ela explicou que pode acontecer de um jovem começar a namorar uma jovem grávida, por isto ela disse “caça outra pior”.

Diante do ideal de ser mãe e esposa ou de ser pai de muitos filhos, a maternidade e a paternidade são experienciadas em um misto de satisfações, alegrias, desencantos, tristezas, mas para os jovens, em suas próprias palavras, “a vida é isso mesmo”.

CAPÍTULO V



A juventude e as juventudes no Satélite

As reflexões que serão agora desenvolvidas, não se fizeram apriorísticas ao processo de investigação, nos mesmos termos em que ora serão apresentadas. Foram preocupações e problematizações permanentes, desde o início, referências construídas e reconstruídas ao longo da investigação, que, somente ao seu final, alcançaram um patamar de inteligibilidade, fruto do diálogo contínuo entre as referências teóricas e as evidências empíricas. Desta forma, tampouco poderiam comportar no início da exposição dos resultados da pesquisa, visto que pressupõem e exigem o entendimento dos modos de viver no bairro e, neles, as diversas expressões juvenis.

Somente a partir dos contextos em que se inserem e se particularizam os modos de viver a juventude no bairro, considerados nas relações que se estabelecem entre o ser criança, jovem, adulto e velho, torna-se possível configurar a juventude como fase da vida, pois que é desta forma que se evidenciam as relações que a criam e a especificam como juventude.

É oportuno recorrer a Carrano, o qual, citando Fabrini e Melucci, afirma que

para esses autores, a análise da adolescência deve se dar a partir do ponto de vista de campo no qual não se fala apenas de adolescentes, mas dos *adolescentes-em-relação-com-os-adultos-e-vice-versa*. A adolescência se caracteriza não como um conceito associado à idade biológica, mas, fundamentalmente, pela sua definição estar permanentemente em relação com o adulto.¹

É por esta razão que considero ser este o momento mais adequado para proceder à referida análise, após um certo percurso, em que busquei apresentar e refletir acerca dos modos de viver no bairro Satélite, neles situando suas juventudes.

¹ Anna Fabrini e Alberto Melucci, *L' età dell' oro: adolescenti tra sogno ed esperienza*, Milano, Goamgiacomo Feltrinelli Editore, 1992, *apud* Paulo César Rodrigues Carrano, *Juventudes e cidades educadoras*, Petrópolis, Vozes, 2003, p. 115. (grifado no original)

Há várias juventudes no Satélite e a juventude, como fase da vida, tem diversos significados. Embora não esteja sendo usado com freqüência o termo “juventudes”, ao longo de toda a análise da vida dos jovens do Satélite, tenho evidenciado a diversidade de formas de viver a juventude no bairro. “Juventude”, no singular, tem outro significado; não pretende uniformizar a heterogeneidade, mas referir-se a uma fase da vida, que se manifesta, se realiza, conforme a trajetória de vida que cada um vai conseguindo construir, a qual, embora seja individual, por estar imbricada em processos coletivamente vivenciados, assume a condição de trajetória individual e coletiva, simultaneamente.

Vimos que os jovens do Satélite recebem várias denominações: *brotos, brotas, gatos, gatas, malandros, malucos, minas, moças, rapazes, meninos, meninas*. Podemos iniciar por configurar o significado destes termos para os moradores do bairro.

Os termos *moça* e *rapaz* são mais utilizados por adultos, quando se referem aos filhos que estão crescendo e saindo da infância, dizendo “Fulana está uma *moça*” ou “uma *mocinha*” ou “Fulano está um *rapaz*” ou “um *rapazinho*”. Os jovens também utilizam estes termos, dando-lhes estes sentidos. Entretanto, registre-se que, *mocinha* e *rapazinho* são termos que expressam o período imediatamente posterior à infância.

Meninos e *meninas* são as formas mais usuais com que carinhosamente os jovens se tratam entre si, embora os adultos também façam uso destes termos. Quando se referem a grupos ou a vários jovens, elas chamam de *meninos* ou *meninas*. Eles chamam de *meninas* aos grupos de jovens mulheres, mas não chamam os grupos de homens de *meninos*, chamam de “caras”, “pessoal”, “galera”. Interessante que estes vocábulos, *meninos* e *meninas*, também são utilizados para se referir a crianças, mas o seu sentido muda nos contextos em que se trata de jovens.

Brotos, brotas, gatos, gatas, malucos, malandros e minas são termos que os jovens usam entre si, mas há diferenciações entre alguns deles.

Broto e *brota* são usados quando se referem a alguém que lhes interessa ou com quem estão *ficando* ou namorando. Este mesmo sentido têm *gato* e *gata*, também bastante usuais.

Originariamente, a palavra *broto*, surgida no século XIX, vem de brotar. Popularizou-se no Brasil também com o sentido de namorado ou namorada, mantendo-se substantivo masculino. Como gíria usada no Satélite, passou a ter dois gêneros, o *broto* e a *brota*, embora seja mais usado no masculino.

Traz consigo uma variação, *brotinho*, que não é empregada apenas como carinhoso diminutivo, mas pode ter outro sentido quando indica início da juventude. *Brotinho/brotinha* ou mesmo *broto/brota* são galanteios que os jovens trocam entre si, homens e mulheres, e, no início da juventude, proporcionam-lhes um prazer muito especial.

Maluco é um termo usado por determinados grupos, segundo eles mesmos explicam: jovens do hip hop, jovens grafiteiros, jovens tatuados, usuários de drogas, jovens envolvidos com gangues, dentre outros.² São eles que se denominam assim, e este termo tem para eles um significado muito positivo, porque denota aquele que se contrapõe às normas, que não está integrado às instituições sociais, principalmente família, escola e trabalho.

Os demais moradores do bairro chamam os *malucos* de *malandros*. E os próprios *malucos* também se chamam de *malandros*, por vezes.

Aos olhos dos moradores, especialmente os adultos, os *malandros* são vagabundos, irresponsáveis, inconseqüentes, desocupados, podendo ser drogados e estar envolvidos com gangues. Não inspiram confiança e “não querem nada com a vida”, segundo afirmam. Pais e mães tentam proteger seus filhos e filhas das abordagens dos *malandros*. Segundo um jovem, o *malandro* “é maconheiro, é drogado. Ele fuma pra ficar legal. Faz os *bico* pra comprar fumo, e quando não tem dinheiro, assalta, que é o que mais eles faz.” Por esta razão, os *malandros* e *malucos* também são conhecidos como *malas*, que são aqueles que se drogam e roubam, geralmente para comprar a droga, ou então, apenas indivíduo que se droga ou que rouba, uma coisa ou outra. *Mala* tem conotação mais forte e não se dirige apenas a jovens, mas a homens e mulheres de qualquer idade que se utilizem destas práticas.

O termo *malandro*, quando usado entre os *malucos*, assim como “ladrão” e “filho duma égua”, expressa um tratamento gentil e simpático, como se fosse um elogio. São termos que fazem parte de sua linguagem habitual, usados como cumprimento entre os que se gostam e brincam entre si, denotando qualidade ou, pelo menos, uma identidade. Por exemplo, “Com’é, ladrão!”, “E aí, filho d’uma égua?”, são ótimos cumprimentos. Mas por que “ladrão”? Porque é esperto, “sabe se virar”, “sabe fazer a sua”. Em outras circunstâncias, chamar alguém de “filho d’uma égua” pode ser um grande insulto, mas neste caso, não, pois não tem a intenção de atingir o indivíduo por meio da honra de sua mãe.

² São os próprios *malucos* que relacionam os grupos citados e que explicam como o termo *maluco* é por estes grupos utilizado.

A figura do *malandro* na realidade brasileira, segundo DaMatta, apresenta “a possibilidade de relativização” entre a vida dentro da ordem e fora dela, lembrando que há outros eixos e outras dimensões do viver: “sou pobre, mas tenho a cabrocha (mulher), o luar e o violão”. Neste sentido, o mundo da maladragem “é rico em potencialidades e inovações”.³

Assim, no bairro Satélite, o termo *malandro* possui vários significados e formas de uso, que variam, “numa graduação da *malandragem* socialmente aprovada e vista entre nós como esperteza e vivacidade, ao ponto mais pesado do gesto francamente desonesto”,⁴ ou seja, ainda segundo DaMatta, variam do “viver do *jeito* e do expediente para viver dos golpes, virando então um autêntico *marginal* ou *bandido*”, o que nas juventudes do Satélite pode ser entendido em uma graduação entre o “jeito malandro do jovem”, que tem “jogo de cintura”, flexibilidade, “sabe se virar”, embora, por vezes, mentindo, e o “jovem malandro bandido”.

Por esta razão, chamar alguém de *malandro* pode significar um elogio ou uma grave ofensa. No Satélite, é um termo usado por todos, e seu significado vai se definir pelo contexto em que é empregado.

Mina é um termo usado pelos *malandros* e *malucos* para designar garota, menina, para se referir à jovem por quem o jovem está interessado, *ficando* ou namorando. Eles também usam o termo no plural, as *minas*, quando se referem às garotas em geral ou a um grupo delas.

O vocábulo *mina* tem várias outras acepções, mas quando designa *garota*, não é possível afirmar se tem origem no sentido de “preciosidade” ou de “escravo procedente da costa do Ouro (atual Gana, na África) [...] onde existiam muitas minas de ouro”,⁵ ou se é uma simples derivação popular do termo *menina*, como, inclusive, alguns jovens do bairro afirmam.

Seja como for, não há um jeito de ser *mina*, pois *mina* não é um modo de ser, é uma forma de tratamento, usada principalmente pelos grupos que utilizam a linguagem dos *malucos*. *Mina* e *brota* são a mesma coisa, embora *broto*, *malandro* e *maluco* sejam diferentes entre si. Estes sim, implicam modos de viver.

Há jovens mulheres que também são usuárias de drogas, embora sejam numericamente bastante inferiores aos homens. Neste caso, podem ser chamadas de *malas*,

³ Roberto DaMatta, *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*, Rio de Janeiro, Rocco, 1997, p. 172-173.

⁴ *Ibidem*, p. 269. (grifado no original)

⁵ Antônio Geraldo da Cunha, *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982, p. 522.

além de *minas, brotas e gatas*. Quando fazem uso discreto ou eventual de drogas (maconha e loló), não são denominadas de *mala*.

Em que pese diferenças e similitudes, esses termos se referem a uma mesma fase da vida: a juventude. A juventude do Satélite é entendida como condição de vida e como fase de vida.

São os jovens do bairro que se referem à juventude como condição de vida, alegando que a juventude não tem idade, pois “jovem é quando você que faz seu estilo de jovem. Tem gente que é idoso e é jovem, mais jovem do que os jovens mesmo”, diz uma jovem estudante. Eles pensam que quanto melhor a condição financeira maiores as possibilidades de ser mantida a juventude, visto que há mais possibilidades de cuidar da própria aparência e de escolher e assumir opções de vida.

A juventude como condição de vida é forma de viver, estilo de vida. Adultos e idosos podem querer ser jovens na condição, na maneira com que enfrentam e realizam seu viver. Embora este comportamento esteja mais acentuado e evidente nas classes médias e altas, no bairro Satélite já existe também, entre alguns moradores, a preocupação em “permanecer” jovem, adotando certos comportamentos, como, p.ex., maior preocupação com a aparência física, tanto nas formas do corpo, quanto no vestuário. Estes indícios são mais perceptíveis entre algumas mulheres que se encontram com cerca de 30, 35 anos, as quais, há algum tempo atrás, já se teriam entregue ao “destino”, olvidando e dispensando cuidados consigo mesmas e fazeres que elas entendiam como juvenis e distantes do seu tempo presente.

A juventude como condição de vida, entretanto, é um fenômeno muito mais complexo e abrangente, que envolve diversas sociedades ocidentais. Ortega y Gasset faz uma interessante e breve análise sobre a juventude, em que lembra que em gerações anteriores eram os jovens que se preocupavam em seguir os adultos, no seu modo de vestir, nos seus hábitos, aprendendo normas sociais, tempo em que “a juventude vivia na servidão à maturidade”. A situação se inverteu a tal ponto que, atualmente, o tempo de juventude é o mais valioso e os adultos tentam acompanhar os jovens, inclusive na moda. E a moda, continua o autor, “não é um fato frívolo, mas um fenômeno de grande transcendência histórica, determinado por causas profundas”,⁶ tanto que serve de exemplo para analisar esta inversão entre jovens e adultos. Seu texto foi escrito em 1927, com base na realidade europeia, e ajuda muito a pensar a nossa realidade.

⁶ José Ortega y Gasset, Juventude, in *A rebelião das massas*, São Paulo, Martins Fontes, 1987, p. 245.

A juventude como fase da vida tem vários significados. Comecemos pela compreensão geral, muito presente no Satélite, de que a juventude é tempo de muitos fazeres, é tempo de diversões, namoros, *ficas*, relacionamentos passageiros. É tempo de alegrias, de descobertas de outras dimensões da vida afetiva e da sexualidade. É poder ir para as festas e encontrar com os amigos com maior independência, sobretudo se o jovem trabalha e sustenta seus próprios momentos de diversão. É poder *ficar* e namorar com mais segurança, com um pouco mais de experiência, não tendo mais que provar que deixou de ser criança.

Há, entre os jovens de 13, 14 anos, homens ou mulheres, um certo “sentimento” de juventude, mas que se processa com ambigüidades, pois, para eles, a juventude exige mais do que lhes é possível fazer neste período etário. Sentem-se inseguros, porque estão ainda ingressando na juventude.

Juventude, dizem eles, é (também) liberdade para trabalhar e se sustentar, ganhando autonomia com relação aos pais, como bem expressa esta jovem mãe:

Acho que pra mim a pessoa ser jovem é a pessoa trabalhar, estudar, não ter filho, ser dependente de si mesmo. Trabalhar pra si mesmo e se você mora com os pais, ajuda os pais. Aí é ser jovem pra mim, porque não tem preocupação com nada, só você trabalhar pra si mesmo.

Embora seja o depoimento de uma jovem a manifestar esta compreensão, não há uma quantidade expressiva de jovens mulheres solteiras trabalhando, porque geralmente elas se casam ou têm filhos cedo. É mais comum ver jovens homens solteiros trabalhando. Mas esta é a imagem que algumas jovens verbalizam sobre a juventude, para homens e para mulheres

Juventude é também, muitas vezes, a liberdade para deixar de freqüentar a escola, é a possibilidade de desobedecer à mãe e parar de estudar, como explica este jovem: “Se o moleque não quiser [estudar], quando ele tiver com 13, 14 anos, ele já tem autonomia pra dizer que não vai. Vai se virar por sua conta”. E muitos jovens abandonam a escola, principalmente homens, conforme depoimento de professores.

Juventude é “muita coisa”, significa “poder fazer muita coisa”, segundo o que eles pensam e dizem. Por esta razão, a passagem da infância para a juventude propriamente dita acontece por meio de um interstício, um pequeno período de tempo, a depender da experiência de cada um, até que se consolide a condição de jovem, pelo menos no que respeita a ter a possibilidade de vivenciar as práticas que são atribuídas ao ser jovem. Nunca é demais enfatizar que são múltiplas as formas de chegar à juventude e vivê-la. Os fazeres e

atributos concernentes à juventude vão se processando por combinações várias, a partir de situações particulares, não comportando proceder a generalizações arbitrárias.

Segundo Melucci, na experiência moderna de tempo, há uma “clara separação entre tempos interiores (tempo que cada indivíduo vive sua experiência interna, afeições, emoções) e tempos exteriores, marcados por ritmos diferentes e regulados por múltiplas esferas de pertencimento de cada indivíduo”.⁷ Este é um outro motivo pelo qual as características gerais e os processos que foram identificados nos modos de viver do Satélite, no que respeita à juventude, não podem ser entendidos de maneira uniforme, nem homogênea. As “esferas de pertencimento” se diferenciam entre si, ainda que se trate de um mesmo bairro. Ao lado de traços gerais como os que foram apontados acima, há situações muito peculiares, que se vão processando criativamente.

Na dialética entre tempos “interiores” e “exteriores”, a juventude é também tempo de procurar um relacionamento sério, aquele que pode resultar em um casamento. Para as mulheres, mais que isto, é tempo mesmo de casar. Por volta dos 20 anos, já deve a mulher ter seu companheiro e um filho. No caso dos homens, embora haja a mesma pressão social quanto ao casamento, ela se realiza de modo mais suave, não havendo problemas em estar solteiro até os 25 anos, aproximadamente, embora não seja o mais comum.

A juventude é um momento de aprendizagem, segundo os próprios jovens afirmam, pois, para eles, enquanto estão “apanhando”, “fazendo errado”, enquanto “não aprenderam”, ainda são jovens, como diz esta mãe de 22 anos:

Eu acho que ainda sou uma jovem, porque eu ainda não aprendi muito da vida não. Aqui e acolá eu ainda caio assim em erro. Eu me tenho assim uma jovem ainda. Eu só vou me ter mesmo adulta mais ainda e como uma mulher quando eu tiver 28 anos, aí que eu já tenho vivido mais ainda.

O jovem é visto como um aprendiz, mas a criança é aprendiz e o adulto também aprende. Todos são aprendizes da própria vida, entendido aprendiz como aquele que está a aprender algo. Em que sentido então, é atribuído, com freqüência, o caráter de aprendiz sobremaneira à juventude? De que tipo de aprendizado estão falando?

Adulto é aquele que já sabe, que não incorre em erro, assim pensam no bairro.⁸ Talvez esta idéia parta do pressuposto de que é adulto aquele que já tem condições de assumir

⁷ Alberto Melucci, Juventude, tempo e movimentos sociais, *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, ANPED, n. 5/6, 1997, p. 7.

⁸ Esta não é uma concepção específica do bairro, tem expressões gerais na sociedade, mas me deterei a analisá-la no contexto do Satélite.

a própria vida. Sob certo prisma, o erro está muito vinculado à idéia de não ter condições de assumir as consequências do que faz. Errar, ao que indicam suas falas, suas críticas, é infringir regras morais, o que pode se manifestar de várias maneiras, dentre elas, ter filho antes ou fora do casamento sem poder dele cuidar, caso esteja sendo sustentado/a pelos pais ou terceiros. Diferentemente, há casais que, mesmo sendo sustentados pelos pais, devido ao desemprego, têm filhos, e isto é motivo de alegria, muitas vezes. A regra infringida no primeiro caso foi ter o filho fora do contexto do casamento, agravada pela falta de condições de sustentá-lo. No segundo caso, apesar da precariedade das condições materiais, nenhuma regra foi infringida

A noção de erro, portanto, é muito relativa. Depende das circunstâncias e da relação com os demais envolvidos nas consequências do ato praticado. Acontece o erro quando o ato cometido traz implicações ruins e indesejadas para a própria pessoa e para os outros. Os jovens, segundo eles mesmos dizem, erram muito, porque ainda não aprenderam, e o que querem dizer com isto é que o jovem é um aprendiz, aprendiz de normas sociais.

Mas a juventude também é momento de aprendizagem para o trabalho. Por volta dos 10 anos de idade e, muitas vezes, a partir dos 7, 8 anos, os homens começam a acompanhar seus pais nos *bicos*. Quando estão na escola, acompanham-nos nos períodos de férias letivas. Assim, vão aprendendo habilidades que o pai desenvolve. Quando não moram com o pai ou padrasto, vão aprendendo algum ofício com outros homens da família, com amigos da família, com pais de colegas, ou mesmo com outros colegas, importa que, geralmente nesta época, iniciam o aprendizado de atividades laborais. Aprendem a fazer serviços os mais diversos. A juventude é aprendizagem para o trabalho no início, em particular, pois, por volta dos 16 anos eles começam a se tornar mais independentes.

Todavia, esta realidade está mudando, notadamente para os que se encontram com até 13, 14 anos, por várias razões: os pais estão mais ausentes da vida familiar, pois as separações conjugais estão mais freqüentes; as relações com os pais estão mais atritadas, conforme seus depoimentos, e a autoridade do pai, que outrora chegava a impor o aprendizado, está bastante reduzida para este fim; os *bicos* estão mais escassos, o que diminui as oportunidades de acompanhar alguém no trabalho e aprender; os jovens estão menos interessados em aprender; e, o seu tempo de juventude está mais valorizado, começando a ter um sentido enquanto tal, e não apenas como breve momento de passagem para aprender as responsabilidades do mundo adulto.

A juventude também é tempo de começar a trabalhar, a buscar seu dinheiro e sua independência, principalmente para os homens, como veremos mais adiante. Ou seja, o

trabalho é, para a maioria dos homens, um demarcador de ingresso na vida de jovem e não na vida adulta.

Para as mulheres, a juventude é tempo de continuar a aprender as tarefas domésticas, aprendizado que se iniciou na infância, habilitando-as para o casamento. Porém, esta trajetória também está se modificando, visto que muitas jovens não estão se dispondo a este aprendizado, preferindo outras atividades, como assistir televisão, ouvir rádio, conversar com vizinhas, ou mesmo estudar, como é o caso de algumas.

Juventude, como fase da vida, é risco, segundo os moradores do bairro, em dois sentidos. Um primeiro sentido concerne aos homens, pois, como já analisamos, uma violência crescente assola o bairro Satélite, na qual os jovens são os principais envolvidos, como protagonistas e como vítimas. Por esta razão, os moradores consideram a juventude dos homens uma fase de risco de vida, ao enfrentarem os riscos nos bares, nas festas, além dos riscos de serem cooptados por gangues. Este medo dá a impressão de que a juventude é um “funil”, pelo qual, se o jovem passar, chega à vida de adulto.

Um segundo sentido de risco se dirige às mulheres, pois a juventude é sinônimo de risco de engravidar solteira e permanecer solteira. É momento de redobrada vigilância dos pais, no afã de resguardar a honra da filha e da família, de evitar a atividade sexual da jovem e, principalmente, a gravidez fora do casamento. Neste sentido, a juventude para as mulheres do bairro é risco de “se perder”.

Os riscos da gravidez durante a juventude ganham tal magnitude que, para algumas jovens, os riscos se confundem com a própria finalidade, e estas afirmam que a juventude é a fase da vida em que se tem filho. Quando dizem isto, não estão tratando da gravidez como opção ou da juventude como período mais adequado para que ela aconteça, estão se referindo a um destino e a um risco pouco evitável. É a fase do risco de engravidar e ser abandonada, porque é a fase de arriscar a ter um companheiro e de usar todas as armas que podem dispor no processo da conquista de um parceiro, dentre elas, um filho.

Para muitos homens, no que respeita às possibilidades de ter filhos, a juventude é um momento favorável a tê-los sem assumi-los, ou ainda, a ter filhos para comprovar virilidade e não para viver a paternidade.

Com tantos atributos, como se inicia e como é vivenciada a juventude no Satélite?

Parto do pressuposto de que importa compreender os sentidos que as fases da vida têm nos contextos sociais, porque referidos sentidos não são definidos *a priori*, não estão dados de

antemão, e por isto reporto-me a Ariès, para quem as idades da vida não estão relacionadas “apenas a etapas biológicas, mas a funções sociais”.⁹ Assim, a juventude, como afirma Machado Pais, é realidade socialmente construída, “produto de um complexo processo de construção social”,¹⁰ e é desta forma que deve ser analisada.

No caso do Satélite, busquei compreender o que acontecia após a infância e antes do que eles consideram ser a fase adulta, identificando possíveis marcos, atributos, valores, comportamentos, que constituem as fases, em suas mesclas e (virtuais) delimitações, e trabalhando a idéia de fase da vida com muita ponderação, principalmente nos tempos atuais, quando os critérios demarcadores de passagens, de mudanças de fase da vida estão se diluindo, quando as realidades do jovem e do adulto se eximem de modelos, conduzindo o pensamento investigativo a trabalhar com movimentos, processos, sentidos, em suas multiplicidades e heterogeneidades. Não há o único, há o diverso. Não há o unidirecional, mas o multidirecional. Não há o coletivo consensual, mas o coletivo com múltiplas tendências e possibilidades.

Os jovens do bairro que possuem melhor condição social citaram a adolescência como uma fase que sucede a infância e antecede a juventude, e nela se incluíam, encontrando-se na faixa de 13 a 15 anos. Entendiam estar em uma fase de descoberta da sexualidade, da afetividade, de prazeres não desfrutados quando da infância. Não se sentiam “plenamente” jovens, pois estavam mais próximos do ser criança do que do ser adulto, aprendendo a *ficar*, a namorar, a ser independentes, segundo suas explicações. São *brotos* e *brotas*, cujos pais não estavam desempregados, podiam viajar para o interior nas férias, tinham alguma condição de escolher o que vestir, dentre outros traços de uma vida com certas possibilidades.

Mas esta não foi a posição adotada pela grande maioria com quem contei e nem retrata a realidade mais expressiva no bairro. No geral, quando se referiam à adolescência excluíam a juventude e quando falavam em juventude eliminavam a adolescência. Ou não se referiam a nenhum destes termos, falando de *brotos* e *brotas*, *gatos* e *gatas*, *malucos* e *minas*. Somente os poucos jovens estudantes acima apontados trataram adolescência e juventude como fases contíguas. Ou seja, o que prevalece em seu imaginário é a noção de uma única fase, adolescência ou juventude, situada entre a infância e a vida adulta.

Para alguns jovens, o próprio termo “adolescente” soava como algo estranho, fora do seu vocabulário. Segundo o que expressam, adolescente é termo usado na televisão,

⁹ Philippe Ariès, *História social da criança e da família*, Rio de Janeiro, LTC, 1981, p. 39-40.

¹⁰ José Machado Pais, *Culturas juvenis*, Lisboa, Imprensa-Nacional Casa da Moeda, 1993, p. 29.

concernente a uma realidade que não é a deles. Contudo, afora a questão terminológica, seus depoimentos manifestam a compreensão de que há uma fase que intermedia a infância e a vida adulta, que é a fase das festas, das brincadeiras com colegas e vizinhos, longe de casa; época dos namoros e dos *ficas*; do início da vida sexual; da busca por um companheiro, no caso delas, principalmente. Ou, como explica esta jovem mãe: “É tempo de namorar, de fumar... cigarro, de escutar *reggae*, de ir pra casa de *reggae*”. Isto eles e elas começam a vivenciar desde os 12, 13 anos de idade.

Há diferenciações bastante acentuadas entre os processos que eles e elas vivenciam, desde quando saem da infância, e por isto é conveniente que se faça, neste momento, uma separação; assim, será possível visualizar melhor os processos de saída da infância até a fase da juventude. Comecemos pelas mulheres.

Segundo elas dizem, uma das referências para o final de sua infância é deixar de gostar de bonecas, o que acontece por volta dos 10 anos de idade. Um jovem estudante de 15 anos disse brincando: “Depois da boneca, as meninas procuraram um boneco”, e esta frase parece ilustrativa de parte do processo.

Elas se sentem jovens quando estão preocupadas com a aparência física e já não querem que sua mãe escolha suas roupas, principalmente quando a mãe não acompanha os indicativos da moda. Gostam muito de se maquiari, mesmo (ou talvez principalmente) escondido dos seus responsáveis. É um prazer indescritível ir para o colégio maquiada ou fazer lá sua maquiagem. Conta esta jovem mãe o que fazia aos 13 anos:

Comecei a me pintar, comecei a me passar lápis, batom. (...) Aí já fui me ajeitando, foi quando eu fiquei moça. Aí eu fiquei junto com as meninas, aí eu não queria mais saber de meninozinho mais não [os coleguinhas da rua com quem brincava]. Aí conheci aquelas meninas grande, aí pronto, botava uns negócios no cabelo, porque via as maiorzinha fazer. (...) Aí com 14, 15 anos eu já sabia me maquiari mesmo, bem direitinho. Pintava as unhas, não cortava mais os cabelos, pintava os cabelos...

Para as mulheres, a juventude se inicia com a própria puberdade. É o momento em que as transformações biológicas acontecem e, com elas, a possibilidade de ser mãe se revela e muda, radicalmente, a condição de criança, segundo comprehendem, passando então para a condição de mulher, em seu eixo constitutivo, a maternidade, ainda que, no princípio, ser mãe seja apenas uma expectativa. Quando a menina entra na puberdade, costumam dizer que está uma *mocinha*, diferente de *moça*, que implica um patamar de mais maturidade.

A menstruação é um marco importante. Embora algumas poucas estudantes tenham dito que o fato de estar menstruando não as tornava jovens, pois não alterava muito a sua vida,

a seqüência da conversa com estas estudantes e o contato com outras jovens mostraram o contrário. O comportamento das mães muda quando elas menstruam, pois agora podem iniciar a vida sexual e correm o risco de engravidar. Assim, elas passam a ser mais controladas, mais vigiadas, a ponto de serem proibidas de conversar na sala de sua casa com seus colegas de vizinhança, conforme faziam antes da menstruação. Diz esta estudante de 15 anos: “Eu tiro por mim mesma, a mãe não deixa mais eu andar descalça, comer manga verde... e assim... muda. Ela não deixa assim muito... eu andar assim de saia... Acho que ela tem medo... sei lá...”. Outra estudante diz: “Na primeira menstruação da garota ela se descobre mais, ela vai descobrindo seu corpo, vai vendo evoluindo o corpo dela...”. Outra, ainda, diz com convicção: “Quando a menina menstrua, já sabe que é uma mulher”. A menstruação significa poder engravidar e, portanto, poder tornar-se plenamente mulher.

Outro marco para o fim da infância é a garota começar a ser chamada de *broto/a*, de *gata*, o que significa que começa a atrair a atenção dos jovens homens, a ter capacidade de sedução. É o momento em que o corpo mostra, definitivamente, que está em transformação. E desde muito cedo elas ouvem isto, tão logo suas formas começam a se arredondar, o que ocorre por volta dos 12 anos, segundo elas mesmas informam. É um momento em que são muito observadas, pois todos, adultos e jovens, esperam o desabrochar de um corpo de mulher, esperando ver novas belezas. Ainda assim, muitas dizem que se sentiram muito feias neste período, o que, entretanto, não as impedia de *ficar*, namorar ou iniciar a vida sexual.

Ou seja, o corpo é um marco, nas suas formas físicas e na sua função biológica, que se torna social, quando permite e invoca a maternidade.

Embora apontem o *ficar* e o namorar como práticas juvenis, muitas jovens, desde seus tempos de criança, já *ficavam* com seus coleguinhas, nas brincadeiras que faziam, conforme apresentamos. Ainda assim, *ficar* e namorar servem de parâmetro para o fim da infância e início da juventude, pois são práticas qualitativamente distintas quando realizadas no contexto da juventude, em diversos aspectos. O sentido do namoro ou da *ficada* muda quando elas menstruam, ainda que o namoro acontecesse desde antes. A intimidade física, fruto do desejo sexual, se intensifica na juventude, pois é muito tênue ou inexistente no final da infância, quando, segundo seus relatos, elas e eles apenas aprendiam a beijar e a abraçar.

É neste período, por volta dos 12, 13 anos, que elas começam a ir para os cultos religiosos paquerar com os jovens, que podem ser encontrados no interior do templo ou nas suas imediações. Momento em que aprendem os códigos da comunicação por vezes tão

silenciosa, mas bastante eficaz, quando do interesse afetivo-sexual entre eles. Quando começam a fazer isto, sentem-se em um mundo jovem, já não são mais crianças.

Para os homens, ser jovem, deixar de ser criança, significa começar a adotar um comportamento bastante diferenciado do que é vivido na infância. Consumir álcool, para eles, é um bom início. Por conseguinte, desde muito cedo eles começam a beber, para demonstrar sua nova condição, sendo a cachaça e a cerveja as bebidas mais consumidas.

O corpo apto para o trabalho é uma referência para o ser homem, assim como o corpo apto para a reprodução é uma referência para o ser mulher. Esta constatação tem alcances e pesos distintos, conforme classes sociais e contextos específicos. No bairro Satélite, ela assume caráter substantivo.

No caso do homem, se o trabalho é desenvolvido desde muito cedo, por volta dos 6, 7 anos de idade, permanece sendo considerado criança. Após os 10 anos de idade, aproximadamente, o tratamento familiar começa a mudar, com as ambigüidades inerentes ao processo, em que não passa a ser adulto porque trabalha, mas passa a ser útil ou, como dizem alguns pais e mães, “já é um rapazinho”, “já é um homenzinho”, já ajuda nas despesas, embora em outros momentos digam que é apenas “um moleque”.¹¹ Esta é uma das formas de passar da infância à juventude, tendo pouco gozado a infância, porque trabalhando, e pouco podendo desfrutar da juventude, no seu início.

Com as crianças que estão fora da escola ocorre que, criadas como “bicho solto na rua”, como diz um jovem, é na rua que brincam, que se educam, tendo pouca vida familiar e, fazendo *bicos* desde cedo, ainda no período da puberdade, começam a conviver com jovens mais velhos e a aprender a “ser homem”, a ser cobrado pelos pares em seu papel masculino. Assim, logo começam a beber e a *ficar*. Portanto, tornar-se jovem, trabalhar e assumir um papel de “homem”, no sentido de homem “macho”, como eles empregam, pode acontecer ao mesmo tempo. A capacidade para o trabalho é uma referência para o fim da infância e para o início da juventude, como explica este jovem:

Quando ele começa a “trampar” [trabalhar] ele começa a se envolver com os camaradas, aí os caras dizem que ele tem que tomar um “goró”, tem que tomar uma cachaça, diz que é “massa”, coisa de homem, aquela coisa muito forte, mesmo [...] Eu não caracterizaria como

¹¹ O termo *moleque* é muito usado no bairro e tem várias acepções. Pode significar menino, criança; pessoa engraçada; ou se referir a homem irresponsável, que não assume seus atos, sem palavra. Nesta última acepção, é um termo muito utilizado quando das situações de gravidez em que o parceiro não assume a paternidade. É usado também no sentido de “pivete”, palavra que, segundo Cunha, é originária do castelhano “pebete”, significando “criança esperta, menino ladrão ou que trabalha com ladrões”. Antônio Geraldo da Cunha, *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982, p. 611.

juventude, porque não teve aquela fase áurea não. Ele só passou por ela porque tinha que passar, a idade chegou e ele foi adquirindo suas características de homem, foi aprendendo a viver no meio da malandragem. Aí depois começa o envolvimento com as *minas*. Vai começar a se interessar pelas *meninas* mais ou menos com 13, 14 anos. Também é aquela coisa mais empurrada pelos caras mais velho. “Ó aí, ó aí, acocha, tu não é homem não?”. “Pega a gata, pega a gata.”. E o *maluco* vai crescendo com aquilo na cabeça, de desvalorização. “Ah, vou pegar a *gata*, vou ser o predador. Tenho que ser homem e pra minha galera é desse jeito”. [pausa] Aí vai rolando. [...] Tem só uma fase intermediária mesmo, que é a que o cara vai adquirindo as características, engordando e ficando mais forte para poder se adaptar ao trabalho.

Há muita clareza entre eles acerca do que as desigualdades sociais definem. Um jovem que disse não enxergar juventude nem adolescência em vilas e favelas, referindo-se ao geral, não apenas às vilas do bairro Satélite, explicou que nas classes médias e altas

você pode ter brinquedo, você não precisa trabalhar, as responsabilidades vêm muito depois. Porque você pode estudar, você tem professor, você tem o dinheiro do lanche todo tempo, tem uma empregada que cuida das suas coisas e um professor particular pra lhe orientar. E tem a mãe falando em camisinha todo tempo.

Os processos concernentes à passagem da infância à juventude são substancialmente distintos entre as classes sociais, porque as condições de vida são radicalmente diferentes.

No caso do Satélite, quando a criança esteve fora da escola, ao iniciar a juventude não se envolve com os *bicos* apenas para contribuir na renda familiar, mas, principalmente, para conseguir maior independência e autonomia.

Quando a criança estuda, o trabalho pode se inserir em sua vida de outras maneiras, em períodos de férias e finais de semana, ajudando o pai, o padrasto, conforme vimos anteriormente. Mas, igualmente, logo desde o início de sua juventude, procura a sua independência e passa a trabalhar para si. Começa a fazer seus *bicos* para ter o dinheiro das festas, das roupas, dos gastos pessoais enfim.

Em suma, trabalho, aprendizagem escolar e aprendizagem profissional acontecem, na grande maioria das situações, concomitantemente. Não vigora plenamente, como em outros grupos ou classes sociais, a lógica do aprender um ofício, uma profissão, enquanto é jovem, para exercê-la quando for adulto. A profissão, os ofícios que lhes são dado a conhecer, aprender e desempenhar não são ensinados na escola, não é lá que eles os aprendem. E este é um dos motivos para que a escola e a profissionalização escolar não tenham para eles os mesmos sentidos que para os jovens de classes privilegiadas. Muitos jovens vão aprender a trabalhar diante da necessidade imediata de ajudar o pai ou por imposição do próprio pai. Outros aprendem diante da vontade de se tornar independentes. Outros, ainda, aprendem diante da necessidade de sustentar sua companheira e um filho. Ou seja, nem sempre a

juventude se constitui momento de aprendizagem profissional para exercício posterior, nem sempre ela é momento para aprender a ser adulto. Em muitos casos, muito do que aprenderam foi na infância, acompanhando o pai, e na juventude já vão se tornando independentes e assumindo pequenos serviços. Seguem aprendendo, obviamente, mas já sabem fazer muito. Até 14 ou 15 anos acompanham o pai ou o padrasto, depois trabalham sozinhos, embora ainda acompanhem o pai em algumas ocasiões, principalmente porque para os mais velhos é mais fácil conseguir um *bico* do que para eles, jovens, que são novos no mercado de trabalho (mercado de *bicos*), e trabalhando com o pai, ganham por sua parcela de participação.

Não obstante o fato de que continuem aprendendo, o que importa neste raciocínio é que aprendizagem e trabalho ocorrem juntos. Aprendizagem (dependência) e trabalho (independência) acontecem desde cedo. Não há, neste sentido, de forma bem demarcada, uma fase preparatória para um exercício posterior, não há contornos nítidos nestas fases, e o momento do aprendizado propriamente dito não dura toda a juventude, ele antecede a juventude e acaba antes do seu final. A aprendizagem ocorre com a experiência. E os jovens seguem a vida aprendendo, pois ao viver de *bico*, aceitam qualquer trabalho. Quando não dominam o trabalho que têm que fazer, levam um colega e vão aprendendo de tudo um pouco. Trabalham como jardineiros, eletricistas, pedreiros, pintores, bombeiros hidráulicos etc, embora não sejam especializados em nenhuma destas habilidades, sabendo fazer apenas o básico em cada uma delas, quando muito.

O corpo do jovem homem, além de ser instrumento de trabalho, torna-se um “espaço” próprio, um “território” próprio, no qual ele inscreve o que quer e do qual faz o que deseja. É o caso dos modos diferenciados de vestir e dos adereços, como boinas, colares, anéis, artes das camisetas, que trazem consigo suas diversas linguagens. Da mesma forma, as tatuagens que usam para comunicar o que querem, desde uma inserção em um determinado grupo de jovens à contraposição à ordem vigente, como explica este jovem, quando falava que o hip hop integra os *malucos*:

Ele [o jovem] saca que ele é pop, que ele tem tatuagem, que tatuagem é bonito na favela. É tanto que se você andar, em cada bairro de periferia tem um tatuador. E nos que não tem, no domingo os cara estão lá no tatuador do bairro seguinte, pra fazer as *tatoo*. Porque isso aí também é uma estratificação dentro da favela. Dá um aspecto de mau, tatuagem. É tanto que, se você anda no centro, quando você anda de camisa regata, as pessoas têm medo, puxam as bolsas. Isso rola muito aí. *Mas ainda assim, é um prazer ser tatuado?* Os malucos acham, né? *Os malucos são todos?* A maioria dos caras, os caras que se tatuam... Poucos vão mesmo porque curtem a *tatoo*. O cara vai porque quer andar mostrando pros *malucos* no baile de *reggae*. Acho é mais uma iniciação. Uma passagem de fase. (...) Você tava passando de uma fase de imaturidade para uma fase de mais maturidade. (...) Dos 13 até os... 20 anos.

A fala deste jovem traz vários elementos. Em um deles, mostra como o corpo se expressa por meio das tatuagens, tanto em seu aspecto geral de corpo tatuado, quanto nos significados de cada tatuagem. No centro da cidade, para os transeuntes, a tatuagem tem um significado e no baile de *reggae* tem outro. No centro da cidade ela discrimina, no baile de *reggae* ela integra, dá pertencimento.

A tatuagem, em muitos casos, compõe um ritual, que pode ser de ingresso em um grupo de jovens ou de ingresso em um modo de viver, os quais se diversificam desde um grupo de apreciadores de *reggae* até gangues do tráfico de drogas. A tatuagem é mais usada pelos *malandros* e *malucos*, embora haja *brotos* tatuados.

O corpo também pode ser instrumento de virilidade, por sua aparência, por sua capacidade para lutar. Lutar é necessário para viabilizar o “projeto reputacional”, a que já nos referimos e, neste sentido, faz parte dos atributos do jovem, os quais têm que ser demonstrados desde a infância, potencializando-se na juventude, expressando a valentia requisitada para o exercício da masculinidade.

Note-se que valentia se coloca como requisito ou até mesmo sinônimo de masculinidade, como explica Fonseca, ao analisar o comportamento de jovens de uma vila de baixa renda, em Porto Alegre,

a valentia masculina se constrói desde a primeira infância através dos duelos constantes e multiformes entre homens. Basta observar o grupo de jovens que assistem ao jogo local de futebol para ver essas provocações mútuas: os empurrões, os insultos, os golpes de punho... É assim que os meninos aprendem a se movimentar nesse universo de sensibilidades à flor da pele.¹²

Com tantas mudanças que estão ocorrendo nas sociabilidades juvenis, o corpo apto para o trabalho ainda é o referencial? O peso destinado a este atributo começa a mudar, e a capacidade de reproduzir começa a assumir maior expressão, ainda que não seja superior àquele, notadamente nos momentos iniciais da juventude. Todavia, tudo ocorre de tal maneira que, logo cedo, por volta dos 14 anos, os jovens são cobrados pelos seus pares, e até mesmo pelas jovens mulheres, a ter garotas, a saber conquistá-las, a *ficar*, a fazer sexo, a fim de que tenham sua condição masculina comprovada.

Não é incomum eles procurarem mulheres experientes, com idade um pouco superior à deles, para o primeiro relacionamento sexual, após o que, começam a contagem do número

¹² Claudia Fonseca, *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*, Porto Alegre, UFRGS, 2000, p. 191.

de garotas conquistadas e do número de transas vivenciadas, que se constituem feitos importantes para adquirirem respeito entre seus pares.

Em meio a todas estas condições e processos, jovens homens e mulheres estão agora vivendo a juventude. Mas como analisar o que aconteceu entre a infância e a juventude?

Vimos como se processa a passagem da infância para a juventude de homens e mulheres e, em que pesem atitudes, comportamentos, que vão se estabelecendo como demarcações, não há ritos. Passar a se maquiar e mudar a maneira de vestir, no caso das mulheres, pode representar mudanças, mas nem sempre significam mudança de fase da vida e não chegam a ritualizar a passagem. Os ritos fazem sentido em meio a símbolos e a significados cristalizados. Os símbolos de outrora, como a marca dos 15 anos de idade, para as mulheres, que passavam a ser chamadas de “moças”, não têm mais significado, e o que hoje poderia ser símbolo e ter significado de passagem, como o vestuário e a maquilagem, também não o é, pois que utilizado de diversas formas, em diferentes situações, em vários períodos etários, perdendo a função de cristalizar momentos, de demarcar. Vêem-se, p. ex., crianças de 8 anos de idade ou menos, maquiladas, podendo inclusive usar as mesmas roupas e adereços que as jovens. Banalizadas, estas atitudes e comportamentos, que foram símbolos de juventude, não o são mais.

Se não há símbolos, não há rituais, e tudo passa a requerer relativização, não apenas para contextos sociais, mas para situações. Não há rituais de passagem, porque o rito, como afirma DaMatta, “permite tomar consciência de certas cristalizações mais profundas”.¹³ Nos processos que analisamos, não há cristalizações, e o que poderia ser interpretado como cristalização, casamento, filhos, saída da casa dos pais, necessita ser submetido a uma avaliação do contexto em que se realiza. Como vivemos processos de “desritualização da transição”,¹⁴ processos de “descristalização”,¹⁵ os ritos estão perdendo o sentido, pelo menos no que se refere aos momentos de passagem de uma fase da vida para outra.

Talvez seja interessante um pequeno parêntese para incorporar a reflexão atenta de Segalen sobre a sociedade francesa, onde a autora observa as várias situações em que o

¹³ Roberto DaMatta, *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*, Rio de Janeiro, Rocco, p. 29.

¹⁴ José Machado Pais, Transitions and youth cultures: forms and performances, *International Social Science Journal*, UNESCO, n. 164, 2000, p. 223. (tradução nossa)

¹⁵ Termo usado por Jean-Claude Chamboredon, em *Adolescence et post-adolescence: já “juvénisation”*, in Aleon, Morvan, Lebovici, *Adolescence terminée, adolescence interminable*, Paris, PUF, 1985, apud Marília Pontes Sposito, Estudos sobre juventude em educação, *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, ANPED, n. 5/6, 1997, p. 40.

casamento pode ser um rito e não ser uma passagem para a vida conjugal. É o caso, p. ex., dos que já têm uma vida conjugal, vivendo juntos ou não, e que realizam alguma cerimônia para oficializar a união.¹⁶ No caso dos moradores do Satélite, é mais comum ver-se o contrário: haver a passagem para a vida conjugal sem nenhum rito, como acontece com uma maioria que simplesmente decide pela vida a dois e a realiza em silêncio, por falta de condições de celebrá-la ou pelo seu caráter experimental. Entretanto, a coabitação ou o casamento legal tem força de rito para a vida adulta, desde que o casal corresponda às expectativas sociais quanto às atribuições concernentes à vida familiar. Desta forma, não é o rito por si só que está atestando a mudança de ciclo de vida, o que significa que ele está, realmente, perdendo o sentido.

As conversas com jovens mulheres do Satélite indicaram que elas também se encontram perdidas nestas demarcações cada vez mais tênues. Por vezes, indicam um desejo ou até mesmo uma cobrança de que algo ou algum momento defina sua mudança de fase de vida. Com este afã, buscam algumas negociações com os pais, mas só conseguem alegar que não são mais crianças e que as colegas já assumem comportamentos juvenis. Neste sentido, é um período de muita tensão na relação com os pais ou responsáveis, pois um período que pressupõe muita sensibilidade, bom senso e negociações, e estas últimas nem sempre se realizam, a depender da disponibilidade dos pais e das filhas, do relacionamento que estabelecem entre si, dentre outros fatores.

Assim como a passagem da infância para a juventude não acontece da mesma forma com todos os indivíduos, nem no mesmo tempo, igual ocorre com a passagem da juventude para a vida adulta. Os tempos atuais nos obrigam a repensar o que é ser jovem e o que é ser adulto. Há indícios, há sinais, mas nada que defina a condição de jovem ou de adulto, principalmente se considerarmos que os critérios convencionais, ter emprego, sair da casa dos pais e ter família (os três critérios para os homens e os dois últimos para as mulheres), não podem mais ser considerados como outrora. O mundo adulto e o mundo jovem já não se encontram tão apartados e com características tão peculiares, o que significa que está acontecendo uma “descristalização” dos atributos das fases da vida. O jovem pode trabalhar e estudar, assim como o adulto; pode ter vida sexual ativa desde cedo; casar e ter família desde cedo também. Estes e outros traços não são mais atributos do mundo adulto, eles se fazem presentes no mundo jovem, por opção individual ou por imposição da realidade social.

¹⁶ Cf. Martine Segalen, *Ritos e rituais contemporâneos*, Rio de Janeiro, FGV, p. 119 et seq.

E como os jovens vivenciam isto? Com pouca consistência e com dificuldades para dar continuidade às suas decisões. Tudo é efêmero, as coisas não são pensadas e nem feitas para durar muito tempo, e aí se incluem o casamento, a saída da casa dos pais, os estudos, que eles abandonam e podem retomar quando julgarem conveniente, dentre outras situações. Inclui-se também o trabalho, com a particularidade de que seu caráter de temporário é dado principalmente pelo próprio mercado de trabalho.

Em suas análises, Machado Pais, utilizando-se de uma metáfora, atribui a denominação de “geração yô-yô” à geração de jovens dos anos 90, a qual vivencia situações em que os casamentos se fazem e desfazem, os estudos são abandonados e retomados, há uma oscilação entre a condição de estar empregado e desempregado, dentre outras. Tal movimentação, implica em sair e voltar a morar em casa dos pais, alternando sua condição de independência com relação à família, seguindo o “princípio da reversibilidade” na transição para a adultez, no que respeita à educação, profissionalização e conjugalidade.¹⁷ O autor tem presente, em suas reflexões, que

o caminho pelo qual os jovens transitam para a vida adulta é um *caminho pouco claro*, cheio de escolhos, nomeadamente para os jovens mais desfavorecidos. Os modos precários de vida que caracterizam a condição juvenil tendem a conferir um grau forte de indeterminação ao futuro de muitos jovens. De tal forma que é mesmo problemático falar de “transição” para a vida adulta.¹⁸

Fica novamente apontada a necessidade de demarcar as diversidades que se evidenciam entre as juventudes nos diferentes contextos sociais. Analisemos, então, na realidade do bairro Satélite, três critérios de passagem para a vida adulta: trabalho, fim dos estudos e casamento.

No caso das camadas populares e, particularmente do Satélite, o trabalho como atributo do mundo adulto sempre traz consigo algumas ambigüidades, porque a relação com o trabalho, conforme vimos, contém uma grande variedade de situações, notadamente para aqueles que vivem de *bico*, que são a maioria. Além disto, é conveniente reforçar, porque é fundamental, que o trabalho, no caso das camadas populares, tem um significado mais forte como ingresso na juventude do que como ingresso na adultez.¹⁹

¹⁷ José Machado Pais, *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*, Porto, Ambar, 2001, p. 72-73 e *passim*.

¹⁸ *Ibidem*, p. 80. (grifado no original)

¹⁹ Estou utilizando o vocábulo “adultez”, embora ele não conste em nenhum dos principais dicionários da língua portuguesa no Brasil, o que significa que ainda não é um termo suficientemente reconhecido para a ela ser oficialmente incorporado. Tem sido usado em alguns trabalhos acadêmicos e publicações brasileiras que tratam de juventude e adolescência, e consegue dar a conotação que se pretende, qual seja, a de referir-se à fase da vida

Não foi fácil analisar a realidade do bairro, no que respeita à juventude como ciclo de vida. Grande parte da literatura que trata da juventude, explicando-a enquanto fase da vida, trabalha a partir da realidade de jovens que, de uma forma ou de outra, têm acesso aos estudos, e que, posteriormente, também de um modo ou de outro, têm acesso ao trabalho, cedo ou tarde. No caso dos jovens do Satélite, cujo trabalho é *bico*, a lógica é diferente. Os tradicionais eixos que permitem analisar os processos de transição entre a juventude e a vida adulta, os quais se constituem dos movimentos entre escola/trabalho e família/vida conjugal,²⁰ não puderam ser trabalhados neste mesmo sentido no bairro Satélite, onde a escola não prepara para o trabalho que, em sua maioria, eles desenvolvem, os *bicos*, e nem o casamento representa independência da família de origem. Escola, trabalho e casamento têm maneiras próprias de se articular na vida dos jovens do Satélite e nem sempre são parâmetros.

Dentre os casais mais antigos do bairro, é comum ouvirem-se histórias de que por um certo período, diante de grandes dificuldades, tiveram que morar com os pais de um deles. Um jovem casal sempre está a necessitar de apoio dos pais, até que estabilize sua situação e possa se sustentar sozinho. Contudo, mesmo antes de alcançar esta capacidade de auto-sustentação, o casal já é considerado adulto, adulto jovem, pois constituindo um núcleo familiar. Nota-se, porém, que esta situação se alterou profundamente, devido às dificuldades crescentes de emprego, e a independência do jovem casal com relação a seus familiares se tornar cada vez mais tardia. Desta forma, se antes, com a vida de *bicos*, já não era fácil definir ou visualizar o momento em que o casal se tornava independente, em momentos atuais, de maior gravidade quanto à falta de empregos e *bicos*, esta demarcação se torna ainda mais confusa e insatisfatória.

O trabalho não é uma referência geral de passagem para a vida adulta, tanto porque eles começam a trabalhar desde muito cedo, quando crianças ou jovens, quanto porque não há um patamar de estabilidade a partir do qual eles apenas aprimorem os conhecimentos adquiridos na juventude, pois na juventude ou na adulterez, em se tratando de viver de *bico*, eles sempre são obrigados a aprender novas habilidades. A trajetória deste trabalhador de 48 anos

adulterez. Na língua portuguesa de Portugal, assim como na língua espanhola, “adulterez” é um termo conhecido e reconhecido pelos dicionários, e talvez dela estejamos importando o uso.

²⁰ Ver, a respeito, Olivier Galland, que constrói suas análises a partir desses dois eixos, em *Qu'est-ce que la jeunesse?*, in Alessandro Cavalli; Olivier Galland (Dir.) *L'allongement de la jeunesse*. Paris, Actes Sud, 1993, p. 11-18 e Adolescence, post-adolescence, jeunesse: retour sur quelques interprétations. *Revue Française de Sociologie*, Paris, CNRS, n. 42, 2001, p. 611-640. Ver, também, José Machado Pais, que amplia as análises destes eixos, incorporando as descontinuidades, heterogeneidades e multiplicidades dos processos de transição nos últimos anos, em *Culturas juvenis*, Lisboa, Imprensa-Nacional Casa da Moeda, 1993; *Transitions and youth cultures: forms and performances*, *International Social Science Journal*, UNESCO, n. 164, 2000, p. 219-232 e *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*, Porto, Ambar, 2001.

é exemplar neste sentido: foi auxiliar de pedreiro, desde os 14 anos. Depois, já adulto, foi pedreiro, mas por um período trabalhou como pintor em uma construtora, pois era esta a vaga disponível. Nesta mesma construtora, conseguiu depois uma vaga de pedreiro, porém, teve que aprender e assumir tarefas que nunca realizou, como assentar pisos e azulejos, que requer habilidades específicas. Posteriormente, foi vigia noturno em uma residência, por alguns anos. Também já fez trabalhos de capina em quintais, de poda de árvores, pequenos consertos em residências (na condição de eletricista, bombeiro hidráulico, carpinteiro, pintor). Atualmente, procura qualquer serviço, qualquer *bico*, pois ele, a mulher e a filha enfrentam graves dificuldades para garantir sua sobrevivência, chegando, inclusive, a passar fome.

É diante da necessidade e com muita força de vontade que o trabalhador de *bico* é obrigado a ser um eterno aprendiz, seja aprimorando o que já sabe, seja aprendendo habilidades muito distintas das que sabe realizar. Neste sentido, o aprendizado adquirido na juventude não passará de um ponto de partida, longe da idéia de fase responsável por uma formação básica que se desenvolverá na vida adulta, pois, como adulto, ele realizará muitas atividades outras, as quais ainda terá que aprender. A lógica da formação básica para a vida profissional adulta pode viger em algumas situações menos comuns, como no caso de marceneiros, mecânicos de carro ou até mesmo de alguns pedreiros, que podem seguir sua vida exercendo as atividades profissionais básicas que aprenderam, submetendo-se apenas à atualização. Não é possível enclausurar todas estas situações sob uma mesma lógica.

A conclusão dos estudos é outro critério bastante conhecido e usado para determinar o final da juventude e o início da vida adulta. Mas usado por quem? Este critério só se aplica aos que têm acesso ao ensino formal, geralmente com condições financeiras de seguir até a conclusão do nível superior (desconsideremos, neste momento, a necessidade crescente e acentuada de permanentes atualizações e especializações). A conclusão de um curso profissionalizante, seja em nível médio, seja em nível superior, de alguma maneira representa o início de uma outra fase da vida, que é marcada pelo ingresso no mercado de trabalho. Na realidade das camadas populares, nem mesmo a conclusão do ensino médio pode ser parâmetro, porque a maior parte dos estudantes o conclui tarde; o ingresso no mercado de trabalho se dá em momento anterior e independente do nível de escolaridade; e também porque o ensino médio não lhes favorece de imediato, nem a médio prazo, a obtenção de um emprego e, por conseguinte, não traz consigo o mesmo significado que possui para os setores

mais abastados, visto que os empregos a que têm mais acesso não requisitam altos níveis de escolaridade ou nem mesmo a escolaridade.²¹

O casamento ou união consensual, tanto para homens quanto para mulheres, é um critério muito relativo atualmente, por duas fortes razões. No Satélite, os casamentos legais, por terem o significado de compromisso assumido com maior seriedade, quer dizer, não têm o caráter de experimentação, têm mais valor para definir a condição de adulto do que as uniões consensuais. Estas, além de adotarem esse caráter experimental, e até mesmo por esta razão, são mais fácil e rapidamente desfeitas. Em que pese esta diferença, tanto o casamento quanto a união consensual têm tido durabilidade cada vez menor. Portanto, o que outrora era pensado como um compromisso (legal ou moral) para o resto da vida, ainda que as separações sempre tenham existido, hoje pode ser vivenciado de maneira bastante passageira, inclusive conduzindo os jovens a várias experiências conjugais. Esta jovem grávida, de 16 anos, que mora com seu companheiro desempregado, na casa de sua mãe, e vive feliz e “realizada”, segundo suas palavras, esclarece com convicção e tranqüilidade:

Eu não quero casar porque eu acho muito cedo ainda. A gente só mora junto. (...) Vai que daqui a uns dias nós se separa, e aí? Então isso deve demorar mais tempo, se conhecer mais um pouco, experimentar, pra poder depois os dois se casar. *E tu ficarias com teu bebê?* É.

Apesar do caráter experimental da relação que vive, o filho que ela espera foi desejado. Ela teve um aborto espontâneo na primeira gravidez e aguardou, com ansiedade, a segunda gravidez. É a lógica da experimentação,²² que, em muitos casos, se completa com filhos, tornando-se, portanto, uma “experimentação total”. Mas há casos em que os casais evitam filhos em um (curto) período de início de relacionamento, embora seja pouco comum.

A segunda razão que contribui para a fragilização do casamento (ou união consensual) como critério para que o jovem passe a ser considerado adulto reside em que está cada vez mais freqüente o casal ser sustentado pelos familiares. Ainda que nas camadas populares seja habitual morar com familiares, notadamente no início da vida a dois, a situação de desemprego era temporária há algum tempo atrás, pois, mesmo por meio de *bicos*, os homens conseguiam se organizar financeiramente para construir sua própria casa e ter independência.

²¹ A educação formal é, para eles, a única possibilidade de conquistar melhores empregos e, por conseguinte, melhores condições de vida. Ainda assim, tem sido uma remota possibilidade e, com base nesta constatação, dentre outras razões, poucos estão se disposto a investir nesse processo educativo.

²² Alguns autores têm analisado o fenômeno da “experimentação” em suas pesquisas. Analisando jovens portugueses, José Machado Pais, *Culturas juvenis*, Lisboa, Imprensa-Nacional Casa da Moeda, 1993, e Pedro Moura Ferreira, *Situações juvenis de transição para a idade adulta*, in José Machado Pais e Manuel Villaverde Cabral (Coord.), *Condutas de risco, práticas culturais e atitudes perante o corpo*: resultados de um inquérito aos jovens portugueses em 2000, Oeiras, Celta, 2003, p. 1-40. Analisando a juventude francesa, Olivier Galland, *Un nouvel âge de la vie*, *Revue Française de Sociologie*, Paris, CNRS, n. 31, 1990, p. 529-551.

Hoje, é mais difícil, e eles ficam com a expectativa de construir “um puxado” no fundo do quintal da mãe ou da sogra, um quarto no andar superior da casa ou saídas outras similares a estas. Casamento e independência da família, por conseguinte, não ocorrem simultaneamente, nem o primeiro resulta no segundo. Entretanto, mesmo sem independência, para os homens, o casamento pode significar autonomia, e para as mulheres, representa sair da tutela da família de origem, o que, embora derive na tutela do marido, representa emancipação, no seu ponto de vista.

Para os pais e as mães de muitos jovens do bairro, o casamento ou a união consensual representou um rito de passagem para a vida adulta, mas para os jovens de hoje, seus filhos, nem sempre.

Se ser jovem é ser aprendiz, ser adulto, conforme os jovens afirmaram, é saber o que fazer da vida, é saber o que quer, como explica esta jovem mãe:

Pra mim adulto, a pessoa vai ficando assim depois de 23 anos (...) aí já sabe de como é adulto, já sabe de como é a vida lá fora, como é o mundo, as coisas do mundo, aí a pessoa já sabe de tudo. A pessoa já raciocina já, o que é bom, o que é ruim, o que dá certo, o que não dá.

Para muitos jovens, ter um filho dá maturidade, principalmente às mulheres, responsáveis primeiras pelos cuidados e sustento da criança. Mas não é regra geral. Pode ocorrer que a maternidade ou a paternidade não signifiquem mais maturidade, como explica esta jovem mãe, quando lhe perguntei quando ela considerava que o jovem homem começava a ser adulto:

Acho que a pessoa não precisa assim de idade, pra quem quer ser maduro... Acho que a partir de ter um filho. Acho que a partir de ter um filho, eu acho que raciocina assim melhor. Nem todos, porque o meu mesmo [companheiro], parece que ficou foi pior depois que teve filho. [risos]

Ou seja, por vezes, consideram que a maternidade e a paternidade são demarcadores de uma nova fase na vida, a fase adulta. Por outras vezes, afirmam o contrário, argumentando que o jovem ou a jovem não deixam de estar na juventude pelo fato de ser pai ou mãe. Estas dificuldades, no entanto, apenas são expressões das dificuldades que a própria sociedade encontra diante da complexidade de que se revestem estas situações.

Com suas incoerências e incertezas, as jovens querem casar cedo e consideram o trabalho doméstico uma tarefa a ser exercida pelas mulheres, mas não estão muito interessadas neste aprendizado. Sua incompetência na gestão do lar é considerada irresponsabilidade e, por conseguinte, prova cabal de imaturidade. Tal constatação não

impede, nem dificulta as uniões consensuais, mas faz um jovem homem pensar com cautela diante de um casamento legal.

Quando se trata de visualizar a adultez em termos etários, tudo fica ainda mais confuso para eles. Uns afirmam que após 20, 21 anos, o homem e a mulher já são adultos. Para outros, somente após os 25 anos e, outros ainda, consideram que a vida adulta se inicia após os 29, 30 anos. São referências muito variadas, que expressam a diversidade de situações, a necessidade de analisar cada situação no seu próprio contexto e que demonstram a apartação crescente entre a idade cronológica e as fases da vida. Como analisa Carrano, “um dos traços mais marcantes dos contemporâneos processos de sociabilidade é a acentuada desconexão dos ciclos de vida das idades biológicas”.²³

As maneiras com que os jovens vão construindo suas experiências e assumindo novas atribuições trazem comportamentos tradicionais²⁴ e inovadores, e não poderia ser diferente.

Um bom exemplo se encontra no casamento. Longe de ser um compromisso para o resto da vida, o casamento é hoje uma instituição que pode ser antecedida por um período experimental. Entretanto, eles trazem para um contexto inovador as referências herdadas das experiências anteriores. O caráter experimental da união poderia, por exemplo, trazer consigo a exigência de uma postura mais consequente e melhor pensada acerca de conceber filhos nesta fase de experimentação. Não, não é assim. A união é experimental, mas o que deve ser vivido é o tradicional, no que respeita à idéia de constituição de família, e nisto se incluem os filhos.

Um outro aspecto exemplar se refere ao trabalho. O trabalho remunerado da mulher está mais valorizado no contexto familiar, principalmente porque, freqüentemente, ele é a única fonte de renda da família. Entretanto, as mulheres ainda são muito tímidas para reconhecer a importância do seu trabalho, deixando claro, elas mesmas, que estão apenas contribuindo no orçamento doméstico. O trabalho delas não altera seu papel de subordinação e submissão na esfera familiar, o qual homens e mulheres preservam. Obviamente, há muitas mulheres que adotam outro tipo de comportamento, aproveitando os momentos em que se

²³ Paulo César Rodrigues Carrano, *Juventudes e cidades educadoras*, Petrópolis, Vozes, 2003, p. 112.

²⁴ Utilizo o termo “tradicional” com base na concepção de tradição elaborada por Williams, segundo a qual, longe de ser entendida como “segmento inerte historicizado”, é um processo seletivo do passado, é movimento, “ligado a muitas continuidades práticas - famílias, lugares, instituições, língua - que são, na verdade, experimentadas diretamente”. Raymond Williams, *Marxismo e literatura*, Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 118-119.

responsabilizam pelo sustento do lar para impor sua autoridade. Contudo, diante da magnitude que o fenômeno está assumindo, estas iniciativas, estas posturas, ainda são muito incipientes.

As jovens mães, principalmente, costumam referir-se à fase adulta com certa tristeza, pois as circunstâncias em que vivem lhes obrigou a compatibilizar (desequilibradamente) sua condição de jovem com a de adulta, sempre em detrimento da própria juventude. As falas de algumas delas trazem nas entrelinhas marcas do que estão a aprender com a dureza da vida que levam. Diz esta jovem mãe, de 23 anos, sobre ser adulto:

É quando tem responsabilidade, né? Quando pensa assim, sei lá... Quando raciocina, vê que as coisa não é como eles estão pensando. Acho que é assim. Não vão agir da maneira que acham que é pra agir. Sei lá. Acho que eles têm mais pensamento, quando vira assim adulto. Tem uns que eu acho que tem mais pensamento (...) Depois dos 20, 21... Com 25 anos dá pra pessoa pensar na vida. Acho que com 25 anos já dá de raciocinar. *E quando a pessoa tem um filho aos 17 anos, é jovem?* Eu acho que não é jovem mais não, (...) eu acho que já amadureceu, já tem responsabilidade já.

Em meio a uma realidade que apresenta múltiplas formas de ser jovem e de ser adulto, as referências que os jovens utilizam para definir a fase adulta da vida residem, sobremaneira, em uma combinação entre idade, maturidade e responsabilidade, culminando com a idéia de que ser adulto, para o homem, significa trabalhar e constituir e sustentar uma família, e para a mulher, é ser mãe e saber cuidar da casa, estando, preferencialmente, casada. Ou seja, família e trabalho não são condições apriorísticas para caracterizar a adultez, pois a eles outros fatores devem se combinar, como a maturidade e a responsabilidade.

Estou entendendo a juventude como fase de vida sem nítidos contornos e tendo presente que, como a própria vida, é um processo, com devires em permanente construção; o que significa que a vida adulta, como fase subsequente, não é um mero resultado do que fora a juventude: ela segue estruturando a vida que continua em curso, se realizando. Enfocar a juventude como fase de vida não significa entendê-la como fase uniforme, mas como período de vida em que múltiplas possibilidades de percurso se apresentam e nela, nesta fase, não se esgotam, proliferando-se pela vida adulta. Juventude e adultez são multiplicidades, em suas formas de ser, e estão cada vez menos segmentadas.

Ainda que os jovens do Satélite estejam distantes das muitas perspectivas e opções de vida que o desenvolvimento e a complexidade do mundo moderno apresentam para determinadas classes sociais, em seus contextos específicos eles vivenciam alguns fenômenos inter-classes, como a diluição de demarcações, a mescla de comportamentos, de atributos, os quais até então caracterizavam e especificavam o que se convencionou denominar fases da vida, centradas na infância, adolescência/juventude e vida adulta, incluída aqui a velhice.

Ao dar evidência à juventude como fase da vida, intenciono, ao mesmo tempo, ressaltar sua importância no contexto da vida e minimizar o caráter de transitoriedade que lhe é atribuído, embora reconhecendo-o. A juventude não é uma fase importante porque é transitória e porque, enquanto tal, é a fase em que se fincam as bases sobre as quais a vida adulta irá se desenvolver. Se a considerarmos apenas sob este aspecto, a fase de juventude é um futuro sem presente, não é o que ela é, mas o que o jovem deverá ser, no futuro; é uma pós-adolescência e uma pré-aduldez, em uma condição na qual se lhe tiram qualquer estatuto que não seja o de sair da adolescência e de ingressar na vida adulta. Ou, na compreensão de Soares, dizer que a juventude é o futuro, implica dizer que ela “não tem alternativas no presente”.²⁵

O termo “transição” traz consigo a idéia de passagem e, como toda passagem, se situa entre situações limítrofes, que, no caso, seriam a infância e a vida adulta. Mas o que é ser adulto? Os modelos de vida adulta que outrora eram referenciados, pautados no trabalho e na família, estão sofrendo profundas transformações. Há múltiplas formas de ser adulto, a depender do contexto em que a experiência se insere.

No âmbito das camadas populares, particularizando o bairro Satélite, o adulto hoje se defronta com a instabilidade no emprego e com um desemprego crescente, em períodos cada vez mais longos, chegando a durar anos, situação que poderia lhe tirar, de imediato, a autonomia. Nos casos de separação conjugal, que acontece com maior freqüência (tanto em número de casos, quanto na quantidade de vezes que ocorre com cada um), as mulheres retornam para a casa de seus pais várias vezes, sejam jovens ou adultas, pois não têm com quem deixar os filhos para assumir um trabalho remunerado e voltam a depender da família de origem, como já analisamos. Os homens também voltam para a casa dos pais, mas sem filhos. Isto não lhes faz retornar à condição de jovens quando já assumiram a condição de adultos. São adultos vivendo esta situação. Se, no entanto, casados e com filhos, os parceiros assumem um comportamento de irresponsabilidade e dependência voluntária, são jovens e, na separação conjugal, continuarão jovens.

Diluir e relativizar o caráter de transitoriedade que esta fase da vida tem não quer dizer deixar de admiti-la como importante momento na construção da trajetória de vida. Significa ter presente que não é o único momento na vida em que se fincam bases afetivas e profissionais (principais referências). Implica reconhecer que a juventude ocupa um tempo de

²⁵ Camilo Soares, *Aspects of youth, transitions, and the end of certainties*, *International Social Science Journal*, UNESCO, n. 164, 2000, p. 212. (tradução nossa)

vida cada vez maior e mais significativo, prolongando-se, em muitas situações, seja porque a expectativa de vida está aumentando, seja porque os critérios demarcadores da passagem para o mundo adulto estão se des cristalizando, seja porque o ser adulto hoje não é igual ao ser adulto de décadas atrás, dentre outras razões.

São muitos anos de transição, atualmente. A juventude já é uma fase da vida maior que a infância, principalmente quando segue as tendências que a fazem se prolongar. Não se trata, portanto, de uma passagem simplesmente, visto que pode seguir dos 12, 13 anos aos 29 e, portanto, ter uma duração de quase 17 anos. Estas mudanças advindas da realidade social conduzem à necessidade de abrandar a idéia de transição, à mesma medida em que, na realidade, ela está se diluindo, pois perdeu seu sentido originário, centrado na noção de passagem para a vida adulta, geralmente tendo por base um período de duração relativamente curto, variando conforme a sociedade, período em que o homem e a mulher assumiam as responsabilidades definitivas da adultez. Quer dizer, o sentido que a transição está assumindo encontra-se cada vez mais distante da acepção que lhe fora dada quando emergiram as juventudes, em diferentes épocas e países, quando significava um período no qual, em alguns anos, o homem e a mulher assumiam as responsabilidades características do mundo adulto.²⁶

No Brasil, estudos de Quintaneiro²⁷ apontam que a vida da mulher brasileira branca tinha, ainda no séc. XIX, um breve interregno entre a infância e a maternidade, pois as mulheres casavam-se com cerca de 12 anos de idade, podendo, às vezes, casarem-se com 10 anos. E o homem, tão logo estivesse em condições de sustentar família, também se casava, o que poderia acontecer a partir dos 16 anos, e, no caso das classes abastadas, conforme também os interesses familiares e financeiros em jogo.²⁸

Em que pese as reflexões desenvolvidas até o momento, que indicam processos de resultados imprevisíveis, que “desritualizam”, “descristalizam” e mesclam a juventude e a adultez, é possível perceber, até mesmo como parte destes trajetos, movimentos com vetores

²⁶ Não há, nem poderia haver, uma história universal da juventude, porque ela emerge em diversos contextos sociais em distintas épocas, com ritos de passagem para a adultez e modos de expressão bastante diferenciados, pautados nos sentidos de transição e de ser adulto peculiares, circunscritos a cada sociedade. Pode-se dizer, no entanto, que entendê-la como fase transitória entre a infância e a adultez e buscar ajustar os futuros adultos às normas sociais vigentes para garantir equilíbrio e reprodução sociais são traços que identificam os comportamentos dos diferentes contextos sociais com relação a esta fase da vida. Ver, a respeito, dentre outros autores, Giovanni Levi e Jean-Claude Schmitt (Org.), *História dos jovens*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996, 2 v.

²⁷ Tania Quintaneiro, *Retratos de mulher: cotidiano feminino no Brasil sob o olhar de viageiros do século XIX*, Petrópolis, Vozes, 1995, p. 105 et seq.

²⁸ Segundo Samara, em pesquisa realizada sobre a realidade paulista do século XIX, há registros de casamento com a idade dos homens entre 16 e 97 anos. Cf. Eni de Mesquita Samara, *As mulheres, o poder e a família: São Paulo, século XIX*, São Paulo, Marco Zero/Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1989, p. 53.

contrários quanto à duração da juventude. Em certas direções, a juventude se prolonga, em outras direções, se encurta. Quais os tempos de juventude dos jovens do Satélite? Estariam estes tempos se prolongando? Estariam se encurtando?

Para alguns jovens, se prolonga, para outros, encurta. Porém, a análise de como estes movimentos ocorrem no bairro exige a incorporação de referências dos próprios moradores, como responsabilidade, maturidade, independência e autonomia (esta, no caso dos homens), com o sentido que eles atribuem. Sem analisar referidos elementos *de per si*, mas tendo por base as entrevistas e as observações, foi possível perceber em que sentido eles se constituem parâmetros gerais que podem diferenciar juventude de adultez.

O prolongamento da juventude no bairro Satélite não resulta de fenômenos como o alongamento do período de educação formal e da protelação do ingresso no mercado de trabalho dele conseqüente.²⁹ Também não diz respeito a adiar o casamento, principalmente porque, como vimos, há experiências pré-conjugais e até mesmo experiências conjugais que acontecem independente de compromissos duradouros.

A origem de classe social aqui é definidora de particularidades. A posição dos jovens do bairro para com o mercado de trabalho, em geral, não é de adiar seu ingresso na atividade laboral, mas eles têm postergada sua inserção no mercado de trabalho por falta de empregos (*bicos*), o que torna o prolongamento fruto de um problema estrutural, o desemprego, mais que fruto de uma opção ou de uma postura consciente e deliberada diante da vida. Porém, como não é possível uniformizar, é necessário lembrar que existem os casos de jovens que, por opção, não trabalham, não estudam e não querem, cedo, constituir família. Não são situações muito comuns, pois se não querem trabalhar, nem estudar, querem, geralmente, constituir família. Há os que apenas têm filhos, e destes, há aqueles que reconhecem a paternidade, embora não assumam as responsabilidades de pai, e há aqueles que sequer reconhecem o filho, conforme discutimos no capítulo anterior. Os moradores do bairro dizem que estes são os que “vivem na malandragem”.

²⁹ Ver, a respeito, Amparo Lasén Díaz, *A contratiempo: un estudio de las temporalidades juveniles*, Madrid, Centro de Investigaciones Sociológicas, n. 173, 2000; José Machado Pais, *Ganchos, tachos e biscoates: jovens, trabalho e futuro*, Porto, Ambar, 2001 e *Culturas juvenis*, Lisboa, Imprensa-Nacional Casa da Moeda, 1993; Olivier Galland *Qu'est-ce que la jeunesse?*, in Alessandro Cavalli; Olivier Galland (Dir.) *L'allongement de la jeunesse*, Paris, Actes Sud, 1993, p. 11-18; Adolescence, post-adolescence, jeunesse: retour sur quelques interprétations, *Revue Française de Sociologie*, Paris, CNRS, n. 42, 1991, p. 611-640; *Sociologie de la jeunesse: l'entrée dans la vie*, Paris, Armand Colin, 1991. A análise do alongamento da juventude tendo essas causas é pertinente para algumas realidades. No caso do Satélite e, provavelmente, de outros bairros de população de baixa renda, faz-se necessário adaptar alguns parâmetros ou mesmo construir outros, mais compatíveis com essa realidade.

Os que vivenciam o prolongamento prorrogam sua dependência econômica, principalmente no caso dos homens, de quem se espera desde cedo um trabalho que os torne independentes. As dificuldades do mercado de trabalho estão obrigando os pais a sustentarem seus filhos por mais tempo do que eles mesmos foram sustentados por seus pais. Os *bicos* que os jovens conseguem, por sua vez, não têm a finalidade de criar condições para a saída de casa, mas para se divertirem. Assim, eles constroem sua independência e autonomia.

Quando eles levam mulher e filhos para a casa de seus pais, os *bicos* servem apenas para seu núcleo familiar e, com freqüência, como vimos, adotam a postura de permanecer em casa de seus pais, por um tempo nem sempre curto.

Em outras palavras, há um prolongamento da juventude pela dependência econômica, mas que tem por causa o desemprego estrutural. Ainda assim, esta situação precisa ser analisada com cuidado, pois a relação entre o desemprego e a dependência econômica dos pais nem sempre é direta, e é importante ter isto bem demarcado. Há jovens que assumem uma vida com menos responsabilidades e trabalham para sustentar suas necessidades de consumo pessoal, onde se incluem as diversões, sem preocupações imediatas com a constituição de família e seu sustento.

Obviamente que o desemprego é um grande fator agravante das condições de vida no bairro, mas, conforme estamos percebendo na realidade do Satélite, não é possível atribuir tudo - todos os comportamentos e todas as situações por que passam os jovens e suas famílias - somente a ele.

Essas referências vão se aplicando ou se modificando conforme as circunstâncias. No caso dos membros de gangues, tudo indica haver também um prolongamento da juventude, que parece ser vivida até os 29, 30 anos. O que caracteriza o qualificativo de “jovens”, contudo, é o tipo de vida que levam, segundo o entendimento dos moradores, uma vida de irresponsabilidades, de aprontações, que são traços muito vinculados à juventude no bairro. Assim, acabam por relacionar o crime a uma forma de viver a juventude, e esta relação se estabelece devido ao fato de que são os jovens que compõem as gangues. Viver da criminalidade e da contravenção termina por ser interpretado pelos moradores como uma maneira jovem de viver, embora eles conheçam e tenham experiências com a criminalidade exercida por adultos. Apesar de eles afirmarem que muito cedo os jovens que levam esta vida morrem, não chegando à adulterez, há relatos de membros de gangues com cerca de 30 anos, quando do surgimentos delas, os quais, segundo os moradores, foram assassinados.

Nestes casos, pode-se pensar que há um prolongamento da juventude, não no sentido de que os jovens estejam sendo sustentados pelos pais ou no sentido de que houve um alargamento de sua escolarização, mas, sobremaneira, devido ao estilo de vida que os *malandros* e *malucos* levam, desde os 13 até cerca de 30 anos de idade, período em que podem ser presos, assassinados ou abandonar a criminalidade.

Há jovens que, diante da responsabilidade com mulher e filhos, decidem sair da criminalidade. A família por eles constituída, portanto, pode representar um importante papel para o redirecionamento de sua vida, principalmente a paternidade. Diz um jovem:

Eu tenho visto a malucada que assume o moleque sair muito do crime, porque agora o cara tem um espelho, né?, tem que ser um espelho para alguém. O moleque tá crescendo e precisa de um espelho. O cara não pode ser “desguiado”, se não esse moleque vai ver um espelho torto.

Os que saem da criminalidade, geralmente assumem um núcleo familiar, constituído, geralmente, ainda neste período de envolvimento com o crime, e passam a ter o que é considerado uma vida normal de adulto, com os *bicos*, mulher e filhos. Outros que saem da criminalidade podem participar de movimentos que se criaram nas periferias, como o hip hop,³⁰ e continuam sendo considerados jovens, se estiverem solteiros.

Do ponto de vista dos próprios *malucos* e *malandros*, há uma variedade de posições e sentimentos quanto ao sentir-se jovem ou adulto. Quando se responsabilizam por mulher e filhos, eles se sentem adultos jovens, mas quando não têm mulher, nem filhos (assumidos), eles se percebem no mundo da juventude.³¹

Paralelamente, há no Satélite jovens que vivenciam o encurtamento de sua juventude. Nestes se encontram os jovens homens que, desde cedo, assumem família e filhos. O trabalho é uma referência muito relativa, como já analisamos, pois trabalhar na juventude é o habitual. Assim, não serve como indicador do ingresso no mundo adulto, nem do tempo de duração da juventude. Desta forma, é mais coerente com a realidade que eles vivenciam considerar o trabalho no contexto do sustento de um núcleo familiar constituído pelo jovem, pois esta situação faz um diferencial. Não conheci casos atuais de jovens homens auxiliando a mãe (quando sem um companheiro) a sustentar a casa. Provavelmente há casos deste tipo, mas ouvi narrativas que se referiam a casos de alguns anos atrás, da atualidade, não. Os jovens de

³⁰ O movimento hip hop em Teresina divide-se em dois grupos, Vida Periférica (Vida P) e Questão Ideológica (QI). São movimentos relativamente novos, por isto, ainda não foi possível para os jovens que participaram de sua organização inicial chegarem à fase adulta, tampouco se observa a presença de adultos entre eles.

³¹ Esta é uma constatação preliminar que carece de aprofundamento, pois os poucos contatos com *malucos* não me permitem apresentar afirmações conclusivas a este respeito.

hoje parecem ter um outro sentido de família, em que os laços de solidariedade e a união estão muito fragilizados e o compromisso familiar está muito enfraquecido, ao que foi possível perceber pelas histórias contadas e pelos comentários sobre suas vidas. Há um certo discurso dentre os jovens que defende a idéia de contribuir com a receita familiar, mas os que trabalham não fazem isto ou o fazem muito pouco. Esta constatação fica, entretanto, apenas apontada como uma das maneiras de jovens homens e mulheres se conduzirem no contexto de sua família de origem.

São as mulheres, contudo, as que mais vivenciam o encurtamento da juventude. No geral, a juventude das mulheres é mais curta do que a juventude dos homens porque elas tendem a casar ou a ter filhos mais cedo. No Satélite, tem-se antecipado ainda mais a idade para as mulheres terem filhos, por isto, sua juventude tende a se encurtar. No entanto, embora casando-se mais tarde que as mulheres, os jovens homens estão se casando mais cedo que seus pais. Neste sentido, ao assumir as responsabilidades de uma família, eles também encurtam sua juventude. Mas são elas, repito, que mais reduzem seu tempo de juventude.

Ou seja, o prolongamento é uma tendência mais vivenciada pelos homens e o encurtamento é uma tendência mais vivenciada pelas mulheres. Mas esta é uma conclusão parcial, pois dá conta apenas de algumas expressões da realidade. Há jovens que vivenciam situações semelhantes com outros resultados.

Refiro-me às mulheres jovens solteiras com filhos, que passam a depender, sobremaneira, e cada vez mais, dos seus responsáveis, para garantir o seu sustento e dos seus filhos. Do ponto de vista da dependência financeira, a juventude se prolonga, inclusive porque a jovem nesta situação se mantém à procura de um companheiro e, por conseguinte e neste sentido, permanece com as mesmas atitudes de uma jovem solteira sem filhos. Esta não é uma situação simples de analisar, pois muitas jovens, depois que têm filhos, conquistam uma certa liberdade no contexto familiar, ficando mais livres para namorar, p. ex. Outras, ao contrário, tornam-se mais vigiadas. Ou seja, novamente nos defrontamos com a situação em que é o contexto e as atitudes da jovem mulher que vão definir sua condição de jovem ou adulta. A idade ou a condição de mãe, por si, não resolverão a questão.

Frente a tais situações, tem-se que as jovens mães solteiras podem ou não, diante da maternidade, tornar-se adultas, prolongando ou encurtando sua juventude.

Outros critérios, além da maturidade e responsabilidade para o desempenho dos papéis masculinos e femininos, que atravessam diversas situações e se fazem valer como balizadores

da condição de adulto, são a independência e a autonomia. Mas sem emprego? Como pode acontecer? A análise da autonomia não passa apenas pela análise das condições materiais necessárias à sua realização. Além disto, independência e autonomia não acontecem da mesma forma para homens e mulheres. Por conseguinte, novamente se faz necessário resguardar as distinções de gênero.

As mulheres jovens do Satélite, em sua grande maioria, não têm como desfrutar de autonomia. Se são solteiras, vivem com a família e trabalham, são tuteladas por seu pai, mãe ou irmãos. Se moram sozinhas, o que é incomum, ou com parentes, têm sua honra resguardada pela família de origem, a quem devem satisfações mesmo à distância, ainda mais que os moradores sempre estão muito atentos à moral de uma mulher sozinha e facilmente os comentários chegam à sua família. Se são separadas, com filhos ou sem filhos, assim como as solteiras com filhos, e vivem com a família, ainda que trabalhem, não gozam de autonomia. Se moram com os filhos e trabalham, recebem a proteção moral da família de origem e a ela se subordinam. Se são casadas, moram com o companheiro e trabalham, entendem o seu trabalho como complementar à renda familiar e se subordinam ao companheiro. Se são casadas e não trabalham, estão totalmente subordinadas ao companheiro. Ou seja, são poucas as situações em que a mulher pode, deseja e consegue sua autonomia, embora possa ter independência. Há, entretanto, mulheres separadas que cuidam sozinhas de seus filhos, pois a família de origem mora noutra cidade, e estas gozam de autonomia, mas as que enfrentam esta situação não são jovens, são mulheres maduras, adultas.³²

No caso dos homens, a autonomia pode acontecer mesmo sem independência. Uma forte expressão disto reside em que há jovens homens que levam para a casa de seus pais sua namorada ou companheira, com o intuito de viver uma experiência conjugal, como já vimos. Mesmo sem ter emprego ou com escassos *bicos* eles podem fazê-lo e o fazem, inclusive, em muitos casos, impondo a situação. Ou seja, não é a condição financeira que vai definir seu poder de autonomia.

Os jovens estão construindo uma outra forma de autonomia, na qual a independência econômica e material não está, necessariamente, implícita. Em que sentido então é autonomia? No sentido de que o poder econômico dos pais não se reveste em submissão dos filhos. Eles levam sua companheira para dentro de casa e impõem aos pais que a sustentem.

³² Essas situações enfrentadas pelos jovens homens e mulheres foram analisadas no capítulo anterior e estão sendo retomadas neste momento para que seja possível a configuração dos contextos em que a autonomia ou sua ausência pode ser visualizada.

Impõem um novo membro na família e na residência, impõem, inclusive, uma nova dinâmica à família, quando esta tem que suportar gostos, novos prazeres, novas preferências, traduzidos em comidas, programas de televisão, programas de rádio, estilos de música, horários e volume em que ouvem música etc. Algumas mães de jovens reclamaram veementemente dos hábitos de suas noras, aos quais têm que se adaptar. Por exemplo, uma das senhoras que entrevistei não gosta de *reggae*, mas passa o dia inteiro ouvindo o *reggae* da estação de rádio preferida de sua nora. O aparelho de som é dos donos da casa, não é da nora, mas isto não importa. A situação só alivia quando, à noite, ligam a televisão.

O conceito de autonomia mudou? A autonomia se caracteriza principalmente pela capacidade e poder de tomar decisões, de conduzir sua vida, se ser independente, de se sustentar.³³ Todavia, “se sustentar” somente entra neste raciocínio porque é entendido como pressuposto para a tomada de decisões, mas o que alguns jovens fazem é tomar decisões para outros assumirem. Neste sentido, pode-se dizer que não são responsáveis, nem adultos, mas estão sendo autônomos. A autonomia sem a independência financeira, no caso deles, existe. Por vezes, é uma autonomia relativa, quando os pais conseguem impor minimamente sua autoridade. Caso contrário, é autonomia total, pois eles dispõem, como lhes convém, dos recursos materiais e financeiros dos seus pais, conforme analisamos.

Pode-se dizer que, para estes jovens, nem sempre autonomia é sinônimo de responsabilidade para consigo mesmo e para com outrem, e parece ser esta a intenção explícita de alguns deles: autonomia sem responsabilidade.

No entanto, a autonomia dos jovens homens também pode acontecer quando eles se casam, morando em sua própria casa, em casa dos sogros ou com os pais, trabalhando ou não. Ao assumir uma vida conjugal, pressupõe-se que um novo núcleo familiar começa a se constituir e que aquele jovem é um chefe de família. Esta posição, em muitas situações, lhe atribui a condição de autonomia, que pode ser mantida ou não, a depender do comportamento do mesmo.

Note-se que a autonomia e, por conseguinte, a adultez, parece ser mais facilmente adquirida ou visualizada quando o jovem assume a posição de chefe de família, seja devido a um casamento, seja porque está vivendo uma experiência pré-conjugal. Assim, é mais fácil um jovem que não trabalha e mora com sua companheira na casa dos pais ter autonomia do que um jovem solteiro que trabalha e mora com os pais desfrutar de autonomia. No caso deste

³³ Ver, a respeito, dentre outros, Luísa Schmidt, Jovens: família, dinheiro, autonomia, *Análise Social*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais/Universidade de Lisboa, 1990, n. 108/109, p. 645-673.

último, é comum ele ter sua vida sempre observada e acompanhada pela mãe, principalmente se for para evitar casamentos não recomendáveis, do seu ponto de vista, quando ela pode até mesmo tentar interferir, de maneira mais incisiva, em sua vida. Além disto, ele tem capacidade de comandar sua própria vida, mas, por ser solteiro, dele é cobrada maior participação na vida familiar, como acompanhar as irmãs em alguma festa, fazer reparos em casa, ajudar o pai em alguma atividade, o que não significa, necessariamente, que ele vai atender a estas solicitações. O que importa é que este jovem goza de autonomia mas, em alguns casos, tem que cumprir certas obrigações familiares, diferente do jovem que está casado, trabalhando ou não, e que delas se isenta por ter as responsabilidades da vida conjugal, especialmente se tiver filhos.

Para finalizar essas reflexões e análises acerca da juventude no bairro Satélite, é importante remarcar uma noção que as atravessou em todo o percurso desenvolvido: a de que a movimentação destes jovens nem sempre é opcional. É motivada, impulsionada, por novos comportamentos, novos modos de ver e viver a vida, por suas opções, e também, talvez principalmente, por movimentos da sociedade que engendram muitas e rápidas mudanças, que não são unidirecionais, nem unilaterais, pois que concernem a toda a vida social. Voltar para casa depois de ter constituído uma família pode ser o resultado de atitudes mal planejadas, mas pode ser uma contingência ou um produto do desemprego. As separações conjugais podem ser fruto de uniões precipitadas, como, por vezes, adultos e jovens afirmam, mas também podem ser a coragem de assumir e enfrentar o fim de uma relação, coragem de romper com a noção e o valor da indissolubilidade do casamento. Não esperar um contexto de certezas para ter um filho pode ser um ato de irresponsabilidade, mas também pode ser um ato de coragem para viver o que deseja, sem esperar por uma estabilidade que, provavelmente, não chegará.

O que quero destacar é a necessidade de descristalizarmos também os julgamentos e as análises que são feitas sobre os comportamentos dos jovens. Não precisamos incorrer em relativismos, mas precisamos ser capazes de apreender o movimento da realidade social em suas heterogeneidades, incoerências, multiplicidades, as quais podem, e freqüentemente o fazem, extrapolar e invalidar lógicas que teoricamente construímos. É oportuna a lúcida reflexão de Machado Pais, ao afirmar:

Ora, esta crescente complexidade da realidade social obriga à descoberta de novos paradigmas nos estudos da juventude. Por quê? Porque os velhos modelos teóricos que usávamos deixam escapar a realidade que pretendem modelar. A passagem do simples ao complexo, do

indiferenciado ao diferenciado, da ordem à desordem, já não aparece como uma contradição³⁴ em si. Os estudos da juventude não podem permanecer insensíveis a estas novas realidades.

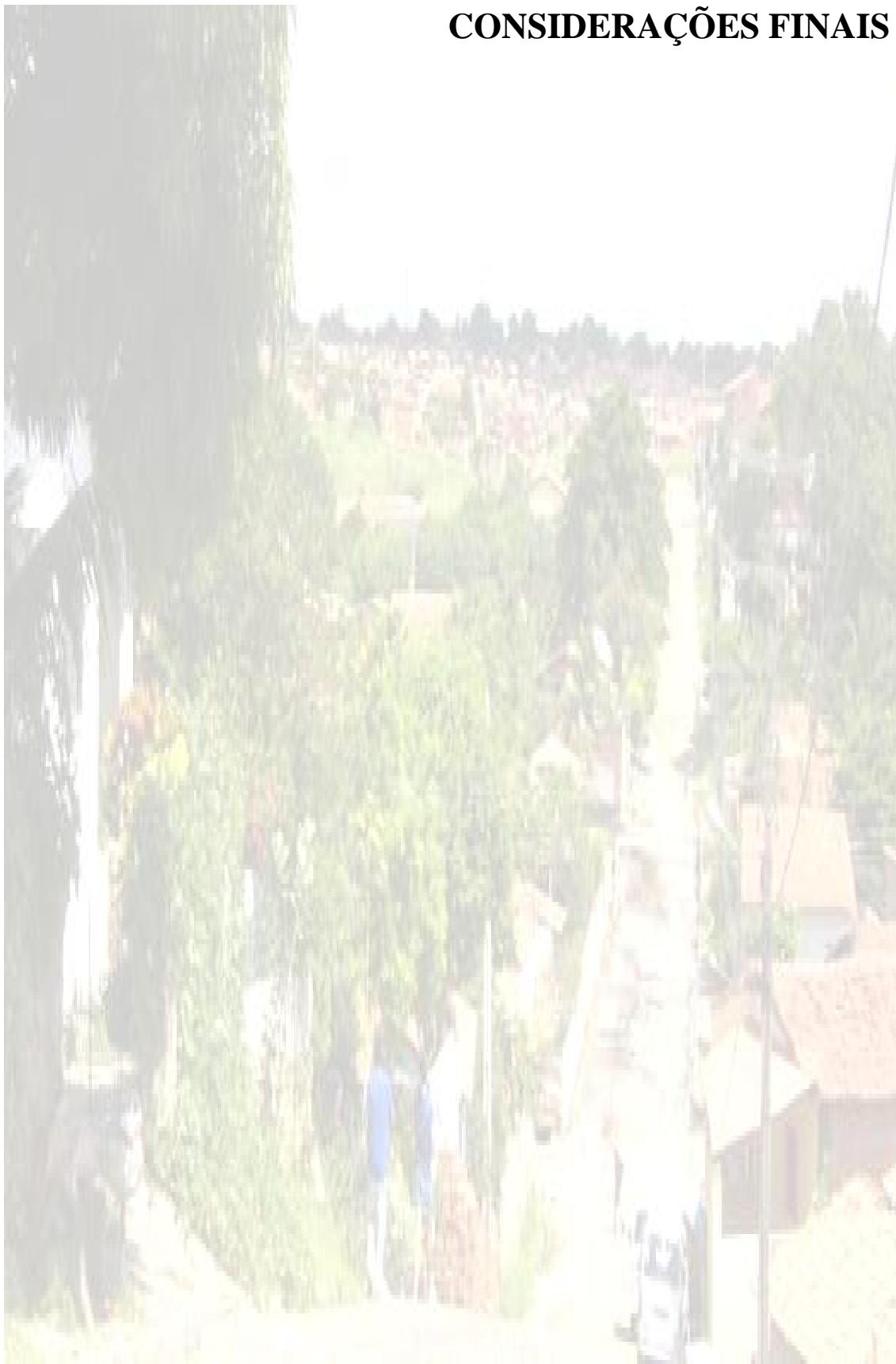
Se, na ótica dos critérios que os diferenciam, o mundo adulto está se desapartando do mundo jovem, em movimentos de alcances imprevisíveis, então temos que perceber os sentidos que atribuições como casamento, filhos, trabalho, independência, autonomia e, inclusive, outras possíveis atribuições assumem, ao serem vivenciadas na juventude e na adultez. Ou seja, estes atributos estão deixando de ser específicos do mundo adulto, principalmente no sentido de que tê-los não implica ser adulto, significa poder tê-los na juventude, mantendo-se na juventude, vivendo-os na juventude. Não se trata, necessariamente, de passagem. A maternidade e a paternidade são exemplos típicos, pois nem sempre elas significam mudança para a adultez, como vimos.

Encontram-se em desenvolvimento amplos movimentos de expansão dos próprios atributos da juventude e da vida adulta, mesclando características antes consideradas exclusivas de cada ciclo, e que hoje, quando muito, se particularizam, a depender da situação. Não significa que a juventude e a adultez estejam iguais. Um desafio que se coloca é compreender suas diferenciações em meio a imbricados e complexos processos de expansão e mesclas de atribuições e modos de vivê-las.

As mesclas e diluições por que passam as demarcações conduzem-nos a “descristalizações teóricas”, as quais, inicialmente, implicam em perceber novas expressões e significados sociais, novas formas de ser das juventudes, a serem traduzidas em novos contextos de teorização.

³⁴ José Machado Pais, *Ganchos, tachos e biscoates: jovens, trabalho e futuro*. Porto, Ambar, 2001, p. 406. (adaptação nossa ao português brasileiro)

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Novos horizontes

O final da apresentação de uma pesquisa é um momento de privilégios muito peculiares, pois se constitui espaço para retomar alguns desvendamentos que a investigação possibilitou realizar e apresentar novas questões, novos aspectos para serem problematizados, novos desafios.

Inicialmente, gostaria de recuperar alguns aspectos do conteúdo trabalhado. Um primeiro, respeita ao fato de que foi possível compreender, sob certos ângulos, como se realiza a maternidade e a paternidade entre os jovens do Satélite, desde as relações sociais que criam e dão sentido à parentalidade juvenil, às relações que estabelecem o viver (ou não) a maternidade e a paternidade, construídas por sonhos, desejos, decepções, alegrias, sofrimentos, desencantos dos jovens.

Ao considerar a maternidade e a paternidade como constitutivas, de diferentes maneiras, do ser homem e ser mulher, respectivamente, apoiei-me no suposto de que ser mulher e mãe, ser homem e pai, são construções sociais. Com base nas reflexões e análises de Moore, é possível afirmar que, no Satélite, o conceito de mulher “gira em torno das noções de maternidade, fertilidade, criança e reprodução”.¹ Desta forma, ainda conforme a autora, “o resultado final é uma definição de ‘mulher’ que depende essencialmente do conceito de ‘mãe’, e das atividades e associações concomitantes”.² Embora este fenômeno se verifique em grande parte das sociedades humanas, continuarei particularizando a realidade do Satélite.

É desta maneira que as jovens do bairro vivenciam um misto de satisfação e dor quando se vêem com um ou vários filhos para criar sem o pai. Em outras proporções, a paternidade é para os jovens também uma mistura de sofrimento e alegria, pois que momento

¹ Henrietta L. Moore, *Antropología y feminismo*, Madrid, Cátedra, 1999, p. 43. (tradução nossa)

² *Ibidem*, p. 40. (tradução nossa)

de ser testado na capacidade de assumir responsabilidades de “homem”, como eles dizem, tendo que sustentar a qualquer custo a nova família. O desafio é grande demais, e os fracassos, que freqüentemente experienciam, se constituem fortes razões para desestruturar sua (ainda não consolidada) autoridade de chefe de família.

Se, diante de uma gravidez, o jovem pai se casa e, principalmente, assume suas responsabilidades de sustento da família, a pouca idade, a interrupção dos estudos, a imaturidade para assumir um filho e um lar, que seriam, em tese, alguns dos principais problemas apontados quanto à jovem mãe, tornam-se problemas de segunda instância, ou até mesmo deixam de sê-los.

Isto quer dizer que, no bairro, quando uma gravidez acontece fora do contexto do casamento, o problema é mais econômico do que moral. Em que sentido? No Satélite, uma gravidez nestas circunstâncias não é resolvida só com o casamento. Até mesmo o problema moral que se põe em torno da possibilidade de ser mãe solteira só é contornado parcialmente. Além de assumir mulher e filho, o jovem tem que ser capaz de provê-los. Morar em casa de sogros, sendo por eles sustentados, significa não assumir totalmente a condição de chefe de família. Os muitos desentendimentos, como vimos, diante da fragilidade da relação do casal, provocam freqüentes separações, a ponto de, por vezes, nem mesmo eles se julgarem casados. Frente a estas situações, é geralmente a família da jovem que assume os gastos com ela e com o seu filho.

Tais episódios têm se repetido de tal maneira, que a própria família da jovem recebe a contragosto, em sua casa, para com ela coabitar, um jovem desempregado ou sem o hábito de fazer *bicos* constantemente.

Os problemas estruturais do desemprego, neles incluída a escassez de *bicos*, podem servir de justificativa usada por certos jovens, que pouco se envolvem com as responsabilidades de pai, mas podem levar ao fracasso total outros jovens esforçados, com afinco e determinação, que lutam para sustentar sua família. Neste sentido, pode-se questionar até que ponto o desemprego tem contribuído para o aumento dos casos em que, uma vez grávida, a jovem continua solteira e à mercê de sua família.

Ser mãe solteira ou muito prontamente separada resulta, em muitas ocasiões, do desemprego do parceiro ou pretenso parceiro. Esta afirmativa não pretende excluir as inúmeras situações em que o parceiro realmente não se dispõe a reconhecer o filho ou a

sustentá-lo, mas destacar, enfatizando, o peso que o desemprego está assumindo na vida dos moradores do bairro, particularmente dos jovens, iniciando uma vida familiar.

Enquanto ser mãe é ter filho e dele cuidar, ou melhor, enquanto a noção de mãe está centrada no vínculo biológico (é aquela que pariu) e no exercício da função de educar, ser pai é reconhecer o filho e, principalmente, prover. Sendo esta a lógica das relações do bairro, comporta questionar: diante do largo desemprego dos pais, como está sendo exercida a paternidade sem o prover? E a maternidade, está com suas funções sendo alteradas frente aos inúmeros casos em que são as mulheres que, além de parir, cuidar dos filhos e da casa, estão também assumindo o trabalho remunerado e sustentando a família por largos períodos?³

Quando estão desempregados, freqüentar um bar próximo de casa, bebendo a cachacinha com os amigos para esquecer a situação em que vivem, é uma das maneiras com que os homens (jovens ou adultos) manifestam seu envolvimento e compromisso com as responsabilidades domésticas. Esta postura favorece a manutenção de vínculos familiares e conjugais, mas, em termos materiais, não se traduz em resolução de problemas, nem em garantias de sobrevivência da família.

Por outro lado, e em complementação, tem-se que o exercício da paternidade, em um contexto familiar, está estreitamente relacionado ao exercício da função de chefe de família. Em tal posição, os jovens desempregados, quando muito, conseguem garantir uma certa proteção moral para sua mulher e filho, principalmente após um casamento resultante de uma gravidez. A função de chefe, contudo, não lhes é possível exercer totalmente. Mas esta situação não transforma as mulheres em chefes de família. O que ocorre, com mais freqüência, é as jovens terem poder de decisão quando amparadas por sua mãe. O interessante, a ser melhor observado, é que com os adultos desempregados é diferente, pois seu poder de mando se mantém independente da situação de emprego. Esta pressão, parece, é mais exercida contra os jovens pais e, quanto mais novos, com mais força ela se expressa. A questão apresentada, por conseguinte, é válida para homens adultos e jovens, em seus diferentes contextos: como a paternidade em família está sendo exercida fora da função de prover ou com esta função substantivamente abalada? E ainda, por quais processos a dominação masculina está se realizando no contexto familiar?

³ Ao me referir ao trabalho feminino remunerado, neste momento, não estou ignorando as muitas situações em que a mulher assume sua dupla jornada de trabalho para contribuir no orçamento doméstico. Reporto-me à situação em que o seu trabalho é a única fonte de renda da família.

Há fortes indícios de que a postura de procurar emprego ou *bico*, por si só, dá certa garantia moral de que essa função não está sendo exercida devido a fatores externos e independentes da vontade do jovem, principalmente quando se trata de jovens que efetivamente buscam oportunidades de emprego.

Não estar abandonada e ter um companheiro consigo se constituem razões bastante fortes, dentre outras, para justificar o comportamento das jovens de se submeter à situação em que, mesmo que elas estejam sustentando a família, o domínio masculino não se abala. Há um cuidado, por parte das mulheres, em preservar o papel de pai e chefe de família. Elas não têm interesse em divulgar, p. ex., que, com seu trabalho, sustentam a casa, e há motivos para este comportamento. Não é interessante ter um companheiro que não exerce suas funções, aos olhos de amigos e da família, ainda que, no recôndito do lar, a verdade seja outra. É uma situação que desmoraliza o homem e que expõe a situação desfavorável em que a mulher se encontra, criando os filhos e sustentando a casa. Assim, tão logo eles conseguem um emprego, elas se demitem e voltam a exercer a função que, sob sua percepção, é de sua competência, cuidar da casa e dos filhos.

Outras mulheres, no entanto, assumem o trabalho remunerado como estratégia de independência e para aumentar sua autoridade familiar, mas quando o fazem já estão mais amadurecidas, com cerca de 30 anos e acima. As mais jovens não conseguem ainda ter uma crítica suficientemente clara da situação em que vivem, a ponto de que esta lhes impulsiona as atitudes e comportamentos contrários aos que desejou para sua própria vida: ser mãe e esposa, tão-somente.

São diversas e ambíguas as situações. Ao lado da busca por compreensão, carinho, atenção, respeito, amor, as mulheres anseiam por sustento financeiro, autoridade, cuidado e proteção moral dos seus parceiros. Ou, nos termos em que elas mesmas apresentam, anseiam por “ter um homem que tome conta [delas]”. Assim, ao tempo em que lutam pelo respeito às suas vontades, preferências e modos de pensar e agir, há um prazer, uma necessidade de sentir-se parte de um domínio masculino. E é em meio a incoerências e lógicas distintas, que vão se redefinindo e complexificando os papéis de homem e mulher, de pai e de mãe.

A referência e a necessidade de ter um homem na família se mantém, mas nem por isto algumas delas se sujeitam a toda e qualquer forma de vida conjugal. Outras, que continuam com seus companheiros, conseguem, com silêncio, discrição, e, com seu trabalho, ir construindo os caminhos que julgam mais necessários, embora, depois de convencer seus companheiros, digam que a decisão final foi dele. Assim a responsabilidade será do parceiro e

a posição de comando se manterá com ele, pois não é interessante ter um homem-subordinado em casa; é melhor um homem-chefe de família, mesmo que nas aparências.

Erigindo outras bases para as relações familiares, a cumplicidade, que até épocas recentes era uma marca indelével da “boa esposa”, é um traço menos presente nas jovens mulheres casadas. Talvez o poder masculino esteja, efetivamente, a sofrer abalos, nos termos que Giddens analisou, quando afirmou que “na medida em que o poder do homem está baseado na cumplicidade das mulheres, e nos préstimos econômicos e emocionais que as mulheres proporcionam, ele está ameaçado”.⁴

Submetidas a situações de muita vulnerabilidade, que famílias os jovens pais e mães estão conseguindo constituir? Ou, antes ainda, que significados a instituição familiar tem para os jovens? Como pensam a educação dos seus filhos para além do que eles e elas dizem ser o fundamental, cuidar e dar-lhes o sustento?

Diante das experiências que jovens mães e jovens pais vivenciaram, uma das mudanças que eles dizem que vão empreender na educação dada aos filhos se refere aos esclarecimentos e orientações acerca da vida afetiva e sexual.

Um jovem pai, que, segundo afirmou, foi pego de surpresa com a gravidez da namorada, explicando como iria educar seu filho no que respeita à sexualidade, disse, em tom preocupado:

Eu nem sei como é que vai ser. (...) Não vou deixar ele ficar pra atrás que nem eu, não. Ficar assim, desinformado... como eu tava. Agora é mais perigoso, porque tem doença agora, né? [refere-se à AIDS] O perigo agora é as doenças, porque menino todo homem tem que fazer mesmo. Agora as doenças que tem que evitar. Escolher a mulher. Esse é que é o perigo.

Nas suas falas, eles demonstram a importância e a necessidade de diálogos mais abertos com os filhos como a saída para que estes aprendam a enfrentar e a viver a vida. Neste sentido, buscam proceder de maneira diferente à educação recebida dos seus pais. Por outro lado, ao reproduzirem muito do que receberam (reproduzirem a vida social), a jovem insistirá em dar conselhos, como recebera do pai, sem atentar muito para a diferença entre dar conselhos e conversar; e o jovem reproduzirá algumas diferenciações de gênero, ao ensinar para o filho que este deve se proteger das doenças, menosprezando os riscos de gravidez. Assim, vai ensinar o filho a “escolher a mulher”, ser com quem terá relações sexuais, não exatamente um ser para amar e respeitar. Este comportamento se assemelha ao de jovens

⁴ Anthony Giddens. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*, São Paulo, UNESP, 1993, p. 148.

traficantes de Acari, favela carioca, segundo análise de Alvito, que, em dado momento relatou: “A mulher é vista como presa, saque, butim. Um menino do tráfico dizia: ‘eu sou bandido, meto, gozo e vou embora’”⁵.

As diferenças são fortes entre modos de ser masculino, para que se incorra em generalizações, mas há muitos jovens do Satélite com esta concepção de mulher e com este traço em sua masculinidade.

As experiências que os moradores do Satélite vivenciam são bastante expressivas para que se compreenda que a idade para ter filhos não se define somente pela dimensão natural (biológica), mas sobretudo, pelos sentidos que se vão construindo no contexto das relações que estabelecem entre si. Tem-se, por conseguinte, que nem sempre é possível recorrer à idade cronológica para definir a “idade social”,⁶ pois esta é feita de sentidos. A maternidade entre as jovens, notadamente as que se encontram com idade inferior a 19 anos, tem sido considerada, em princípio, como precoce. Precoce em qualquer classe social? Sob que aspectos?

Nos setores populares ela tem sentidos, como foi possível perceber pelas experiências estudadas, que extrapolam a lógica que as camadas médias e altas da população convencionaram para casamento, família e filhos, na qual se definem seqüências e idades adequadas diferentes.

No caso do Satélite, vimos que a falta de horizontes tem sido determinante para um comportamento centrado na busca de um companheiro, na qual a gravidez é usada como estratégia, em muitas circunstâncias. Se há um sentimento que possa unir os jovens, além de uma gravidez, o problema maior é financeiro, como este jovem pai afirma:

Eu vejo o problema mais como um problema financeiro, né?, porque quando a gata está grávida, ela diz: “Como é que eu vou criar este moleque? E agora, como é que eu vou comprar comida pra ele?”. Porque ele só mama até os 6 meses. “Eu tenho que trabalhar”. Porque ficava até mais fácil... Acho que o problema básico de se ter um filho é colocar ele no mundo sem ter condições de sustentá-lo...

Sendo assim, sob suas lógicas de vida, torna-se precoce em que sentido? No sentido de que o parceiro ainda está desempregado? Mas ele estará empregado algum dia ou viverá sempre de *bicos*, cada vez mais raros, como seu pai? Ou será precoce no sentido de que o

⁵ Marcos Alvito, *As cores de Acari: uma favela carioca*, Rio de Janeiro, FGV, 2001, p. 145.

⁶ Termo usado por Marcelo Medeiros Coelho de Souza, A maternidade nas mulheres de 15 a 19 anos como desvantagem social, in Elizabeth Meloni Vieira et al. (Org.), *Seminário Gravidez na adolescência*, Rio de Janeiro, [Cultura Editores Associados] 1998, p. 74. Embora o autor não defina o termo, ele o insere em um momento de reflexão em que se contrapõe ao uso, *a priori*, do termo “precoce”, nos estudos sobre a maternidade nessa fase da vida, posição com a qual concordo.

jovem casal ainda não tem uma moradia? Mas se a moradia depender do trabalho poderá demorar anos. É mais rápido forjar uma situação e, com a ajuda de alguns, conseguir um terreno em uma invasão e ir construindo uma casa, seu futuro lar. Alguns (poucos) jovens intentam participar de invasões e adquirir uma casa, para constituir uma família tendo algum recurso, mas, via de regra, são expulsos da invasão pela equipe que a coordena, justamente porque são solteiros, e a prioridade deve ser os casados ou os que têm família. Ou seja, não há um grande horizonte de alternativas para eles.

É precoce no sentido do despreparo da jovem para assumir as responsabilidades advindas da maternidade e do lar? Talvez, mas ainda neste aspecto comportam algumas ponderações, pois suas mães também não estavam preparadas para a maternidade, foram mães também muito novas e, independente da idade, foram orientadas pelas suas próprias mães e avós, pelo menos durante todo o resguardo que segue o parto.

As jovens de hoje, apesar do apoio da família, se comparadas às suas mães, enfrentam a maternidade em condições mais precárias e difíceis, não só do ponto de vista material, mas também pelas dificuldades no relacionamento familiar. As mães (destas jovens) que engravidaram antes do casamento, em grande parte, casaram-se em seguida e ainda que a união se desfizesse em pouco tempo, um contexto de conjugalidade se instaurava, tornando mais legítimo o exercício da maternidade. Atualmente, muitas jovens mães defrontam-se com um arrependimento forte, a partir da percepção da dureza e irreversibilidade da nova situação de vida, em que geralmente estão sem o parceiro ou com o parceiro desempregado. Reagem, em muitos casos, recusando suas novas responsabilidades e atribuindo-as às suas mães, reiniciando a procura por um jovem, seu sonhado “príncipe”. Por fim, podem também se voltar contra seu parceiro, que, após o abandono do filho, recebe o prêmio da liberdade mantida e da virilidade comprovada.

É neste sentido que, na lógica de alguns jovens, o termo precoce pode ser adequado: como antecipação causada por um ato impensado. Um jovem, referindo-se à realidade da periferia urbana, explicou:

Às vezes aquele filho rolou, não é nem uma coisa “pressentida”, porque rola pouca informação na *quebrada*... o cara sai com a *gata*... às vezes tá no ápice lá do tesão, nem lembra que existe camisinha... Esse *moleque* nasce do nada, não é querido pelo pai, não é querido pela mãe. O cara às vezes nem assume. Sabe que é dele e até ignora. Isto é que é triste. Aí o moleque cresce cheio de revolta. E aí fica mais um pro mundo...

Elas aprendem realmente a usar os contraceptivos e com mais condições de usá-los, após o primeiro filho, mas engravidam novamente, por outras razões, principalmente aquelas

jovens que não podem usar anticoncepcionais. Após as dificuldades primeiras com uma vida conjugal que se iniciou, geralmente, de forma conturbada, é comum que sua relação com o companheiro entre em crise e, buscando salvar o casamento, elas se submetem a fazer sexo sem preservativo, quando não dispõem do mesmo. Pensam que, engravidando novamente, caso aconteça, podem viver enfim uma experiência mais tranquila, sem confrontamentos familiares e com mais apoio, inclusive do companheiro. Muitas vezes, as expectativas se frustram e novas dificuldades emergem, com sua família de origem e com o próprio parceiro.

As mães e os pais das jovens lhes dizem que devem estudar para conseguir melhor formação e, por conseguinte, melhor colocação no mercado de trabalho; este é o discurso. Mas são poucos os exemplos que vêm ao seu redor. Muitas não têm exemplo nenhum de sucesso após o ensino formal. Ficam então totalmente sem parâmetros, não sabem como se conduzir, como se organizar, como planejar sua vida. Algumas querem trabalhar e ganhar dinheiro e independência, mas não sabem como conseguir isto. Nas condições em que vivem, como exigir destas jovens que extrapolam a visão romântica da vida e priorizem outros projetos, à revelia, ainda que temporária, do ideal de ser mãe e esposa? A julgar por suas condições de vida, elas não parecem estar com idéias e desejos atrasados, elas parecem estar no seu tempo, que lhes abre como possibilidades apenas ser mãe e esposa.

A maternidade e a paternidade juvenis se referem, principalmente, à falta de opções, de oportunidades de fazer sua vida diferente daqueles que a fizeram desta maneira, assumindo filhos desde muito cedo. A afetividade e a sexualidade podem se potencializar se outros aspectos da vida não estão se desenvolvendo, como a vida familiar, os estudos, os amigos, a perspectiva profissional etc. Assim, a maternidade e a paternidade, embora por caminhos tortuosos, podem surgir de buscas por suprir carências em outros campos da vida.

Quando jovens homens e mulheres se separam, ficam muito marcados pelo insucesso da experiência conjugal, notadamente se a união foi causada por uma gravidez. Algumas experiências podem trazer muitas alegrias. Outras experiências, no entanto, como vimos, podem ser muito difíceis, pois caem facilmente nas armadilhas da vida conjugal e das lutas pela sobrevivência, e somente o tempo vai lhes mostrar o que realmente sentem um pelo outro, se amor, se paixão ou se uma simples atração sexual que logo acabou. Lamentavelmente, quando compreendem o seu sentimento já foram obrigados a assumir complicados compromissos, que envolvem outras vidas.

Ademais, escola e família precisam caminhar mais juntas nas orientações dadas aos jovens, pois ainda que a escola consiga avançar nos processos de orientação sexual, a família

necessita abrir mais espaços de diálogo que favoreçam a educação sexual. Mais que isto, faz-se necessário que, em qualquer destes espaços de socialização, os jovens e as jovens sejam levados a pensar com criticidade os valores que têm norteado os comportamentos de jovens homens e mulheres, os quais, pautados nas desigualdades de gênero, se mantêm reproduzindo, principalmente, formas de desvalorização da mulher.

Os adultos precisam aceitar e aprender a conviver com as novas sociabilidades juvenis, entendendo, dentre tantos aspectos, que a vida sexual não é restrita ao mundo adulto. E os jovens, a seu turno, necessitam compreender que viver o tempo presente, do aqui e agora, não combina com um exercício irresponsável da sexualidade, com descuidos e vergonha de ter cuidados com o próprio corpo, nem com total imprevisibilidade sobre os resultados das práticas desenvolvidas.

Há de se convir, contudo, que, enquanto o papel da mulher na sociedade, notadamente nos setores populares, estiver restrito à função de ter e criar filhos, o casamento continuará sendo, para muitas, um destino previamente traçado; para outras, espaço onde a maternidade deve ser exercida; e para terceiras, estratégia de libertação da tutela dos pais. Ao tempo em que para os homens, continuará se afirmando a paternidade descomprometida.

Muitas das questões que se colocam na juventude e para a juventude concernem e expressam os modos de viver de cada sociedade. A instabilidade do emprego, a escassez de *bicos*, a liberalização de costumes são aspectos da realidade, dentre tantos outros, que conduzem, jovens e adultos, homens e mulheres, a dificuldades e enfrentamentos que assumem caráter de desafios. O devir em aberto, indiferente a planos de longo prazo, não é uma peculiaridade das juventudes, é um traço e um grande desafio das sociedades contemporâneas, que se torna menos difícil de ser enfrentado quando em condições de vida minimamente favoráveis.

Sentindo e vivendo todas essas e muitas outras questões, os jovens e as jovens do Satélite seguem seus caminhos, mas foi muito bom saber, ver e sentir que há momentos de alegria e felicidade para alguns jovens casais, que conseguem construir uma relação de amor, companheirismo e solidariedade diante das adversidades por que passam, e encontram na ingenuidade de uma criança as forças que precisam para seguir.

“Eu posso estar cansada como for, mas quando ele sorri pra mim... isto é tudo!”
(jovem mãe, de 16 anos)

“Gosto de tá em casa com minha filha, ver ela dizendo: ‘papa’!”
(jovem pai, de 18 anos)

Referências Bibliográficas

- ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo, ANPOCS/Scritta, 1994.
- _____. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, ANPED, n. 5/6, 1997, p. 25-36.
- _____; FREITAS, Maria Virgínia de; SPOSITO, Marilia Pontes (Org.). *Juventude em debate*. São Paulo, Cortez, 2000.
- ABRAMOVAY, Miriam et al. *Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília*. 2. ed. Rio de Janeiro, Garamond, 2002.
- ACKERMAN, Diane. *Uma história natural do amor*. Trad. Terezinha Batista dos Santos. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997.
- ALENCAR, Alexandre Adad; CARVALHO, Patrícia Burlamarqui; PARENTE, Joaquim. Estudos dos aspectos psicossociais e sexuais de gestantes adolescentes atendidas no Instituto de Perinatologia Social do Piauí – Maternidade Dona Evangelina Rosa (IPSPI-MDER), no período de agosto de 1997 a junho de 1998. *Revista da Associação de Saúde Pública do Piauí*. Teresina, Associação de Saúde Pública do Piauí, n. 2, jul-dez/1999, p. 187-193.
- ALVITO, Marcos. *As cores de Acari: uma favela carioca*. Rio de Janeiro, FGV, 2001.
- ANYON, Jean. Intersecções de gênero e classe: acomodação e resistência de mulheres e meninas às ideologias de papéis sexuais. *Cadernos de pesquisa*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, n. 73, 1990, p. 13-25.
- ARAÚJO, Lídice Maria Silva de. *Os jovens do Recife e o lugar de cada um*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.
- ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoino de. *Cotidiano e pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina (1877-1914)*. Teresina, Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro, LTC, 1981.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração*. Rio de Janeiro, 2002.
- _____. *NBR 14724: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação*. Rio de Janeiro, 2002.
- BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. 9. ed. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

- BANDEIRA, Lourdes. Relações de gênero, corpo e sexualidade. In: GALVÃO, Loren e DÍAZ, Juan (Org.). *Saúde sexual e reprodutiva no Brasil: dilemas e desafios*. São Paulo, Hucitec; Population Council, 1999, p. 180-197.
- BARKER, Gary. Morrendo para ser homem: a violência e a socialização dos homens jovens - reflexões a partir de pesquisas qualitativas e quantitativas no Rio de Janeiro. Palestra proferida no 2º Seminário Internacional e 1º Seminário Norte-Nordeste - *Homens, sexualidade e reprodução: tempos, práticas e vozes*. Recife, 17 a 20 de junho de 2003. (informação verbal)
- _____. Non-violent males in violent settings: an exploratory qualitative study of pro-social low income adolescent males in two Chicago (USA) neighborhoods. *Childhood: a global journal of child research*, v. 5, n. 4, nov./1998, p. 437-461. Disponível em: <<http://www.promundo.org.br>>. Acessado em: setembro de 2003.
- BARROSO, Carmen et al. *Gravidez na adolescência*. Brasília, IPEA/UNICEF/FCC, 1986.
- BARROSO, Clemente Martín. *Embarazo, aborto y maternidad entre las adolescentes de la Comunidad de Madrid*. Madrid, Dirección General de la Mujer, 1992.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.
- BAZTÁN, Aguirre A. (Ed.). *Etnografía: metodología cualitativa en la investigación sociocultural*. Barcelona, Editorial Boixareu/Marcombo, 1995.
- BÉRIA, Jorge (Org.). *Ficar, transar...: a sexualidade do adolescente em tempos de AIDS*. Porto Alegre, Tomo Editorial, 1998.
- BERTAUX, Daniel. *Les récits de vie: perspective ethnosociologique*. Paris, Nathan, 1997.
- BIANCHI, Ana Maria. *Plantando Axé: uma proposta pedagógica*. São Paulo, Cortez, 2000.
- BILAC, Elisabete Dória; ROCHA, Maria Isabel Baltar da (Org.). *Saúde reprodutiva na América Latina e no Caribe: temas e problemas*. São Paulo, Editora 34, 1998.
- BRANDÃO, Tanya Maria Pires. *A elite colonial piauiense: família e poder*. Teresina, Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Disponível em: <<http://www.saude.gov.br>>. Acessado em: 2001, 2002, 2003 e 2004.
- _____. Ministério da Saúde, DATASUS. Disponível em: <<http://www.datasus.gov.br>>. Acessado em: 2001, 2002, 2003 e 2004.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. Trad. Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. São Paulo, Ed 34/EDUSP, 2000.
- CARDOSO, Ruth (Org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.
- CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas*. Rio de Janeiro, Relume Dumará/FAPERJ, 2002.
- _____. *Juventudes e cidades educadoras*. Petrópolis, Vozes, 2003.
- CARRASCO, José Cáceres; CARRANZA, Valentín Escudero. *Relación de pareja en jóvenes y embarazos no deseados*. Madrid, Ediciones Pirámide, 1994.
- CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *Mulheres Plurais: a condição feminina em Teresina na Primeira República*. Teresina, Fundação Monsenhor Chaves, 1998.

- CECCHETTO, Fátima Regina. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro, FGV, 2004.
- CENTRE JOVE D'ANTICONCEPCIÓ I SEXUALITAT. *Las diferencias de género en la vivencia de la sexualidad adolescente*: un análisis de los talleres de educación afectivo-sexual. Barcelona, 2001, mimeo.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. artes de fazer. 2. ed. Trad. Ephraim F. Alves. São Paulo, Vozes, 1996.
- CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A Invenção do cotidiano*: 2. morar, cozinar. 5. ed. (rev. e ampl.). Trad. Ephraim F. Alves; Lúcia E. Orth. São Paulo, Vozes, 2003.
- CEVASCO, Maria Elisa. *Para ler Raymond Williams*. São Paulo, Paz e Terra, 2001.
- CORREA, Hector (Ed.). *Gravidez indesejada*: uma perspectiva internacional. Trad. Márcia G. Domingues Rodrigues. São Paulo, Ícone, 1999.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.
- DAMASCENO, Maria Nobre. Trajetórias da juventude: caminhos, encruzilhadas, sonhos e expectativas. In: DAMASCENO, Maria Nobre; MATOS, Kelma Socorro Lopes de; VASCONCELOS, José Gerardo (Org.). *Trajetórias da juventude*. Fortaleza, LCR, 2001, p. 9-24.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.
- DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo*: sociedade e cultura no início da França Moderna. Trad. Mariza Corrêa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.
- DE MARCO, Patricia; ROSSI, Bibiana. Maternidad adolescente: una problemática ¿para quién?. *Margen. Revista de Trabajo Social*. Buenos Aires, n. 1, 1992, p. 47-52.
- DELGADO, Margarita. *La fecundidad de las adolescentes*. Madrid, Centro de Investigaciones Sociológicas (CIS), 1994.
- DESSER, Nanete Ávila. *Adolescência, sexualidade e culpa*: um estudo sobre a gravidez precoce nas adolescentes brasileiras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, Brasília: Unb, 1993.
- DÍAZ, Amparo Lasén. *A contratiempo*: un estudio de las temporalidades juveniles. Madrid, Centro de Investigaciones Sociológicas (CIS), n. 173, 2000 (Colección Monografías).
- DIÓGENES, Glória. *Cartografias da cultura e da violência*: gangues, galeras e o movimento hip hop. São Paulo: Annablume / Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1998.
- DUARTE, Luiz Cláudio. Os significados do casamento entre populares. Trabalho apresentado no X Congresso Brasileiro de Sociologia, Fortaleza, 03 a 06/09/2001, mimeo.
- DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. Trad. Sílvia Mazza; J. Guinsburg. São Paulo, Perspectiva/SESC, 1999.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. A busca da excitação no lazer. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Trad. Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa, DIFEL, 1995, p. 101-138.

- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.* Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.
- ENZENSBERGER, Hans Magnus. *Guerra Civil.* Trad. Marcos Branda Lacerda; Sergio Flaksman. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque.* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.
- FEIXA, Carles. *De jóvenes, bandas y tribus: antropología de la juventud.* 2. ed. Barcelona, Ariel, 1999.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa.* 2. ed., rev. e aum., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *História oral e multidisciplinaridade.* Rio de Janeiro, FGV/Diadorim, 1994.
- _____. AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da história oral.* 2. ed. Rio de Janeiro, FGV, 1998.
- _____. Apresentação. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da história oral.* 2. ed. Rio de Janeiro, FGV, 1998, p. vii-xxv.
- FERREIRA, Pedro Moura. Situações juvenis de transição para a idade adulta. In: PAIS, José Machado; CABRAL, Manuel Villaverde (Coord.). *Condutas de risco, práticas culturais e atitudes perante o corpo: resultados de um inquérito aos jovens portugueses em 2000.* Oeiras, Celta, 2003, p. 1-40.
- FLAQUER, Lluís. *La estrella menguante del padre.* Barcelona, Ariel, 1999.
- FONSECA, Claudia. *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares.* Porto Alegre, UFRGS, 2000.
- FONSECA, Jorge Lyra da. *Paternidade adolescente: uma proposta de intervenção.* Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.
- FORACCHI, Marialice M. *A juventude na sociedade moderna.* São Paulo, Pioneira, 1972.
- _____. *O estudante e a transformação da sociedade brasileira.* 2. ed. São Paulo, Nacional, 1977.
- FUNDAÇÃO IBGE. *Resultados preliminares do Censo Demográfico 2000 nos Bairros de Teresina.* Rio de Janeiro, 2001.
- GALENDE, Emiliano. *Sexo y amor: anhelos e incertidumbres de la intimidad actual.* Buenos Aires, Paidós, 2001.
- GALLAND, Olivier. Un nouvel âge de la vie. *Revue Française de Sociologie.* Paris, CNRS, n. 31, 1990, p.529-551.
- _____. *Sociologie de la jeunesse: l'entrée dans la vie.* Paris, Armand Colin, 1991.
- _____. Qu'est-ce que la jeunesse?. In: CAVALLI, Alessandro; GALLAND, Olivier (Dir.) *L'allongement de la jeunesse.* Paris, Actes Sud, 1993, p. 11-18.
- _____. Adolescence, post-adolescência, juventude: retour sur quelques interprétations. *Revue Française de Sociologie.* Paris, Editions du CNRS, n. 42, 2001, p. 611-640.

- GALVÃO, Loren; DÍAZ, Juan. *Saúde sexual e reprodutiva no Brasil*. São Paulo, Hucitec; Population Council, 1999.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Trad. Fanny Wrobel. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo, UNESP, 1993.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Trad. Federico Carotti. São Paulo, Companhia das Letras, 2001, p. 143-179.
- GOLDANI, Ana Maria. As famílias brasileiras; mudanças e perspectivas. *Cadernos de pesquisa*. Fundação Carlos Chagas, São Paulo, n. 91, 1994, p. 7-22.
- GROOPPO, Luís Antônio. *Juventude: ensaio sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro, DIFEL, 2000.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3. ed. Trad. Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro, DP&A Ed., 1999.
- HEILBORN, Maria Luiza (Org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999.
- _____. Construção de si, gênero e sexualidade. In: HEILBORN, Maria Luiza (Org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999, p. 40-58.
- HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX - 1914-1991*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- HOGGART, Richard. *As utilizações da cultura: aspectos da vida cultural da classe trabalhadora*. Trad. Maria do Carmo Cary. Lisboa, Presença, 1973. 2v.
- INSTITUTE FOR REGIONAL INNOVATION AND SOCIAL RESERCH (Coord.). *Misleading trajectories?: an evaluation of the unintended effects of labour market integration policies for young adults in Europe*. Executive summary. January, 2001. mimeo.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acessado em: 2000, 2001, 2002, 2003.
- INSTITUTO DE LA JUVENTUD. *Embarazo en adolescentes*. Madrid, Instituto de la Juventud, 1994.
- IZQUIERDO, María de Jesús. *El malestar en la desigualdad*. Madrid, Cátedra, 1998.
- _____. *Cuando los amores matan: cambio y conflicto en las relaciones de edad y de género*. Madrid, Libertarias, 2000.
- KOWARICK, Lúcio. *Trabalho e vadiagem: a origem do trabalho livre no Brasil*. 2. ed. São Paulo, Paz e Terra, 1994.
- LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. *Trabalhando com história oral: reflexões sobre procedimentos de pesquisa*. Sdb., 1999.
- LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 206-242.

- LEAL, Ondina; FACHEL, Jandyra. Jovens, sexualidade e estratégias matrimoniais. In: HEILBORN, Maria Luiza (Org.). *Sexualidade: o olhar das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999, p. 96-117.
- LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (Org.). *História dos jovens*. Trad. Claudio Marcondes, Nilson Moulin, Paulo Neves. São Paulo, Cia. das Letras, 1996. 2v.
- LIMA, Antônia Jesuíta de. *As multifaces da pobreza: formas de vida e representações simbólicas dos pobres urbanos*. Teresina, Halley, 2003.
- LOYOLA, Maria Andréa (Org.). *A sexualidade nas ciências humanas*. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1998.
- LOPES, Marta Julia Marques; MEYER, Dagmar Estermann; WALDOW, Vera Regina (Org.). *Gênero e saúde*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.
- LUHMANN, Niklas. *O amor como paixão: para a codificação da intimidade*. Trad. Fernando Ribeiro. Lisboa, DIFEL, 1991.
- MADEIRA, Felícia. A trajetória das meninas dos setores populares: escola, trabalho ou... reclusão. In: MADEIRA, Felícia R. (Org.). *Quem mandou nascer mulher?: estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1997, p. 45-133.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. 2. ed. São Paulo, Hucitec/UNESP, 1998.
- _____. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, ANPOCS, n. 49, jul/2002, p. 11-29.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*. 2. ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 2001.
- MAYOL, Pierre. Morar. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano*: 2. morar, cozinhar. 5. ed. Trad. Ephraim F. Alves; Lúcia E. Orth. Rio de Janeiro, Vozes, 2003, p. 35-185.
- MEAD, Margaret. A jovem de Samoa e seu grupo de idade. In: BRITTO, Sulamita (Org.). *Sociologia da juventude III: a vida coletiva juvenil*. Rio de Janeiro, Zahar, 1968, p. 31-41.
- MEDRADO-DANTAS, Benedito. *Tempo ao tempo: a gestão da vida em idade*. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.
- MELO, Aparecida Vieira de. *A gravidez na adolescência: uma abordagem multidisciplinar*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1993.
- MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, ANPED, n. 5/6, 1997, p. 5-14.
- MENDES DE ALMEIDA, Maria Isabel; TRACY, Kátia Maria de Almeida. *Noites nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas*. Rio de Janeiro, Rocco, 2003.
- MENEZES, Maria Isolda C. B. Bezerra de. *A gravidez e o projeto de vida: uma análise das adolescentes grávidas das camadas populares*. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1993.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. *Fala galera: juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Garamond, 1999.

- _____. *O Desafio do Conhecimento*: pesquisa qualitativa em saúde. 3. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro:Abrasco, 1994.
- MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas*: a segmentação da cultura no século XX. São Paulo, Olho d'Água/FAPESP, 2001.
- MOORE, Henrietta L. *Antropología y feminismo*. 3. ed. Madrid, Cátedra, 1999.
- MOREIRA, Vânia de Castro. *Gravidez na adolescência*: maternidade precoce ou expressão de uma época?. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.
- NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cidade e memória: o processo de modernização de Teresina nos anos de 1930 e 1940. In: EUGÊNIO, João Kennedy (Org.). *Histórias de vário feitio e circunstância*. Teresina, Instituto Dom Barreto, 2001, p. 129-151.
- NASCIMENTO, Pedro Guedes do. *Ser Homem ou Nada*: diversidade de experiências e estratégias de atualização do modelo hegemônico da masculinidade em Camaragibe/PE. Dissertação (Mestrado em Antropologia Cultural) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.
- NOLASCO, Sócrates A. *O mito da masculinidade*. 2. ed. Rio de Janeiro, Rocco, 1995.
- _____. Um “homem de verdade”. In: CALDAS, Dario (Org.). *Homens*. São Paulo, SENAC, 1997, p. 13-29.
- OLIVEIRA, Paulo de Salles. *Vidas compartilhadas*: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana. São Paulo, Hucitec/Fapesp, 1999.
- ORTEGA, Félix et al. *La flotante identidad sexual*: la construcción del género en la vida cotidiana de la juventud. Madrid, IIF/UCM, 1993.
- ORTEGA Y GASSET, José. Juventude. In: ORTEGA Y GASSET, José. *A rebelião das massas*. Trad. Marylene Pinto Michael. São Paulo, Martins Fontes, 1987, p. 239-248.
- OSORES, Norma J. Fuller. *Identidades masculinas*: varones de clase media en el Perú. Lima, Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, 1997.
- PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. Lisboa, Imprensa-Nacional Casa da Moeda, 1993.
- _____. Transitions and youth cultures. *International Social Science Journal*. UNESCO, 2000, n.164, p. 219-232.
- _____. *Ganchos, tachos e biscates*: jovens, trabalho e futuro. Porto, Ambar, 2001.
- _____. *Vida cotidiana*: enigmas e revelações. São Paulo, Cortez, 2003.
- _____; CABRAL, Manuel Villaverde (Coord.). *Condutas de risco, práticas culturais e atitudes perante o corpo*: resultados de um inquérito aos jovens portugueses em 2000. Oeiras, Celta, 2003.
- PAIVA, Vera. Sexualidades adolescentes: escolaridade, gênero e o sujeito sexual. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina Maria (Org.). *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1996, p. 213-234.
- _____. *Fazendo arte com a camisinha*: sexualidades jovens em tempos de Aids. São Paulo, Summus, 2000.
- PALMA, Irma; QUILODRÁN, Cecília. Opções masculinas: jovens diante da gravidez. Trad. de Edith Piza. In: COSTA, Albertina de Oliveira (Org.). *Direitos tardios*: saúde,

- sexualidade e reprodução na América Latina. São Paulo, PRODIR/FCC/Editora 34, 1997, p. 141-171.
- PARKER, Richard; BARBOSA, Regina Maria (Org.). *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1996.
- PAULA, Dirce de Maria Bengel. *Gravidez na adolescência: uma estratégia de inserção no mundo adulto*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1992.
- _____. *O olhar e a escuta psicológica desvendando possibilidades: o vínculo saudável entre mãe e filho*. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.
- PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. *Revista Brasileira de Educação*. ANPED, São Paulo, n. 5/6, 1997, p. 15- 24.
- PÉREZ, Rosario Román. *Del primer vals al primer bebé: vivencias del embarazo en las jóvenes*. Instituto Mexicano de la Juventud, México, 2000.
- PERISTIANY. J. G. *Honra e vergonha: valores das sociedades mediterrâneas*. 2. ed. Trad. José Cutileiro. Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1988.
- PIAUÍ. Secretaria de Segurança Pública, Delegacia Geral da Polícia Civil, Departamento de Polícia Judiciária. *Ocorrências policiais registradas - capital*, 2000, 2001, 2002 e 2003.
- _____. Secretaria de Segurança Pública, Delegacia Geral da Polícia Civil, Departamento de Polícia Judiciária. *Ocorrências policiais registradas - 11º Distrito Policial*, 2000, 2001, 2002 e 2003.
- PITT-RIVERS, Julian. Honra e posição social. In: PERISTIANY. J. G. *Honra e vergonha: valores das sociedades mediterrâneas*. 2. ed. Trad. José Cutileiro. Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1988, p. 11-59.
- POCHMANN, Marcio. *A batalha pelo primeiro emprego: as perspectivas e a situação atual do jovem no mercado de trabalho brasileiro*. São Paulo, Publisher Brasil, 2000.
- PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Projeto História*. São Paulo, EDUC, n. 15, abr/1997, p. 13-49.
- Projeto História*. São Paulo, Educ, n. 12, 1995.
- Projeto História*. São Paulo, Educ, n. 14, 1997.
- Projeto História*. São Paulo, Educ, n. 15, 1997.
- QUINTANEIRO, Tania. *Retratos de mulher: cotidiano feminino no Brasil sob o olhar de viageiros do século XIX*. Petrópolis, Vozes, 1995.
- REIS, Vânia Teresa Moura. *Gravidez na adolescência: concepções presentes em dissertações e teses da PUC-São Paulo*. São Paulo, 2000, mimeo.
- _____. Ser pai jovem. Trabalho apresentado no *2º Seminário Internacional e 1º Seminário Norte-Nordeste - Homens, sexualidade e reprodução: tempos, práticas e vozes*. Recife, 17 a 20 de junho de 2003, mimeo.
- Revista de Estudios de Juventud*. Jóvenes y transiciones a la vida adulta en Europa. Madrid, Instituto de la Juventud, n. 56, mar/2002.
- RICO DE ALONSO, Ana. Gravidez indesejada x gravidez não planejada: diferenças conceituais e implicações emocionais sobre a experiência do aborto. In: CORREA, Hector

- (Ed.). *Gravidez indesejada: uma perspectiva internacional*. Trad. Márcia G. Domingues Rodrigues. São Paulo, Ícone, 1999, p. 31-42.
- RIETH, Flávia. Ficar e Namorar. In: BRUSCHINI, Cristina; BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa (Org.). *Horizontes plurais: novos estudos de gênero no Brasil*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas/Editora 34, 1998, p. 111-133.
- RODRIGUES, Joselina Lima Pereira. *Estudos Regionais do Piauí*. 2. ed., rev., atual. e ampl. Teresina, Halley, 2001.
- ROUGEMONT, Denis de. *O amor e o ocidente*. 2. ed. Trad. Anna Hatlerly. Lisboa, Vega Ed., 1999.
- SAFFIOTI, Heleith I. B. Primórdios do conceito de gênero. *Cadernos Pagu*. Campinas, Unicamp, n. 12, 1999.
- _____. Violência de gênero - lugar da práxis na construção da subjetividade. *Lutas sociais*. São Paulo, NEILS/PUC-SP, n. 2, 1997, p. 59-79.
- _____. No fio da navalha; violência contra crianças e adolescentes no Brasil atual. In: MADEIRA, Felícia R. (Org.). *Quem mandou nascer mulher?: estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1997, p. 135-211.
- SAMARA, Eni de Mesquita. *As mulheres, o poder e a família*: São Paulo, século XIX. São Paulo, Marco Zero/Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1989.
- _____; SOIHET, Rachel; MATOS, Maria Izilda S. de. *Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo, EDUC, 1997.
- SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas, Autores Associados, 1996.
- SCHMIDT, Luísa. Jovens: família, dinheiro, autonomia. *Análise Social*. Lisboa, Instituto de Ciências Sociais/Universidade de Lisboa, 1990, n. 108/109, p. 645-673.
- SCHOR, Néia et al. Adolescencia: vida sexual e anticoncepção. *Anais do XI Encontro Brasileiro de Estudos Populacionais*. Belo Horizonte, ABEP, 1998, p. 213-239. Disponível em: <<http://www.abep.org.br>>. Acessado em: 2001.
- SCHOR, Néia; MOTA, Maria do Socorro F. T.; CASTELO BRANCO, Viviane (Org.). *Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento*. Brasília, Ministério da Saúde, 1999.
- SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, Faculdade de Educação e Cultura/UFRGS, n. 2, 1990, p. 5-22.
- SEGALEN, Martine. *Ritos e rituais contemporâneos*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro, FGV, 2002.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 22. ed., rev. e ampl. São Paulo, Cortez, 2002.
- Sexualidad y embarazo del adolescente. In: FEDERACIÓN INTERNACIONAL DE GINECOLOGÍA Y OBSTETRICIA; ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD. *Manual de reproducción humana*, New York, The Parthenon Publishing Group, s/d, p. 422-441.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza. *História da família no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.

- SILVA, Rebeca de Souza e. Gravidez na adolescência: aonde mora o problema?. *Anais do X Encontro Brasileiro de Estudos Populacionais*. Belo Horizonte, ABEP, 1996, vol 3, p. 1545-1565. Disponível em: <<http://www.abep.org.br>>. Acessado em: 2001.
- SIMMEL, Georg. *Cultura femenina y otros ensaios*. Trad. Genoveva Dieterich. Barcelona, Alba Editorial, 1999.
- _____. Cultura femenina (1911). In: SIMMEL, Georg. *Cultura femenina y otros ensaios*. Trad. Genoveva Dieterich. Barcelona, Alba Editorial, 1999, p.175-222.
- _____. *Filosofia do amor*. 2. ed. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo, Martins Fontes, 2001.
- SIQUEIRA, A.; TANAKA, A. Mortalidade na adolescência com especial referência à mortalidade materna. In: *Coletânea sobre saúde reprodutiva do adolescente brasileiro*. Brasília, Organização Panamericana de saúde, 1988.
- SOARES, Camilo. Aspects of youth, transitions, and the end of certainties. *International Social Science Journal*. UNESCO, 2000, n.164, p. 209-218.
- SOUZA, Marcelo Medeiros Coelho de. A maternidade nas mulheres de 15 a 19 anos com desvantagem social. In: VIEIRA, Elizabeth Meloni et al. (Org.). *Seminário Gravidez na adolescência*. Rio de Janeiro, [Cultura Editores Associados] 1998, p. 74-91.
- SPOSITO, Marilia Pontes. Estudos sobre juventude em educação. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, ANPED, n. 5/6, 1997, p. 37-52.
- STOLKE, Verena. *Racismo y sexualidad en la Cuba colonial*. Trad. castelhano Ana Sánchez Torrez. Madrid, Alianza Editorial, 1992.
- _____. Antropología del género: el cómo y el por qué de las mujeres. In: PRAT, J.; MARTINEZ, A. (Ed.). *Ensayos de antropología cultural: homenaje a Claudio Esteva-Fabregat*. Barcelona, Ariel, 1996, p. 335-343.
- TARGINO, Magnólia de Lima Sousa. *Representação social da gravidez na adolescência: um estudo na perspectiva do adolescente*. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.
- TAKIUTI, Albertina Duarte. *Contribuição ao estudo de um modelo de atendimento à adolescente no sistema público de saúde*. Tese (Doutorado em Medicina) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- TERESINA. Fundação Municipal de Saúde. Núcleo de Informação em Serviço de Saúde. *Registro de ocorrência de óbitos: 1998 a 2002*. Dados do sistema de informação eletrônica, fornecidos em disquete 3 ½ . Solicitados em 1999, 2000, 2001, 2003.
- _____. Fundação Municipal de Saúde. Núcleo de Informação em Serviço de Saúde. *Nascidos vivos em Teresina: 1998 a 2003*. Dados do sistema de informação eletrônica, fornecidos em disquete 3 ½ . Solicitados em 1999, 2000, 2001, 2003, 2004.
- _____. Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação Geral (SEMPLAN), Departamento de Cartografia (DECART). *Mapas, Bairros, Loteamentos, Logradouros, Praças*. 2001. 1 CD-ROM.
- _____. Secretaria Municipal do Trabalho e Assuntos Comunitários. *Censo das vilas e favelas de Teresina*. Teresina, Alínea Publicações, 1994.
- _____. Secretaria Municipal do Trabalho e Assistência Social. *Censo das vilas e favelas de Teresina/96*. Teresina, Alínea Publicações [1997].

- _____. Secretaria Municipal de Habitação e Urbanismo. *Censo das vilas e favelas de Teresina/99*. Teresina, Alínea Publicações, 2000.
- THOMPSON, Edward P. *A miséria da teoria*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- _____. *A formação da classe operária inglesa*. Trad. Denise Bottman. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- _____. *Costumes em comum*. Trad. Rosaura Eichemberg. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. 2. ed. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998.
- THOMSON, Alistair. Recompondo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias. *Projeto História*. São Paulo, Educ, n. 15, 1997, p.51-84.
- TRINDADE, Ellika; BRUNS, Maria Alves de Toledo. *Adolescentes e paternidade: um estudo fenomenológico*. Ribeirão Preto, Holos, 1999.
- VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. 2. ed. Lisboa, Fim de Século, 2000.
- VAN DEN AKKER, Piet A. M. As adolescentes solteiras e a maternidade: uma comparação internacional. In: CORREA, Hector (Ed.). *Gravidez indesejada: uma perspectiva internacional*. Trad. Márcia G. Domingues Rodrigues. São Paulo, Ícone, 1999, p. 105-118.
- VASCONCELOS, Pedro. Práticas e discursos da conjugalidade e da sexualidade dos jovens portugueses. In: CABRAL, Manuel Villaverde; PAIS, José Machado (Coord.). *Jovens portugueses de hoje*. Oeiras, Celta, 1998, p. 215-305.
- VERAS, Celecina. Os jovens como experimentadores e produtores do devir. In: DAMASCENO, Maria Nobre, MATOS, Kelma Socorro Lopes de; VASCONCELOS, José Gerardo (Org.). *Trajetórias da juventude*. Fortaleza, LCR, 2001, p. 25-40.
- VIANNA, Hermano (Org.). *Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. 2. ed. Rio de Janeiro, UFRJ, 2003.
- VIEIRA, Elizabeth Meloni et al. (Org.). *Seminário Gravidez na adolescência*. Rio de Janeiro, [Cultura Editores Associados] 1998.
- VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. *A pesquisa em história*. 4. ed. São Paulo, Ática, 1998.
- VILAR, Duarte; GASPAR, Micaela. Traços redondos (a gravidez em mães adolescentes). In: PAIS, José Machado (Coord.). *Traços e riscos de vida: uma abordagem qualitativa a modos de vida juvenis*. Porto, Ambar, 1999, p. 29-91.
- VILLASEÑOR-FARIAS, Martha; CASTAÑEDA-TORRES, Jorge de. Masculinidad, sexualidad, poder y violencia: análisis de significados en adolescentes. *Revista Salud Pública de México*, v. 45, n. 1, enero/fev. 2003, p. 44-57. Disponível em: <<http://www.insp.mx/salud>>. Acessado em: janeiro de 2004.
- VITIELLO, Nelson. Gestação na adolescência. In: VITIELLO, Nelson et al. *Adolescência hoje*. São Paulo, Prol, [2001?], 149-159.
- _____ et al. *Adolescência hoje*. São Paulo, Prol, [2001?].

- WAISELFISZ, Júlio Jacobo (Coord.). *Juventude, violência e cidadania: os jovens de Brasília*. São Paulo, Cortez, 1998.
- WEREBE, Maria José Garcia. *Sexualidade, política e educação*. Campinas, Autores Associados, 1998.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- ZALUAR, Alba. Para não dizer que não falei de samba: os enigmas da violência no Brasil. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.) *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo, Companhia das Letras, v. 4, 1998, p. 245-318.
- _____. Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas. In: CARDOSO, Ruth (Org.). *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997, p. 107-125.
- _____. Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência. In: VIANNA, Hermano (Org.). *Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. 2. ed. Rio de Janeiro, UFRJ, 2003, p. 17-57.
- _____; ALVITO, Marcos (Org.). *Um século de favela*. 3. ed. Rio de Janeiro, FGV, 2003.